



Ilustração Brasileira

ANO XII

Setembro, 1950

NÚMERO 135

Ilustração Brasileira

FUNDADA EM 1909

Edição da S. A. "O Malho"

Grande prêmio na exposição do Centenário, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940.

Órgão oficial da Exposição do Centenário, em 1922, do Centenário da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Centenário do Dois de Julho, da Bahia, do Instituto Histórico nas comemorações do Centenário do Nascimento de D. Pedro II, do Centenário do plantio de café no Brasil, do Cincoentenario da Republica, do Centenário da Confederação do Equador, do Cincoentenario do Cerco da Lapa, e do Cincoentenario da Fundação da Academia Brasileira.

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva

Antonio A. de Souza e Silva

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Senador Dantas, 15 — 5.º Andar

Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745

Caixa Postal 880 - End. Teleg. "O MALHO"

Rio

PREÇOS DAS ASSINATURAS

(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:

12 meses Cr\$ 120,00

6 meses Cr\$ 60,00

Demais países:

12 meses Cr\$ 140,00

6 meses Cr\$ 70,00

Número avulso Cr\$ 10,00

ANO XLI — N.º 185 — SETEMBRO — 1950

NOSSA CAPA

OURO PRETO

Tela de Edgard Parreiras

A ALFAIATARIA PENA
ESPECIALISOU-SE NA
CONFEÇÃO DE FAR-
DÕES PARA OS MEM-
BROS DA ACADEMIA
BRASILEIRA



PRAÇA GETULIO
VARGAS, 2
ED. ODEON - S. 618
TEL.: 22-8760

ALFAIATARIA

PENA

O ALFAIATE DOS IMORTAIS

ÓCULOS • FILMES

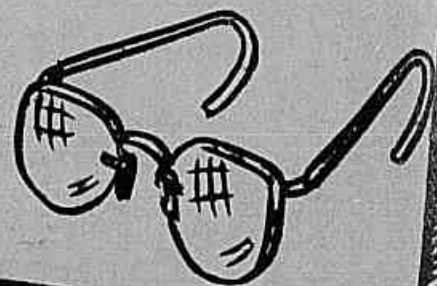
ÓTICA

Continental

SOARES
& GUIDO

RUA SENADOR DANTAS, 118-C
próximo ao Taboleiro da Baiana

TELEFONE
42-4238





Onde se divertem
pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

No Grande Hotel, em
Guarujá, paraíso de
férias da sociedade
paulista.

Fugindo do borborinho da Capital, a sociedade paulista encontra em Guarujá a atmosfera ideal para as férias ou para um week-end... Em Guarujá, e onde quer que se reünam pessoas de bom gosto, V. encontrará Hollywood, o cigarro que é uma tradição da sociedade brasileira. Fumos escolhidos e habilmente combinados deram a Hollywood esta extraordinária reputação — e V. simplesmente não pode deixar de pertencer ao grupo elegante dos que fumam Hollywood.

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto



Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**



*Tem sobre
os demais
a primazia.*



SORTIMENTO COMPLETO DE ARTIGOS DE VIDRACEIROS

MATRIZ:
RIO DE JANEIRO
Secção Comercial
RUA S. JOSE, 12 e 14
Tel. 42-1517
Fabrica e Deposito
RUA ALEXANDRE MA-
CKENSIE, 75 — 43-4716

FILIAIS:
VITORIA, RECIFE
— E —
FORTALEZA
AGENCIAS nas principais
Cidades do BRASIL

End. Teleg.: "RELENÇO" — Codigos: A. B. C. 5. ED. E. RIBEIRO

A LINGUA BRASILEIRA

O mito de Babel tem a significação das verdades profundas, que se renovam para ensino dos homens. Como os gigantes da lenda, os povos construtores elevam-se pela unidade, mas decaem pela corrupção fragmentária do seu idioma. Porque o destino dos povos reflete sempre o da linguagem, etnograficamente, desde a palavra irradiante do Gênesis até aos confusos dialetos da torre de Babel, e é por efeito do verbo que se exalta ou se decompõe a vida no princípio e no final de todas as criações, na grandeza e na ruína de todas as coletividades nacionais. Brasileiros, sejamos dignos do Brasil, guardando a riqueza do nosso idioma para o futuro da nossa terra, o curso de outras gerações incontáveis, belas e fortes, que saberão elevar-lhe o domínio sul-americano, exprimir o sentimento ou o pensamento da nova humanidade, com os seus novos ideais, na linguagem perfeita e sonora de Gonçalves Dias e Machado de Assis.

Celso Vieira

Restaurantes Pereira

RUA BENTO RIBEIRO, 11
Tel.: 43-1009

SEREIA

AV. PRESIDENTE VARGAS
3 7 2 5 — Tel.: 28-4606

Se quiser comer bem, procure qualquer um desses dois restaurantes.

A melhor qualidade pelo menor preço. — Petisqueiras à portuguesa. — Vinhos nacionais e estrangeiros.

RIO DE JANEIRO

Colchoaria ATLANTICA

MOVEIS PARA TODOS OS PREÇOS
DE ESTILOS MODERNOS

REFORMAS DE COLCHÕES

ENTREGA-SE NO MESMO DIA

**Sebastião
Teixeira Sampaio**

RUA BOLIVAR, 65 A — Tel.: 27-4489

COPACABANA
RIO DE JANEIRO

FELICIDADE

A MARGEM DO CENTENÁRIO DE CHARLES RICHTER

(Trecho de um livro do pranteado sábio)

Há mais de dois mil anos, Epicuro, o grande caluniado, indicou o único método de felicidade: moderar seus prazeres para não corromper a fonte.

Ora, com os riscos do paradoxo ou do sacrilégio, parece que seria possível combinar-se em proporções harmônicas as doutrinas de Epicuro com as de Zenon, seu rival. Zenon disse que era preciso abster-se e suportar. Eis a sabedoria. Abster-se de desejos, porque eles não fazem mais do que acentuar nossa incapacidade; suportar os acontecimentos, porque não há meio de proceder de outra maneira.

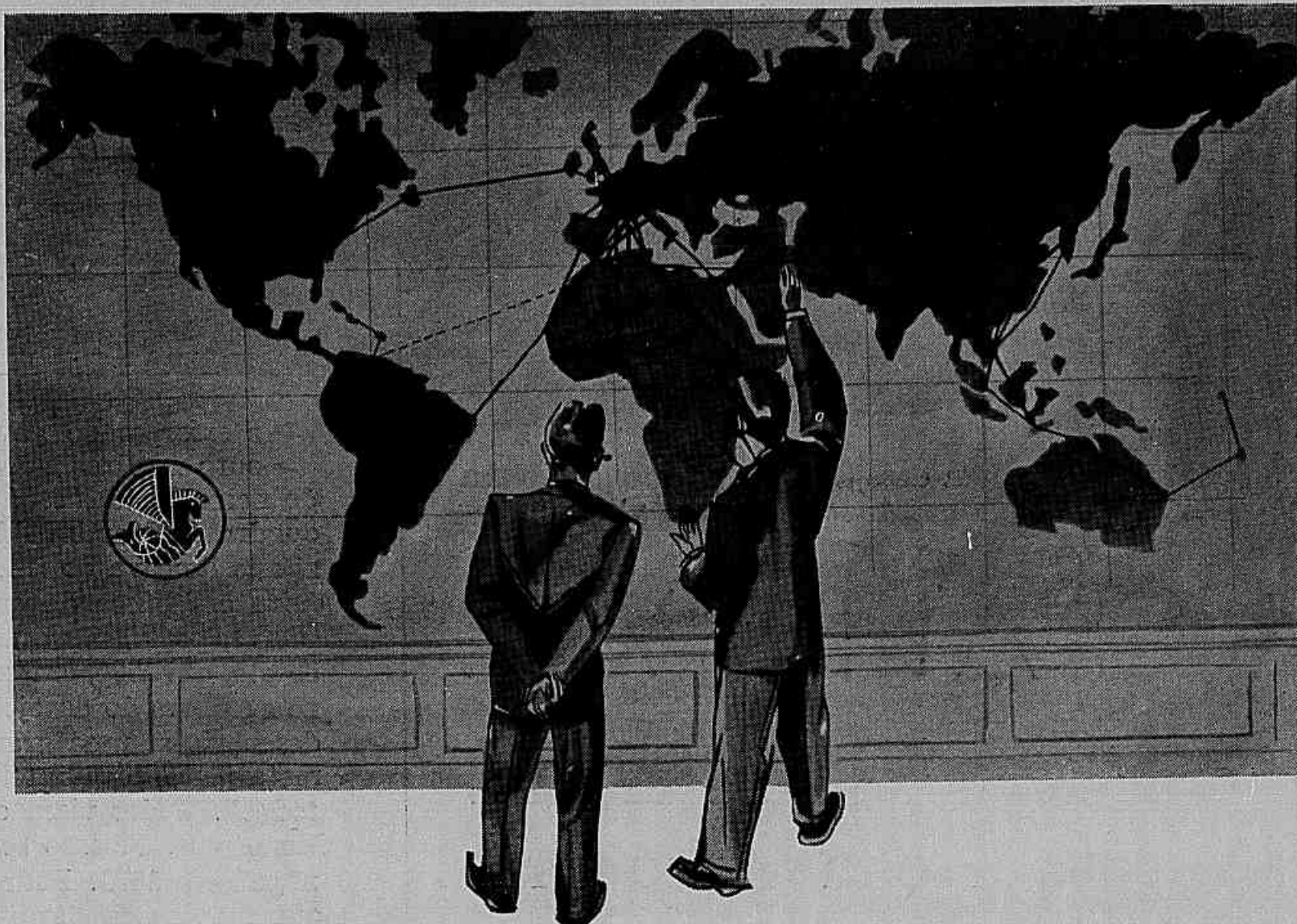
Nada é mais vão do que o desejo imoderado. Sejamos, então, estoicos.

Ao mesmo tempo, ora muito limitada e muito mesquinha esfera das nossas posses, gosemos os prazeres, mas saibamos gozá-los com uma deliciosa e refletida moderação. Sejamos epicuristas.

Aproveitemos daquilo que nos é concedido; isso não é desprezível. Um pedaço de alegria, um nada de ventura, um pouco de diversões. Respiremos essa florzinha, e não nos desolemos pelo fato de não termos à nossa disposição uma floresta, um bosque, ou mesmo um ramo. E respiremos seu perfume lentamente, pois o tempo avança sem nos obstinarmos a olhar para mais alto e para mais longe.

Cultivemos nosso jardim, mesmo se ele for pequeno. Apesar de tudo, a grandeza dos parques vizinhos não o fará maior. Perambulamos, si nos convém, nos altos palácios, e nas vastas avenidas circundantes. Que isso, porém, não sirva para fazermos confrontos e criarmos tormentos para nós mesmos. Deleitamo-nos, si assim nos apraz, a dissertar sobre os Himalaias e os Oceanos que nunca veremos, contanto que isso se faça de bom ânimo. Leiamos histórias maravilhosas, que nos falam de tronos de ouro, de palácios fantásticos, e não nos julgemos infelizes por não possuímos harenas, nem as legiões de César, nem os granadeiros de Napoleão, nem os milhões de Rothschild. Conservemo-nos sorridentes e permaneçamos em nossa humilde condição humana. Apliquemo-nos a dirigir e a ser senhores, verdadeiramente senhores de nosso "eu". Permaneçamos senhores absolutos onde ninguém poderá penetrar. Sejamos epicuristas no nosso estoicismo, e teremos tirado de nossa incapacidade, prodigiosa, o melhor partido possível.

E porfiemos em fazer "um pouco de felicidade" em redor de nós, visto que a felicidade irradia como a luz, e nossa felicidade pessoal, digam o que quiserem os tolos e os maldosos, depende da felicidade alheia.



São realmente resultados positivos!

Uma rede aérea mundial cuja importância cresce incessantemente, uma técnica cada vez mais perfeita, são sem dúvida garantias consideráveis. A melhor prova da preferência, porém, é que centenas de milhares de passageiros utilizam anualmente os serviços da AIR FRANCE. Se esses passageiros assim o fazem, é, não

somente porque encontram vantagens, mas também porque gostam da AIR FRANCE. A bordo dos aviões da AIR FRANCE, tudo se combina para dar aos passageiros o máximo de conforto e bem estar bem como um serviço impecável. AIR FRANCE é cada vez mais, através do mundo, o meio de transporte dos homens, de ação e de todos aqueles que querem ganhar "tempo".



AIR FRANCE

Rio de Janeiro Av. Rio Branco 257-A tel: 42-8838
São Paulo Rua Libero Badaró 184 tel: 2-3902
Recife Av. Guararapes 210 tel: 75-49

CASA CHIC

— DE —

FRANCISCO DE CARVALHO

RUA CARDOSO DE MORAIS, 31
BONSUCESSO — TELEFONE: 30-1050

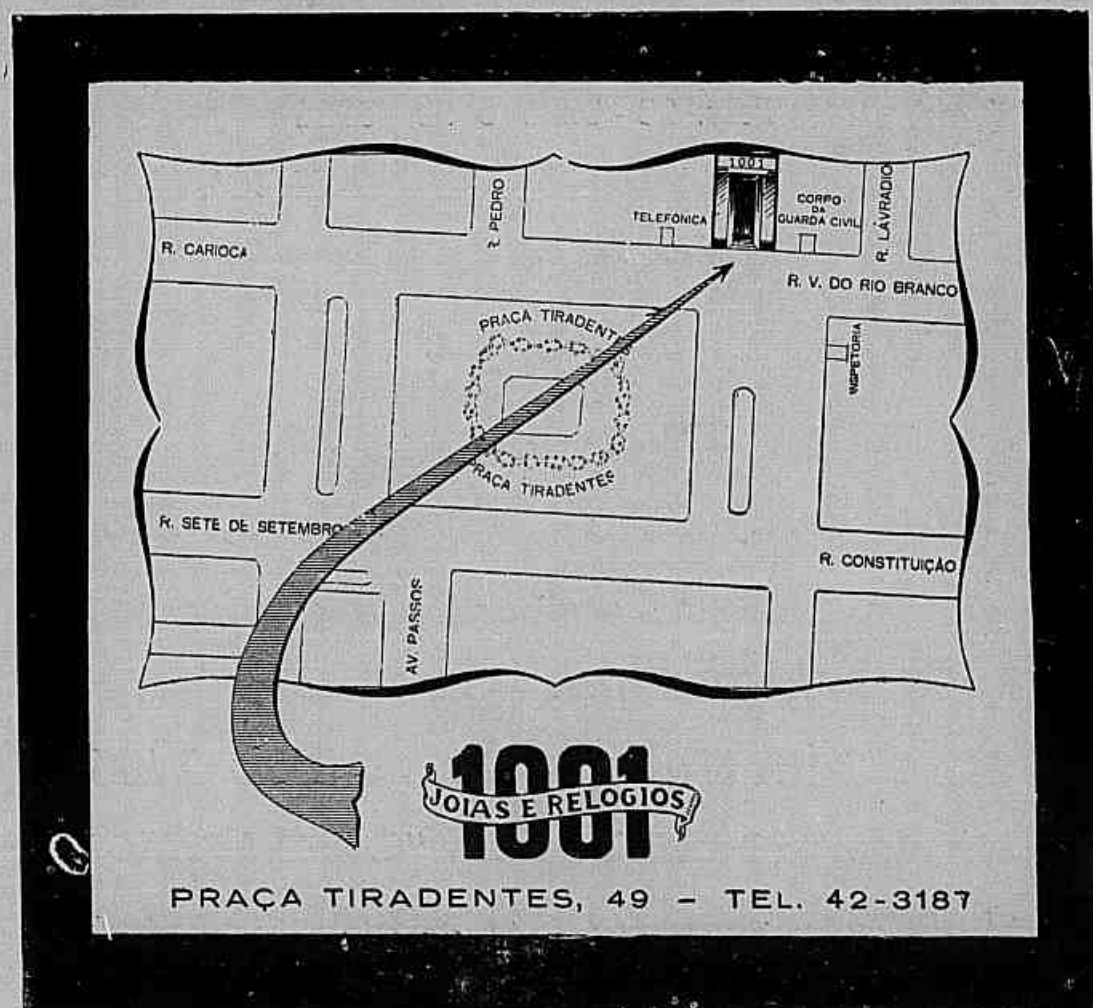
Camisas e Pijamas de Côres Firmes Artigos de Cama e Mesa
Bordados, Rendas, Fitas, Linhas e Botões, Malas para
Viagens e Pastas de Couro.

PAPELARIA E LIVROS COM GRANDES DESCONTOS,
ARTIGOS PARA PRESENTES.

Vejam os preços da CASA CHIC e Preço por Preço, sejam
Bairristas, comprem em Bonsucesso

— NA —

CASA CHIC



AVELINO DE ALMEIDA CAÇONIA



Se a distinta leitora deseja uma obra de arte, para ornamento de sua casa faça uma visita à

PALISSY

e ali encontrará o maior sortimento de Cristais, Porcelanas, Faqueiros e Peças de arte para presentes

MENEZES & CARVALHO LTDA.

SUCESSORES DE

Menezes, Carvalho & Cia. Ltda.

46, RUA URUGUAIANA, 48

Telefone 22-1300 — End. Telg. "PALISSY"

RIO DE JANEIRO

LÍQUIDOS E COMESTÍVEIS
POR ATACADO

Soares Bastos & Cia.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

MATRIZ

RUA DO MERCADO, 7/9

Tels. 23 - 3221 e 23 - 3224

Enderço telegráfico "VERMELHO".

RIO DE JANEIRO

FILIAIS EM:

SÃO PAULO — E. São Paulo

Rua Benjamin de Oliveira, 103

Tel. 2-8904

UBERLÂNDIA — E. Minas

Rua Martinesia, 269 — Tel. 1406

Máquina de beneficiar arroz "S. SEBASTIÃO"

NITERÓI — E. do Rio

Travessa Carlos Gomes, 96

CURIOSIDADES DO BRASIL

BANDEIRAS EM BUSCA DE OURO

Os esforços do governo português pelo descobrimento de ouro no Brasil, foram contemporâneos dos primeiros dias de nossa história. Já em 1531, ao aportar a S. Vicente a esquadra de Martim Afonso de Souza, este grande capitão Lusitano lançava ao interior desconhecido do Brasil, uma bandeira em busca de ouro, fiado nas notícias de Francisco de Chaves, português que se lhe apresentou em Cananéia. Anchieta, em 1554, em carta de São Paulo anunciava como indo ao encontro do desejado lusitano..... "agora, finalmente descobriu-se uma grande copia de ouro, prata, ferro e outros metais até aqui inteiramente desconhecidos, como afirmam todos". Todos viam ou supunham ver ouro, no século XVI. Monsenhor Pizarro sonhou com a exploração dele em Paranaguá em 1578. Pedro de Almeida Peres Leme é de opinião que foi Afonso Sardinha o primeiro descobridor de ouro no Brasil, em 1590, na Serra de Jaguanimbaba (Mantiqueira), na de Jaraguá (termo da vila de São Paulo), na Ventura (termo de Parnaíba) e na de Ibiracoba (termo da de Sorocaba).

Mas em vez de ouro, o que se sabe é que Pedro Sardinha explorou e fundiu ferro. Madrugava ainda o século de 1600 e já o governo da metrópole, 15 de Agosto de 1603, expediu o primeiro Regulamento de Terras Mineiras do Brasil e fazia concessões a descobridores de minas. Por alvará de 2 de Janeiro de 1608 foi D. Francisco de Souza nomeado Governador e Capitão General do Distrito do Sul do Brasil (Capitania de Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente) com especiais atribuições com relação à minas, para o que se "lhe foram consignados — diz Antonio Olinto — os seguintes auxiliares: — um procurador, um tesoureiro, dois mineiros de prata, um mineiro de ouro de bôta, um ensaiador, um mineiro de perola, um mineiro de esmeralda, um mineiro de salitre e dois mineiros de ferro". Mas as minas não corres-

PÓ DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
FINO ADERENTE E INVISÍVEL
À VENDA EM TODA A PARTE

CORPO ESBELTO E FACEIRO...

VINHO CHICO MINEIRO

Não! não faça regime para emagrecer. Tome de hoje em diante Vinho Chico Mineiro, usado há mais de meio século! A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(EXIGIR A EMBALAGEM VERDE)

E lembre-se que o segredo de uma linda cabeleira sem caspas é

CABELOS BRANCOS
está em

EUTRICHOL ESPECIAL

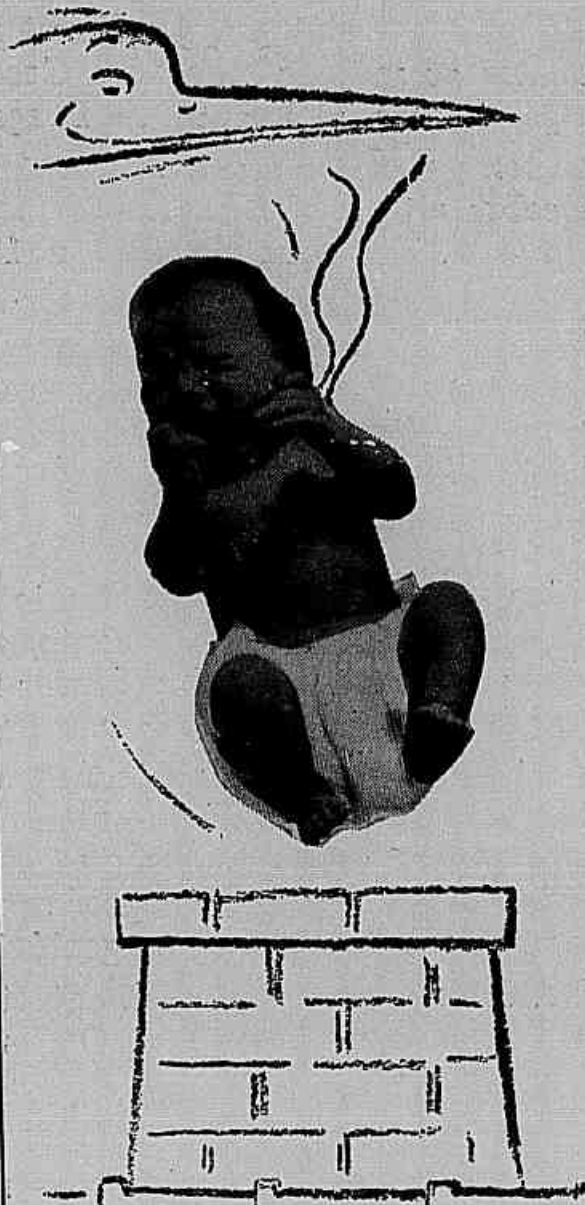
Experimente-o e verá

MULTIFARMA:

PRAÇA PATRIARCA, 26 — 2.º — S. PAULO
Remessa pelo Reembolso Postal

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS

Uma cousa ...



...exige outra



*Polvilho
Antisséptico*
GRANADO



pondiam às visões e aos desejos da metropole. Segundo Regimento de Terras Mineiras foi expedido em 1618, a 8 de Agosto, ampliado das disposições de 1603. Por ele se vê que até então a mineração não havia dado resultado algum. O governo com o fim de estimular descobrimentos, abriu mão de todas as minas, concedendo-as aos seus respectivos descobridores e assim desistindo Euzébio de Oliveira, as entradas se sucederam, contando-se porém, os insucessos pelas tentativas feitas" E' que não estava encerrado ainda o ciclo de caça ao índio de resultados certos, atividade onde assentavam os interesses mais generalizados do Brasil seiscentista.

O PARQUE DA PRAÇA DA REPUBLICA

○ Parque da Praça da Republica é o sitio mais notável da história do Rio de Janeiro. Bastará dizer-se que depois do nome de Campo de Sant'Ana com que veio do tempo colonial, por causa da Igreja de Sant'Ana que esteve onde é hoje a estação inicial da E. F. Central do Brasil, depois desse já teve dois, correspondendo cada um a um acontecimento politico: Campo da Aclamação, por aí ter sido aclamado o primeiro imperador do Brasil; Campo da Honra, depois de 7 de Abril de 1831, em que a "honra e a dignidade nacionais" aí exigiram do Imperador a mudança do Ministério. Este nome durou pouco, prevalecendo o primeiro até 1889, quando outro sucesso politico de que a mesma praça foi teatro determinou a mudança para Praça da Republica. A superfície desta praça é de 198.000 metros quadrados. Circundavam-na em 1905. noventa e nove predios, avultando dentre eles raros edificios de arquitetura apreciavel.

RESULTADO DO 184.º SORTEIO DE APÓLICES DA

"A EQUITATIVA"

Relação das apólices sorteadas em 16 de agosto de 1950
SORTEADAS COM CR\$ 10.000,00

- 240.640 — Francisco Porfirio Sampaio — Fortaleza — Ceará.
251.070 — Arnaldo Nunes de Mattos — Distrito Federal.
454.990 — Augusto Silveira Netto — Oliveira — Minas.
514.621 — Flavio de Barros Pimentel — Rio Branco — Acre.
216.391 — Julião Jorge Nogueira — Campos — E. do Rio.
321.978 — Anario Marreiro de Araujo, em conjunto com Ana Azevedo Marreiro — Lirhares — E. Santo.
F.9.246 — Pedro José Galdino — Distrito Federal.
290.348 — José Higino de Souza Paz em conjunto com Floriza Furtado de Azevedo Paz — Terezina — Piaui.
248.293 — Francisco José de Oliveira — Livramento — Bahia.
321.470 — Arthur Muller — Cangussú — R. Grande do Sul.
418.310 — Marques Ribeiro Borges — Caldas Novas — Goiás.
310.910 — Edgar Ko Freitag — Piratuba — S. Catarina.
298.032 — Adolpho Ernesto Fischer — Joinville — S. Catarina.
317.816 — Ichiro Taniaka — Guararapes — S. Paulo.
412.011 — Henrique Damasceno Ribeiro — Pres. Prudente — S. Paulo.
F.8.895 — Theodomiro José Pereira — Theofilo Ottoni — Minas.
F.3.044 — João Martins Canito — Fortaleza — Ceará.
F.6.171 — Gastão Rodrigues da Cunha — Uberlandia — Minas

NOTA — É de se notar que o Sr. Julião Jorge Nogueira, já teve suas apólices ns. 115.509, 115.503 e 216.394, sorteadas com Cr\$ 5.000,00 cada, em 16-1-922, 15-4-926 e 15-10-936 respectivamente.

"A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL", já distribuiu em sorteios a importancia de Cr\$ 40.493.000,00.

O próximo sorteio deverá ser realizado em 15 de Setembro de 1950.

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL — Sociedade Mútua de Seguros Sobre a Vida. — Sede Av. Rio Branco, 125 — Rio de Janeiro. — DEPARTAMENTO DE SEGURO FAMILIAR COM SORTEIOS MENSAIS. — Rua São José, 50 — 2.º - 4.º - 5.º pavimentos.

Mande-nos informações sobre o SEGURO FAMILIAR COM SORTEIOS MENSAIS.

NOME
ENDEREÇO
LOCALIDADE ESTADO

PAN AMERICANA REPRESENTAÇÕES LTDA.

DISTRIBUIDORES



TELESPEAKER
O MAIS DIFUNDIDO
SISTEMA DE
INTERCOMUNICAÇÕES

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO
TEL.: 22-4399

Sr. MANTOVANI

RUA ARAÚJO PORTO ALEGRE, 70 - 1.º andar - Sala 111

Cabogramas: "Baorsa"

Caixa Postal 1831

RIO DE JANEIRO



TINTAS VOICE

OLEOS -- VERN-
ZES-ESMALTES-
ARTIGOS PARA-
INDUSTRIA E

FERRAGENS PARA CONSTRUÇÃO

J. S. VIEIRA & CIA.

Sucessores de J. S. Vieira & Castro
Importadores

Rua Buenos Aires, 228

PROXIMO Á AVENIDA PASSOS

TELEFONE 43-4399

RIO DE JANEIRO



Na face oriental, onde desembocavam oito ruas, apenas três edifícios eram dignos de nota: a Prefeitura, a Escola Normal e o antigo Museu; este, entre as ruas da Constituição e Visconde do Rio Branco e onde pois se instalou o Arquivo Público Nacional. Do lado ocidental só merece menção a Casa da Moeda e o edifício do antigo Senado. O Parque da Praça da Republica estava até pouco tempo, cercado por um gradil de ferro de 2,30 m. de altura, sobre alto sopé de cantaria, tendo quatro portas, uma em cada face. Era obra de 1873 a 1870. resolvida pelo Ministério do Império. custeada pela Camara Municipal e executada sob a direção de Glaziou, de raras aptidões como botânico e arquiteto paisagista. A inauguração do Parque foi com solenidade, no dia 7 de Setembro de 1880.

A PEDRA DA GAVEA

Depois do Jardim Botânico, principia a Gavea, tendo por centro do povoado a Rua Marquez de São Vicente, com dois mil e quatrocentos metros de extensão. Há chácaras formosas, residências pitorescas, dominadas por alcantilados morros. A estrada sinuosa e bem conservada, vai contornando, subindo sempre, até o Alto da Boa Vista. Uma reta imaginária de cinco quilômetros separa este alto, do que se vê na Tijuca, sob a mesma denominação. Entre eles, porém, fica o granito enorme do Corcovado, e outros massiços geológicos pertencentes à Serra do Mar. De menor altitude, é, entretanto, de mais vasto horizonte a Boa Vista da Gavea. O Corcovado, o Pão de Açúcar, a lagoa, a baía, o Oceano, servindo de engaste aos bairros do sul, tudo o olhar descortina; e o bramar das ondas, na extensa Praia da Gavea, vem casar-se interminantemente, com o ciclo brando das folhagem quando a viração balouça o arvoredado que nos cerca. Si da Boa Vista se desce à Varzea, o panorama é sempre belo. Aqui uma casa antiga de fazenda, ali, uma habitação moderna em chalet gracioso, aguas que correm encachoeiradas por entre pedras, rezes que mugem nas encostas verdejantes. A nota bucólica predomina nesta paisagem até que a estrada se ex-

Almeida Comércio e Indústria de Ferro Limitada

SUCESSORA

L. B. DE ALMEIDA & CIA



FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficinas mecânicas em geral — Fogões à gás e lenha marca "Progresso" — Prensas para ladrilhos e escritório
Cadeiras para dentistas Almeida Pinho — Cadeiras de barbeiro — Bancos para jardim e Bengaleiros de ferro fundido em ornatos.

IMPORTADORES DE

Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas.

Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U e cixos para transmissões.

Tubos de ferro galvanizado, pretos, vermelhos e de aço para caldeira.

RUA DOS ARCOS, 30 A 42

TELEFONES:

Armazem: 22-0409 — 22-1718 — 22-2748 — 22-1584

Esc. Técnico: 42-4675

Contabilidade: — 22-1342 — 22-2549



RIO DE JANEIRO

Artistas do Brasil

nós temos a sua disposição
8.000 FERRAMENVAS Diferentes

Artista do Brasil
Venha vêr com suas próprios olhos e vá dizer a toda gente que as FERRAMENTAS da CASA CRUZEIRO são as mais baratas e ainda tem 10% de desconto
Casa Cruzeiro
Ferragens e Ferramentas Ltda. — R. Visq. R. Branco, 5 a cinco passos da Praça Tiradentes — Tels. 32-2700 e 42-4982

pande nas areias brancas da praia. Então melhor do que qualquer outro ponto se vê a grandiosa Pedra da Gavea, sobranceira a todo o vasto cenário da Natureza. E' um rochedo imenso hoje forma piramidal, interrompida de subito, lembra a possibilidade de um grande cataclisma houvesse lhe truncado a integridade geometrica. Nessa Pedra da Gavea que lendaria, já, até quizeram ver inscrições dos tempos prehistóricos; e o Instituto Histórico e Geografico, em 1839, cometeu o trabalho de examinar o valor dessa conjetura a dois de seus sócios que tiveram mais dificuldades em atingir as tais alturas do que Presbytero de Carteira em subir às rochas alcantiladas do Calpe. A comissão não interpretou os supostos hioglifos senão como efeitos netuninos sobre uma rocha de variavel consistencia. Da Gavea à Tijuca o trajeto é possível, e frequentado. Não depende de muitas horas, depende apenas de disposições e de gosto para as excursões campestres. Atrevés da mata, é um passeio agradabilissimo circundando o Corcovado, eixo geologico dessa região que poucas cidades do mundo logram ter em seu seio.

NOMES EVOCATIVOS DO BRASIL

SÃO FRANCISCO — rio de grande importancia econômica e fluvial que nasce em Minas Gerais, atravessa Pernambuco, Bahia, Alagoas, Sergipe e lança-se no Oceano Atlantico, de pois de um curso de mais de 400 leguas.

RIO DE JANEIRO — nome primitivamente dado à Bahia de Guanabara, porque seus descobridores supuzeram ser um grande rio.

TODOS OS SANTOS — imensa bahia, mais espaçosa do que a Bahia da Guanabara, tendo à esquerda a Ilha de Itaparica e à direita a cidade de São Salvador.

SANTOS — antiga povoação, depois vila e hoje importante cidade de São Paulo, o maior porto econômico do Brasil, está situada na margem setentrional da Ilha Engua-Guaçu, também conhecida como Ilhá de São Vicente.

OLINDA — a primeira povoação e a primeira capital de Pernambuco, pitoresca cidade, com lindas praias cheias de coqueiros, onde ainda se observam velhos cascos de navios do tempo da guerra holandesa.



CHAVES — FERRAGENS — FERRAMENTAS
LOUÇAS — ELETRICIDADE — TINTAS
ARTIGOS DOMÉSTICOS

Oficinas especializadas na execução de quaisquer tipos de chaves, e concertos de fechaduras Yale, tipo Yale e para automóveis.

RUA DA CARIOCA, 75

TELEFONE 22-7565

DEPÓSITO:

RUA GUSTAVO DE LACERDA, 48

RIO DE JANEIRO

Padaria e Confeitaria CELESTIAL

Fabrico especial de pães
de todas as qualidades

DOCES FINOS

Bolos confeitados

Rua do Catete, 331 - Tel. 25-1490





Alta
COSTURA
•
VESTIDOS
ESPORTES

Execução de encomendas com a máxima rapidez, podendo ser entregues em 24 horas.

Mlle. Franca

RUA RIBEIRO MARTINS, 80
FLAMENGO - TEL. 25-5091

A capela do padre

Um dos maiores atrativos da antiga capital de Minas está nas suas formosas igrejas, que não chegam no entanto ser das mais belas do Brasil. Não há duvida que no Rio de Janeiro, na Bahia, em Olinda, em Recife se encontram os mais ricos e artisticos templos do Brasil colonial, apesar dos notáveis trabalhos que existem em Minas, executados por Antonio Francisco Lisboa, ou a ele atribuídos em grande escala. Já falamos das capelas primitivas, construídas de alvenaria seca, que mostram os aspectos das construções antigas, contemporaneas naturalmente das edificações pelo processo de taipa de pilão e de madeiras de lei, que não deixavam de oferecer notavel resistencia pelo conjunto da argamassa e das fibras. O barro oferece uma liga bem mais forte que outras massas comumente empregadas nas construções modernas. A arquitetura evoluiu lentamente, baseada sempre numa preocupação exagerada de fortaleza, de aspecto ciclópico, o mais conhecido nas obras de pedra do tempo colonial, reminiscencia das obras classicas dos romanos. Essa lenta evolução se observa na Capela do Padre Faria. Si o seu aspecto é simples e pouco impressionante, o mesmo não se dá em relação ao monumental Cruzeiro que lhe fica mesmo em frente, todo contruido de pedra em varias peças. Essa capela que se



Para a sua elegancia senhora!

GALERIA E LUVARIAS
Gomes

Luvas, Bolsas, Vestidos, Artigos para presentes Joias de fantasia e Todos pequenos requesitos para a elegancia feminina.

Rua do Ouvidor, 185 até
Ramalho Ortigão, 38.
Fone 43-4763

ÓBRAS COMPLETAS

— DE —

Guerra Junqueiro

<i>Patria</i>	Cr\$ 18,00
<i>Finis Pátria</i>	" 6,00
<i>Horas de Combate</i>	" 20,00
<i>Horas de Luta</i>	" 25,00
<i>Velhice do Padre Eterno, ilustrado</i>	" 24,00
<i>Prometeu Libertado</i>	" 7,00
<i>Poesias Diversas</i>	" 16,00
<i>Prosas Diversas</i>	" 16,00
<i>Velhice do Padre Eterno, edição popular</i>	" 12,00
<i>Vibrações Líricas broc.</i>	" 25,00
<i>Morte de D. João</i>	" 40,00
<i>Musa em Férias</i>	" 40,00
<i>Os Simples</i>	" 40,00
<i>Contos para a Infância</i>	" 36,00
<i>Tragédia Infantil</i>	" 30,00

AS OBRAS DE GUERRA JUNQUEIRO

SÃO EDITADAS PELA

Livraria Lello & Irmão (Porto)

à venda em todas as Livrarias do Brasil e na

LIVRARIA H. ANTUNES

AVENIDA MARECHAL FLORIANO, 39 — RIO

— Envia-se Catálogos —

Faria em Ouro Preto

acha em uma pequena elevação do terreno deve ocupar uma área de duzentos e vinte e cinco metros quadrados, mais ou menos. Pouco antes se acha uma ponte de bela arcada de pedra e que tem gravada a data de 1751, na penha de uma cruz. Diz a lenda que à hora da missa, na Capela do Arraiál de Bonsucesso, foi assassinado um padre, dando isso lugar a que ficasse a mesma interdita por dilatado prazo. Nesse meio tempo resolveram os moradores, no intuito de evitar os trabalhos demorados e as despesas com o levantamento da censura, transferir a imagem de N. S. do Parto para o bairro do Padre Faria, onde erigiram um novo santuario. Essa a lenda que já vem citada por Diogo Vasconcelos. Na verdade pouco se sabe a respeito dessa Capela, que não nos oferece indícios positivos para uma pesquisa mais demorada. Nenhuma data nela se encontra. A cruz pontifícia de pedra, a que já nos referimos e que engrandece o adro, tem mais de oito metros de altura e é toda construída de peças monolíticas. No Cruzeiro lê-se a data de 1756 é de menos seis anos e a que está gravada no sino grande da Capela. Não deixa ser de lógica a conclusão de Diogo de Vasconcelos ao supor que o Cruzeiro de forma pontifical seja um monumento ao Papa Pio VI, que considera tres bulos privilegios e graças especiais à Capela do Padre Faria.

E G. Monteiro & Cia. Ltda.

LOUÇAS SANITÁRIAS — FOGÕES
AQUECEDORES — BANHEIROS
BRANCOS E EM CÔRES — FILTROS

AZULEIJOS — MOZAICOS
LADRILHOS — CERÂMICA

♦ ♦ ♦

— END. TEL. "EGMONT" —

♦ ♦ ♦

Rua Carlos de Carvalho, 88 e 90

TELS 32-4677 — 32-0377

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Depositários da Imperial Casemira

CASEMIRAS E LINHOS

CASA MATRIZ E
ESCRITÓRIO

Casa Fundada em 1889

Av. Rangel Pestana, 44

(esquina 11 de Agosto)

CAIXA POSTAL 1646

Tel. 2-6599

SÃO PAULO

S. PAULO

CASIMIRAS LINHO



A TRADIÇÃO NO COMÉRCIO DE TEÇIDOS

RIO DE JANEIRO

Rua Uruguaiana, 106

Tel. 23-5067

Av. Rio Branco, 151 - C

esq. de Assembléia

Rua Senador Dantas, 7

RIO — SANTOS E CAMPINAS

CASAS FILIAIS:

Rua 25 de Março, 433 — Tel. 2-4388 — Av. Rangel Pestana, 1479 — Tel. 2-9837 — Av. Celso Garcia, 345 — Tel. 9-3334 — Rua José Bonifácio, 43 — Tel. 2-5510 — Rua Boa Vista, 199 — Tel. 2-3688 — Rua José Paulino, 132 — Tel. 6-1482 — Rua 15 de Novembro, 12 e 18 — Tel. 2-1781 — Rua S. Bento, 44 — Tel. 3-6338 — Rua B. Itapetininga, 281 — Santos — R. General Câmara, 78 — Tel. 5657 — Campinas — Barão de Jaguará, 1095

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL. ELIMINA A CASPA - ÊXITO GARANTIDO.




ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS
ÓLEOS, GRAXAS, ELETRICIDADE
OFICINA E BORRACHEIRO

PIRES ACESSÓRIOS LTDA.

RUA SACADURA CABRAL, 53
(Praça Mauá)
TELEFONE 43-6266

FONSECA ARAUJO IMPORTADORA LTDA.

Vinhos, Licores, Whiskies, Champagnes e Conservas
RUA SENADOR POMPEU, 132 e 134
Telefone 43-4499
Telegramas "FONCARAUJO"
Rio de Janeiro

CASA DE MÓVEIS E COLCHOARIA

COMPLETO SOR- TIMENTO DE MÓ- VEIS NOVOS E USADOS **IDEAL** **COMPRA-SE E TROCA-SE MÓVEIS USADOS**

Reforma-se colchões para o mesmo dia — Prêços relativamente módicos — Vendas a dinheiro

Antonio Pereira de Souza

TEL. 28-0360
RUA HADDOCK LOBO, 380
RIO DE JANEIRO

DE GUERRA JUNQUEIRO A D. PEDRO II

Um amigo residente no Brasil e cujo nome não foi identificado pelo professor Alcindo Sodré que reuniu no Museu Imperial de Petrópolis uma série de cartas endereçadas ao segundo Imperador, escreveu Guerra Junqueiro fazendo-o intermediário da entrega de livros de sua autoria e de um pedido a D. Pedro II. É um documento interessante que vai transcrito em seguida:

"Exmo. Sr. meu/am.º

Tenho a honra de enviar-lhe "A morte de D. João" e a "Tragédia infantil" que V. Ex., obsequiando-me, oferecerá da minha parte a S. M. o Imperador do Brasil.

Mandar-lhe-ei amanhã um outro exemplar da "Tragédia infantil" para S. M. a Imperatriz.

Não sei si abuso da benevolência de V. Ex. fazendo-lhe o seguinte pedido. Desejava que V. Ex. alcançasse de S. M. o Imperador que o governo brasileiro tomasse 2 ou 3 mil exemplares d'um pequeno livro de versos para as escolas, no gênero da "Tragédia infantil" que também fará parte do volume. Será um livro de 150 páginas, pouco mais ou menos, e em que nunca perderei de vista, como na "Tragédia infantil", o fim especial a que se destina.

De V. Ex.

creado am.º obrigm.º e admirador
Guerra Junqueiro"

Lisbôa, 2 de Setembro de 1887

Rua do Alecrim — 25

BANCO DO BRASIL S. A.

1808 - 1950

Sede Rua 1.º de Março n. 66, Rio de Janeiro D. F.
TAXAS DE DEPÓSITOS

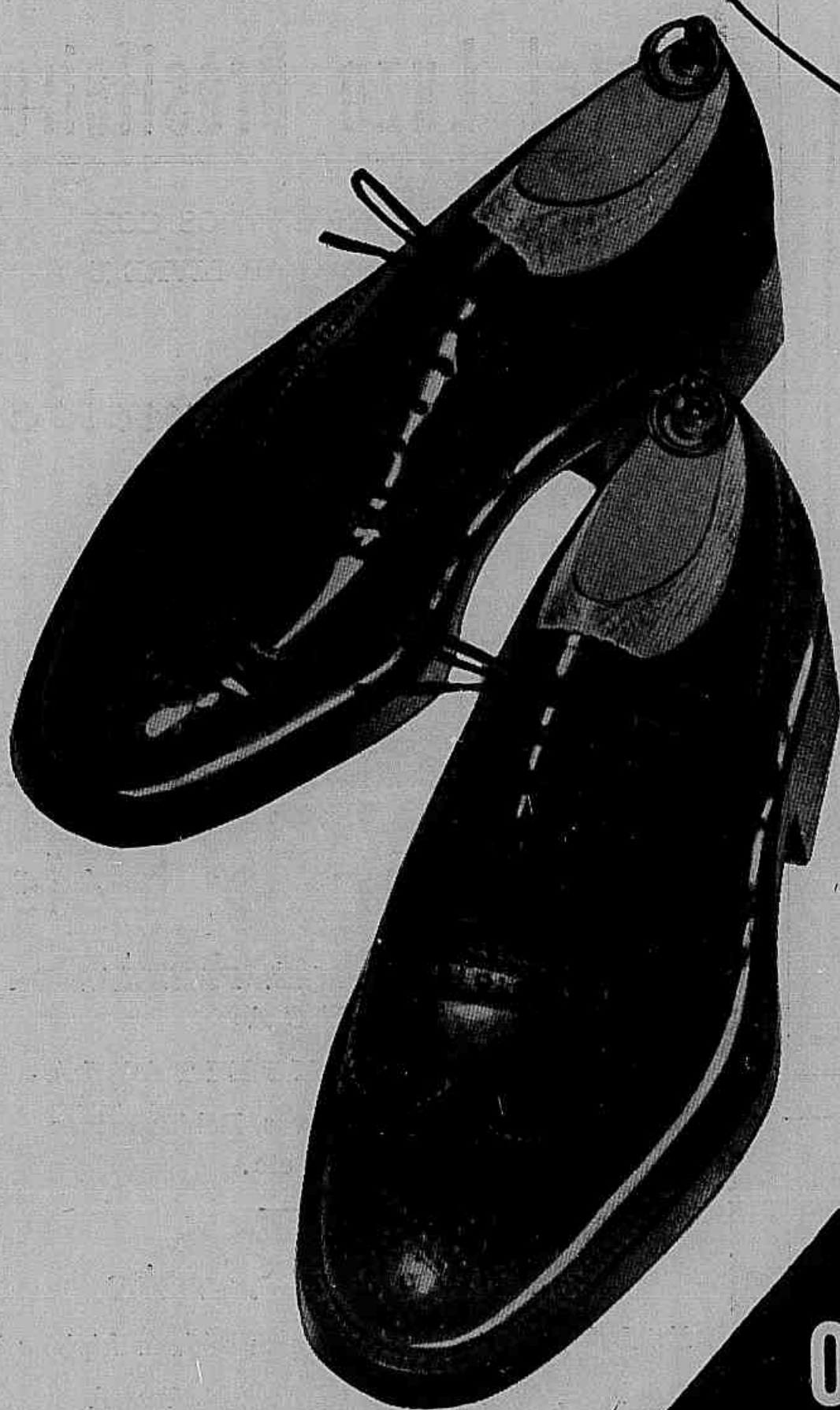
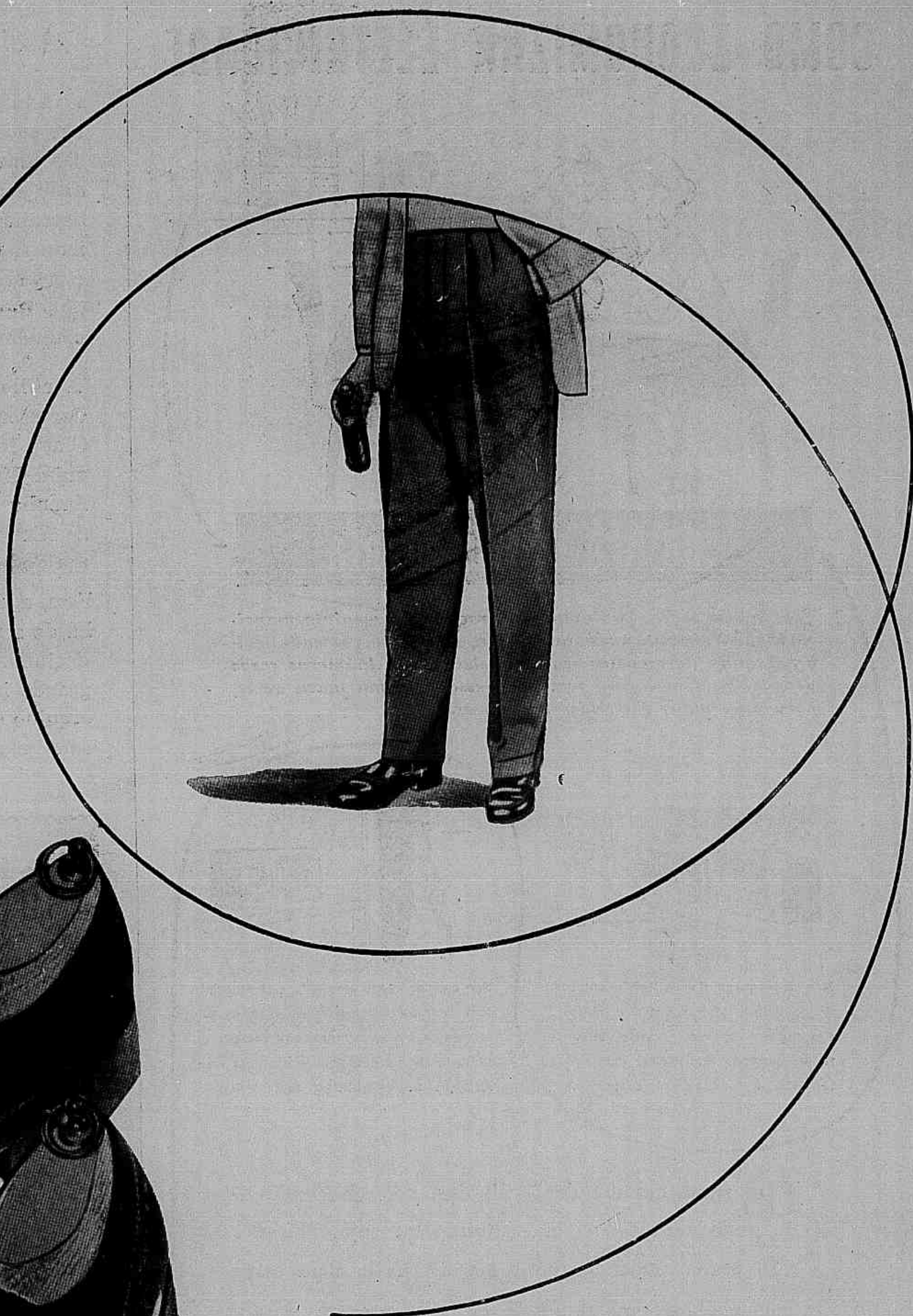
Depósitos sem limite	2 % a. a.
Depósitos populares	
Limite de Cr\$ 10.000,00	4 ½ % "
Depósitos limitados	
Limite de Cr\$ 50.000,00	4 % "
Limite de Cr\$ 100.000,00	3 % "
Depósitos a prazo fixo:	
Por 6 meses	4 % "
Por 12 meses	5 % "
Com retirada mensal de juros:	
Por 6 meses	3 ½ % "
Por 12 meses	4 ½ % "
Depósitos de aviso prévio:	
30 dias	3 ½ % "
60 dias	4 % "
90 dias	4 ½ % "
Letras a prêmio (sêlo proporcional)	
Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.	

O Banco faz tôdas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, na Rua 1.º de Março, n.º 66, mais as seguintes:

BANDEIRA, Rua Mariz e Barros, n. 44 — BOTAFOGO, Rua Voluntários da Pátria, n. 449 — CAMPO GRANDE, Rua Campo Grande, n. 100 — COPACABANA, Avenida Nossa Senhora de Copacabana, n. 1.292 — GLÓRIA, Rua do Catete, n. 238-A — MADUREIRA, Rua Carvalho de Souza, n. 299 — MÉIER, Avenida Amaro Cavalcanti, n. 95 — RAMOS, Rua Leopoldina Rêgo, n. 78 — SÃO CRISTÓVÃO, Rua Figueira de Melo, n. 360 (esquina da Rua S. Cristóvão) — SAÚDE, Rua do Livramento, n. 63 — TIJUCA, Rua General Rocha, n. 661 — TIRADENTES, Avenida Gomes Freire, n. 196.

Além das operações normais, a Agência Metropolitana da Glória está habilitada a receber depósitos fora das horas de expediente, quer durante o dia, quer à noite, utilizando-se do Receptor Automático instalado na referida Agência, e a Metropolitana de Copacabana oferece, mediante módico aluguel mensal, cofres de vários tipos para guarda de valores (títulos, jóias, etc.) em casa-forte dotada de moderno equipamento.

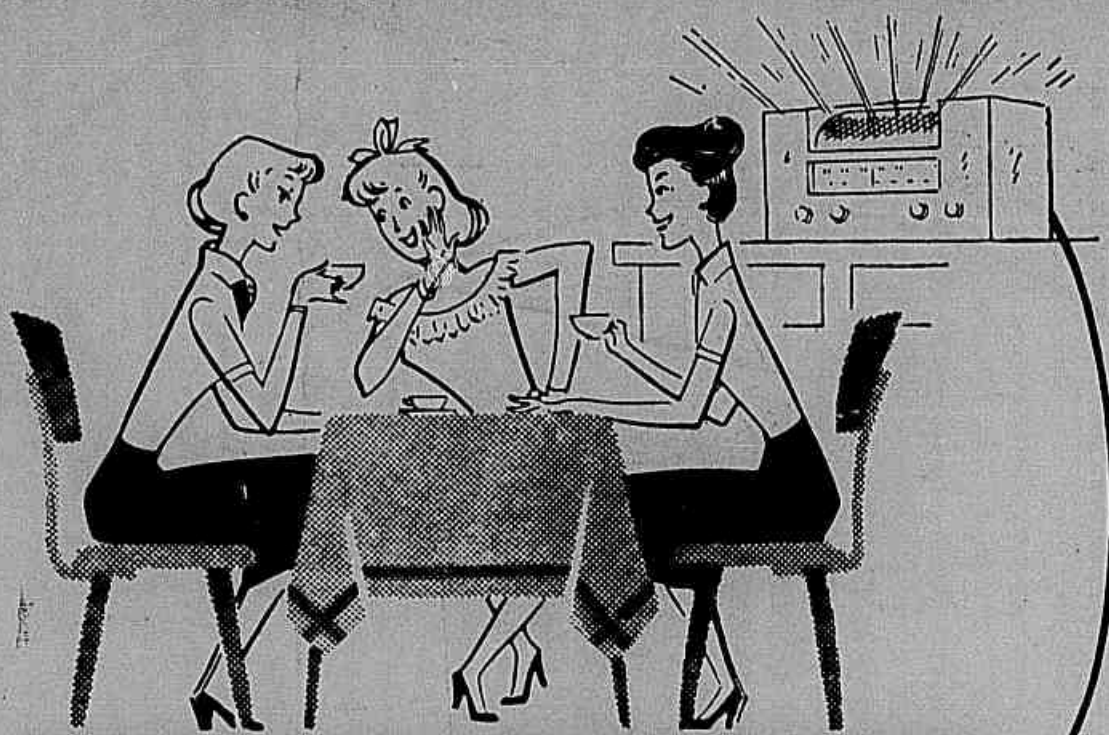
O CALÇADO DA



É INEXCEDIVEL,
É INIMITAVEL,
É INCONFUNDIVEL,
É INEGUALAVEL,

POR SER
O MELHOR DO MUNDO

COMO ECONOMIZAR ELETRICIDADE

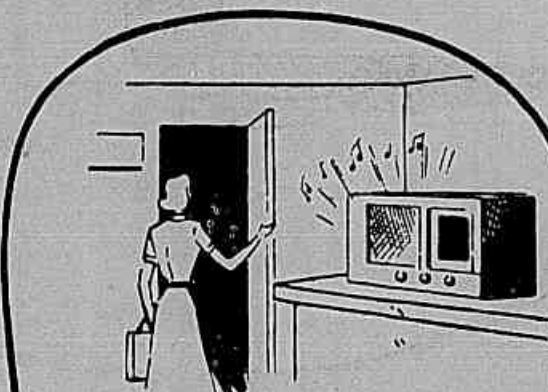


...dentro da sua quota:

Com o seu rádio, por exemplo, proceda da seguinte maneira: Ligue-o sómente nas horas em que, realmente, pretende ouvi-lo. Quando tiver visitas em casa, desligue-o. Inúmeras vezes o aparelho fica ligado sem que pessoa alguma possa ouvir, pois estão todos entretidos na conversa.



Não se esqueça de desligá-lo antes de se deitar. Muitas vezes o rádio fica ligado durante a noite inteira, consumindo eletricidade enquanto toda a família está dormindo.



Não o deixe ligado enquanto está entretida com os afazeres domésticos. Antes de sair de casa para fazer compras ou a passeio, ou ao se dirigir a outras dependências da casa, verifique se o aparelho está desligado.

Um rádio comum de 5 válvulas, permanecendo ligado durante o dia inteiro, ou seja, durante 10 horas, pode consumir até 0,5 kWh. Siga estes conselhos, em benefício de sua própria economia. Controle os seus gastos mensais de eletricidade, lendo o "relógio de luz" periodicamente.



ECONOMIZE ELETRICIDADE

Standard

A LÍNGUA E O BRASIL

...a língua que nós, no Brasil, temos procurado tornar cada vez mais luminosa e sensível à compreensão universal, a língua que é espelho da nossa unidade geográfica; a língua em que Machado de Assis desenhou alguns tipos eternos, algumas verdades humanas; em que Euclides da Cunha fixou o tropel do oeste brasileiro na sua angústia e no seu espanto; em que Rui Barbosa renovou em nossos dias a grande eloquência do século XVII.

...a língua em que Castro Alves fez a redenção dos escravos; Gonçalves Dias a legenda do Índio. Olavo Bilac o friso das bandeiras; a língua que Joaquim Nabuco celebrou a Camões, em que Graça Aranha escreveu as páginas de "Chanaan" e José de Alencar ainda hoje nos comove, revivendo o poema do sertão e o lendário da selva.

Essa, a língua que ficará, que se universalizará, que há de ser ou voltar a ser, um dia, o arauto de uma deslumbrante cultura ocidental, a língua de um grande império atlântico, nobre língua, que o nosso orgulho e a nossa fé tornarão cada vez mais poderosa e bela...

Oswaldo Orico

Hotel Luzo Brasileiro

QUARTOS TODOS ENCERADOS COM
JANELAS PARA O AR LIVRE E
ÁGUA CORRENTE.

Americo de Almeida

118, PRAÇA DA REPÚBLICA, 118

Entre Alfandega e Presidente Vargas

TELEFONE 43-2498

RIO DE JANEIRO

Panificação Laís

PREFERIDA DAS EXMAS. FAMÍLIAS DA
TIJUCA

— SEÇÃO DE CONFEITARIA —

Doces Diversos, Conservas, Bebidas finas
Presuntos, etc.

João Dias Pereira

Estabelecimento montado com toda a higiene

RUA ANTONIO BASILIO, N.º 193-A

TIJUCA — Tels. 38-0999 e 38-1700 — RIO

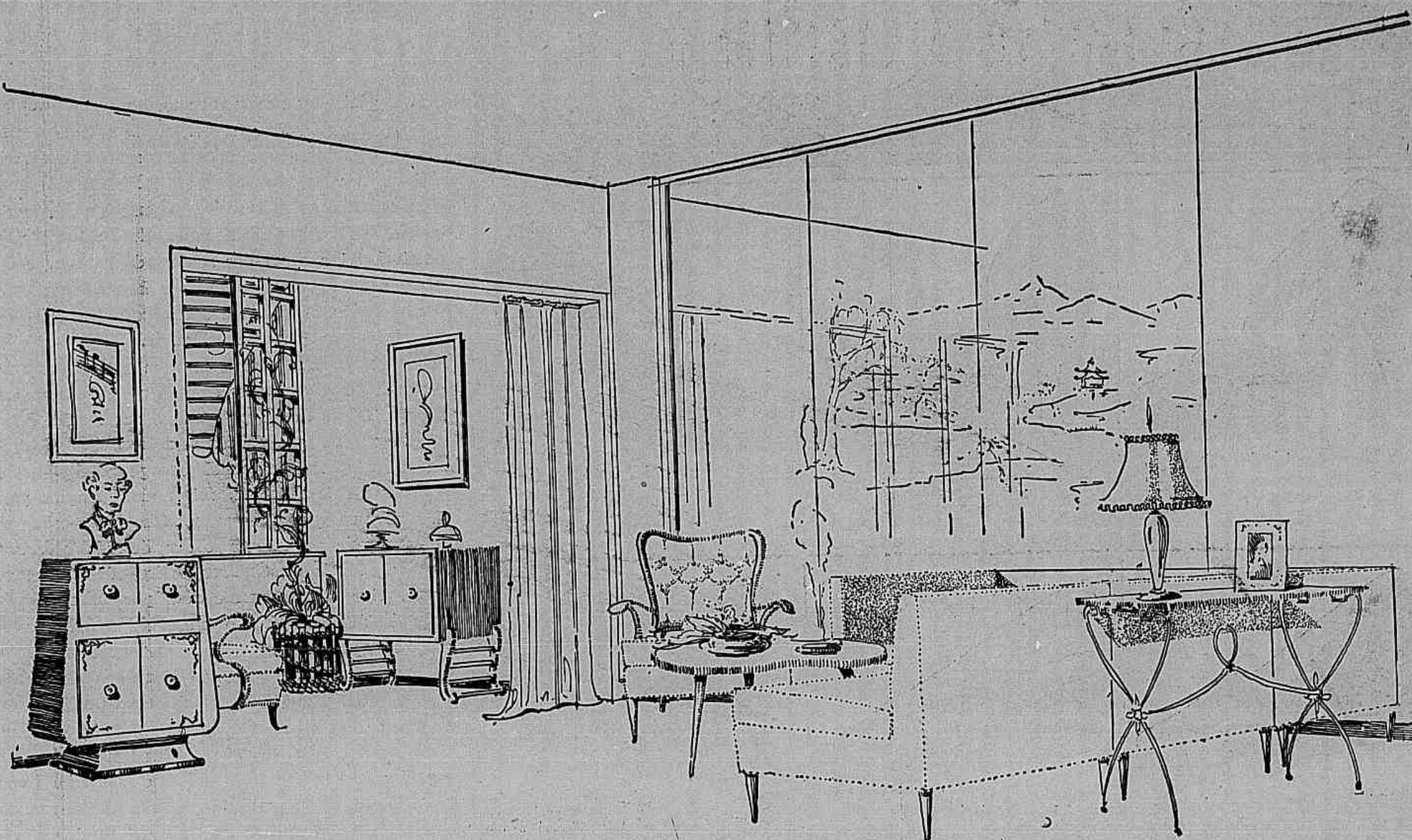
"PRIMEIRAS LETRAS"

DA COLEÇÃO SETH

CARTILHA PRÁTICA COM DESENHOS QUE
TORNAM MAIS FÁCIL A ALFABETIZAÇÃO
DAS CRIANÇAS E ADULTOS.

• 17.ª EDIÇÃO — PREÇO: Cr\$ 4.50

Distribuidores: S. A. "O MALHO" — Senador
Dantas, 15 — 5.º andar — Rio de Janeiro



Projeto e execução da CASA NUNES

Mobiliários e Decorações

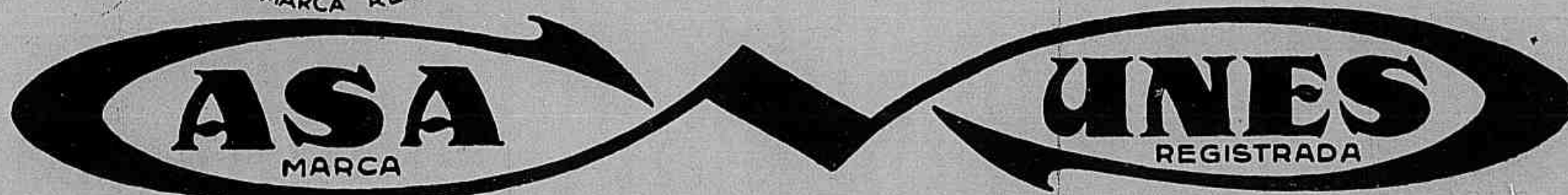
orçamentos e sugestões
executados por técnicos
especializados.

GRUPOS ESTOFADOS

prontos para entrega imediata



TAPETES E PASSADEIRAS
de todo o mundo, fabricados
especialmente para a



65, Rua da CARIOCA, 67 - Rio

Sapataria Callisto

A TRADICIONAL LEADER DA ELITE TIJUCANA



3002 — Novidade. Pelica ou camurça, sangue, preta, azul e marron. Saltos 5 e 7 1/2. Cr\$ 200,00



3003 — Camurça, preta, azul e marron. Saltos 5 e 7 1/2. Cr\$ 180,00



3.001 — Meia estação. Camurça, preta, azul e marron. Saltos 5 e 6 1/2. Cr\$ 200,00



3.006 — Sport. forrado de pelica branca. Anabela, salto 4 cm. Camurça preta, azul e marron. Cr\$ 135,00



3.004 — Anabela. Salto 3 1/2. Combinação em camurça e pelica. Côres havano, azul e sangue. Cr\$ 135,00

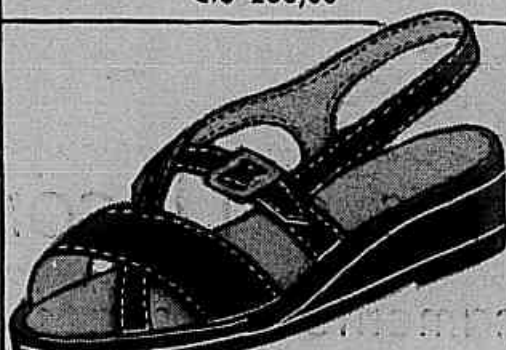


3.000 — Toilette. Camurça com aplicações de pelica. Preto, azul, sangue e marron. Salto 7 1/2, cortiça torrada. Cr\$ 280,00



3.007 — Novidade. Salto de sola 1 1/2. Camurça nas côres preta, azul e marron. Cr\$ 135,00

Para todo o Brasil, porte simples — Cr\$ 3,00
Com valor declarado — Cr\$ 5,00
Não trabalhamos pelo reembolso postal.



3.005 — Sport. Salto 1 1/2. Pelica Naco. Côres, azul, sangue, ambar, branco. Ns. 32 a 39. Cr\$ 90,00

Pedidos a M. J. CALLISTO PEREIRA

por cheque, vale postal ou carta com valor declarado exclusivamente

RUA ESTACIO DE SÂ, 157 — RIO

CAIXA - POSTAL
2644



MARCA REGISTRADA

END. TELG.
"CARV - LHAL"
CODI. RIBEIRO

CARVALHAL COMPANHIA TECIDOS S. A.

(CASA FUNDADA EM 1872)

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE TECIDOS POR ATACADO

RUA DA ALFANDEGA 91

TELEFS. 23-1695
23-1696
23-2828

RIO DE JANEIRO
BRASIL

A GRANDE PAIXÃO DE MUSSET

O gênio dos poetas é como um grande resplendor que atrai as borboletas femininas. No entanto, quase todos os poetas têm sido infelizes com as suas mulheres! Da dor do amor têm nascido os mais belos poemas que fizeram a glória dos trovadores. A dama ideal, a mulher impossível, foi a musa dos sonetos de Petrarca e dos poemas de Dante, profundos e harmoniosos como o mar latino. A glória e o inferno destes dois poetas chamaram-se Laura e Beatriz.

A poesia moderna é mais humana e as musas mais carnisais. Os poetas não cantam as divinas quimeras que talvez lhes ignorassem o sentimento, e sim criaturas reais que os fazem sofrer.

Aurora Dupin — a gênial George Sand — célebre romancista francesa, foi a musa trágica para dois artistas que a amaram. Chopin, moribundo, pensava nela ao compor o seu derradeiro *Nocturno*. e na *Noite de Outubro*, Alfred de Musset vê a sua vida completamente róta por influência da tragédia amante. Já não era mais o belo cantor moço e apolíneo que escrevera *A noite de Maio*. O dandy gracioso e amável tornou-se de súbito um lugubre frangalho humano, embrutecido e esfarrapado, endoidecido e aniquilado pelo demônio do álcool. Imediatamente veio-lhe impotência para escrever. Foi o seu mais doloroso martírio. Logo a seguir, a morte buscou-o. E a causa dessa tragédia foi a infidelidade de George Sand que, escêntrica, entregou-se ao mendigo Pagello, enquanto Musset se encontrava enfermo em Veneza.

Mas George Sand cansou-se bem depressa das carícias do italiano e voltou à procura de Musset, que a rejeitou e talvez neste momento ela compreendesse que o amava realmente, agora sem remédio para aquele dano. Um dia cortou a magnífica cabeleira e remeteu-a a Musset, que encontrou, numa noite, Sand à sua porta, a esmolar-lhe o carinho do seu amor. Musset, porém, completamente embriagado, deixou-a na porta, sem se dignar fazer caso da tardia explosão amorosa, muito comovedora e teatral.

Outras mulheres tentaram reconquistá-lo, mas Musset já caíra no tenebroso abismo do indiferentismo.



Bom penteado
todas as horas
graça a

Gomalina EXCELSIOR

PARA ASSENTAR O CABELLO

PRODUCTO VEGETAL
NÃO GORDUROSO

EMBRUJO
DE SEVILLA



Um perfume de grande distinção

MYRURGIA



A. PACHECO

Guerra Junqueiro

A sua lira foi um heptacórdio em que vibraram com todos os efeitos sonoros da lingua portugueza a elegia, o madrigal, a sátira, a epopeia, o canto alexandrino, a ode anacreontica e a religiosidade naturista dos soluços á lux e ao pão. Séculos depois de Camões, o confidente das Tagides, Guerra Junqueiro é o claviculário dos novos segredos da Poesia em ritmos, cores, imagens.

Como satirista e como épico, ele quiz ser no principio o atirador cujos, hemistiquios, dizia, eram balas ou setas, disparadas contra o mesmo alvo — D. João ou o Padre Eterno, — mas nenhum desses tiros abateu o guitarrista lendario; atingiu o Omnipotente na sua eternidade. D. Juan continua imperando sobre o coção das mulheres; Jeová resplandecendo para os devotos do Tabernáculo.

Por fim o poeta disistiu de outros poemas semelhantes, anunciados em 1885 — “A Morte do Padre Eterno” e “Prometeu liberdade”, que a musa de Shelley, transcendental, já libertara num drama em quatro atos — “Prometheus unbocend”. Ele havia conquistado, porém, a celebridade instantanea, ofuscadora, nas duas anteriores composições heterogenas e hugoanas — batalhas de imprecações, metáforas e sarcasmos, horisontes pelas quais relampeava de onde em onde o genio.

Fora da lenda espanhola e do mito grego, o poeta veria cumprir-se melhor o proprio destino, entre as evocações de Portugal campestre das vindimas e dos rebanhos com “Os Simples” ou mesmo de Portugal tragico-maritimo, na grandeza e na decadencia do seu império, com a “Patria”. Se a tragédia lusitana, em descobertas e naufragios, teve por cenário o mar, donde lhe aduiu a gloria, mas onde se abismou o reino, foi no tempestuoso caminho das Indias que se acastelaram as forças animicas do poema singular e sublime. Guerra Junqueiro tornou-se o poeta finalisticamente

português, fundamentalmente lusiada, como soube ve-lo e defini-lo Miguel de Unamono: — ...“el poeta de nuestro pueblo hermano”. Afloram no seu dominio, então, os veios camonianos da epopeia e da lirica — veios de ouro nativo ou de agua cantante, inesgotaveis.

Em raptos e visões, tormentas e simbolos, com o heroismo de Nun' Alvares e a loucura de seu povo, ele chegou á dramatização da Historia; em paisagens, noturnos e reminiscencias, para o bucolismo dos “Simples”, a ideação da Natureza. Poeticamente, a Aldeia transmontana ou minhota, universalizada nesse canto, encerra a humanidade perfeita dos Evangelhos, composta de almas infantis. E através da mesma religiosidade ascende o plenilunio sobre a dança das ceifeiras; arde o castanheiro no lar crepitante, aquecendo avelhice; oram ermidas sobre a nudez fragosa dos montes; branqueja dentro da noite o Campo Santo, em leito de flores, para os avós e os netos, os pegureiros e os cavadores, as boeirinhas e os xagais. Sentimos que o poeta revive espiritualmente a vida singela dos humildes, não só inspirado pela força das emoções, mas iluminado pela divindade, ao entardecer, na incandescencia das sarças do fogo ou nos ermos dos alcantis, onde aparecia o demiurgo aos eleitos.

Com o seu nariz aquilino, a imensa barba e os olhos acesos, verberando as potencias do clero, da bolsa e do trono, Guerra Junqueiro dava aos contemporaneos a impressão judaica de um profeta recémvindo da Biblia. Mas o eco das profecias reboantes já se esvaiu para os tempos novos. E ainda hoje perdura, inimitavel, no esplendor da lingua e da arte o lirismo português do seu canto, voz matinal de cotovia sob a estrela d'alva, hino modulado ao sol nascente por essa vibração da terra em flor:

— “tão limpido, tão alto que parece
que é a estrela no céu que está cantando”.

CELSO VIEIRA

DA ACADEMIA BRASILEIRA

GUERRA JUNQUEIRO,

como o li e conheci

Por JOÃO DE BARROS

Talvez se julgue pretencioso o título que dei a esta singela palestra, homenagem e não crítica à obra e à figura de Junqueiro. Devo dizer desde já, aliás, que se a crítica imparcial à personalidade dos grandes homens pode ser útil — sempre entendi que a deve inspirar a admiração e nunca o desejo mórbido (tão frequente no nosso tempo) de dissecar-lhes os defeitos, de diminuir a irradiação que deles emana. Para mim, o velho Ruskin tem e teve sempre razão: — um dos mais nobres e mais necessários atributos do homem é a capacidade de admirar. Essa capacidade de admirar, quando sincera e honesta, não exclui, já se vê, a faculdade de discernir, avaliar, pesar e medir o que, ou a quem se admira. Mas cria e mantém o respeito indispensável a tudo quanto é beleza e grandeza, a repele aquela tendência, em muita gente inata, de reduzir às mesquinhas proporções de certos e incompreensivos analistas do gênio e talento alheios, o valor de aqueles cujas criações estudam. Isto tem acontecido a Junqueiro, para vergonha da nossa época. Ainda há por aí gente que tenta amesquinhar ou empanar sua legítima glória — por motivos de caráter pessoal ou político, sectário ou fanático, tal como se vivo fosse e tirasse o ar a alguém. E, de fato, afinal Junqueiro continua ainda vivo — de tal modo a sua presença espiritual a sentimos, a haurimos a cada passo. Lendo, meditando e recitando os seus poemas, essa presença impõe-se logo e a sua voz, a voz que nos seus poemas nos fala, ouvimo-la logo, e não é preciso tê-lo conhecido sequer para que assim o tenhamos junto de nós.

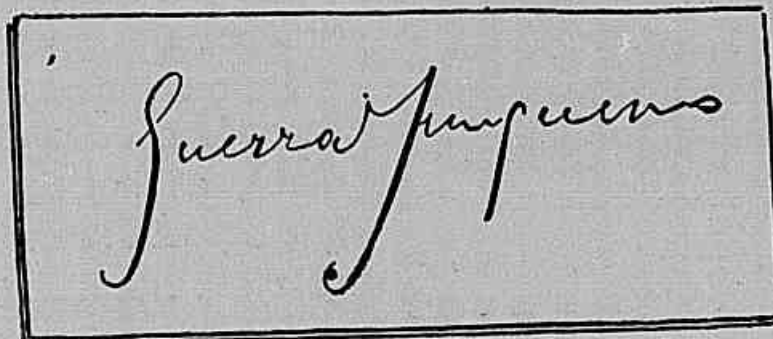
Foi isso que exatamente me sucedeu na primeira vez que tomei contacto com a obra de Junqueiro. Ao contrário do que em geral acontece com os leitores da poesia Junqueiriana, a minha iniciação começou pelos "Simples", e não pelos seus livros de combate, de civismo veemente, de sarcasmo indignado contra a injustiça e a opressão, contra a ausência de amor pátrio, contra o vício e o fanatismo. Atravesso-me a recordar esse momento de pura exaltação infantil (pois eu tinha então apenas doze ou treze anos) e acompanhava a minha família a umas terras do país. No Hotel onde nos tínhamos alojado estava uma senhora de alta distinção, harpista notável, aplaudida por selétos públicos, mulher de fina e apaixonada sensibilidade, Dona Raquel Luiselo. A primeira edição de "Os Simples" acabava de sair, e curiosa como era, de todas as novidades literárias, Dona Raquel Luiselo mandara vir o livro de Lisboa. Assim que o leu entusiasmou-se, e comunicativa e entusiástica, não guardou para si o entusiasmo: — quiz transmiti-lo aos seus companheiros de hotel. Passou a ler em voz alta, a quantos conhecia ali, os poemas enfeitantes reunidos no livro em "Os Simples". E do seu auditório — não afastava as crianças. A revelação, para a minha ansiedade de poesia — já nesse momento muito grande, embora e de certo inconsciente — deslumbrou-me. Entrava por aquele abrigante e iluminado pórtico na obra de Junqueiro. E só mais tarde, quando se publicou a shakespeariana, a esquiliana, tragédia da "Pátria", quiz ler, e lá, "A Velhice do Padre Eterno" a "Morte de D. João", o "Finis Patriae" a "Marcha do Ódio" e o prodigioso "Hino de algum dia" e me familiarizei com toda a obra de Junqueiro anterior às "Orações".

Essa circunstância, muito especial, sem dúvida, permitiu-me situar e compreender desde logo a essência idealista dessa obra. O homem, o poeta que Moniz Barreto louvava "pela suntuosidade da frase, pela correção magistral do verso, pela sobria graduação dos feitos, pela arte consumada de formular, intinar, ordenar e lançar à circulação um tema poético", recomendando que "para ver a manifestação do dom fundamental do espírito de Junqueiro... terão de considerar-se as suas composições satíricas, onde se revela uma verdadeira aptidão sarcástica, esse homem, esse poeta era já nessa mesma altura, afinal, como diz a lúcida apreciação de Eça de Queiroz, "um beato de idealismo". E Eça

de Queiroz é que tinha razão. "As três luas do Bem, do Belo e da Verdade", invocadas por Junqueiro em "A Morte de D. João" iluminaram-nos toda a vida, e toda a vida ele foi sempre — apesar dos seus dons de sarcasta, que não é possível negar — o cantor ingênuo que na hora da juventude exclamava: "Avante! Azorrai a frente do Satan-com lategos de aurora..."

Providencialmente, o conhecimento de "Os Simples", a iniciação através da comovente e inextinguível doçura desses poemas — ensinou-me de entrada o idealismo de Junqueiro, e nunca me deixou olhá-lo só ou sobretudo, como um sarcasta superior (que aliás o era também) mas como um poeta completo, como o vate por excelência, como um idealista de extremos profundas suaves e imperativas delicadezas de alma. E, simultaneamente, impediu-me sempre de isolá-lo da influência — que em certo momento da sua vida literária o teria tocado — da influência de Victor Hugo, com que tentaram em tempos apoucar a sua ingênita originalidade, e que, em suma, se existiu — e não o nego — logo afrouxou e se perdeu na vibração personalíssima do lirismo e da arte de Junqueiro.

*
* *



Autógrafo de Guerra Junqueiro

Idealista em tudo e por tudo, na obra, na vida, nas negações e nas afirmações, na doçura e na cólera, na realidade e no sonho. E não se ilude Lopes de Oliveira quando acentua, no seu lucidíssimo e cativante ensaio sobre Junqueiro — monumento de respeito quasi filial, que entenece e cativa quando acentua que mesmo na política Junqueiro era idealista máximo, porque "para homens como Junqueiro a política é a investidura de uma missão sagrada, pertence ao domínio religioso, é de pontifício acrisolado em provações". Assim, numa hora de angústia patriótica, sofrida crispadamente pelo poeta, faz de Junqueiro — no "Finis Patriae", na "Marcha do Ódio" e no "Hino de algum dia", uma espécie de Tirteu português.

Brados de desespero, êsses poemas o que são? Um protesto, uma explosão de indignada queixa, uma elegia soluçante? Sim, são tudo isso, não há dúvida. Mas são qualquer coisa mais: — são um apelo à coragem e à dignidade do Povo; incitam mais do que choram; estimulam mais do que pranteiam; entusiasma mais do que lamentam. Preparam para o combate cívico da redenção coletiva. "É preciso um homem, uma consciência, para fazer um poeta", adverte o sutil André Suarés. A prodigiosa arte de Junqueiro oferece-nos, no "Finis Patriae", na "Marcha do Ódio" e no "Hino de algum dia", a expressão de uma consciência sangrando, exaurindo-se em lágrimas, mas também em apelos, mas também erguendo ao alto um fecho de esperança, um lábaro guiador, uma estrela de confiança e de fé.

Todos se recordam, decerto, desses versos, cuja vibração se alarga em ondas de sequiosa veemência. Pela voz do Poeta fala Portugal inteiro: as choupanas dos camponeses, as pocilgas dos operários, os casebres dos pescadores, os hospitais, as escolas em ruínas, as cadeias e os condenados, as fortalezas desmanteladas, os monumentos arrasa-

dos, as estátuas dos heróis, e, por fim, o próprio vate, que, numa candente invocação à mocidade, lhe aponta o vulto humilhado da Pátria:

Por terra, a túnica em pedaços,
Agonizante, a Pátria está!
Ó mocidade, oiço os teus passos!
Beija-a na frente, ergue-a nos braços,
Não morrerá!

Já desfalece, já descora,
Já balbucia, é morta já!
Não! Mocidade, sem demora,
Dá-lhe o teu sangue, ébrio de aurora,
Não morrerá!
Rasga o teu peito, sem cautela,
Dá-lhe o teu sangue todo, vá!
Ó mocidade, heróica e bela,
Morre a cantar... morre!... Porque ela
Reviverá!

Grito de civismo exaltado e magnificado, o "Finis Patriae", no entanto, nunca lisonjeiro em nós os instintos de um nacionalismo estreito. Uma infinita piedade, uma cristianíssima paixão pelos humildes, pelos desgraçados, (e pela desgraça da Pátria) dá às suas estrofes, como que sincopada de aflição, uma amplitude e uma nobreza que vão além dos vulgares trenos patrióticos. Portugal ergue-se ali na dignidade austera da grei, não reclamando galardões nem ostentando vaidades, mas pedindo justiça, solidariedade, amor e compreensão do seu destino de sempre.

É o Portugal encantador e sublime, o Portugal do heroísmo sincero, cândido e honesto, o Portugal que Junqueiro sempre adorou e celebrou, e que em "Os Simples" — nesse poema de ternura, publicado anos depois da varonil e impetuosa deflagração de "Finis Patriae" — imortalmente alvorece em misericordiosa bondade, em vitoriosa doçura, em lirismo de nunca ouvidos e sempre irradiantes acordes. Aliás, o carinho, a devoção de Junqueiro pelos deserdados da fortuna, pelos abandonados da sorte, pelos grandes de coração e puros de espírito — pelos simples, em suma — é seu natural e ingênuo apanágio.

Como todos os grandes, os verdadeiros poetas, Junqueiro, se não criou uma filosofia, criou uma ética. Uma ética não conformista, já se sabe, como também os grandes, os verdadeiros poetas a criam. Eles são o albatroz de Baudelaire: "ses ailes de géant l'empêchent de marcher". Não se acostumem, pelo menos, a andar com o passo da cautela e do medo, não sabem pisar, satisfeitos, os fáceis, os comodos caminhos do egoísmo e da covardia.

Junqueiro rebelava-se a cada instante contra as misérias do efêmero quotidiano, e daí os seus corrosivos sarcasmos, a violência punidora contra a iniquidade e a mentira. Mas, ao mesmo tempo — e logo o manifesta em "A Morte de D. João" e na "Velhice do Padre Eterno" — uma absorvente e dominadora paixão pelos que sofrem e penam, pelos que lidam com esforço e resignação e as vaidades e a febre do prazer não maculam, essa paixão absorvente toma-lhe a alma e conduz-lhe a inteligência.

Atitude espontânea, que bem documenta e justifica aquele revelador, embora talvez olvidado conceito do gênio poético: — "um poeta é uma firme e perene ascensão para o céu". Para o céu, isto é, para uma região espiritual onde não há desigualdades que chocam, injustiças que ferem, preconceitos que magoam, vícios que afrontam e cobardias que envergonham...

Não falei a Junqueiro, não me apresentaram a ele, senão no limar da sua magnífica velhice, se é que Junqueiro alguma vez o foi velho, aí por 1903 ou 1904. Tempos antes, atrevera-me a duvidar da sua ética, da essencial da sua moral cósmica e não só

humana. E ainda duvidei nessa ocasião. Mas de-
pressa verifiquei que me enganava.

"Acredite", dizia-me nessa longínqua noite o Poeta, cravando em mim os olhos lucilantes de visionário e de animador, "acredite que me punge às vezes a própria e secreta dor das pedras". Eu era muito novo então. Sorri. Sorri — e não acreditei logo. Não acreditei inteiramente. Todavia, ao voltar para casa fui reler toda a sua obra e... arrependi-me do incrédulo sorriso. É que na realidade, aquilo que se tem chamado o panteísmo de Junqueiro, nunca se poderá confundir com o panteísmo vulgar: é o poder estranho de adivinhar e abraçar os mais recônditos frêmitos da natureza, transpondo-os em síntese melodiosas e sugestivas. E já no poemeto "A Lágrima", que o excesso de más recitações tem desvirtuado na sua beleza comovedora, esse panteísmo se revela: — o poeta sente e comunica-nos a aridez da terra, o refúgio hostil da folha-de-figueira.

"Mendiga que se nutre a pedregulho e lava" e a inexprimível angústia do ressequido "cardo agreste". Não espanta, pois, que o "Peregrino" do "Prelúdio" de "Os Simples" tanto deseje conseguir a perfeição das almas, como sonha a eterna primavera do globo:

"Florirei as pedras pelos maus caminhos!
"Levo a luz dos astros e as canções dos ninhos,
"A sorrir nos beijos e a tremer no olnar...

E, regressando desiludido, é uma presença não humana, uma presença desse vasto universo, do qual o poeta se adivinhava e queria cidadão fiel, e o cintilar virgínio de uma estrela que o vem consolar.

Só tu, estrela, me conheces
Em minha dor, minha aflição!
Só tu não dormes, não me esqueces...
Só tu ouviste as minhas preces...
— Bendito, estrela, o teu clarão...

A simpatia, a fraternidade familiar de Junqueiro com as forças elementares da natureza e com as criaturas inocentes que pautam a sua existência trabalhosa pelo ritmo do mundo que as rodeia — os versos de "Os Simples" a retratam, a evocam maravilhosamente.

São os "bois enormes, bondosos monstros enigmáticos", que abrem sulcos onde "canta a cotovia, as boninas riem e amadura o pão"; é o castanheiro cuja alma o poeta pesquisa e interroga: é a moleirinha, sob a benção da farinha de ouro" do firmamento; é o fuso alegre que foi "ramo verde, sob qual já palpitarão asas"; são as "eiras ao luar" e as ermidas sob azuis magoados"; é a saudade dos corações ingênuos por alguém que está nas "terras de além-do-mar"; é o pastor de tão mansa grandeza, de tão doce virtude, que se torna anjo e vai apascentar almas no céu; é o "cavador", fantasma negro nos caminhos", símbolo doloroso de quantos buscam num solo ingrato o pão amargo da miséria; são os pobrezinhos que viverão um dia "na eterna luz, pobres benditos, amém Jesus"; e é o extraordinário "Campo Santo", elegia exaltada de todos aqueles que, exuastos de lutar e amar na terra, sobre o seu regaço maternal adormecem, na certeza de uma recompensa e de uma paz celeste para além-do-túmulo. Deus menino os espera, "para com eles repartir o mundo". Por fim é o treno resignado do "Regresso ao Lar", epílogo daquela ajoelhada peregrinação espiritual!...

Neste livro — inefável cortejo de luminosas sombras, em que os seres humanos têm não sei que vegetativa serenidade de plantas, e em que as plantas e os animais possuem não sei que obcecante consciência de homens; nesse livro de inédito lirismo bucólico, e, sob esse aspecto, inigualado ainda na poesia portuguesa, se é que vez alguma poderá ser igualado: — neste livro de recatado e insofrido fervor, há apesar de tudo isso, um ou outro laivo de inquietação, que mais humano o torna, e, num breve momento mesmo, uma nota de cáustica e condenante ironia. É quando, depois de evocar a vida frugal e casta dos pastores, em cuja alma se embebe:

Tudo que é inocência, riso, amor, clarão,
Frêmito de pomba, voz de cotovia,
Cânticos de montes ao nascer do dia,
Lágrimas dos astros pela escuridão;

é quando, depois de erguer um lino de ternura à vida do pastor, do pastor que

Levará no esquife, para os céus, a palma
Da grandeza mansa, da virtude austera,
Realizou no mundo a perfeição da alma.
Porque foi um santo sem saber que o era.

O Poeta muda de tom e diz:
Vós, ó semi-deuses do entremez da glória,
Césares, tiranos, capitães, heróis,
Épicas figuras de imortal memória,
Que de cêro em cêro iluminais a História
Como crepitantes, trágicos faróis,
Na região do Imenso, no Infinito puro,
Onde me deslumbra, como um sol, Jesús.
Não sois mais que larvas a tremer no escuro,
Que ninguém conhece, que eu em vão procuro
Com meus olhos calmos nesse mar de luz.

Junqueiro, no apaixonado fervor de "Os Simples", canta a humildade, a piedade, a cósmica e inefável ternura emanada do universo, o carminho da beatitude. Mas não tinham ainda adormecido no seu gênio os gestos de indignação perante o que julgava baixeza, vileza, despotismo e cobardia. As "larvas da História, os semi-Deuses do entremez da glória" ia sentir mais uma vez o despertar terrível da sua cólera flamejante. E Junqueiro escreve, compõe e publica essa tragédia épica ou essa epopeia trágica, tecida de relâmpagos e de preces, de desespero e de esperança, de angústia e de amor que é o seu poema "Pátria".

*
* *

Mas aqui, antes de mais nada, temos de varrer um certo número de preconceitos míopes que se diriam ocultar ainda a total grandeza do poema. Refiro-me às acusações de injustiça, de que é alvo Junqueiro, no desenho e apresentação de certas figuras evocadas em "Pátria". Não me custa nada confessar — e Junqueiro voluntariamente o fez que, por exemplo, o personagem do Rei não corresponde inteiramente à verdade histórica à realidade que se conheceu depois. Todavia, pergunto: — sob o ponto de vista propriamente e exclusivamente poético terá de entrar em linha de conta esse pormenor, por mais irritante que pareça a alguns, dado que Junqueiro, poeta, foi, como todos os poetas cívicos, um intérprete do ambiente nacional em determinado período da História? Acaso o "Inferno" de Dante, ficou diminuído na sua beleza e grandeza, no seu vigor dramático e formal, só porque o autor de "A Divina Comédia" lançou às chamas diabólicas as almas dos seus inimigos políticos entre os quais um papa que apresenta numa posição sacrilega e vexatória? "Os fatos e os homens, os séculos e as paixões" — ensina um crítico de apurada lucidez — "tudo constitui apenas os sinais do mundo exterior e interior do poeta". E o que são os personagens da "Pátria" — desde os mais indignos ao Doido e a Nun'Alvares — senão sinais, símbolos, emblemas da vida de Portugal numa hora de provação? Senão imagens da revolta do Poeta contra aqueles a quem atribuiu responsabilidade máxima na decadência do país, ou símbolos da sua esperança inquieta, mas inabalável na redenção da grei? As autênticas obras de arte são intemporais. Leia-se "Pátria" a luz desse critério sereno e imparcial e logo a nossos olhos resalta, em toda a sua plenitude impressionante, a perfeição épica e trágica do livro. Trágica, no melhor, no mais nobre sentido do termo — no seu sentido repito, esquiliano e shakespeariano — porque o poema, dominado pela presença inexorável da Fatalidade, é, no fim iluminado pelo alvorecer de uma nova certeza de vida. Tal como em Esquilo ou em Sofocles, o Poeta arremessou, projetou para fóra de si a visão dolorosa que o torturava e deu-lhe a sua máxima intensidade de expressão. É tudo morte, ruínas, vilipêndio, miséria, amargura sombria. Mas, transposto esse horizonte noturno, de áspero e frio negrume, outro horizonte — como na vida real — já dealba, já madrugada mais além. Portugal vai ressuscitar: — o pesado e quasi solene montante de Nun'Alvares, uma criança, atônica e tímida, o segura e agita nas mãos pequeni-

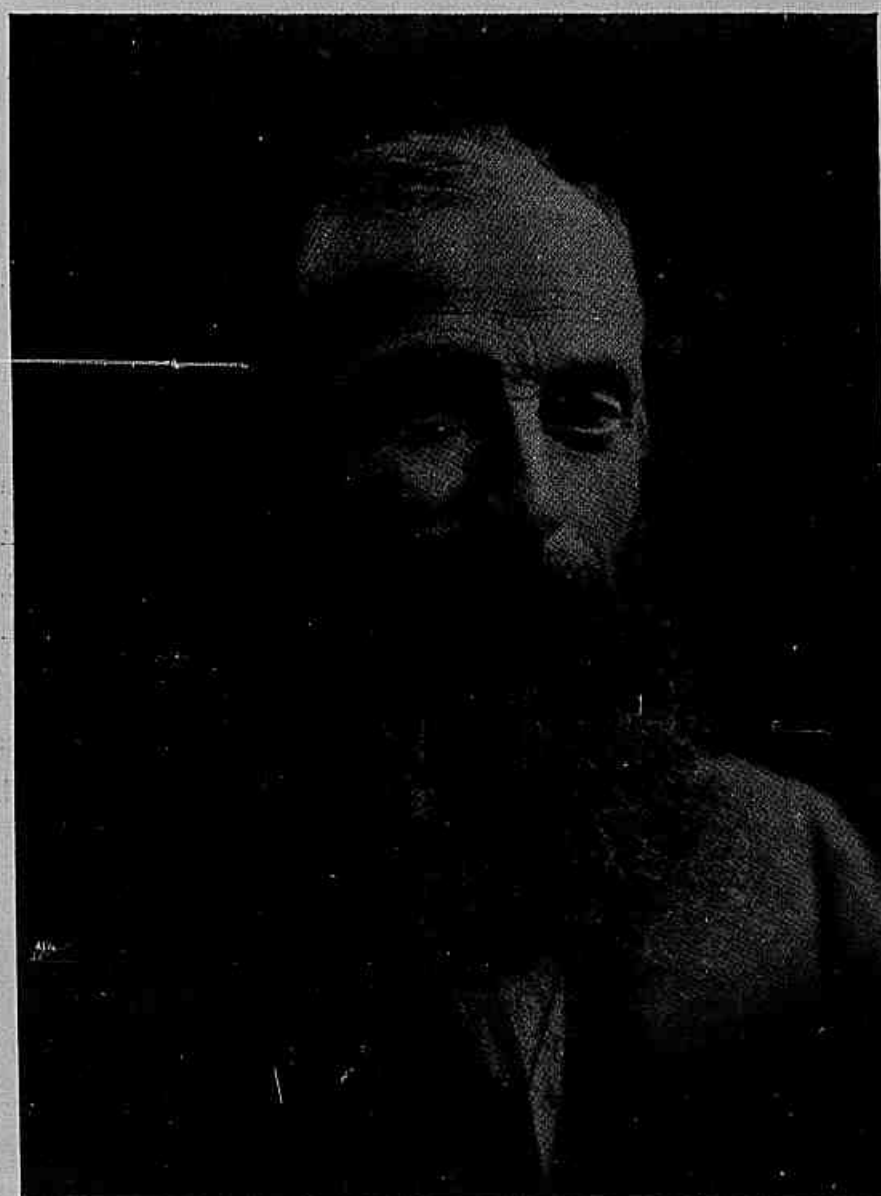
nas. A Pátria agonizante começará a reviver. Escutamos os primeiros vagidos desse novo nascimento. A condenação do passado termina, no poema de Junqueiro, por um grito de fé no indeciso, mas promissor amanhã. Descemos, por sua mão mais tenebrosos horrores da vergonha e da "apagada e vil tristeza", para melhor adivinhar que deles saberemos em breve fugir e libertar-nos.

Os personagens da "Pátria" são faces vivas do nosso destino de então. O Doido é o simile exato da desesperança coletiva. Nun'Alvares, pelo sofrimento prometeico de uma consciência pura, acorrentada ao remorso de um pecado que a si mesmo não perdoa, é a pureza e a heroicidade de um povo que na dor caldeia as virtudes ancestrais de abnegação, de crença e de heroísmo. E que maravilhoso poder de ritmos, de imagens, de musicalidade, de exaltação convincente o de estilo varonil e sempre apropriado à emoção que produz! As frases, as palavras que menos poéticas se julgariam, são ali poesia, sempre e só poesia. Um só pro de abrasante veemência, e um irreprimido, um vertiginoso voo de confiança patriótica, junto a chicoteantes apóstrofes que dilaceram e punem, colocam este livro a par dos maiores poemas da humanidade. O sentimento cósmico de Junqueiro refluíu todo à sua imensa alma — para, incidindo só na aflitiva desventura da terra natal, a universalizar num poema eterno.

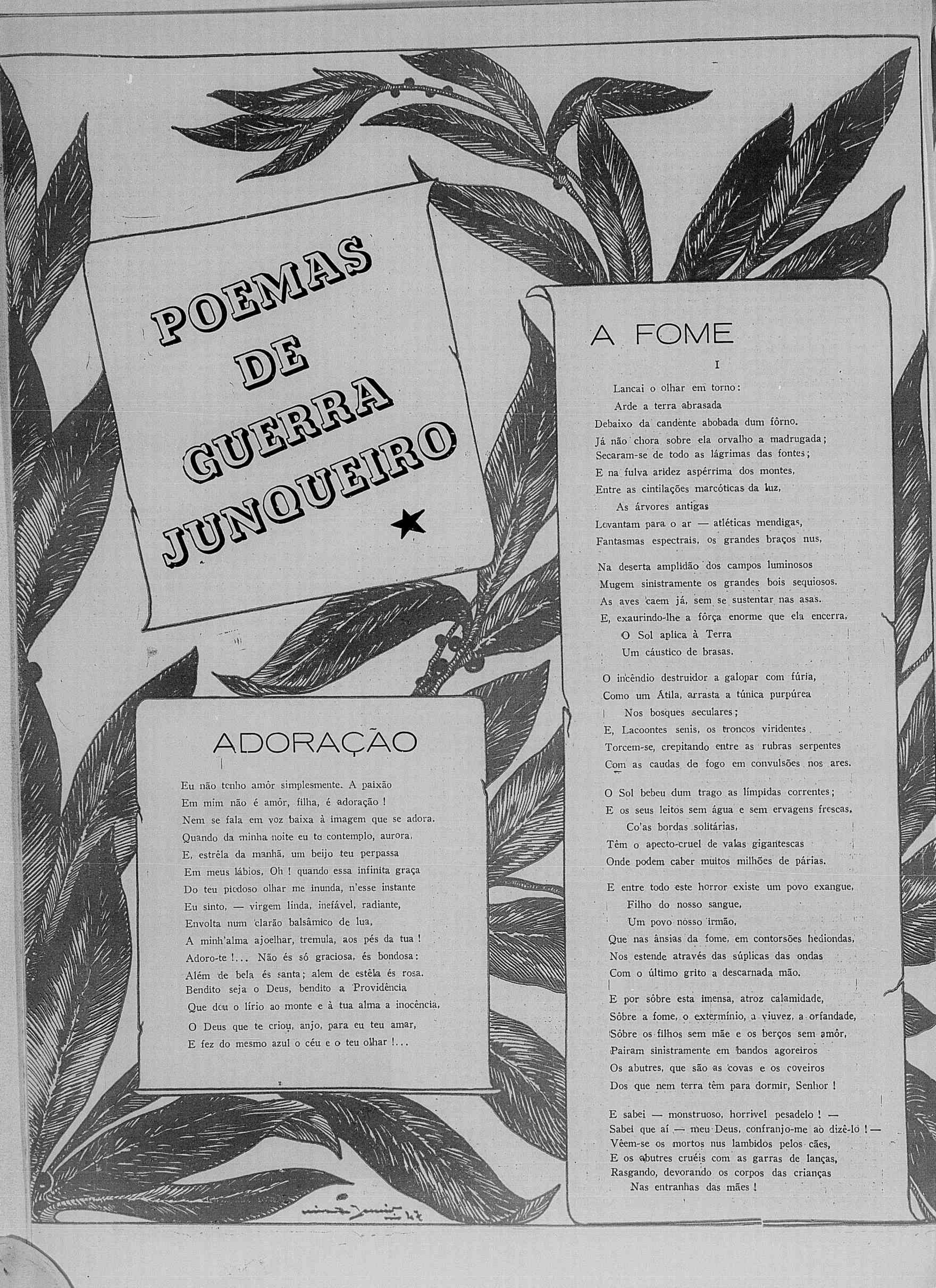
"Um coração bastante delicado não poderá sofrer o mesmo quando mata uma flôr ou quando mata um homem?" — disse um filósofo. Junqueiro, porque sofria até a própria e oculta dor das plantas e das pedras, sentia e sofria ainda, como ninguém, a dor mais sua irmã, mais sua íntima, da Pátria ferida, rebaixada, revoltada e lacrimosa. Mas é o Portugal, energia e valôr da civilização do mundo, o Portugal espírito e alma de varonil sentido universalista e nunca em Portugal de estreito e acanhado anseio cívico, o Portugal que Junqueiro celebra e canta nas páginas, comovidas e comoventes, desse poema em que parece falar e ecoar um pouco, senão muito, do majestoso civismo de Camões.

É o Portugal cujo povo parte um dia à procura de "astros de novos céus, floras de novos mundos", sequiosos sempre de novos horizontes, e que,


(Continúa no fim do número)



Guerra Junqueiro



POEMAS DE GUERRA JUNQUEIRO



ADORAÇÃO

Eu não tenho amor simplesmente. A paixão
Em mim não é amor, filha, é adoração !
Nem se fala em voz baixa à imagem que se adora.
Quando da minha noite eu te contemplo, aurora,
E, estrêla da manhã, um beijo teu perpassa
Em meus lábios, Oh ! quando essa infinita graça
Do teu piedoso olhar me inunda, n'esse instante
Eu sinto, — virgem linda, inefável, radiante,
Envolta num clarão balsâmico de lua,
A minh'alma ajoelhar, tremula, aos pés da tua !
Adoro-te !... Não és só graciosa, és bondosa :
Além de bela és santa ; além de estêla és rosa.
Bendito seja o Deus, bendito a Providência
Que deu o lírio ao monte e à tua alma a inocência,
O Deus que te criou, anjo, para eu teu amar,
E fez do mesmo azul o céu e o teu olhar !...

A FOME

I

Lancai o olhar em torno :

Arde a terra abrasada

Debaixo da candente abobada dum forno.

Já não chora sobre ela orvalho a madrugada ;
Secaram-se de todo as lágrimas das fontes ;

E na fulva aridez aspérrima dos montes,
Entre as cintilações marcóticas da luz,

As árvores antigas

Levantam para o ar — atléticas mendigas,

Fantasmas espectrais, os grandes braços nus,

Na deserta amplidão dos campos luminosos

Mugem sinistramente os grandes bois sequiosos.

As aves caem já, sem se sustentar nas asas.

E, exaurindo-lhe a força enorme que ela encerra,

O Sol aplica à Terra

Um cáustico de brasas.

O incêndio destruidor a galopar com fúria,

Como um Átila, arrasta a túnica purpúrea

Nos bosques seculares ;

E, Lacoontes senis, os troncos viridentes

Torcem-se, crepitando entre as rubras serpentes

Com as caudas de fogo em convulsões nos ares.

O Sol bebeu dum trago as límpidas correntes ;

E os seus leitos sem água e sem ervagens frescas,

Co'as bordas solitárias,

Têm o aspecto-cruel de valas gigantescas

Onde podem caber muitos milhões de párias.

E entre todo este horror existe um povo exangue,

Filho do nosso sangue,

Um povo nosso irmão,

Que nas ânsias da fome, em contorsões hediondas,

Nos estende através das súplicas das ondas

Com o último grito a descarnada mão.

E por sôbre esta imensa, atroz calamidade,

Sôbre a fome, o extermínio, a viuvez, a orfandade,

Sôbre os filhos sem mãe e os berços sem amor,

Pairam sinistramente em bandos agoreiros

Os abutres, que são as covas e os coveiros

Dos que nem terra têm para dormir, Senhor !

E sabei — monstruoso, horrível pesadelo ! —

Sabei que aí — meu Deus, confrango-me ao dizê-lo ! —

Vêem-se os mortos nus lambidos pelos cães,

E os abutres cruéis com as garras de lanças,

Rasgando, devorando os corpos das crianças

Nas entranhas das mães !

NO CEARÁ'

II

Quando inda há pouco o vendaval batia
Dos grandes montes nos robustos flancos;
E as nuvens, como enormes ursos brancos,
E em tropel pela abobada sombria
Dos canhões dos titãs, aos solavancos,
Arrastavam a rouca artilharia;

Quando os rios, indômitos, escuros,
Iam como ladrões saltando os muros,
Para roubar ao camponês o pão;
E, cruzando-se, os raios flamejantes
Abriam como esplêndidos montantes
De meio a meio a funda escuridão;

Quando os ventos aspérrimos, frenéticos,
Como ciclopes doidos, epiléticos,
Com raivas convulsivas
Perseguiam, bramindo às chicotadas,
Das retumbantes ondas explosivas
As trôpegas manadas;

Quando entre os gritos roucos da procela,
A fome — a loba — escancarava a goela
Uivando às nossas portas;
E andavam sobre as águas desumanas
Com os despojos tristes das choupanas
Berços vazios de crianças mortas;

Oh! nesse instante, ao vêr o povo exânime,
Pulsou da pátria o coração unânime,
Um coração de mãe piedosa e boa...
E das imensas lágrimas choradas
Muitíssimas então foram guardadas
Entre as jóias da c'roa.

Mas é certo também que além dos mares
Alguém ouviu, alguém, cortando os ares
Essa terrível dor;
E esse alguém é quem hoje, é quem agora
Morto de fome a soluçar implora
Mais do que o nosso auxílio — o nosso amor.

Vamos! Abri os corações, abri-os!
Transborde a caridade como os rios
Transbordam dos leitos em Janeiro!
Nem pode haver decerto mão avara
Que o pão recuse a quem lhe deu a seara,
Que a esmola negue a quem lha deu primeiro.

A miséria é um horrível sorvedouro;
Vamos! enchei-o com punhados d'ouro,
Mostrando assim aos olhos das nações
Que é impossível já hoje (isto consola)
Morrer de fome alguém, pedindo esmola
Na mesma língua em que a pediu Camões!

ELEGIA

A alegria da Vida, essa alegria d'Oiro
A pouco e pouco em mim vai-se extinguindo, vai...
Melros alegres de bico loiro,
Ó melros negros, cantai, cantai!

Ando lívido, arrasto o pobre corpo exangue,
Que era feito da luz das claras madrugadas...
Rosas vermelhas da cor do sangue,
Rosas abri-vos às gargalhadas!

Limpidez virginal, graça do Anacreonte,
Mimo, frescura, força, onde é que estais? não sei!
Ó águas vivas, águas do monte,
Ó águas puras, correi, correi!

Eu sinto-me prostrado em lânguido desmaio,
E a minha fronte verga exuasta para o chão...
Cedros altivos, sem medo ao raio,
Cedros erguei-vos pela amplidão!

MA' TER

Se a morte, d'olhar grave e pensativo,
Disseste à mãe piedosa de Jesús:
"Teu filho é homem nos teus braços, vivo;
"Morto, teu filho será Deus na Cruz.

"Em teus braços desejá-lo cativo,
"Ou morto e Deus, jorrando sangue a flux,
"E a tôda angústia dando um lenitivo
"E a tôda a escuridão perpetua luz?"

Que respondera, em lagrimoso anseio,
Cravado o olhar nos astros sempiternos,
A mãe de Cristo, unindo o filho ao seio?

Desprenderia de seus braços ternos
O filho amado? Talvez não!... Dizei-o,
Dizei-o vós, ó corações maternos!...

GUERRA JUNQUEIRO

POR MARIO MONTEIRO



Guerra Junqueiro não é apenas um nome. E' uma literatura potente, é uma patria gloriosa.

Em livros de autores consagrados, na minha terra fui, por vezes, acusado, como nas "Memorias de Guerra Junqueiro", de Lopes de Oliveira, de enquanto estudante, ter monopolizado a presença do maravilhoso autor.

Todos sabem que não sucedeu assim. Incluindo Lopes de Oliveira, o acusador, que foi quasi sempre o nosso companheiro de passeios, todas as vezes que Junqueiro resolvia ir à Coimbra.

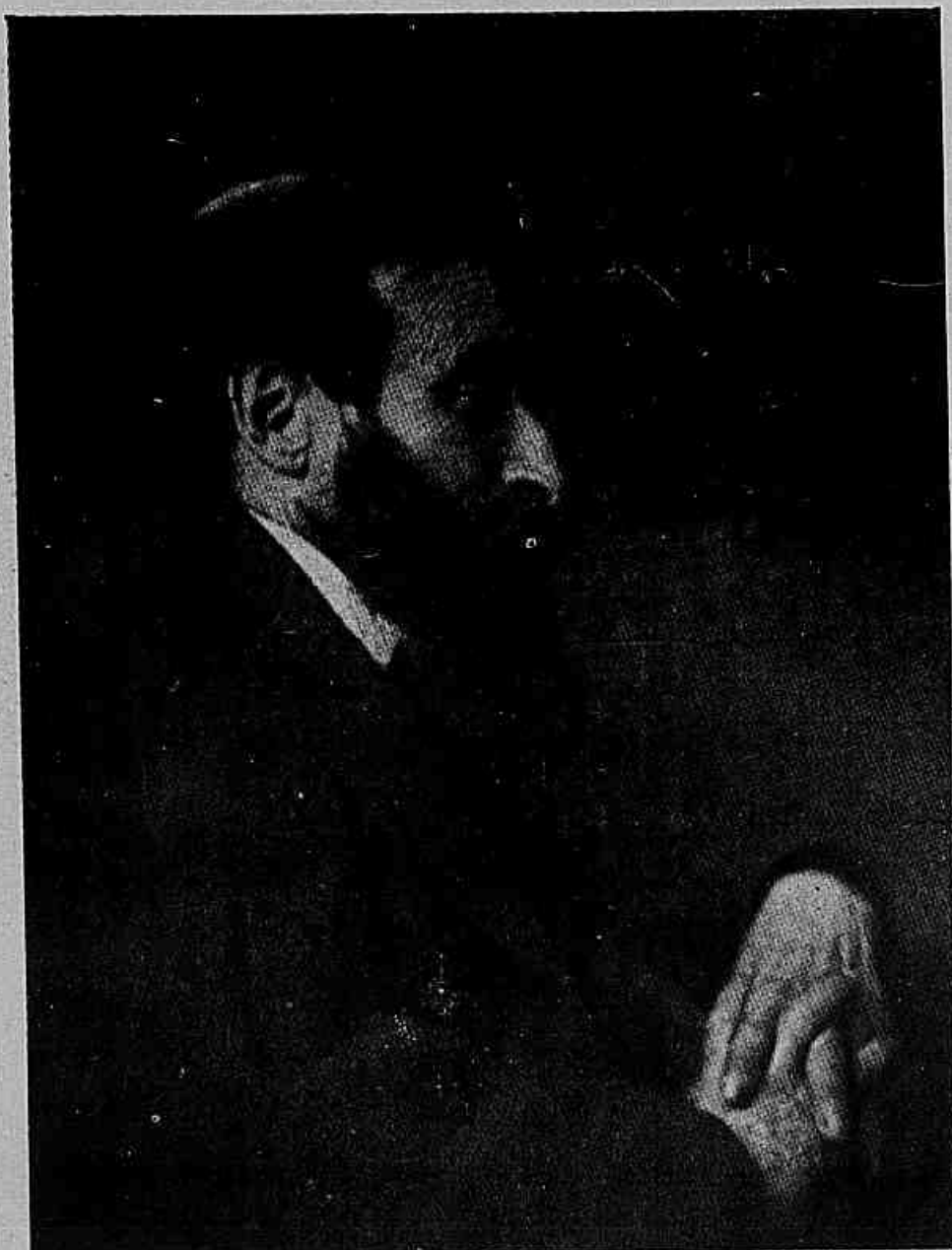
Eramos sempre avisados os dois e, por isso, ambos o iamós buscar ao hotel, defronte da estação, e faltavamos, nesses dias às aulas para o acompanharmos sempre. Com muita vaidade, muitissimo orgulho, sem duvida, porque ainda não tinha vinte anos e estava no começo da carreira das letras.

Passear com o mestre! Ouvi-lo na sedução da sua palavra eloquente!

Duplo indicativo de mocidade radiante e de profunda admiração. Acompanhei-o, como poeta, pela vida fóra e apaixonava-me a leitura dos seus versos que ninguém sabia fazê-los iguais e, portanto, muito menos melhor! Falei-lhe muitas vezes em Lisboa antes e depois de o quererem matar... fazendo-o diplomata em Bérne.

Ouvi dêle considerações excelentes sobre o movimento literário na França e no Portugal de então. Algumas, aplicadas às consequências de hoje e que foram verdadeiras profecias de uma rara e clara visão das cousas e dos homens.

Disseram que Junqueiro não era religioso. Qual o verdadeiro poeta, alma boa, capaz de negar Deus?



Um dos ultimos retratos do poeta



Guerra Junqueiro

A confusão nasceu de não lhe saberem analisar a obra de panfletário terrível que se foi amoldando, aparentemente às necessidades gritantes do momento contra o trono e as figuras de maior destaque.

Sempre que Junqueiro retomava conta de si, fóra do ideal que trouxera dos bancos das escolas e via em ascensão avolumando figuras de condiscipulos que foram seus, logo aparecia o reverente e os seus versos, muitos dôles, constituíram verdadeiras préces, encantadoras orações a Deus.

O seu ideal venceu e ainda quiz que ficasse como bandeira de sua Patria, sem armas reais, a azul e branca, das côres do manto da Virgem Maria e erguides com essa intenção. A composição seria de estrêlas, astros do céu por êle cantadas com a magia suprema de Bilac.

Quando recebeu o poeta brasileiro em Lisboa o seu discurso, que já publicámos em nosso Bilac e Portugal, foi um hino clangoroso e forte ao Brasil que muito amava e cujas situações, por vezes aflitivas, também sentia vivamente como o demonstrou na "A Fome do Ceará".

Vitoriosa a Republica, a poesia de Junqueiro não poderia ter mais o folego verrinário, nem a chama do combate e o povo sentiu que o poeta morrera quando estava mais vivo do que nunca.

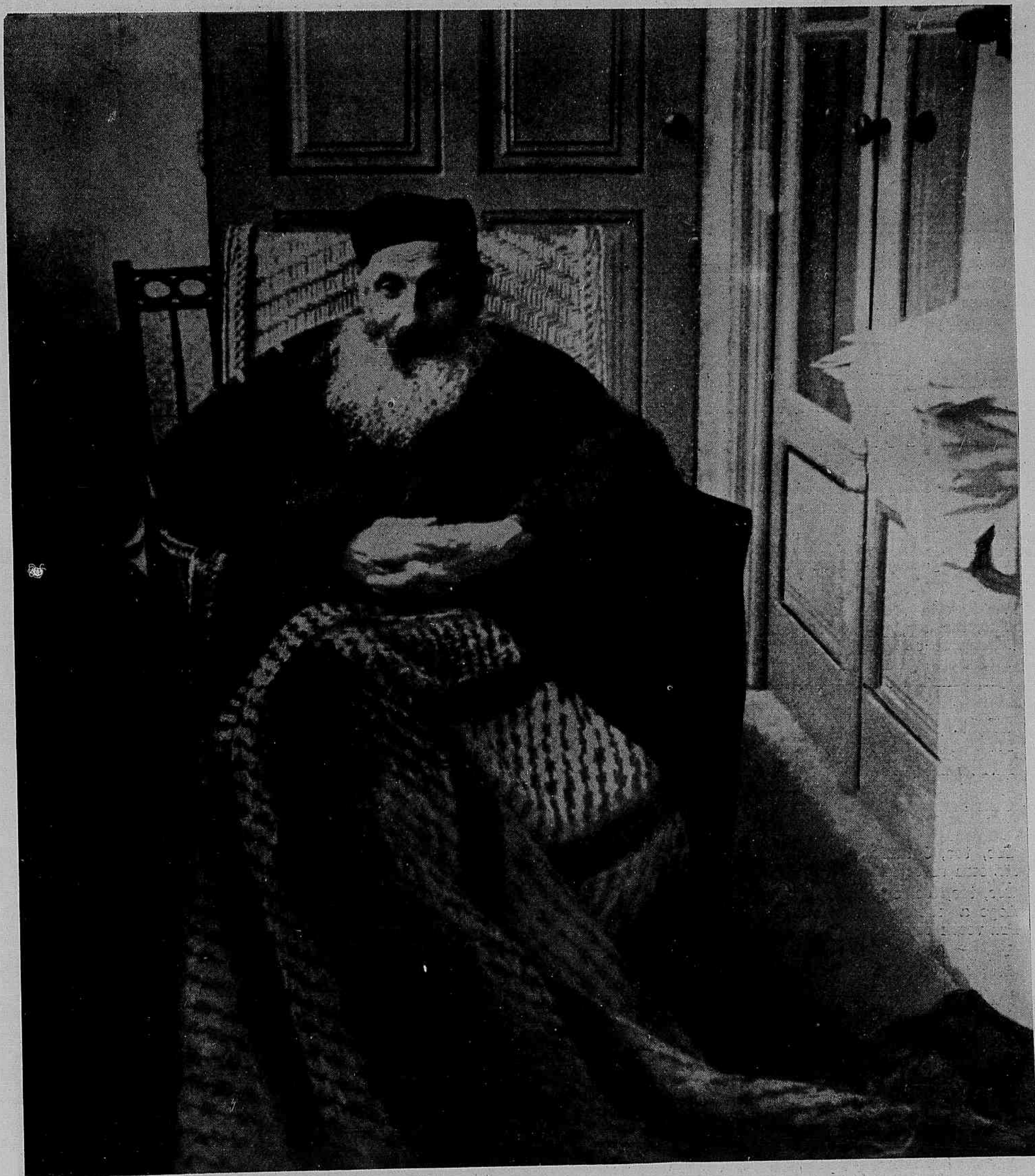
Entrou nos Jeronymos onde fomos encontrar o seu ataude, aos pés do de Alexandre Herculano.

Certo dia, quando falei, em uma das minhas crônicas do "Diário de Lisboa", na ronda fantástica dos mortos que conversavam por aqueles cláustros, lembrei que Junqueiro, que havia sido o luminar, estava por todos esquecidos.

A ingratidão fazia com que nem lhe assinalasse com um punhado de flôres o chão em que repousa. O caso teve repercussão. A comissão de Belém reuniu-se logo, o artigo foi lido, a verdade foi provada e as flores começaram, desde então, a aparecer ridentes e belas.

Não sabemos se ainda hoje. E' consolador, porém, para mim, seu amigo e admirador, verificar que o povo, por um fenómeno singular, o vae agora despindo, aos poucos, das flamejantes armas de combate, não mais vendo nêlo o republicano lutador, e começa a descobrir verdadeiros tesouros em que nunca tinha reparado.

O Junqueiro lirico, o poeta místico, o patriota dos sublimes tercetos de Nun Alvarez, matou, para sempre, ou antes, deixou sosinho e à vontade esse outro gênio admiravel que teve o mesmo nome.



Guerra Junqueiro no seu último retrato, já livre das lutas literárias, depois de ter escrito livros de tão larga e profunda repercussão; depois de ter atuado, governado, por muito tempo nos meios intelectuais e até imposto à moda, não raramente, os seus moldes artísticos, sempre renovados na incessante e prodigiosa evolução do seu espírito genial.

A Moleirinha

De os "SIMPLES" de Guerra Junqueiro

Pela estrada plana, toc, toc, toc,
Guia o jumentinho uma velhinha errante,
Como vão ligeiros, ambos a reboque,
Antes que anoiteça, toc, toc, toc,
A velhinha atrás, o jumentinho adiante!

Toc, toc, a velha vai para o moinho,
Tem oitenta anos, bem bonito rol!
E contudo alegre como um passarinho,
Toc, toc, e fresca como o branco linho,
De manhã nas relvas a corar ao sol!

Vai sem cabeçada, em liberdade franca,
O gérico russo duma linda cor;
Nunca foi ferrado, nunca usou retranca,
Tange-o, toc, toc, a moleirinha branca,
Com o galho verde duma giesta em flor.

Vendo esta velhita encarquilhada e benta,
Toc, toc, toc, que recordação!
Minha vó ceguinha se me representa,
Tinha eu seis anos, tinha ela oitenta,
Quem me fez o berço, fez-lhe o seu caixão!...

Toc, toc, toc, lindo burriquito,
Para as minhas filhas, quem mo dera a mim.
Nada mais gracioso, nada mais bonito,
Quando a virgem pura foi para o Egito,
Com certeza ia num burrico assim.

Toc, toc, é tarde, moleirinha santa
Nascem as estrelas, vivas, em cardume...
Toc, toc, toc, e quando o galo canta,
Logo a moleirinha, toc, se levanta,
Pra vestir os netos, pra acender o lume...

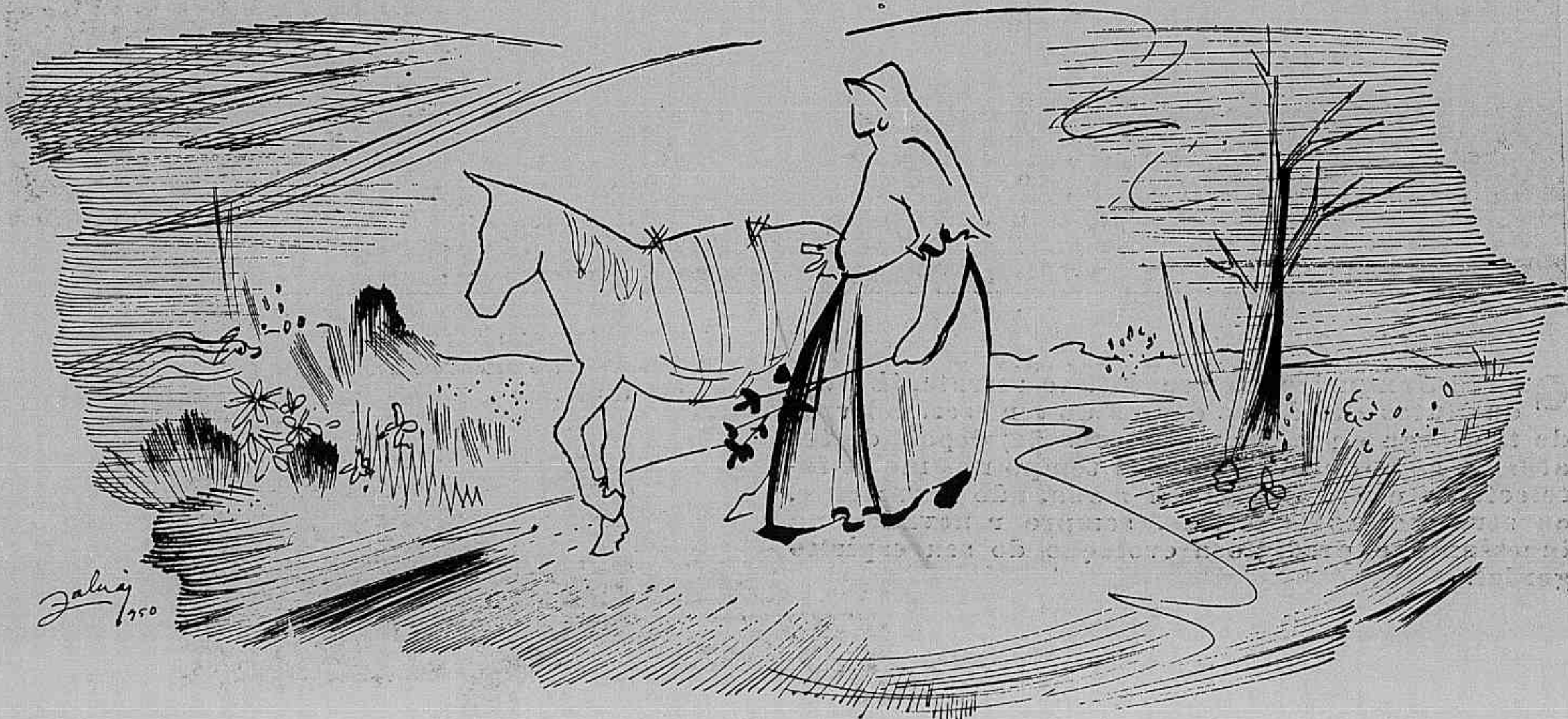
Toc, toc, toc, como se espaneia,
Lindo o jumentinho pela estrada chã.
Tão ingenuo e humilde, dá-me, salvo seja,
Dá-me até vontade de o levar à igreja,
Batizar-lhe a alma, pra a fazer cristã.

Toc, toc, toc, e a moleirinha antiga,
Toda, toda branca, vai numa frescata...
Foi enfarinhada, sorridente amiga,
Pela mó da azenha com farinha triga,
Pelos anjos loiros com luar de prata!

Toc, toc, como o burriquito avança!
Que prazer doutrota para os olhos meus!
Que era assim tal qual a jumentinha mansa,
Que adorou nas palhas o menino Deus!...

Toc, toc, é noite... ouvem-se ao longe os sinos,
Moleirinha branca, branca de luar!
Toc, toc, e os astros abrem diamantinos,
Como estremunhados querubins divinos,
Os olhitos meigos para a ver passar!

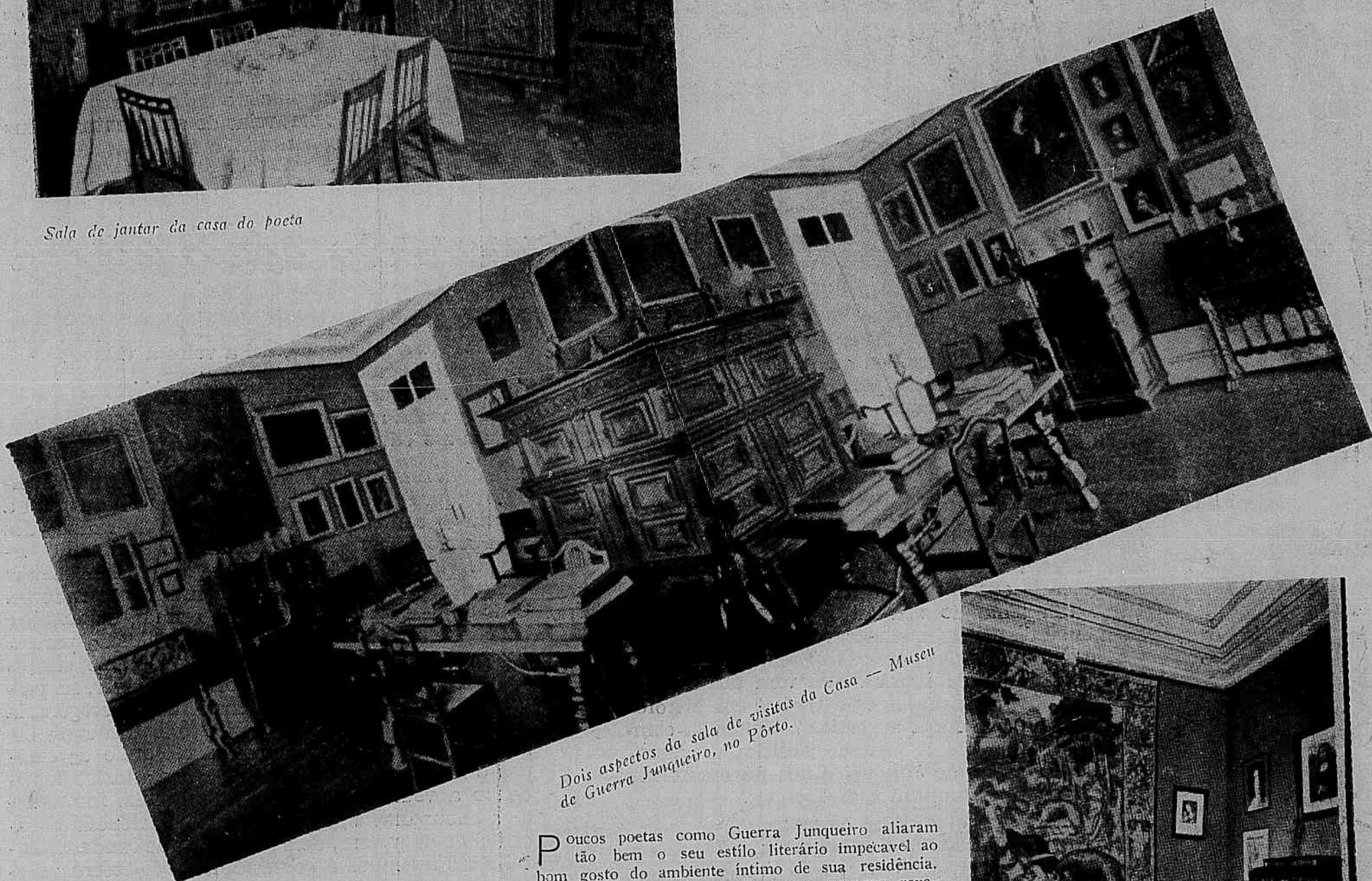
Toc, toc, e vendo sideral tezoiro,
Entre os milhões dastros o luar sem véu,
O burrico pensa: quanto milho loiro!
Quem será que mói estas farinhas d'oiro,
Com a mó de jaspe que anda além no céu!



A Casa de Guerra Junqueiro



Sala de jantar da casa do poeta

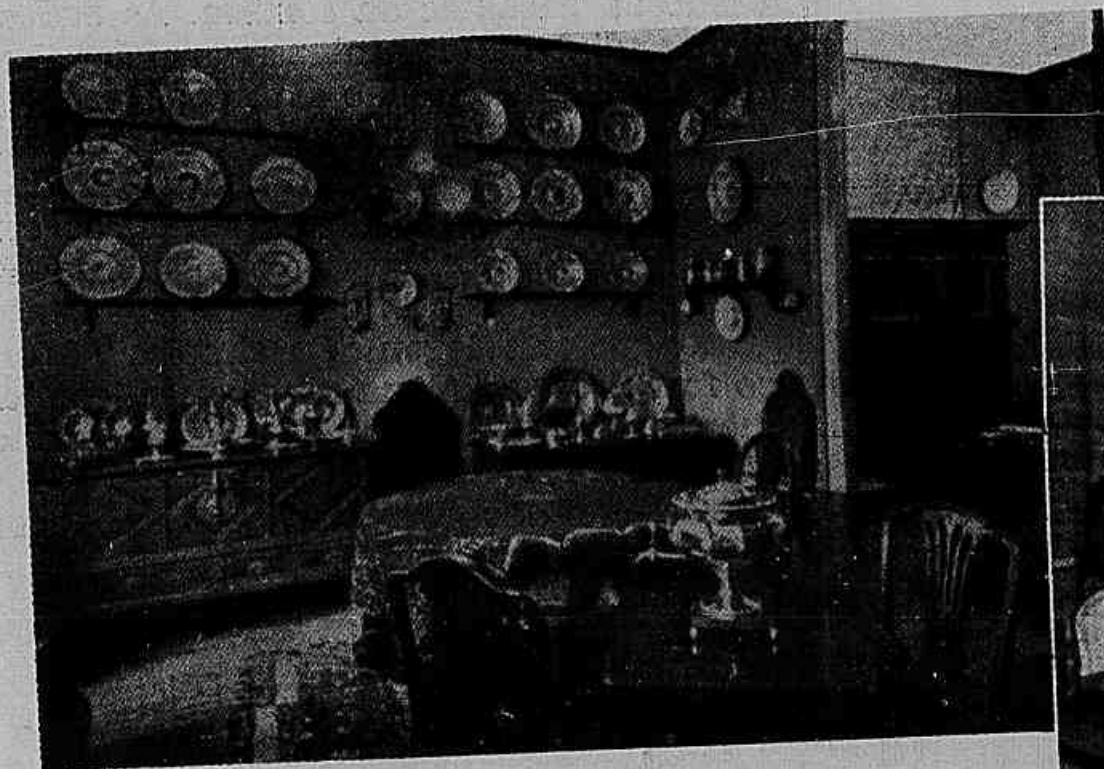


Dois aspectos da sala de visitas da Casa — Museu de Guerra Junqueiro, no Porto.

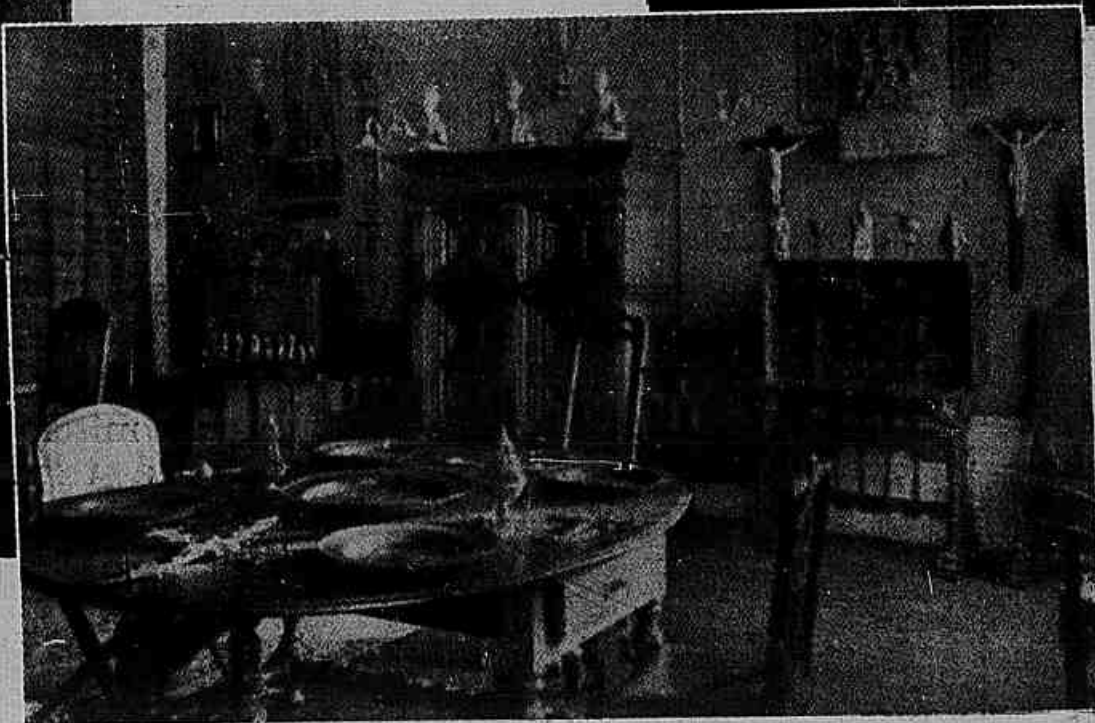
Poucos poetas como Guerra Junqueiro aliaram tão bem o seu estilo literário impecável ao bom gosto do ambiente íntimo de sua residência. O poeta, como podemos vêr nestas gravuras, revelou-se o esteta nas menores coisas. Ele primou pela harmonia em tudo: a mesma beleza rítmica e métrica de seus versos pode ser vista e sentida, através dos móveis e dos objetos de arte, na magnífica Casa — Museu Guerra Junqueiro.



Casa Guerra Junqueiro, Recanto da Sala D. João V.



Sala de jantar



Sala denominada "Catedral".

ria esse luso fronteiriço de Barca d'Alva que se abriu inteiro em floreação poéticas para gloria de seu berço.

Passou, com o tempo, o rumor das estrofes belicóas do herége, do fustigador de máas costumes. Mas uma cousa restará para a eternidade: o lirismo de Junqueiro, o doce enternecimento do português que ama intensamente a sua terra e seu povo. Que haverá na poesia de Portugal, desde Camões e Gil Vicente

mais rico do que "Os simples" em sentido de comunicação com a alma popular? Está esculpida nos versos desse poema a nação no que ela possui de mais profundo que é a singeleza dos seus habitantes, o homem da aldeia que sonha repetir sempre a aventura das caravelas de quinhentos e constrói castelos que constituem a méta das suas esperanças.

Guerra Junqueiro poeta lirico

EM vida, Guerra Junqueiro sofreu a acometida de uma critica que lhe não via os fulgores do espirito para só encontrar na sua obra os traços do incréo que fizera da arte uma clava contra a religião. Com efeito, as aparências do que esse genio ibérico produziu em vários volumes no-lo mostram com a fisionomia de um demagogo que apenas tivesse palavras ardentes para queimar as verdades eternas. As satiras com que pretendeu atingir a divindade, entretanto, não passam de modalidades de um sensacionalismo precario que em curto prazo deixaria de constituir um tema do seu éstro para ser superado pela onda de lirismo que estravasava da sua alma. Que é a final a "Oração à Luz" senão uma página maravilhosa de musica que vem dos fundamentos da raça lusitana e se traduz em estrofes de extraordinaria força sugestiva? Quem já compoz em um distico a sintese cientifica da água, como aquele em que Junqueiro nos dá em forma poetica a definição química da mesma?

**"Almas da agua, quando se casaram,
Foi com beijos de luz que se beijaram..."**

No "A morte de D. João" o lirismo acaba vencendo o sarcasta. Depois de pintar os quadros sombrios da torpeza humana e arrazar no símbolo toda a maldade do que seria capaz uma criatura, eis que os seus olhos se levantam para fitar as alturas iluminadas e os seus ouvidos se abrem para escutar as hamonias celestes:

**"Parou a ventania.
As estrelas dormentes, fatigadas,
Cerram à luz do dia
As misteriosas pálpebras doiradas.
E a cotovia, sua linda irmã,
Vai pelo azul um cântico vibrando,
Tão limpido, tão alto, que parece
Que é a estrela no céu que está cantando..."**

A modulação melódica do verso, o jogo rútilo das imagens, a pureza que irradia desse canto órfico, nada mais exprimem do que uma infinita vocação de lirismo, das mais poderosas que um dia se manifestaram em nosso idioma para semear encantos. Um deus que se levantasse dos horizontes

remotos de um paraizo mitológico para sacudir sobre a terra mancheias de astros não suplanta-

**"Dei a volta ao mundo, dei a volta à vida...
Só achei enganos, decepções, pesar...
Oh! a ingenua alma tão desiludida!...
Minha velha ama, com a voz dorida,
Canta-me cantigas de me adormentar!..."**

Em nota final à primeira edição desse volume Guerra Junqueiro nos diz das razões que o induziram a reunir os cantos singelos dessa historia rimada dos camponios portugueses, "Quiz mentalmente viver a vida singela e primitiva de boas e santas criaturas, que atravessam um mundo de miserias e de injustiças, de vícios e de crimes, de fomes e de tormentos, sem um olhar de maldição para a natureza, sem uma palavra de queixume para o destino. E então encarnei, por assim dizer, no pastor grandioso e asceta, na moleirinha octogenaria e sorridente, no cavador tragico, nos mendigos bíblicos, na mansidão dos bois arroteando os campos e nas labaredas de oiro do castanheiro aquecendo a velhica, alegrando a infancia, iluminando a choupana. E, depois de uma existência de sacrificio e de pureza, de abnegação e de bondade, dei-tei esses ingenuos e pobres aldeãos na terra misericordiosa e florida do campo-santo, pondo-lhes por cima das sepulturas razas o céu maravilhoso e cândido, que em vida sonharam e desejaram. Nestes periodos se resume esse livro que já tem mais de meio século nunca perderá a frescura da inspiração que o ditou. É uma epopéia da simplicidade no recorte dos perfis dos que travam no mundo as batalhas da sombra. As rudes mascaras masculinas e femininas, as mãos heroicas dos que arrancam do chão áspero as pequenas riquezas de cada dia, os quadros rústicos dessa paisagem batida de sol ou embranquecida de néve, as casas toscas, o fumo das lareiras, as ermidas alvas, erchem de amor cristão e de sublime renúncia o esplendido relicario de bons sentimentos. O Junqueiro que nos legou "Os simples" é um autentico franciscano. A sua musa angelica é a mesma que transfigurou o santo de Assis e metamorfoseou o que fôra o amigo das tempestades na magico jardineiro das "Fioretti", discreto e suavissimo balsamo das almas...

CARLOS MAUL

Junqueiro, poeta revolucionário

Um de seus romances celebres — “Os Maias” — Eça de Queiroz, aludindo ao Paços de Cellas, que era a casa de luxo do Carlos, figura central do livro e onde se reuniam para discutir os estudantes de Coimbra dessa época, ali hombrando-se fidalgoes conservadores com boêmios revolucionários, fala de um destes ultimos, “o famoso Craveiro, que meditava a “Morte de Satanaz”, encolhido no seu gabão d’Aveiro, com o seu grande barrete de lontra”.

No romance, Simão Craveiro é Guerra Junqueiro, a quem o romancista famoso sempre consagrou a mais viva admiração. E a “Morte de Satanaz” não seria outra coisa senão “A morte de D. João”, com que o poeta lançaria a ideia Nova, agitando todo o velho e circunspecto Parnaso Português.

O poeta pertenceu, como se vê, a chamada geração coimbrã.

No grupo incelsausta, era dos mais moços. Mas foi um dos paladinos da ofensiva vitoriosa do Bom Senso e Bom Gosto, batendo palmas e atirando-se à luta ao lado de Anthero e Quental e de Theophilo Braga. O proprio Ramalho Ortigão não seria “condottieri” da primeira hora, tanto que para defender a Antonio Feliciano de Castilho bateu-se em duelo com Anthero. Ramalho, aliás, não cursava a Universidade. Nesse tempo, divulgava folhetins pelos jornais do Porto. Só mais tarde, engajado nas Conferências do Casino, um dos “Vencidos da Vida”, teria a desempenhar papel importante na renovação dos processos literários de seu paiz.

Junqueiro madrugava na campanha memorável. O humor de Eça e a ironia de Ramalho não eram, evidentemente, as suas armas prediletas. Cêdo, ele havia de ter raciocinado como Barbey d’Aurevilly: *L’ironie! Ordinairement, elle pousse tard chez les hommes. C’est une fleur amère d’arrière-saison...*

Foi poeta de ação, mesmo quando se afirmava sublime de lirismo. Encontrase de tudo na sua coleção de versos cheios de originalidades e belezas, de exortações e maldições. Toda a sua obra — *A Musa em férias, A Morte de D. João, A Velhice do Padre Eterno, Pátria, Os Simples, Finis, Patriae, Canto do Odio, Oração à Luz, Oração ao Pão*, indica que nesse lírico e nesse épico havia uma extraordinária “vis prophetica”. Há de tudo e para todos. Enternece, se canta a natureza. Comove, se exalta a mulher, o amor e a criança.

Entusiasma, se ruge de cólera para se compadecer da nação vilipendiada e da civilização desmoronada. Em “A morte de D. João”, o poeta flagela a corrupção dos sentimentos, punindo o parasitismo social. E’ um drama pungente, metrificado e rimado. Urdidura absolutamente severas, com um admiravel alcance moral.

Na literatura universal, o sedutor tem vivido e morrido de diversas maneiras. Junqueiro, entretanto, mata-o com uma crueldade sem precedentes. Ele mesmo o disse, quando explicou depois porque “D. João” tivera no seu poema um fim tão alarmante, acabando-se pela fome: — “Quem não trabalha, não tem direito à vida”.

Revolucionário de corpo e alma, Junqueiro se viu sacudido numa rajada de indignação, quando o governo de Portugal assinou com o da Inglaterra um tratado que à maioria dos portugueses pareceu uma afronta e uma vilania. *Patria, Finis Patrae e Canto do Odio* são dessa fase tumultuária.

Os aulicos da Monarquia acharam que o poeta descia do Parnaso, consequentemente da sua verdadeira gloria, e se nivelava à patuleia inconsciente. Os seus poemas de protesto e revolta, retrucaram eles, não apresentavam o merecimento artistico.

O revide era uma tolice. Basta ler os tercetos que reproduzem o monologo imaginado e que o poeta põe na boca de condestavel Nun’Alvares. Não há na poesia portuguesa nada que se lhes compare em imagem e conceito, em vigor, colorido e maravilha de expressão. O parlamento português não aprovou o tratado e o vencedor da pugna pode-se dizer que foi o poeta a bradar pela causa do povo.

Parece que foi depois dessa campanha heroica de nacionalismo transbordante, que Junqueiro fez a sua profissão de fé republicana. Na tribuna, na imprensa e no livro, excedeu-se a si mesmo. Foi para a praça publica e atacou de rijo a Corôa e o Rei. “A pessoa a quem mais amei na minha vida, proclamava ele, foi a minha mãe. E, no entanto, não pude ficar mais de 24 horas junto de seu cadaver. Como é que hei de permanecer uma existencia inteira diante do cadaver de minha Patria?”

Junqueiro, afinal, orador de varios comícios, foi processado e levado à justi-

ça penal pelo crime de lesa-majestade. Teve Afonso Costa por seu advogado. Foi um dos julgamentos mais sensacionais em Portugal. Depois dos discursos de acusação e defesa, o juiz, na forma rotineira, perguntou ao reu se tinha mais alguma coisa a adotar. O poeta respondeu que sim, acrescentando ter escrito algumas palavras para que o seu pensamento não fosse atraído. Leu-as.

Porque era ele acusado? Por ter dito a verdade, acentuou. E quem o impedia de a dizer? A lei? Mas se a lei era má e injusta, se queria forçá-lo a ser indigno de si mesmo, faltando à lei suprema de sua consciência, ele a renegava e não a cumpria. Argumento de poeta, não de jurista. E concluiu, explicando que a tirania do rei era como a tirania do porco, porque o rei era um homem de engorda. Quatro arrobas de selo a esmagar quatro milhões de almas!

Junqueiro, apesar do que vociferou, foi condenado à pena minima. A justiça applicou-lhe uma multa pecuniária, que ali mesmo, no Tribunal, os seus amigos e admiradores, cotisando-se, logo pagaram. Na qualificação, indagando o juiz de sua profissão, respondeu o reu que era apenas um poeta. A sentença, considerando o quesito da defesa que o dava como uma glória portuguesa, reconheceu a atenuante formulada nestes termos. Disso decorreu a quase absolvição.

Guerra Junqueiro tinha muito dos místicos da grande espécie. Necessariamente, nele haviam de se frequentes as contradições. Negou, duvidou, acreditou. Em poesia, tanto tinha de Hugo quanto de Baudelaire. Não tem faltado quem o enquadre na família de Barbier ou de Richopin. A critica correrá o risco de se enganar sem se socorrer da relatividade. Porque o proprio Junqueiro, já nos secs derradeiros dias, encanecido e venerado, ao preparar a “Unidade do Ser”, o livro que seria a sua despedida, deu este depoimento significativo, que os seus biografos não desprezarão: — “Sou uma natureza inquieta de religioso e metafísico”.

De qualquer sorte, com os seus defeitos e as suas virtudes, foi, no seu tempo, o maior dos poetas portugueses, muito maior como lirico do que como épico.

F. PAULO FILHO



A fome é como o fogo: abraza e depura.

* * *

Os que se aviltam gosando, só se regeneram sofrendo.

* * *

Quando os povos miseráveis se querem libertar, comungam a liberdade na hóstia divina da revolução. Mas, antes de comungar, jejuam. Ora o jejum dos povos é a fome desganhada, a fome ensanguentada, a fome de alucinação e de extermínio.

* * *

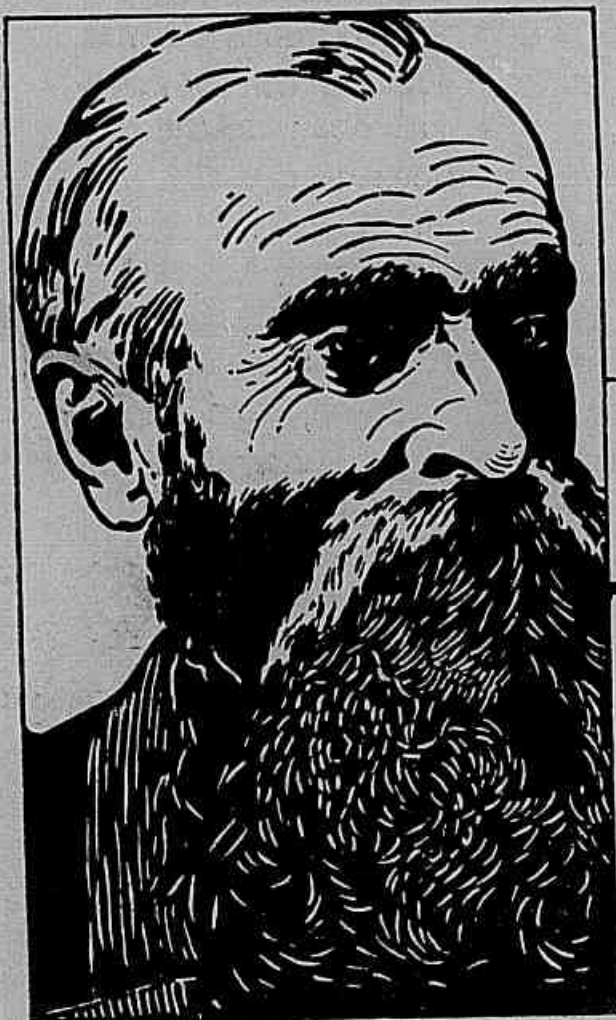
O que são pátrias? Agrupamentos humanos que afinidades de sangue, vaevens históricos e razões geográficas tornaram em corpos sociais, em organismos conscientes e coletivos.

* * *

Chegar à verdade pela ciência, chegar à bondade pelo sacrifício.

* * *

A árvore, crescendo, gera a flor. O corpo, a idéia. O sangue alimenta o espírito. O homem virtuoso não janta para comer; janta para pensar. A iguaria do estômago desemboca no coração, e é amor, entra no crânio, e é inteligência.



A nação equivale ao homem. Tem o seu corpo: agricultura, comércio, indústria. E a sua alma: heroísmo, beleza, verdade, bondade. Porém, o corpo é o meio; a alma, o fim. Logo, o fim d'uma nação é derramar justiça, divulgar virtude, crear formosura, produzir ciência.

* * *

Não se peçam nações em balanças de pesar libras.

* * *

Um grande couraçado não vale a aza d'uma estrofe, quatrocentos canhões não valem uma descoberta, e todos os banqueiros juntos não valem a lágrima d'um santo.

* * *

Voltamos à besta, pela escolha e cultura dos atavismos inferiores.

* * *

É a sociedade organizada para o mal. Os refratários eliminam-se. Ou aplaudir e ser cúmplice, ou protestar e ser vítima.

* * *

Uma ordem social, que cleve criminosos e martiriza justos, é a negação das leis humanas e divinas, e cumpre-nos arrazá-la de alto a baixo, a ferro e a fogo, até aos alicerces!

Quando uma pátria se resume n'um bando de interesses guardados por polícia, eu não lhe chamo pátria, chamo-lhe cadáver, monturo, esterqueira, foco de infecção. E os monturos removem-se e as gangrenas enterram-se.

Enterra-se um povo como se enterra um homem. Um homem morto empesta a casa, o bairro, a cidade. Um povo morto empesta o globo, a história, a civilização.

* * *

Demos à pátria o que lhe falta: coração virgem. Ideal virgem!

* * *

Já cae de pôdre o mundo velho e um mundo novo se elabora: já surgem profetas e se martelam cruces em calvários. Ciclones de dor e de infinito varrem, trocando, o negro mar da humanidade. Pão! venha pão! — ululam bôcas formidandas. Ideal! Ideal! Ideal! — gritam as almas às estrêlas. Porque bôcas têm direito ao pão e as almas têm direito à luz.

* * *

Não é já o mal esporádico e fortuito, em casos isolados que rapidamente se combatem. Não; é o mal coletivo, o mal em norma de vida, o mal em sistema de governo. Os poderes funcionam deliberadamente, com um fim: produzir o mal. Porque e para quê? Porque o mal são eles e querem conservar-se.

* * *

Um regime corrupto só na corrupção subsiste. Mantém-se na corrupção, como alguns bacilos na porcaria. O seu ódio ao bem é fundamental e orgânico. A filosofia da vida d'um tal regimen é a filosofia do porco; devorar.

PENSAMENTOS DE GUERRA JUNQUEIRO

* * *

Odeia o Espírito, porque o Espírito é bom, é belo, justo, é verdadeiro. Repele a arte, repele a virtude, repele a ciência: com hipocrisia, é claro. Deixa livremente rezar o santo, meditar o sábio ou cantar o poeta. Mas o santo há de perder a alma, o sábio há de perder a voz e o poeta há de perder a vergonha, diante das mentiras, das iniqüidades e das infâmias do regimen.

* * *

Uma parede no chão, levanta-se; um mercado perdido, encontra-se; um banco sem ouro, atulha-se d'ouro facilmente. Mas a ruína moral! A morte de milhões d'almas, milhões de ideias, de consciências! A abobada estrelada do pensamento vestindo-se de noite fúnebre, noite tenebrosa, noite de cabos! Horrroso! Pavoroso!

* * *

Regimen sinistro! É a árvore da morte, a árvore do mal. A tua sombra esterilizou o nosso campo; os teus frutos gelaram o nosso coração. Quebrarte um ramo ou espesinhar-te um fruto, para que? Deitarás mais ramos, deitarás mais frutos. O que é necessário, árvore tenebrosa, é arrancar-te pela raiz e fazer contigo uma fogueira. Depois aremos o campo, sememos o trigo...

* * *

Votai pela verdade. Si morreres em corpo, venceréis em espírito.

Um mundo agoniza, adivinhando-se na penumbra a gestação atormentada do mundo novo que há de vir. Como será feito esse mundo? Para o ideal e pelo Ideal. A ciência vai convergir, em último termo, numa grande síntese religiosa, e a paz no mundo e a ordem na humanidade serão definitivamente

implantadas, não pelas cifras dos economistas, não pelas revoltas da anarquia, mas sim pelos heróis e pelos santos d'essa nova e soberana igreja universal. Quantos séculos levará em seu curso a prodigiosa evolução? Ignoro-o. Que se aproxima, sente-se.

* * *

Não é em vão que da Pátria dizemos: nossa mãe. Miserável e triste, fará de nós miseráveis e tristes criaturas, sem vontade e sem força, sem alegria e sem coragem. Robusta e bela, denodada e crente, a todos insuflará o bronze do seu vigor e a fulguração do seu olhar.

* * *

As Pátrias comparamo-las aos deuses. Creadas pelos homens, são criadoras de homens: concentram, por síntese divina, a vitalidade de milhões de espíritos, devolvendo-a em seguida junta, a cada um deles, numa intensidade sobrehumana.

* * *

Os raios d'um sol exangue ardem e queimam, unidos no foco d'uma lente. Unamos nós todos no mesmo foco, na mesma ideia, os raios, embora pálidos, dos nossos corações, que uma labareda fúlgida brotara de subito, aquecendo-nos o peito, aureolando-nos as frôntes.

* * *

Todas as tiranias são ferocidades, e acusam portanto, na máscara do homem, a descendência do monstro.

Si a lei me obriga a ser injusto e ser indigno, re-nego a lei, odeio a lei e não a cumprio. Porque não há lei de tirania, que me obrigue a faltar à lei suprema da verdade.

* * *

Resultam-me desgraças, calúnias, tormentos, perseguições? Que venham. No cárcere ou no desterro, adorando a verdade, espiritualmente serei livre. E, atraído-a e crucificando-a, embora cheio de honras e de fortuna, eu viveria escravo abjecto, nas galés de mim mesmo.

* * *

As palavras são indecorosas, quando há mentira nas palavras. A nossa língua é indecorosa, quando segrega embustes e veneno. E si é temível o veneno da serpente, porque mata um homem, que veneno infernal o de um homem, quando perturba ou mata milhões d'alma!

* * *

A perfeição soberana reside no soberano amor e na soberana misericórdia.

* * *

Porque vos enganais, imaginando que a santidade tudo perdôa e tudo sofre. Perdoa todos os crimes e sofre todas as tiranias, quer dizer não resiste ao mal com o mal, à violência com a violência. Mas o santo, que fisicamente se não revolta, é moralmente, contra os opressores, o mais audaz dos revoltados. Não lhes atenua as infâmias, porque atenua-las é servi-las. Denuncia-as sem medo e acusa-as sem piedade.



Guerra Junqueiro. Caricatura de Antonio Maria. Setembro de 1883.

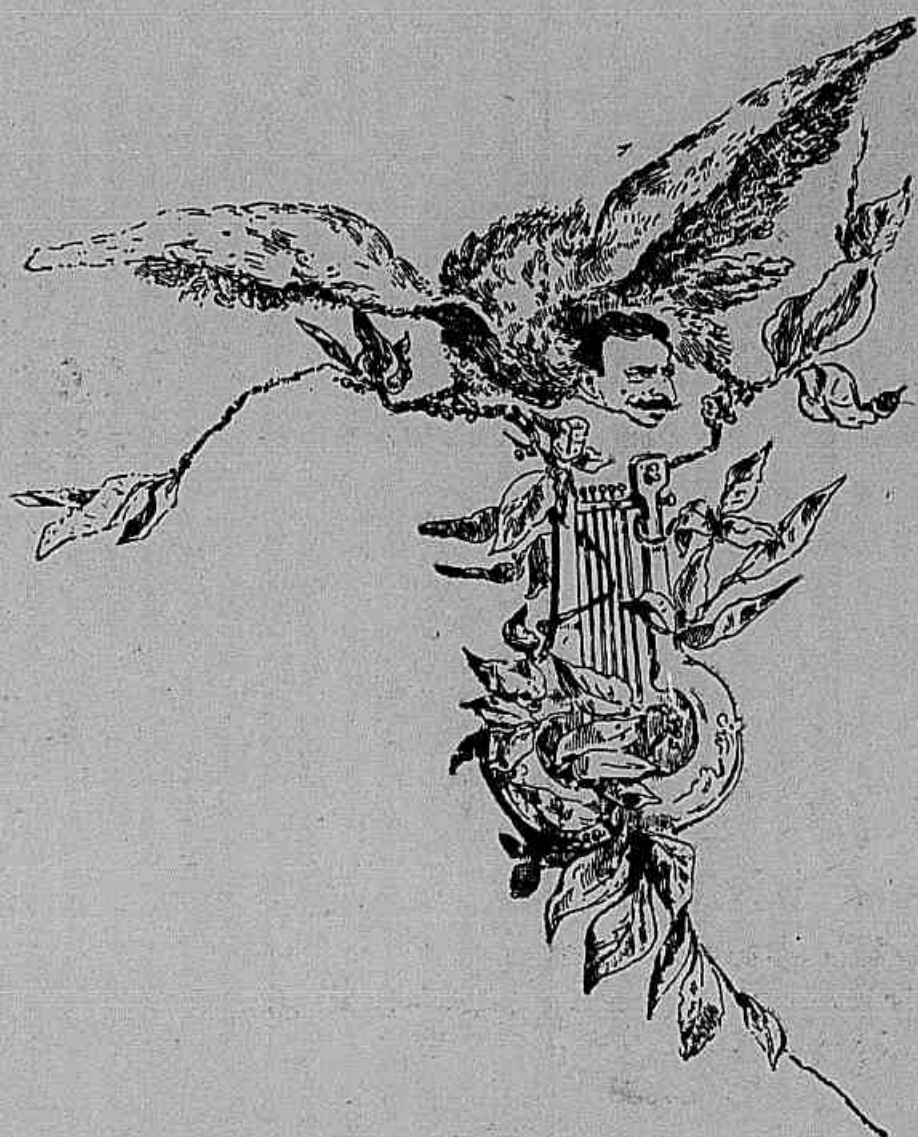
GUERRA JUNQUEIRO ATRAVÉS DA CARICATURA

△ caricatura é uma forma de consagração do caricaturado. Muito embora, às vezes, a caricatura venha depois da consagração. Foi o que aconteceu com Guerra Junqueiro. A proporção que seus livros publicados subiam no conceito do público, mais os caricaturistas se esmeravam nos desenhos, fixando de modo extraordinário o perfil e a obra do magnífico vate. Não foram poucos os talentos que gravaram, para a posteridade, os "traços" do mestre, haja visto as caricaturas de Antonio Maria, Emídio Navarro e do genial Bordalo Pinheiro.



"Poeta diplomata", caricatura de Emídio Navarro.

Uma das últimas caricaturas do poeta, na fase das "Orações". É uma magnífica visão retrospectiva da sua obra.



O autor de "Os simples", visto por Bordalo Pinheiro.





Um almoço no Palácio de Cristal

ENCONTRO DE AMIGOS

O meu amigo Eça de Queiroz, que tem andado comigo, com uma maleta, e com uma resma de papel, a procurar pelo reino um sítio limpo de massadores, de moscas e de cosinheiros afrancezados, para aí acabar de escrever "A Reliquia", chegou-me hoje da Granja, onde por espaço de dois dias aplicou aos fenómenos sociais o monóculo da análise; mas nada pude arrancar do seu peito discreto acerca da intriga de castas, que surdamente me dizem agitar a psicologia a banhos nessa praia. Ao sentarmo-nos à mesa para almoçar juntos no Palácio de Cristal, com Antero do Quental, Guerra Junqueiro e Oliveira Martins, soubemos apenas que no club da Granja o nosso amigo perdera na véspera a aposta de um leque numa partida de bilhar com uma banhista. Uma das condições da aposta era que o leque seria escrito pelos amigos com que Eça de Queiroz tinha de vir almoçar ao Porto.

A' sobremesa fizemo-nos pois servir um tinteiro e uma pena de cosinha, e entre a pera e o queijo, o leque, comprado no Bazar do Palácio de setim cor de ouro ornado de uma aquarela representando um grupo de cinco cães, ficou escrito do seguinte modo: Por cima dos cães, este distico: — "Os autores". Do lado oposto, a rubrica e o texto que passo a transcrever:

OS LATIDOS

I

Quem muito ladra, pouco aprende. — Antero de Quental.

II

Escritor que ladra não dorme. — Oliveira Martins.

III

Dentada de critico cura-se com pêlo do mesmo critico. — Ramalho Ortigão.

IV

Cão lírico ladra à lua; cão filosofo aboca o melhor ôsso. — Eça de Queiroz.

V

Cão de letras - cachorro! — Guerra Junqueiro.

ENVOI

São cinco cães, sentinelas
De bronze e papel almasso;
De bronze para as canelas,
De papel para o regaço.

(Assinada) A MATILHA.

O leque foi para a Granja com Eça de Queiroz.

RAMALHO ORTIGÃO

JUNQUEIRO E BILAC

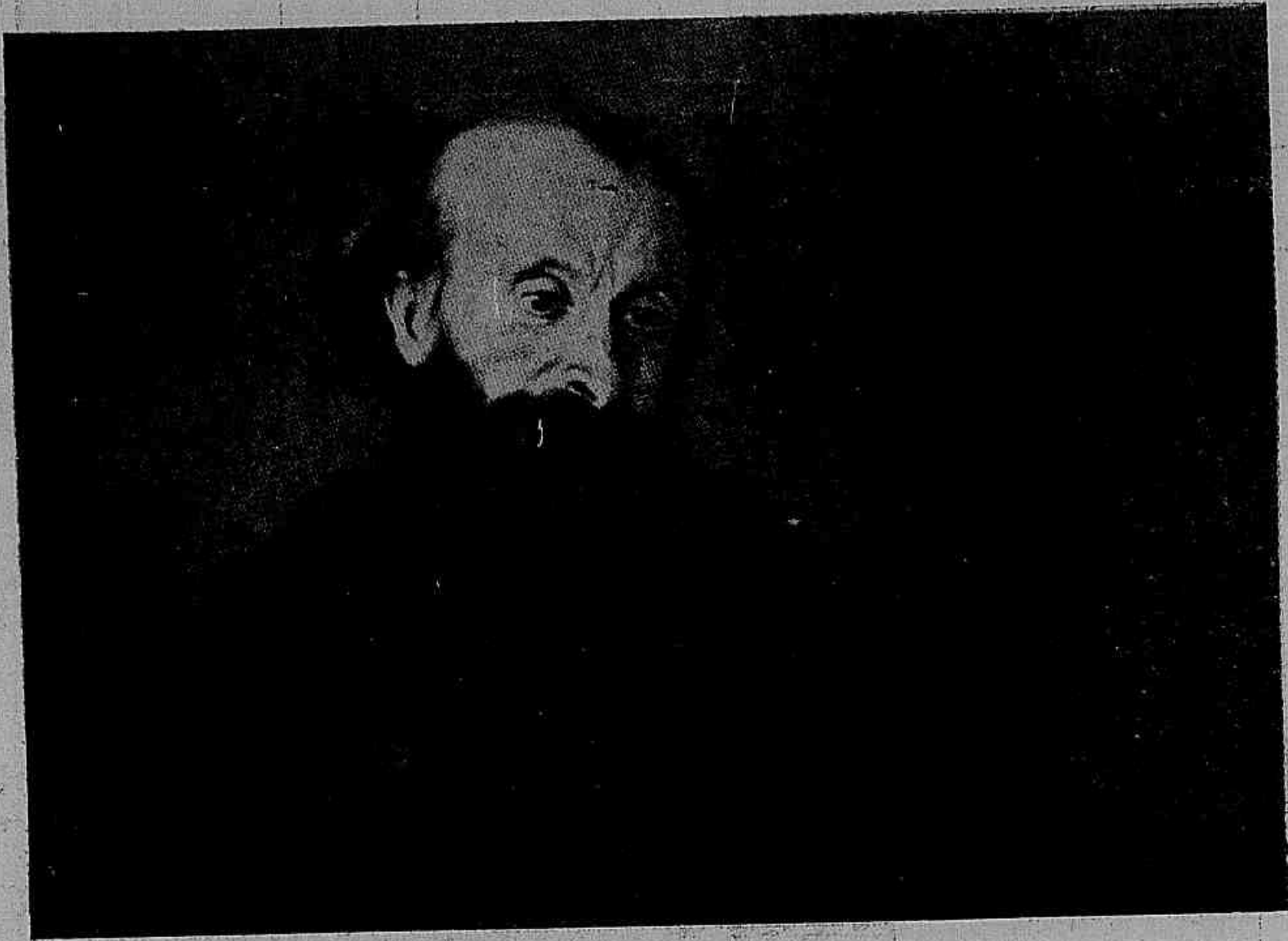
Em 1916 Olavo Bilac esteve pela última vez na Europa. Ao passar por Lisboa demorou-se alguns dias na metrópole luzitana. Foram-lhe, então prestadas homenagens imponentes nas quais as figuras culminantes da cultura de Portugal demonstravam o seu apreço ao poeta máximo do Brasil. A essas manifestações associaram-se as sociedades representativas do pensamento português, e Academia das Ciências de que o cantor do *Caçador de Esmeraldas* era membro correspondente tomou a dianteira de muitas delas. A tais provas de admiração pelo interprete do sentimento brasileiro não faltou também a cooperação da juventude literária da época e que tinha no grande João de Barros a sua voz de mais vigorosas ressonâncias. E a tudo isso esteve presente Guerra Junqueiro que devotava ao lirico da *Via Lactea* e das *Sarças de fogo* a maior estima pessoal aliada ao mais alto apreço literário. Na fotografia junta a essa notícia vemos: de pé: João de Barros e Pedro Bordallo Pinheiro; sentados: Guerra Junqueiro e Olavo Bilac. É um documento que perpetua aqueles instantes em que, dois anos antes da sua morte, o mágico da nossa poesia, como que se despedia afectuosamente dos seus amigos do velho mundo.



O Centenário De Guerra Junqueiro No Porto



A cidade do Porto prestou à memória de Junqueiro um culto excepcional, com grandes solenidades pela passagem do primeiro centenário de seu nascimento, antecipando-se a outras que em todo o país se promoveram pelo glorioso evento. Coube a João de Barros proferir a conferência que em outra parte publicamos e que é um estudo completo da personalidade multiforme do extraordinário poeta dos *Simples* e da *Pátria*. Nesta gravura, de um grupo tirado no jardim da Casa-Museu de Guerra Junqueiro na cidade invicta, figuram: o eminente poeta do *Anteu*, sua exma. esposa sra. d. Raquel Teixeira do Queiroz de Barros, a exma. sra. d. Filomena Guerra Junqueiro, viúva do grande poeta e sua filha d. Maria Isabel Guerra Junqueiro. A conferência a que aludimos realizou-se em Maio deste ano no Club dos Fenianos, prestigiosa instituição cívica da terra natal de Junqueiro.



Guerra Junqueiro

A LIBERTAÇÃO DE PROMETEU

ASTERIO DE CAMPOS

Ninguém sentiu mais intimamente a vida literária de seu tempo do que Guerra Junqueiro. Viveu, como disse ele próprio de São Francisco de Assis, traduzindo a existência em harmonia, e morreu a cantar. Fez de seu congênito e radioso misticismo uma expressão religiosa da poesia, amando, cantando, acrisolando sua íntima união com Deus, cultivando o sentimento da beleza, da fé, e da liberdade.

O misticismo, que paira acima de qualquer tendência ou escola, é um estado indizível de pureza, elevação, graça, espiritualidade; é o caminho supremo da felicidade e da perfeição. O acendrado misticismo do engenhoso vate português aclarou-lhe a consciência na associação inefável da alma com Deus, e lhe revigorou a certeza de que só a liberdade pode transformar a terra num paraíso.

Já os antigos veneravam a liberdade como a mais bela coisa do mundo; e garantiam que não há ouro que a compre. Quem, porventura, ignora ainda o velho adágio de que o pão da gente livre tem muito mais sabor que o pão dos escravos?

Na essência, mística ou lírica, de toda a produção junqueiriana predomina o ilimitado amor à arte e à liberdade do espírito, e do coração, à liberdade da raça humana, condição precípua dos seres livres. O poeta não quis, com isso, desmerecer a colonização das leis políticas e civis; porém visionou o princípio, hoje triunfante, de que assim como a liberdade consiste na obediência às leis, não podem as leis divorciar-se dos imperiosos designios da razão ou da liberdade do homem.

Desse modo se esclarece o fervoroso intuito ou plano de Guerra Junqueiro, — que não era, hiperbolicamente, uma “floresta verbal”, na opinião do Conde de Sabugosa, seu corvo, — de cristalizar numa grandiosa epopeia mística, em harmoniosos alexandrinos, numa sublime e perpétua sinfonia, à maneira de Beethoven, os maiores símbolos da religião e da liberdade, para o infinito Bem do Universo.

Os símbolos que Guerra Junqueiro imaginou para sua derradeira obra poética, ou coroamento de sua ascensão literária e mística, divina e humana, deixou-os, infelizmente, apenas bosquejados: Jesus e Prometeu! Legou-nos um simples esboço do *Prometeu libertado*... por Jesus, bosquejo em que o esteta do verso desejara condensar, juntamente com o poema *O Caminho do Céu*, no testemunho de seu confidente Luiz de Magalhães, “o melhor de seu pensamento e da sua inspiração”. Aludindo ao *Prometeu libertado*, disse-lhe Guerra Junqueiro: — “Se não fôsse a infernal política, eu teria feito com ele um dos maiores poemas contemporâneos”. E acrescentou: — “A minha idéia era genial, e eu havia atingido a *omnipotência da forma*”...

Esse o imponente simbolismo de sua poética, e de sua vida magnífica!

A obstinação do visionário da liberdade, certamente, evidencia a pujança criadora de seu misticismo, nas raízes misteriosas de sua inspiração trágica e lírica. A intenção, religiosa e artística, do bardo luso não estava, unicamente, no anseio de novidade do tema. O assunto mencionado, deveras conhecido, remonta ao período lendário, mítico e heróico, e à idade de ouro da esplendorosa civilização grega, antes de Cristo.

O tipo onisciente e grandiloquo de Prometeu universalizou-se, de muito, na expansão da mitologia e do gênero dramático. Esse poderoso e célebre Titã, que sabia tudo, e tudo queria ensinar aos mortais, formou, segundo vários mi-

tógrafos, um homem com barro, e lhe insuflou vida com uma centelha do carro do sol... Zeus, o deus dos deuses, o soberano do Olimpo, invejoso, prde-nou a Hefestos (Vulcano), o deus do fogo, que, por sua vez, formasse uma linda mulher, e a oferecesse a Prometeu, para sua esposa. Deu-lhe o feiticeiro nome de Pandora, a primeira mulher feita de argila! Os deuses, maravilhados, cumularam-na de vários dons: Atenaide (Minerva) ofertou-lhe a sabedoria; Hermes (Mercúrio), agíl e robusto, vencedor de Eros (Cupido), o incansável mensageiro dos deuses, soprou-lhe a eloquência; o formoso Apolo, doutou-a de talento musical; e Zeus (Júpiter), astuciosamente, entregou a Pandora a dádiva duma caixa fechada, que a mesma Pandora deveria oferecer ao esposo, como prenda de núpcias. Prometeu, o “previsor”, defez o sortilégio: recusou o mimo fantástico! Epimeteu, irmão do cauteloso Titã, no entanto fascinado por Pandora, aceitou-a para sua mulher; e, de logo, abriu a caixa, de onde saíram inopinadamente os males que tanto afligem o mundo: as doenças, as guerras, as fomes, as dissidências, as calamidades! Horrozeado, Epimeteu fechou a caixa; e só ficou nesta encerrada, para todo o sempre, a única virtude — a Esperança...

Outros mitologistas e diversos poetas afirmam que Zeus, rubro de ciúme, perante os benefícios que Prometeu havia outorgado aos homens, que eram bárbaros, iluminando-os com o fogo da sabedoria roubado ao misterioso Olimpo, mansão dos deuses, o condenou, brutalmente, a um suplício metuendo. Prometeu, corajoso, não pediu clemência; insultou o próprio Zeus, o que não sabia ser generoso, sendo poderosíssimo! Irritou o pai dos deuses, que incumbiu a Hefestos de o agrilhoar, com argolas inquebráveis de cobre, no mais alto do Cáucaso, tendo um abutre voraz a lhe roer incessantemente o fígado, que renascia, durante trinta mil anos, para lhe exacerbar o tormento...

No fim de tão cruciante e iníquo martírio, o audaz e humanitário prisioneiro do Cáucaso seria precipitado no Inferno ou Tártaro...

Se a *Teogonia*, de Hesíodo, o divinizou, Esquilo concedeu-lhe majestade e um caráter mais humano e simbólico. Dir-se-ia que Esquilo, nutrido de Homero, criara a tragédia para a deificação do idealismo e do sofrimento; para o luminoso diadema e imortalidade de Prometeu, amigo dos homens e inimigo dos deuses ciumentos e vingativos.

Que sublime cantor o inspirado Esquilo! Primeiro foi herói, um valente soldado, que, aos trinta e cinco anos de idade, combateu os persas em Maratona, e dez anos mais tarde, em Salamina. Tornou-se mais renomado como poeta, como o fecundo inventor de oitenta e duas peças teatrais versificadas, que na maioria naufragaram no escuro mar do esquecimento. Gênio evocador de primitivas lendas, dos ritos pagãos, das superstições do fatalismo, das Forças primitivas, das divindades arcaicas, e dos vetustos heróis, soube unir a ficção à realidade, em seus versos dramáticos, e predizer o futuro. Transfigurou as emoções violentas; infundiu na alma do povo o terror e a piedade, o sincero respeito às coisas ocultas e misteriosas. Exaltou o patriotismo e a comunhão dos mais nobres ideais. Mereceu, por isso, a vitória em renhidos concursos, sendo quinze vezes coroado. Iniciou-se no culto eleusiano, se nasceria em Eleusis, no ano de 525, antes de nossa era, e expirara na Sicília, em 456. O iniciado Esquilo imprimiu à tragédia clássica uma fisionomia própria e definitiva.

De suas obras geniais restam sete, de inspiração religiosa, nacional e filosófica, de singulares condutas e grandiosas paixões: *Suplicantes*, *Persas*, *Sete*

contra Tebas, Prometeu acorrentado e a trilogia de Oréstia: Agamenon, Coéforas e Eumênides.

Interessa-nos agora, o Prometeu acorrentado, posterior a 465, o protagonista que expressa a filantropia, a inabalável crença no advento de uma era melhor, de um reino em que a equidade suceda à violência, a paz à guerra; em que tudo se ilumina por amor à Verdade, à Beleza e à Justiça.

O argumento do Prometeu esquiliano resume-se na ardente súplica dêsse Titã audacioso que revelou aos homens o fogo sagrado da ciência e das artes. Eis aqui os serviços que o mesmo herói do Cáucaso prestou ao homem: o cômputo do tempo, o alfabeto, os números e aritmética, a memória, a domesticação e utilização dos animais, a medicina, a nevegação, a flama das conquistas do porvir. Apesar dos valiosos benefícios, viu-se Prometeu enadeado e martirizado pela sinistra ave de rapina, milhares de anos! Mas não perdeu a fé nem o valor de tais benefícios. Heroicamente,

dirigiu esta invocação à Natureza, numa das cenas mais comoventes da tragédia: — "O divino Éter, ventos das asas aligeras, fontes dos rios, sorriso inumerável das ondas marinhas. Terra, mãe universal, e tu, ôlho do sol, que vês tudo, eu vos invoco: vêde em mim o que um deus pode suportar dos deuses!" No horror da solidão, no transe paroxísmico e intermínio da dor, suavizada embora pelas dores litânicas das graciosas Oceânides, Prometeu ainda injuriou o mais soberano dos deuses: — "Sofro porque amei os homens de mais, porém meu suplício é a vergonha de Zeus!"

Admiramos a arte e a espontaneidade da estrutura dessa tragédia, concebida em meio às lutas gloriosas dos atenienses, num estilo sóbrio, ameno, claro, preciso e eloquente, o que fez o comediógrafo Aristofanes desse a Ésquilo o epíteto de "Centaur da Palavra!"

O Prometeu, de Ésquilo, não é mera abstrução ou fantasia; é a feliz imagem de um novo mundo, o símbolo da realidade, através dos tempos.

Errou o helenista C. M. Bowra, ao sentenciar que Ésquilo esqueceu os homens pelos deuses. O que Ésquilo demonstrou, na obra mencionada, foi a nobre intenção de se servir dos deuses, para iluminar e não esquecer os homens, elevando-os, de certo modo, à hierarquia dos deuses. Mais se comunicou, evolutivamente, o símbolo de Prometeu à inspiração de quantos gênios, como o de Skryabin, o de Goeth, o do maior lírico inglês Percy Bysshe Shelley que, em sua vida não menos dolorosa e catastrófica do que a de Prometeu, pelejou contra as desorientações sociais de sua época. Esse amigo de Byron compôs, não obstante sua vida tormentosa, vinte poemas, inclusive o Prometeu libertado. Gabriel Sarrazini, seu digno intérprete, no estudo sobre o Renascimento da poesia inglesa, de 1889, asseverou que Shelley nessa obra entou "a sinfonia dos mundos"! Shelley morreu afogado na baía de Spezzia, aos vinte e nove anos. Queimaram-lhe, na riba, o corpo inanimado; levaram-lhe o coração para Roma, e o entesouraram num túmulo, com esta inscrição ou epítáfio: — "Corcoradum"! E desapareceu o lirista, deixando, na imagem de Sarrazini, a recordação duma figura de luz e de legenda, coroada de sonho e de poesia...

No Brasil, o Imperador D. Pedro II verteu, literalmente, para o português o Prometeu acorrentado, de Ésquilo, numa transladação poética do texto pelo Barão de Paranapiacaba, no Rio de Janeiro, em 1907. Também versado nas letras gregas, o portoense Bazílio Teles, professor de Literatura, traduziu, com esmero, em verso, publicou, no Porto, em 1914, o Prometeu agrilhado, aformoseando-o de um estudo sobre a Tragédia. Sômente Guerra Junqueiro ultrapassou Ésquilo e os helemistas — esquilianos, invadindo o Cáucaso, e a côrte celeste de Zeus, para, em versos aurifulgentes e sonoros, libertar Prometeu. O poema Prometeu Libertado, mesmo em escôrço, tens um sentido universal. Junqueiro, com o seu gênio poético, e seu nativo senso artístico, e bondade excelsa, penetrou, quanto pôde, nas horas de contemplativa inspiração, as profundi-

dades recônditas da alma, da vida, e da natureza. Por meio da revelação, da graça, e da poesia do misticismo, elevou-se a Deus, e resuscitou Jesus, para a libertação de Prometeu, assinalando, em seu último e encantador poema, o triunfo incontestável do Cristianismo contra o Paganismo.

Nestes versos de 1890, do III Canto, Guerra Junqueiro exclama, penetrado de ardor místico e panteísta:

— "Oh, lírial, virginal, sinfônico esplendor!...
O azul todo em noivado e a terra tôda em flôr!"...

O sentimento religioso não é uma vaidade, nem mentira, nem aparência, nem ilusão; é a firme crença numa vida superior e eterna...

UM AUTÓGRAFO PRECIOSO DE GUERRA JUNQUEIRO

Schopenhauer

Quando a essência da vida é a vontade então a vontade de si é apenas desejo, ter desejos, como quer Schopenhauer. Querer é amar e portanto sofrer. Schopenhauer teve a verdade na mão e deixou-a escapar. Porque Schopenhauer era um egoísta, um jouisseur, um amoral. Ser livre é amar. A liberdade é libertação. O grau d'amor é o grau de liberdade. Só Deus é absolutamente livre.

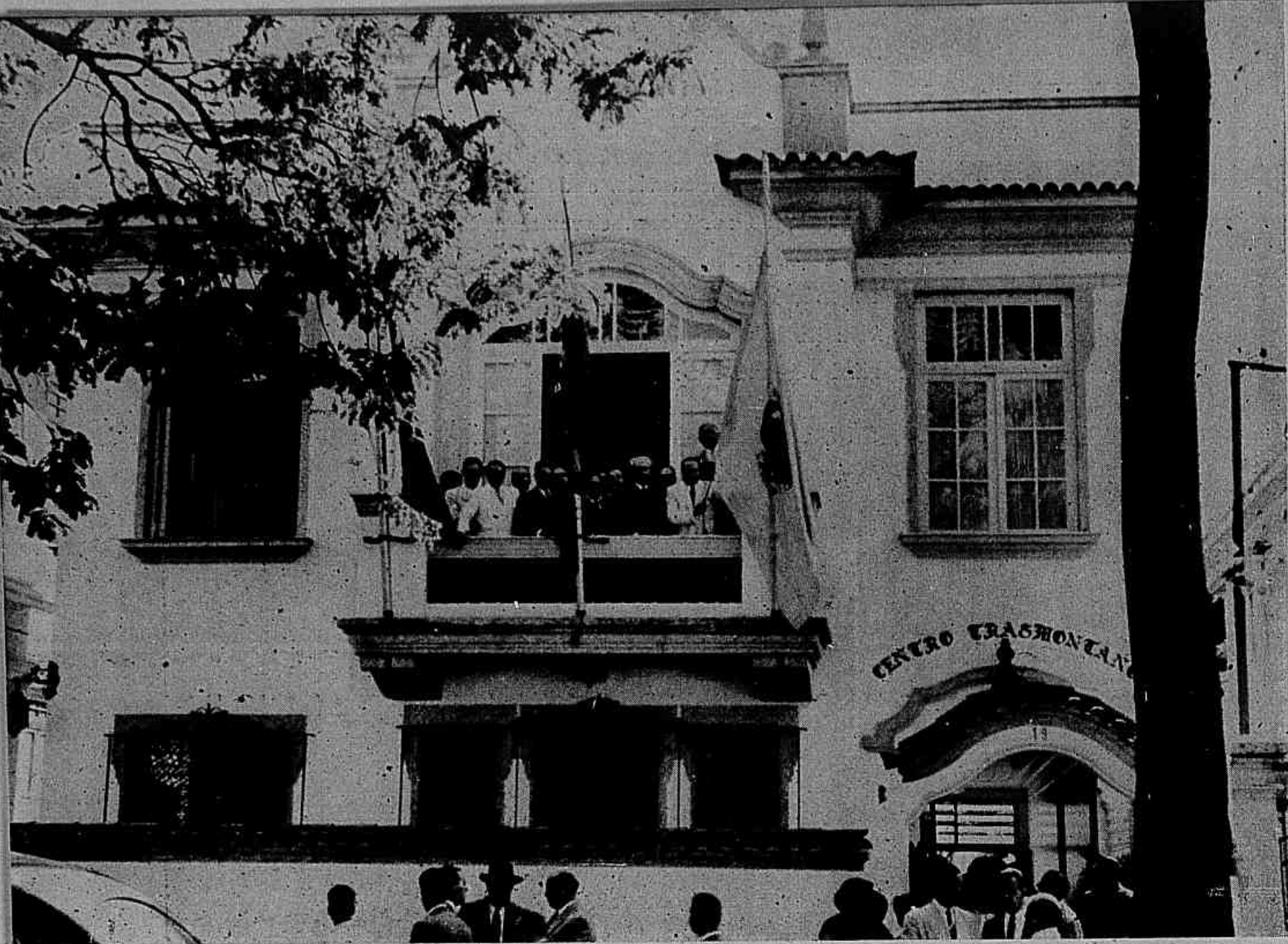
Quando Schopenhauer conclue pela renúncia, pelo ascetismo boudico chega a um vislumbre ilusório da verdade. O sol da verdade não o viu, porque o fim da vida é sofrer e amar e a plenitude da vida é vencer pelo amor infinito a infinita dor. Onde Schopenhauer encontra a negação da vida, (altruismo e piedade, sofrer e amar) — está precisamente a afirmação da vida. O santo para Schopenhauer nega a vida, porque a vida n'esse caso deixa de querer viver. É o contrário. É então que ela se afirma, que ela atinge a sua expressão soberana de dor e amor, de liberdade, de felicidade, de bem-estar. Schopenhauer não compreendia como se chega à felicidade vencendo a dor pelo amor. Chama a esse estado aniquilamento quando é em verdade a existência suprema.

Schopenhauer

A essência da vida é a vontade. Mas a vontade não é apenas desejar, ter desejos, como quer Schopenhauer. Querer é amar e portanto sofrer. Schopenhauer teve a verdade na mão e deixou-a escapar. Porque Schopenhauer era um egoísta, um jouisseur, um amoral. Ser livre é amar. A liberdade é libertação. O grau d'amor é o grau de liberdade. Só Deus é absolutamente livre.

Quando Schopenhauer conclue pela renúncia, pelo ascetismo boudico chega a um vislumbre ilusório da verdade. O sol da verdade não o viu, porque o fim da vida é sofrer e amar e a plenitude da vida é vencer pelo amor infinito a infinita dor. Onde Schopenhauer encontra a negação da vida, (altruismo e piedade, sofrer e amar) — está precisamente a afirmação da vida. O santo para Schopenhauer nega a vida, porque a vida n'esse caso deixa de querer viver. É o contrário. É então que ela se afirma, que ela atinge a sua expressão soberana de dor e amor, de liberdade, de felicidade, de bem-estar. Schopenhauer não compreendia como se chega à felicidade vencendo a dor pelo amor. Chama a esse estado aniquilamento quando é em verdade a existência suprema.

Inédito de Guerra Junqueiro do seu livro "Pensamentos à margem de uma filosofia". Comunicado por sua filha D. Maria Isabel e extraído da "História da Literatura Portuguesa", de Albino Forjaz de Sampaio.



A majestosa fachada do Centro Trasmontano, no dia da inauguração

Agremação regional, cultural, artística e beneficente com recreativismo também para o seu quadro social, o Centro Trasmontano é uma instituição destinada a cultivar a região que representa, Traz-os-Montes o Alto Douro que é grande parte do Norte de Portugal. Embora admita socios de qualquer outra provincia e sua grande maioria

civismo, o auxilio e a proteção aos seus comprouvianos, quer em beneficios, quer no convívio entre uns e outros para que desse convívio resulte, como dizem os seus Estatutos, um melhor conhecimento e um mais perfeito entendimento entre todos. E não há duvida que, dentro deste principio, seguindo esta orientação, o Centro Trasmontano, tem

dação de varias agremiações deste genero, tanto nesta capital como nos Estados, principalmente S. Paulo, o Centro Trasmontano se orgulha de ocupar entre os demais, o lugar que lhe compete, o de primeira plana, desenvolvendo um programa de realizações que tem servido de exemplo tem sido motivo de geraes aplausos, aos quaes se tem associado o proprio Governo de Portugal que ainda há pouco e por intermedio do Chefe da Nação, o emmentissimo Marechal Carmona, lhe enviou honrosissima mensagem de saudações.

Instalado hoje num magnifico edificio, a Avenida Melo Matos 19, na Tijuca construido especialmente para sua sede propria, todo em estilo colonial, o seu desenvolvimento vem se acentuando cada vez mais graças à diretoria que vem dirigindo os seus destinos, a quem se deve a esplendida realização desse palacio trasmontano em terras de Santa Cruz inaugurado com grandes solenidades e manifestações de regosio em Fevereiro do corrente ano e cuja construção esteve a cargo da importante firma M. P. Gonçalves e Cia. da qual é chefe o Sr. Joaquim Mendes. trasmontano e Socio Grande Benfeitor da Instituição do projectista Sr. Fernando Lemos da firma I. Lemos & Cia. Ltd. executora de todos os planos.

Obediente ao seu programa, não podia o Centro Trasmontano deixar de se associar às grandes homenagens que todo o mundo intelectual está prestando à memoria do maior poeta da sua terra, Abilio Guerra Junqueiro Trasmontano nascido em Freido de Espada à Cinta em 17 de Setembro de 1850, collocando-se mesmo à frente dessas comemorações nesta cidade e em todo o Brasil com a realização de três grandes ses-

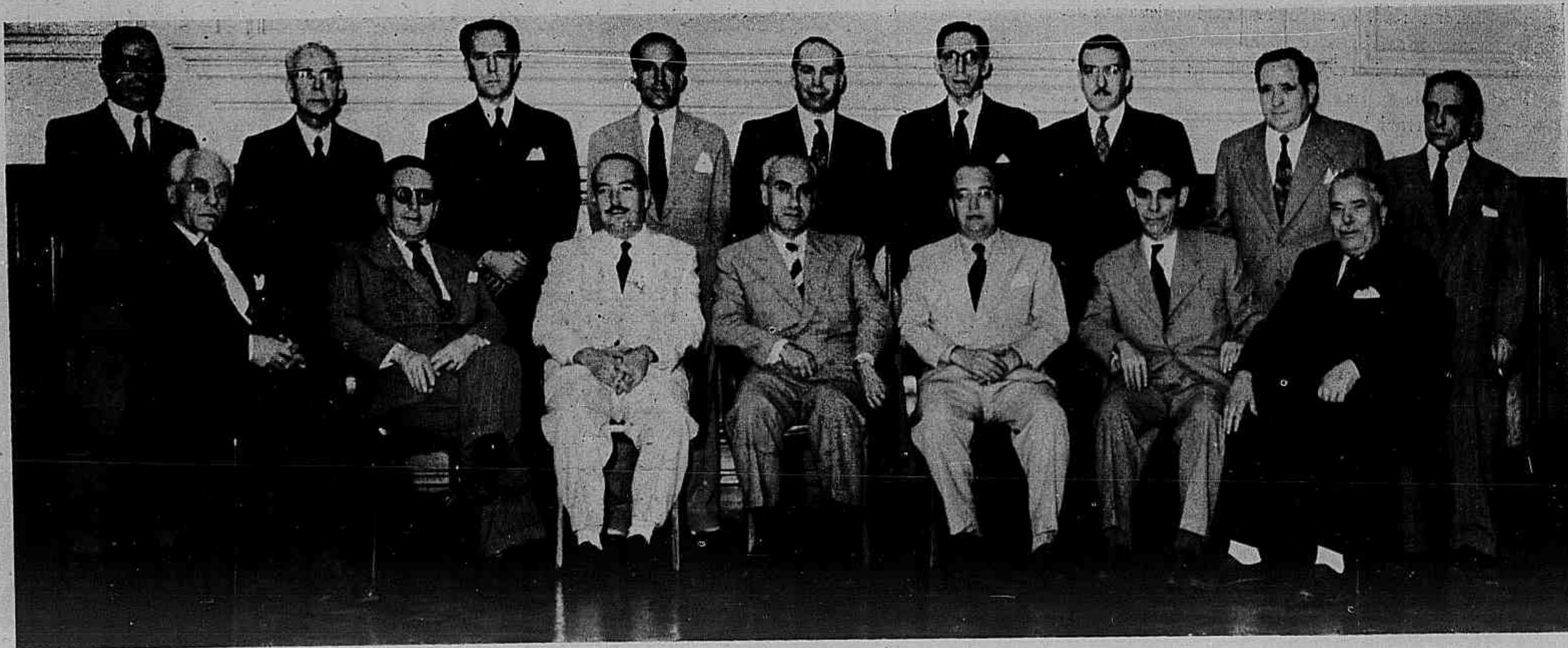
CENTRO TRÁSMONTANO NO CENTENÁRIO DE GUERRA JUNQUEIRO

é de trasmontanos e para estes e para todos as suas festas, as suas reuniões, são destinadas a reviver a terra ausente, homenageando os seus maiores vultos, as suas datas históricas, enaltecendo, as suas riquezas e os seus encantos. E' acima de tudo e principalmente uma agremiação civica, collocando ao lado desse

si imposto à consideração de todos, tanto trasmontanos, como portugueses e até brasileiros. Fundado há 27 anos, em 28 de julho de 1923, é hoje uma instituição que ocupa um lugar de destaque entre as agremiações lusas desta capital. Pioneiro do movimento regionalista que depois se desenvolveu com a fun-

sões civicas e culturaes, sendo a primeira no dia 9 de Setembro, presidida pelo Sr. Embaixador de Portugal Sr. Antonio de Faria e tendo como conferencista o escritor dr. Josué Montello, diretor da Biblioteca Nacional; a segunda no dia 17, dia que marca o nascimento do grande poeta, presidida pelo dr. Gustavo Barroso, presidente da Academia

A diretoria atual do Centro Trasmontano



Brasileira de Letras, estando a conferencia a cargo do competente critico literario Sr. Agripino Grieco e a terceira e ultima, sob a presidencia do Sr. Pedro Calmon illustre Ministro da Educação e Saude e na qual fará uso da palavra o poeta Sr. Herculano Rebordão, adido cultural junto à Embaixada de Portugal. Além destas conferencias, tomaram parte nessas reuniões culturais, outras figuras de prestigio como as Exmas. Senhoras D. Margarida Lopes de Almeida, D. Lizete de Lucena Tacla, D. Isa Santos e outros. No salão onde se realizaram estas homenagens, o salão nobre da sede do Centro Trasmontano, foi ainda inaugurada uma placa dando-lhe o nome de "Sala Guerra Junqueiro".

E' a seguinte a atual diretoria do Centro Trasmontano: Presidente comendador José Joaquim Pereira Teixeira; 1.º Vice-presidente



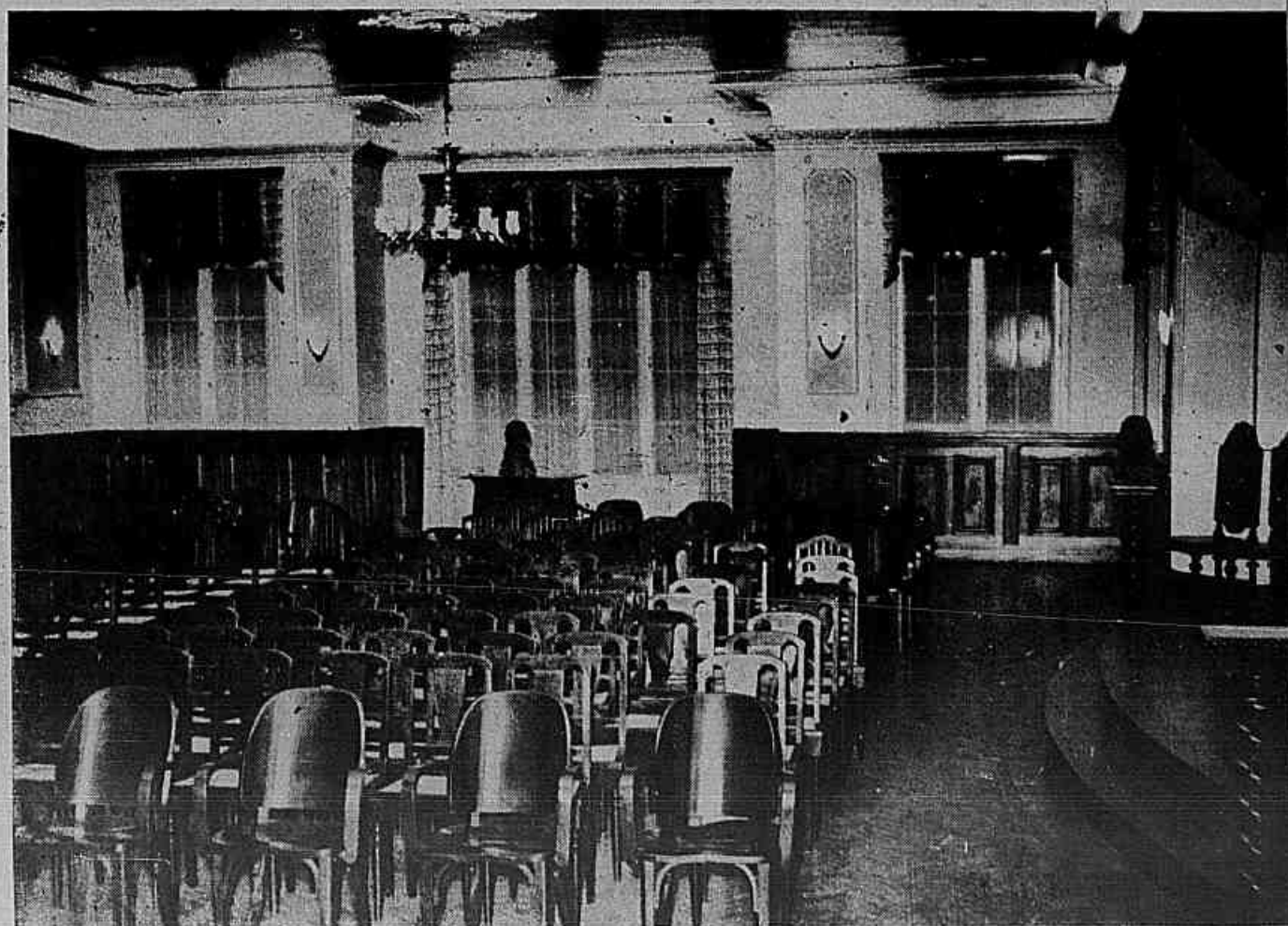
Benção do edificio no dia da inauguração, em 20 de janeiro de 1950.

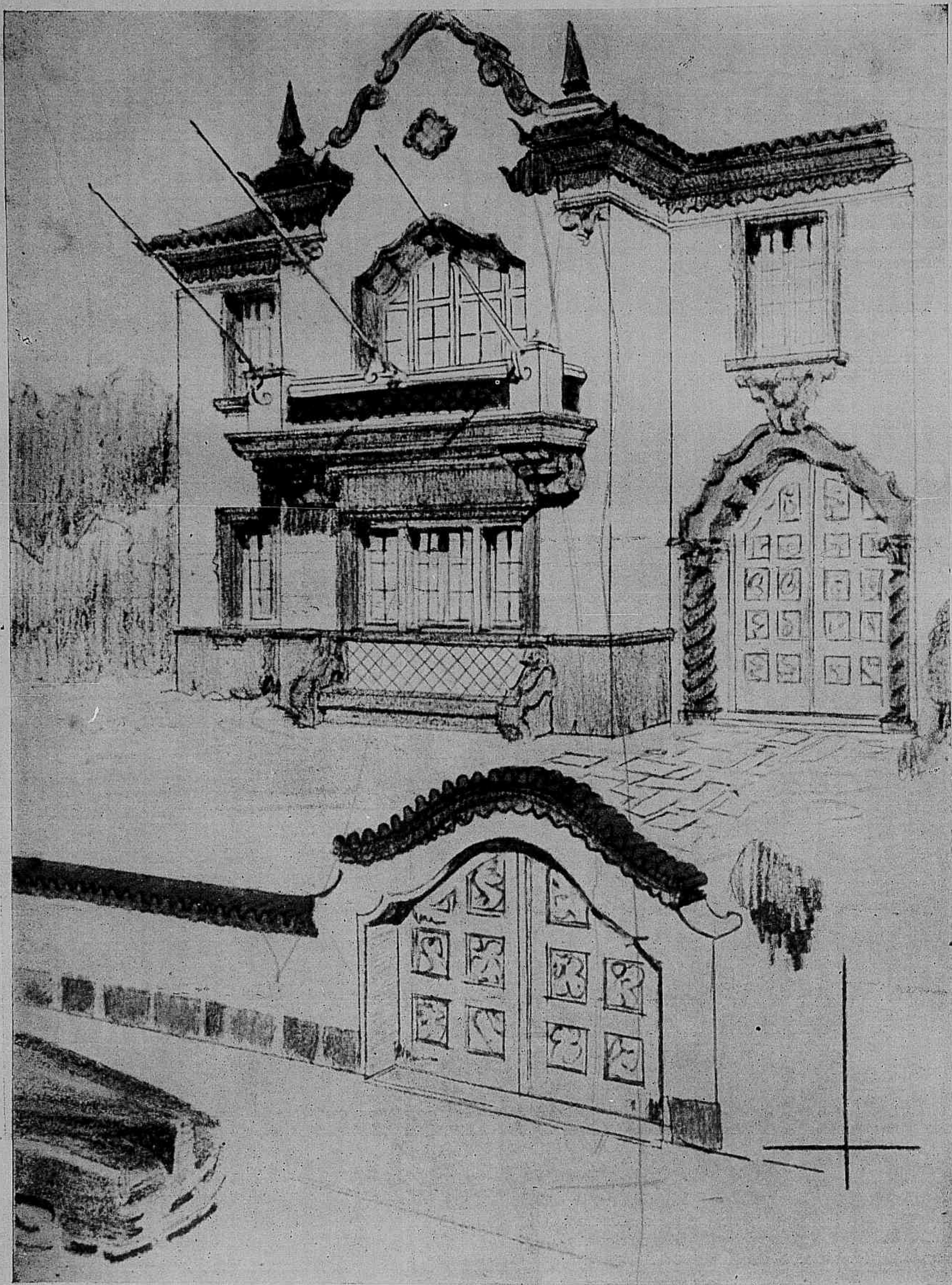


O Salão nobre num dia de solenidade

te Francisco Antonio Cunha; 2.º Vice-presidente Americo Cardoso; 3.º Vice-presidente, João A. Vieira Gomes; 1.º Secretário, Antonio Manoel Alves; 2.º Secretário, Manoel José Calixto Pereira; 3.º Secretário, Olimpio Figueiredo Saraiva; 1.º Tesoureiro, José Firmino Lopes; 2.º Tesoureiro, João Madureira Chaves; 1.º Procurador Germano Moreira Alves; 2.º Procurador Heitor Armando Taveira; 3.º Procurador, Adolfo Wenceslau Dontel; diretor social, Antonio Pimentel e diretor de escolas, João Crisostomo da Cruz; Secretario Geral, J. A. Correia Varela. A "Comissão Fiscal" é composta pelos Srs. João José Diniz, João Crisostomo Cruz e Joaquim Alves (efetivos) e Augusto V. Taveira Sarmiento e Carlos Cardoso (suplentes). A administração compõe-se ainda de um "Conselho Deliberativo" de 100 socios efetivos e de um "Conselho de Graduads".

Um aspecto do salão





CENTRO TRASMONTANO

Fachada do Centro Trasmontano, sede própria, à Avenida Melo Matos, 19, no bairro da Tijuca. Em estilo colonial português é uma grande realização, que bem reflete o espírito de iniciativa e o amor patrio da gente lusitana no Brasil. A construção do belo edifício foi executada pela firma M. P. Gonçalves & Cia. Ltda., estabelecida à rua do Lavradic 140, que é composta dos socios, Srs.

Joaquim Mendes, Manoel Mendes, Roberto Lopes Mendes e engenheiro Luiz Carlos Soares, M. P. Gonçalves & Cia. Ltda. é uma firma tradicional nesta capital, no negocio de contruções, fornecimentos de esquadrias, pinturas, etc. e possui uma organização modelar, com aparelhagem técnica e profissionais competentes, para o desempenho de qualquer serviço de sua especialidade.

PAVORAMA de ideias

ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE



A economia agrária predominou nos séculos passados. Os transportes eram lentos; poucos os movimentos migratórios. Só a guerra, e fome e as epidemias e outras calamidades deslocavam os homens. Hoje, tudo é deslocação, movimento, permeabilidade. O comércio era restrito a pequenas distâncias, ou ligações marítimas interurbanas, assaz morosas. De regra, o produtor tratava com o consumidor. Escassa a divisão do trabalho: o sapateiro curtia e fazia sapatos; o artífice era patrão, operário e comerciante. Depois, os ofícios continuaram a especializar-se e a organizar-se em grêmios, regulando-se, corporativamente, o trabalho e o comércio, sem que alcançassem abarcar todo o trabalho: houve sempre um *branco* de trabalho livre. A primeira cisura entre o trabalhador e o produto foi feita pelo comerciante, por se haver avolumado a atividade dos artífices. Uma parte das populações especializou-se em saber de que era que precisavam os consumidores. Ao surgir do Estado, a indústria não tinha poder ponderável: os produtos eram raros, previstos: as comunicações, difíceis; as operações auxiliares, escassas. Passados três séculos, tudo mudou. Os últimos cento e poucos anos elevaram a técnica a altura tal, que os julgamentos anteriormente feitos sobre os grandes homens do passado têm de mudar. A produção cresceu. Na dimensão do trabalho, tudo se conseguiu; mas só na dimensão do trabalho. As vantagens niveladoras de mais de um século de grande indústria foram, quase completamente parcas. Restringindo-se a capacidade aqui

sitiva do grande número, não se via que a quantidade do produto devia atender à necessidade e que era preciso aumentar, em todos, a necessidade, a capacidade de adquirir, para que os produtos se escoassem. Não se viu e, agora, vendo-se, em vez de se tomar o caminho certo, o único caminho certo, que é o de produzir cada vez mais, só se coartando a produção em favor da diminuição de horas de trabalho, a minoria espoliadora *prefere* queimar os produtos. Noutros termos: não quer a capacidade aquisitiva por parte das camadas inferiores, quer esmagá-la cada vez mais. Superprodução, nos nossos dias, significa subconsumo. O remédio está, pois, diante dos nossos olhos. A hereditariedade, a capacidade, a seleção pela falta de escrúpulo, põem em mãos de máus dirigentes, de seres parasitários, o destino dos Estados e do Mundo. Números, papéis, planos: mas tudo *egoísta*, avido, inhumano. Nos nossos dias, com a ciência, com o espírito de invenção e de organização científica, o Estado despótico, firmado na força, a serviço de classes parasitárias, constitui *reminiscência ex-rescente*. QUE A POLÍTICA SOLTE AS AMARRAS JURÍDICAS, PARA SE PROPOR A ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE. O Estado político — científico têm de ser *técnico*, tem de renunciar à imposição arbitrária, têm de assentar *indicativos* claros, antes de qualquer *imperativo*. O ESPÍRITO DE INVENÇÃO PASSA À FRENTE DA FORÇA.

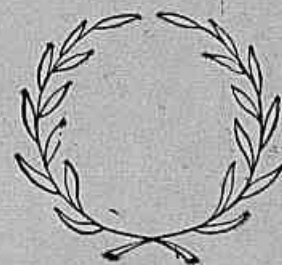
PONTES DE MIRANDA

TEATRO E DEMOCRACIA

Uma das razões da linguagem dramática ser uma linguagem simples, igual à linguagem falada, deriva do fato de que o teatro é uma manifestação de arte eminentemente democrática, popular. Nos primeiros teatros não havia limitação de plateia. O povo assistia às representações. Portanto a linguagem dos artistas tinha de ser entendida por todos que a ouviam. Edgar Quinet, comparando a poesia épica com a poesia dramática, não esconde o caráter democrático desta última. Entre os índus a poesia dramática não fazia parte da literatura sagrada, justamente por seu significado profano e popular. Ao passo que a poesia épica, heróica pertence ao gênio de aristocracia e das castas militares (haja vista os ciclos do rei Artur, de Carlos Magno, de Siegfried nos Nibelungen, do Cid nos *romanceros* etc.) a poesia dramática, ao contrário, não esconde um sentido democrático facilmente aquilatável. Sem embargo de todas as influências do teatro grego sobre os escritores dos tempos modernos, desde o Renascimento até os dias de hoje, é inegável a diferença bem nítida entre o sentido básico do drama helênico e o do drama moderno. No drama grego predominava o fatalismo. A fatalidade é a nota central de todos os dramas da antiguidade. O drama moderno (de Shakespeare, Schiller, etc.) ao contrário, é quase todo fundado no individualismo. O fatalismo antigo desaparece diante do sentido de liberdade individual dos personagens do teatro moderno. Basta, aliás, para frisar essa diferença, tão bem observada por De Sanctis, compara-se a *Fé-*

dra grega com a francesa, ou o *Oreste* de Sófocles com o de Voltaire ou o de Alfieri. A nota, o sentido básico de cada uma dessas peças aponta irretorquivelmente a diferença entre o teatro da antiguidade e o dos tempos modernos. São essas características que não devem ser desprezadas. O diálogo do drama grego cinge-se exclusivamente ao diálogo de três pessoas. A partir de Sófocles, isto é, quando o teatro clássico assume as suas linhas características, só aparecem três personagens na cena. Era o agrupamento artístico consagrado. Daí a famosa regra: "*Ne quarta loqui persona laboret*". (Não é necessário que um quarto personagem se introduza no grupo). Porque apenas três personagens na cena? Porque esse dogma? Porque essa restrição? Unicamente porque esse agrupamento de três personagens obedecia a um ideal *escultural*. O espírito grego exigia a harmonia. O teatro moderno, nesse ponto, perdeu esse sentido *escultural*, porém ganhou mais vida e intensidade humana, por mais psicologia e mais harmônico. O drama clássico da antiguidade, si por um lado oferecia mais beleza, por outro renunciava a uma objetivação mais crua da realidade, e justamente por isso os caracteres perdiam as linhas menos harmoniosas, porém, sem dúvida, mais verdadeiras. Os personagens das comédias e tragédias de Esquilo, Sófocles, Aristófanes e Eurípedes surgem diante de nós como figuras *osculturais* em demais para a simplicidade humana dos personagens reais.

JOAQUIM RIBEIRO



Celebrou-se a 5 de setembro do corrente ano o primeiro centenário da Lei que elevou o Amazonas à categoria de Província. Esse evento político e social marcou um grande passo no progresso daquela unidade administrativa do país.

Como sói acontecer na vida dos povos que aspiram um lugar ao sol da civilização, não se trata de um acontecimento então inesperado, porque, no fio da história, tudo é consequente. A árvore do passado estende raízes para o futuro.

A autonomia do Amazonas era uma velha ansiedade de sua gente assinalada desde antes da Independência nacional.

A criação da Capitania de São José do Rio Negro, em 11 de junho de 1757, desligada do governo do Pará, foi o primeiro avanço na reivindicação de sua liberdade de agir e viver mais folgadamente. Influências externas e internas, como veremos adiante, concorreram para firmar e desenvolver o sentido e o direito dessa reivindicação. Lembremos, desde já, a *revolução constitucionista* do Porto, de 24 de agosto de 1820, com repercussão triunfante no resto do país e no Brasil, onde reinava D. João VI. Portugal estava cansado de uma ditadura deprimente, pois há mais de um século não se reuniam as Cortes para votar as leis e encaminhar o livre destino do povo.

O brado revolucionário encontrara eco em todos os espíritos preponderantes. Os homens de governo não tinham outro remédio senão se conformar e submeter à corrente avassaladora. D. João VI iria sofrer, como sofreu, horas amargas.

Em Lisboa, reúnem-se os próceres da política e voltam uma nova Constituição pela qual se convocava o Congresso dos representantes do povo, da quem e daí em mar. Cumpria ao Brasil efetuar e mandar seus deputados, inclusive a Capitania de São José do Rio Negro, que daria um representante e um suplente, de acordo com a população. O Pará, a princípio, negou-lhe as vantagens do pleito, declarando que não possuía 15.000 habitantes, computo necessário à eleição de cada deputado. As Câmaras municipais do Rio Negro recorrem a D. João VI e provam por estatísticas oficiais, que a Capitania tinha população maior do

que o mínimo exigido na lei reguladora do caso. O Rei defere o pedido.

Realizado o escrutínio, saem investidos do mandato de deputado e suplente, pela Capitania, respectivamente, João Lopes da Cruz e José Cavalcanti de Albuquerque, que seguiram para Lisboa e tomaram parte, em 1822, nos trabalhos da Corte, que se havia inaugurado em 24 de fevereiro de 1821 (Arthur Reis, "História do Amazonas", 1931, pag. 146).

Implicitamente, a Capitania de São José do Rio Negro era, assim, uma entidade política, uma circunscrição do Brasil, quer de fato, quer de direito.

Sabia-se, por experiência vinda do tempo de Lobo d'Almada que o Rio Negro e, com ele, todo o Amazonas, só poderia progredir tendo governo próprio, administração autônoma, e não titeres enviados de Belém. Disto estavam certos os homens que dirigiam os destinos políticos do Brasil. Mas, nenhuma providência tomavam.

A Capitania, portanto, carecia movimentar-se. E, foi o que fez, sobretudo desde que lhe chegara a notícia da queda do absolutismo em Portugal. Logo, depuzera o governador português Coronel Manoel Joaquim do Paço e remete-o preso a Belém. Organizou a sua Junta Governativa, com gente de confiança, Junta que foi, mais tarde, aumentada, excluídos os elementos lusos.

A autonomia amazonense ganha terreno e expressão.

Veio o 7 de setembro de 1822, Brasil, nação independente. Aparece o Projeto de sua nova Constituição, que, em seu artigo 2.º, considerava, com predicamento de Província, todas as Capitânias, adotados seus antigos limites territoriais.

Para referendar esse diploma, convocam-se, no Rio de Janeiro, representantes das novas Províncias brasileiras. O Amazonas é convidado para enviar seus delegados. O convite, porém, não chegou às mãos de Bonifácio João de Azevedo, presidente da Junta, porque fôra interceptado propositadamente em Belém (O. cit. pag. 149).

Os constituintes confirmam o referido Projeto, isto é, a Constituição, que foi assinada em 24 de maio de 1824. Intacto o seu artigo 2.º, assegurando às Capitânias o título que tiveram no Império.

Organizada a lista das Províncias, para o efeito das eleições de deputados à Assembleia Geral, o Amazonas, dela, estava excluído. Não teve defesa na Corte, contra a má vontade dos que lhe atribuíam falta de renda e, talvez, incapacidade para governar-se.

Vozes se ergueram contra a injustiça, sendo a mais acentuada a de João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, não sómente na Assembleia Legislativa de sua terra, o Pará, como na Assembleia Geral. A exclusão representava um esbulho.

"A despeito da clareza da lei magna — diz o citado historiador amazonense — logo é marcado o número de Deputados ao Parlamento que convocou e nomeados os Presidentes para as Províncias, não incluindo o Amazonas, considerando-o tacitamente uma dependência do Pará".

Não fiquei esquecido, para melhor colorir aquela injustiça, que a malograda Província jámais faltou aos seus deveres cívicos, entre os quais esteve o seu procedimento, quando a 9 de novembro de 1823 recebeu, com júbilo, a notícia da Independência, fazendo a 23 sua adesão solene e festiva. No dia 24, estava constituída a Junta Governativa, tal como se fizera nas outras Províncias, antes da nomeação dos seus Presidentes.

Nada adiantou para conquistar as graças do Olimpo, senão a opinião de alguns homens de prôl. E, assim, ficou por 30 anos, não obstante as reclamações que dali partiam, mesmo as de estranhos.

O bispo D. Romualdo Antonio de Seixas ponderou: "Enquanto o Rio Negro estiver sujeito ao Pará, nem o Presidente deste poderia olhá-lo com atenção e zelo, consequência da distância, nem o governo subalterno da Comarca poderia agir com desembaraço no benefício da coletividade".

O sentimento autonomista, numa demonstração popular, explodiu, na Vila da Baía, a 22 de Junho de 1832, dela comungando as autoridades. Depois de muitos discursos, nos quais se exprobase o procedimento das autoridades mandadas do Pará, proclamou-se a separação, sendo, desde logo, nomeadas todas as autoridades para provar o governo da Província.

Na exaltação dos ânimos, fôra assassinado o Coronel Felipe dos Reis, comandante militar. O governo imperial, como era inevitável, desaprovou a sublevação e mandou subjugar os insurretos, que fugiram, quando o barco "Independência", guardado de canhões, chegou a Manaus, depois de um combate em frente as Lages, na confluência do Rio Negro com o Solimões.

Em novembro de 1832 foi promulgado, pela Regência, o Código do Processo Criminal. Seu art. 3.º mandava que os Presidentes das Províncias fizessem a divisão territorial das respectivas Comarcas. O Presidente do Pará não perdeu tempo. Dividiu sua Unidade em três circunscrições que foram as Comarcas do Grão Pará, do Baixo Ama-

CENTENÁRIO DA AUTONOMIA DO AMAZONAS

AGNELLO BITTENCOURT

(Do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas)

zonas e do Alto Amazonas. Esta, com os mesmos limites da Capitania criada por Mendonça Furtado.

Ficou, deste modo, a Província do Amazonas rebaixada oficialmente a simples Comarca. As reações, de quando em vez, surgiam. A 30 de agosto de 1839, pela palavra do deputado geral Dr. João Candido de Deus e Silva, foi apresentado ao Parlamento um Projeto criando a *Província do Rio Negro*, "Não pode, não tem renda para se manter", disseram os adversários, não se lembrando que a liberdade cria estímulos ao trabalho, à inteligência e à economia, fontes de todo o progresso humano.

(Continúa no fim do número)



ORAÇÃO AO AMAZONAS

Creio em ti, Amazonas! Cheguei as tuas terras, uberes no esplendor da mocidade. Tudo, naquela época longínqua, era para mim um sonho acordado. Trabalho, um pouco de inteligência que Deus me deu, e fé! Tinha e tenho ao te estudar e observar, uma convicção imensa dessa grandeza já assinalada nos livros dos sábios, dos naturalistas e dos poetas, e que o tempo e as pesquisas vêm confirmando.

Creio em ti, Amazonas! Na inteligência e na cultura dos teus filhos, nos sábios e críticos, nos poetas e romancistas, historiadores e novelistas, contistas e ensaístas, nos teus filólogos e conferencistas, nos jornalistas, nos homens de ontem, hoje e amanhã, meus companheiros e amigos, nessa cruzada em prol da Terra quasi desconhecida e sempre incompreendida, — creio na tua música e nos teus cantos típicos, no teu "folclore" profundamente amazônico. Creio em ti, Amazonas! Aportei em Manaus, a "Cidade Risonha", ainda no século XIX, e foi na tua capital, que surgia maravilhosa, que assisti o esparto do século XX, numa ceia comovedora, onde estavam reunidos os homens políticos e públicos, os intelectuais, os industriais, uma sociedade brilhante onde havia o sorriso bom da Mulher amazonense, e onde se conjugavam esforços e cultura para alicerçar uma Cidade, um Estado que começava a ser um dos orgulhos do Brasil.

Creio em ti, Amazonas! Comemoramos hoje o centenário da tua elevação à Província, aquela sábia Lei de 5 de Setembro de 1850, sancionada por esse Brasileiro da nossa admiração e do nosso carinho, que foi D. Pedro II, referendada pelo então Ministro Visconde de Porto Alegre. Nesta hora de Justiça serena não se poderá esquecer o nome de Tenreiro Aranha que, em 1844, apresentava à Assembléia Legislativa do Pará indicação para que a Comarca do Alto Amazonas fosse elevada à categoria de Província. E, Amazonas, és a Cidade mais moça e garbada desta Pátria que é todo um futuro!

Creio em ti, Amazonas! Nas tuas possibilidades, materias e morais, inteligência, cultura, trabalho, honestidade, visão certa do "Amanha". Os teus homens, os glebários e os outros teus amigos sinceros, que não nasceram aí mas têm o amor à Terra, construíram uma Cidade que deslumbra, um Estado que é uma força em marcha. Erros, enganos, equívocos, mesmo crimes? Mas quem não os comete? Releia-se a História nossa, e as de outros, e veremos página a página, os mesmos fatos, senão agravados. Mas foi o Homem quem fez o Amazonas, que realizou Manaus, "a revelação da República", esse prodígio da inteligência e do esforço que espanta o viajor surpreso.

Creio em ti, Amazonas! A Natureza te dotou de terras fartas e úberes-subtraídas aqui, ali e acolá, — de rios men-sos e caudalosos, de florestas infindáveis, duma alimentação sadia, caça e pesca, de frutos saborosos, duma flórea

extasiante, com as mais belas orquídeas do mundo, aparelhado para ser o futuro sólido deste Paiz tão vasto, quando os homens que governam o Brasil visitarem, percorrerem, compreenderem, ajudarem, enfim, o Amazonas, que não tem somente a borracha e a castanha, tão necessários à vida, mas que tem as madeiras, as fibras, a juta, os óleos, o guaraná, o páu-rosa, as peles, as raízes medicinais que conservam o homem, tudo enfim que anda disperso por esse mundo em fóra!

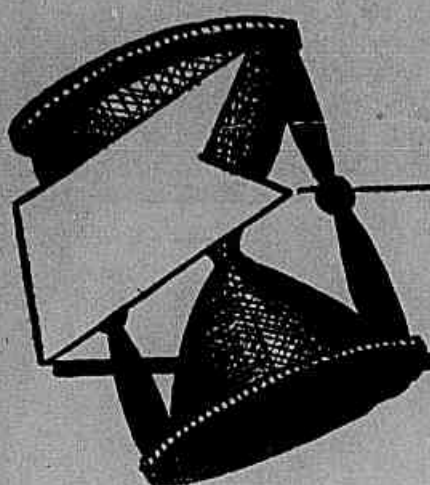
Creio em ti, Amazonas! Celeiro do mundo, dizia Humboldt, — celeiro do Brasil de amanhã, afirmo eu. Porque esses Governos da nossa Pátria não cooperam, não estudam, não exploram a Terra quasi virgem, não se dedicam a ela, aproveitando tudo, inclusive o seu petróleo e os seus minerais? Ela enfeixa o maior território da Pátria, maior do que diversas Nações agrupadas da Europa, o mais rico de todos, mas é preciso, é necessário, é urgente, é inadiável, é imprescindível um programa sério de ação enérgica, em auxílio, em cooperação econômica — financeira com os governos do Estado, sem recurso para enfrentar o problema mais sério da nacionalidade, porque se trata do Paiz dentro duma região que representa um Paiz!

Creio em ti, Amazonas! Nascido nessa terra de gênios, tocada de bondade, que é o Maranhão, a Atenas Brasileira. O Destino me levou a Amazonia, ao Pará hospitaleiro, e depois me fixou nesse Amazonas que assombrou os sábios, inclusive ao Mestre Euclides da Cunha, e a ele me dediquei, encantado ontem e hoje, porque nele sofri e amei, sendo sempre, quando em terras outras, sem interrupções, uma pena e uma voz em sua defesa, dentro duma Justiça retilínea.

Creio em ti, Amazonas! Tu és a terra dos meus filhos queridos, do meu grande e saudoso Filho, aquele que por ela sacrificou-se, deu-lhe a vida no cumprimento do seu dever, moço embora mas pezando as suas responsabilidades, corajoso e ativo, e a quem o Governo, o Município e o Povo levantaram uma estátua na praça pública, e, num momento de alucinação política, a cidade indefeza, um pequeno grupo alcoolizado e inexpressivo derrubou, na ansia de ferir ao pai, — jogando ao rio fabuloso que banha a "úrbes", o seu magnífico busto em bronze que representava um dos símbolos da Raça nobre e forte, que tantos valores tem dado a Pátria!

Creio em ti, Amazonas! E, dentro da minha profunda fé católica, ao descer os últimos degraus da Vida, os meus olhos se voltam na hora da Ave-Maria, cheia de graça, para os ocasos incomparáveis, sugestivos e comoventes do Amazonas que não é uma promessa, e sim uma realidade rica e fulgurante, e a minha alma, coração e espírito pedem ao Deus bom e justo, que o proteja e o abençoe, sempre e sempre!

Raul de Azevedo



ACONTECEU EM 30 DIAS

O projeto de lei apresentado à Câmara dos Deputados visando amparar a indústria cinematográfica através de financiamento pelo Banco do Brasil, poderia servir de base a um movimento mais sério em benefício da fabricação e exibição das nossas películas. Não basta que se assegure ajuda monetária aos produtores que tratam de assuntos educativos e de interesse nacional sob o aspecto recreativo. Esse é um ponto, sem dúvida, importante, mas não é tudo. Porque depois

de realizado um filme, ele necessita de ser visto pelo público para que se colham os resultados práticos da sua apresentação. Acontece, entretanto, que a organização das casas de espetáculos desse gênero, se não é abertamente hostil ao artigo brasileiro, não se empenha em fornecê-lo aos espectadores na medida de seus desejos. Esse é um capítulo especial da matéria e que tem de ser fixado definitivamente para a eficiência de qualquer iniciativa no sentido da difusão de trabalhos nossos. No que

concerne ao fabrico, poder-se-ia tomar como elemento nuclear, da parte do Estado, a verdadeira escola que já existe, e que é o Cinema Educativo do Ministério da Educação, obra magnífica de Roquette Pinto e que até hoje luta com tremendas dificuldades para seu desenvolvimento. O que ela já fez é magnífico, mas quase desconhecido do povo. E com a sua orientação técnica e cultural poder-se-ia levar a grandes aperfeiçoamentos a indústria nacional de filmes.

O presidente do Tribunal do Juri, o ilustre magistrado dr. Faustino Nascimento, frizou, em recente estatística, o contraste entre a exiguidade de reuniões do Tribunal e a quantidade de casos sobre os quais é chamado a pronunciar-se. Segundo verificação exata ocorre, em média, um crime contra a vida nesta cidade, e o seu julgamento, pela razão invocada, não se processa com a rapidez necessária. Mas o problema não é só o de natureza judiciária. A revelação de que tanto se mata nesta metrópole induz-nos a refletir sobre as causas da criminalidade que não devem ser desprezadas. A maioria dos crimes destes últimos tempos se caracteriza pela sua forma romanesca, pelo modo por assim dizer técnico da sua prática. Os delinquentes cercam-se de mistério, e de tal

sorte que quase nunca se consegue a elucidação completa de um desses delitos. Trabalham as autoridades para a descoberta dos malfeitores, mas estes as despistam facilmente e confundem os agentes cuja sagacidade desafiam vitoriosamente. De algum lado vem o aperfeiçoamento dos métodos de eliminação humana, e esse é, sem dúvida, o espiritual. Em regra são moços os que cometem tais atentados. Um deles, há pouco, confessou-se leitor assíduo de certas revistas destinadas à infância e à adolescência, e que nas páginas e gravuras aprendera a enganar a polícia. O bandido "Carne Seca" se mostrou apreciador desses órgãos e seu discípulo. Parece que essa face do problema deveria ser observada com cuidado. A prevenção do mal é mais importante do que a sua repressão.

Na campanha política em torno dos postos eletivos a maioria dos candidatos faz questão de mostrar o retrato nos cartazes pregados em todos os cantos da cidade. É uma forma de exibição que visa torná-lo identificáveis com os votantes na hora do recanto das urnas. O que preocupa esses conquistadores da simpatia popular não é saber se o povo acreditará nas suas promessas de bem estar coletivo — todos eles aparecem com legendas que oferecem a perene felicidade — mas o intuito de arranjar o melhor sorriso, tal como os galãs de cinema. Parecer bem, com o cabelo pen-

teado à moda, com a gravata a jeito, e a bailar nos lábios um sinal vivo de alegria dá-lha exposto numa dentadura perfeita, é o que interessa. E diga-se a verdade, quase todos, dos mais modestos aos melhor instalados, nos cartazes de luxo ou nos singelos, o que têm mesmo para exibir é a boca enfeitada por duas filas de dentes otimamente comportados. Os dentistas, se soubessem aproveitar os elementos para uma propaganda de seus serviços odontológicos deviam imitar os fabricantes de pastas que utilizam as efígies de pessoas bonitas de am-

bos os sexos para atrair a freguezia. Quantos artistas de teatro e de cinema não andam por aí, nas revistas e nas paredes, a sorrir maravilhosamente a título de recomendação das fábricas de dentríficos a cuja qualidade atribuem o esplendor das suas formosas arcadas manducatórias? Excelente anúncio fariam esses industriais se combinassem com os políticos associar-se à sua campanha e se lhes fornecessem em troca do empréstimo das respectivas caras sorridentes os cartazes com que se oferecem à contemplação embevecida das massas...

O Arcebispado distribuiu aos vigários de todo o Brasil uma série de sugestões destinadas aos católicos, a fim de que estes, na ocasião de escolher os futuros mandatários da nação em diversos postos eletivos, tenham a consciência de que sufragaram gente à altura da função. "Não basta votar. É preciso votar bem" reza a circular arquipiscopal. E no desenvolvimento da tese eselarece os motivos determinados dessa providência acuteladora. Os fieis devem levar em conta que atravessamos um momento crispado de perigos de toda a ordem e que as mais sérias ameaças pairam sobre a humanidade. Antes de mais nada um católico tem a obrigação de não se enganar com aqueles que nas assembleias legislativas do país terão de dirigir um povo composto na sua maior parte de católicos. Governadores de Estado, senadores, deputados, vereadores, para

merecer o apoio desse numeroso eleitorado tem de ser indivíduos respeitadores da nossa crença tradicional e partidários da democracia como a praticamos entendemos desde que nos constituímos em nação à sombra da cruz de Cristo. Com essa atitude lógica, a Igreja não toma partido por esta ou aquela corrente, porque em todas elas há lugar para os que defendem a nossa civilização. Apenas o que se pretende é que o eleitor vote sempre com acerto e em candidatos capazes de uma ação franca no terreno moral. Os que atacam a integridade da família, os que minam os alicerces da nossa ordem social, os que conspiram contra a soberania da Pátria e tramam a sua escravização a interesses estrangeiros, esses não podem receber os votos de brasileiros ciosos da sua independência e confiantes na doutrina da Igreja eterna.



GRITO DO IPIRANGA
Téla de Pedro Americo

JOIAS DO PENSAMENTO BRASILEIRO

SELECIONADAS POR DE MATTOS PINTO



UMA parte dos destinos da sociedade contemporânea está na mão de loucos furiosos, que ameaçam tudo subverter com o fogo da sua vesania política.

Vida são atos, casos, fatos, acontecimentos, grandes ou pequenos, graves ou frívolos, que se somam nos dois componentes de apreço da existência — prazer, dor.

A memória é um rio anormal e caprichoso. Só é boa quando as águas refluem. Si correm sempre para o destino sabido do oceano, inúteis são para a vida.

Como se escreve a história? Creio piamente que só a mínima parte se escreva por investigação direta de documentos. A maior é por dedução, intuição, adivinhação do historiador.

A retificação das afirmações da história ocuparia tantos volumes quantos os da própria história. Os pequenos fatos, então, são quase sempre alterados ou deturpados, segundo a visão de historiador que fez a história e a do que, antes dele, fez o documento. Vemos isso com frequência nos fatos contemporâneos, que cada jornal conta a seu modo.

A virtude costuma defender-se colocando-se habitualmente no meio; mas em matéria de eleições a virtude nunca está no meio, nem nas extremidades; a virtude está ausente.

... a verdade é tão incomoda para a vida como a virtude — si não o é mais...

Estou a convencer-me, dia a dia, de que só nos países velhos, de acabada formação moral e intelectual e de relativa coesão étnica é possível existir, quando não nas massas, ao menos nas classes

cultas, o senso do direito, o sentimento da justiça e o respeito à lei, do qual deriva e evidente se torna, ainda, ainda nos mínimos, a disciplina social, base da ordem, fulcro de toda organização política.

É, sem dúvida, por isso, que eles — os povos latinos — são mais difíceis de governar, por avessos à disciplina, rebeldes à obediência legal, insubmissos aos preceitos, impermeáveis ao raciocínio.

Da ausência do senso jurídico vem o desdém das prescrições legais, e desse desdém é que, a meu ver, derivam todos os nossos males.

Quem se importa com a lei? Quem faz caso de regulamentos? Quem dá atenção a constituições? Quem acredita em juizes? Quem respeita as autoridades? Quase submete a estatutos? Cada qual pensa dentro em si que essas belas ou feias cousas foram escritas ou estabelecidas — para os outros.

O que admira é o ver-se, e com incrível frequência, que aqueles que mais podem beneficiar das leis, para quem mais especialmente as leis são feitas, que nelas e só nelas encontram o amparo da sua humildade e a defesa da sua literatura, também com o mesmo furor as transgridam, as iludam, as violem com a mesma indiferença dos outros a quem a sociedade encarraga de as aplicar ou defender.

É sempre o mesmo fenômeno de insubmissão, que abrange todos os homens, uns mais, outros menos, que está na estrutura mental, nos globulos do sangue da raça e a que raríssimos conseguem furtar-se por um esforço que os outros mal chegam a compreender — porque quem não sabe, quando é preciso, ser contra si, raro deixa de ser contra os outros.

A presunção de que o capital seja superior ao trabalho, é um preconceito antigo, que só muito lentamente vai desaparecendo, e a que parece ter chegado o momento de crise suprema.

A grande revolução destruiu a terrível organização opressora e com a declaração dos direitos do Homem, começou o trabalho a ter um valor, que foi subindo, subindo, até que, agora o momento, ou está muito próximo, em que ele se deve igualar ao capital. É o equilíbrio.

O capital nada é sem o trabalho; o trabalho para nada serve sem o capital — logo há idealidade de situação e, portanto, identidade de valores.

Desde que seja reconhecido pelo capital a igualdade de valor do trabalho e vice-versa, e como não podem viver separados sem se finarem, hão de ajuntar-se e os frutos dessa junção se dividirão com perfeita igualdade entre os dois.

... a função superior dos parlamentos é perder tempo.

O ouro tem o seu pudor. Nascido e criado no centro da terra, incrustado na rocha viva, crescendo, dilatando-se e abrindo o seu caminho na densa estrutura de quartzo, num laborioso e perpetuo esforço; ou subindo ao leito dos rios e pulverizando-se no lodo sob a pressão das massas d'água, a sua história é um modelo de discreção e de modéstia; e si um divino lho desse por algum tempo a faculdade de pensamento e do raciocínio, ele ficaria de certo espantado ao saber que o mais nobre e o mais sábio dos animais da terra por ele se movia e atuava, por ele se fatigava, se batia e morria, há longos séculos, ininterruptamente e que ele só, mais do que o amor e as religiões, tinha ensopado de sangue e de lágrimas toda a superfície habitada do planeta.

FILINTO DE ALMEIDA

Entre as pausas da Normandia, depois que Maupassant fez construir o gracioso chalet de *Guillette*, em Etretat, e as permanências hibernais em Paris, sempre de pouca duração, toda a vida do escritor é uma vida errante.

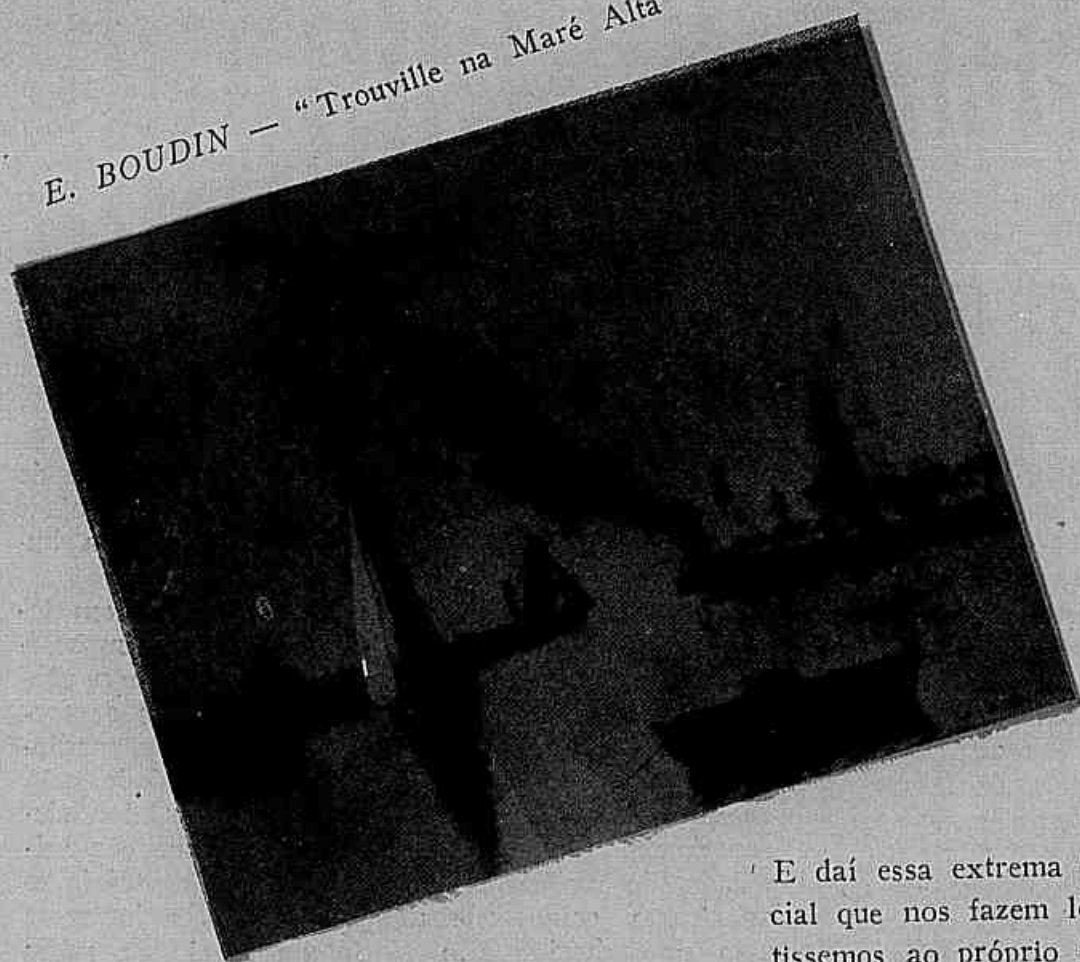
Todos os aspectos da paisagem e marinha que Eugênio Boudin, Claude Monet fixaram, com tanta emoção e grandeza, lhe são familiares. As dunas que Jongkind com tanto flagrante perpetuou, constavam de seu diário sentimental.

O artista é um nômade. E mesmo nas demoradas estações estivais em sua casa camperina, onde ele revia, com intenso sabôr os anos de sua meninez, e como que reconstituía, pela nostalgia de um passado que jamais conheceu, as energias hereditárias e ativas de seus antepassados que ali viveram. Maupassant, nas fontes remotas de sua formação etogênica, as explorações dos normandes piratas que desceram do setentrão. Ainda ali, e sob aquelas



CLAUDE MONET — "Paisagem"

E. BOUDIN — "Trouville na Maré Alta"



esquecidas, impulsões, ele se deleita nas amplas caçadas normandas, onde o seu temperamento se multiplicava em deleites de semi-bárbaro.

Amando a solidão, no desejo apenas de ser sempre ele mesmo, de fugir a toda espécie de constrangimento, de nunca ter que tomar uma atitude convencional, o escritor, durante um tempo de sua vida, foi obrigado a viver na plenitude da sociedade parisiense.

E, assim, como de suas vilegiaturas em Etretat nasceram, na maioria, as suas novelas de cenas e estudos de tipos de campo; e do convívio social de Paris lhe vieram os temas das poucas histórias que compôs sobre os meios elegantes.

Para quem entra em contacto com a obra de Maupassant — conto, novela ou romance — a primeira surpresa, surpresa feliz, que o assalta em vivos galões de prazer, é a extrema largueza da fatura. Depois o que mais o impressiona é a emocionante facilidade, a pureza simples de uma língua clara, saborosa, pitoresca sem demasias, arguta e alerta como a própria vida dos seres que ele representa.

O escritor de "Fort comme la mort" não fazia trabalhos preparatórios: sem maquete ele atacava diretamente: e o modelo, visto num clarão, era transportado para o campo da composição, como se fosse um croqui *paussé*.

Preferia o método de composição introspectivo: e toda hora, a todo instante, estava elaborando o conto ou a novela. Os personagens viviam com ele

nos seus mais expressivos pormenores, nas ações revelatrizes.

Quando os via no papel, pareciam vivos, prontos, capazes, sem os rebôcos, nem as emendas e entrelinhas. Era tudo peça única. Nem mesmo com o tempo emergiam, como em revelações fotográficas, os *repentirs*: as figuras eram desenhadas no essencial, com uma construção interna profunda. Sempre que compunha parecia improvisar.

E daí essa extrema facilidade, esse dom providencial que nos faz lê-lo e senti-lo como se assistissemos ao próprio instante da realização.

Muitas de suas obras dormiam no subconsciente alguns meses; mas quando passava o período desse estranho amôjo de arte — logo saíam, como a formosíssima Atenea da cabeça do velhíssimo Zéus, armada de vida, para a vida comum.

zia de linhas — revela com impertinente clareza o estado do espírito do escritor e a sua íntima concepção estética. O creador de "Une Vie" ao ser interrogado sobre o momento literário declarou nem só não ser literato, como até não entender desses assuntos, nem julgar também que tais coisas merecessem semelhante inquérito...

No entanto, para que não se compreenda mal a atividade do escritor, nem a idéia que defendo, devo logo dizer que por essa mesma ocasião Maupassant gostava de passar, parte de suas noites, em *La Bicoque*, vila de madame Leconte de Nony que habitava já a Etretat, quando o novelista mandou construir *la Guillette*.

Creio que o nome de Leconte de Nony deve ser muito familiar aos leitores: é o da escritora do livro famoso "Amitié Amoureuse", que apareceu sem nome de autor.

Aliás nesse próprio livro, como no "En Regardant Passer La Vie", a atuação de Maupassant é referida. Em *la Bicoque* o escritor se deleitava com a leitura que lhe fazia madame de Nony: e preferia ficar estendido num sofá, na penumbra da

MAUPASSANT E SUA ARTE DE COMPÔR RETRATOS E PAISAGENS

FLÉXA RIBEIRO

Prof. catedrático na Escola Nacional de Belas Artes.

Na sua obra não há esforço literário: tudo ali nasce fácil, espontaneamente, como no próprio milagre da criação.

Foi de propósito que procurei confundir a língua do escritor com a sua arte de narrar. Ainda por que em Maupassant esses dois elementos são inseparáveis e fazem como que a unida e explícita e espiritual do racontador.

Não seria de certo temerário afirmar que o autor de *La "Petite Roque"* não era um literário. Além do que se poderá concluir o exame mesmo de sua arte literária, há o testemunho dos contemporâneos. No admirável livro de Jules Huret, sobre o "estado da literatura francesa no final do século passado", a entrevista que o reporter sensacional teve com Maupassant — e que se resume em meia du-

sala, quase imperceptível, enquanto a amiga dileta lia as "correspondências do século XVIII": e depois da de Diderot, vinha as de Melles. Volland e de Lespinasse...

O que Maupassant detestava com fúria e horror santo era a literatura como meio artificial de expressão das idéias.

Sua arte era toda a vida: sentindo-a dentro de seu próprio ser ele não na poderia trazer como simples exercício de retórica.

Maupassant foi realmente na vida e na arte, no completo que esta expressão encerra, um artista.



Jan van Eyck



Antonello da Messina



Titiano

A imortalidade, — mistificação consciente dos vivos — é raramente alcançada na vida real. Nos artistas, embora a obra de arte criada no cérebro e no coração, deva trazer no nascedouro o endereço da posteridade, quase sem exceção, quando o sonho realiza-se, consubstancia-se muito depois da morte do autor, dentro da perspectiva insondável do tempo. Os maravilhosos necrológios que ouvimos ou lemos, são os remorsos tangíveis dos contemporâneos, misturados com o insofrido e recondito desejo de merecer idênticos um dia, daqueles que os escreveram ou disseram.

A imortalidade e a glória num mundo utilitarista e rasteiro como o que vivemos de um certo modo, tornaram-se hoje somente acessíveis a determinadas atividades: guerreiras, científicas ou artísticas. As artes plásticas são ainda o maior e o mais opulento celeiro no qual a fama vai buscar os eleitos para a eternidade.

E dentre elas, na pintura, há um gênero absolutamente à parte, que quando realizado com maestria e perfeição pode assegurar ao artista a glorificação e o sucesso num dos terrenos mais difíceis: o retrato.

É gênero que requer talento especial, dons e pendores próprios, sem os quais mesmo os pintores de gênio, não lhe conseguem vencer os sérios embaraços e as imensas dificuldades.

O retratista deve ser sobretudo e indisputavelmente, bom psicólogo, capaz de realizar e provar o conceito de Confúcio: "Os seres não se podem esconder", — descendo às cavernas profundas da alma do modelo escolhido, quebrando-lhe o gelo externo que o cobre, destruindo-lhe a casca artificial da superfície, para representar por meio de ínfimos traços e fugidias nuances de colorido, o retratado, tal qual é e não como aparenta ser.

Deve conhecer o segredo dos movimentos do modelo, não "porque" mas "como" o mesmo se desloca, fala, move-se ou permanece, segredo que revela as bases essenciais da personalidade, mostran-

dor terno ou impudente, etc., dando em resumo a medida exata da maneira de existir e de ver as cousas.

O retrato como obra de arte imortal tem de dar, aos que contemplam, dias, anos ou séculos depois da criação, a impressão de um ser já visto, de uma criatura humana, familiar, de pessoa amiga, inimiga ou indiferente antes encontrada, de modo que as palavras elogiosas tombem inconsciente das bocas estáticas, com a suprema e definitiva homenagem ao trabalho do artista que o concebeu, para a eternidade.

E como na arte do retrato a tarefa maior inicia-se com a paciente pesquisa interior do modelo e sendo a vaidade um dos sentimentos humanos mais perenes e constantes, verifica-se, quando examinarmos galerias de arte, que nos retratos feitos por encomenda, quase sempre, o artista é obrigado a cingir-se às exigências do modelo, não podendo deixar livres todas as forças superiores do espírito e a acuidade na percepção dos pormenores internos e externos.

Um poeta será capaz de sob pressão do tempo e circunstâncias, criar por solicitação, um maravilhoso poema entre o borborinho e a azafama de redação de jornal, porque as imagens e as ideias não estão subordinadas à alvo estreitamente vivo e corporeo, que lhe diz ou lhe exige a maneira de exprimir as próprias ideias.

Anônimos imortalizados

ANDREA SZABADOS JOSA

do ao mesmo tempo, amar profundamente a humanidade para compreendê-lo e subtilmente aprender com o coração aquilo que a mente e o raciocínio não puderam decifrar nos sinais externos. Poderá assim esboçar os contornos interiores do indivíduo e saber com precisão divinatória si o modelo é conduzido pela inteligência, pela vontade ou pelo sentimento. Sondar os traços pessoais característicos que diferenciam os seres, de vez que, toda a humanidade é em suma uma mistura de falhas e virtudes, e a dosagem das qualidades e defeitos, é que caracteriza os indivíduos.

O pintor retratista além de psicólogo deve ser ao mesmo tempo ator, vestindo a pele interna dos modelos, reincarnando-se na sua personalidade desempenhando quase ao vivo no ambiente social em que o mesmo age, o papel que ele desempenha, vivendo e sentindo suas reações, para no fim transportar à tela, através de seu conhecimento técnico, artístico, e psicológico a verdadeira personalidade do retratado.

Dos bons retratos deve irradiar à primeira vista, o "ar" da pessoa representada, pelo valor interno específico: frio ou ardente, infantil ou domina-

Mas na execução de um retrato, a liberdade de apresentar deve ser assegurada ou pela vontade indomável e intransigente do artista ou, pela humilde compreensão do modelo.

Na longuíssima série de retratos pintados, em todas as épocas e períodos, é muitas vezes impossível verificar a ligação referida acima entre o pintor e o modelo. Da mesma forma que não se tornam melhores as qualidades de um retrato mediocre, o fato do modelo ser uma celebridade, não deslustra de igual forma um quadro imortal a circunstância de não se conhecerem, o nome e a atividade, do modelo que o inspirou. Ao contrário, o anonimato como que aguça em nós, o interesse pelo desconhecido e o fascinante anseio de saber ou imaginar as condições e a vida desses anônimos para todo o sempre imortalizados.

Quantas hipóteses românticas oferecem-se à nossa imaginação diante de telas maravilhosas etiquetadas com a menção despresticiosa e banal de "Dama com écharpe amarela" ou "Homem de olhos cinzentos".

A simples palavra "anônimo" é cheia de melodia, de preságios e desperta logo interesse.

Si o mistério — dizem — é condição indispensável ao nascimento o amor, é sem dúvida também em todos os outros fenômenos humanos o condimento vital, nunca faltando suas contribuições e

El Greco



Frans Hals



Velázquez



Rembrandt

é caracterizado no exterior, pela naturalidade de atitude e tranquilidade, incapaz de ultrapassar os limites e regras traçados pela sua casta através dos séculos. Interiormente, sob essa aparência imperturbável surge a verdadeira característica do homem de vontade firme e decidida, fazendo-a valer, mesmo à custa da própria vida: é imutavelmente idealista. O movimento involuntário da mão e o ar convicto sublinham a fé indesejável do corrente.

A Holanda apresenta no século seguinte — XVII — um fenômeno curioso. Em

(Continúa no fim do número)

Goya



Pedro Americo



Cézanne



presença, nas grandes e eternas cousas da vida. E mesmo sabendo que onde a fé coloca um mistério, a filosofia procura afanosamente a razão, instintiva e tenazmente defendemos e nós próprios, esse campo intocável que é o anseio incoercível e secreto pelos mistérios.

Aceitando o mudo convite desses anônimos, errando pelo Louvre, percorrendo o Pitti, a National Gallery ou nos deleitando diante de coleções particulares, verificamos não só o encanto e a harmonia das telas e dos modelos e a grandeza dos mestres, mas também que os quadros estejam onde estiverem, no tempo ou no espaço, pertencem e pertencerão à seus criadores, de cujas telas irradiam a personalidade do artista, a realidade humana dos modelos, o paiz de onde provieram e a época na qual foram plasmados.

Um exame de retratos mais eterogene, de mestres mais diferentes, nos permitirá satisfazer em parte a curiosidade ardente que nos espicaça, através da personalidade dos pintores conhecidos e a identidade subjetiva de seus modelos anônimos.

Não é possível sistematizar a pesquisa entre os exemplares caleidoscópicos de seis séculos de pintura e na dispersão de sete nações diferentes. Recorramos portanto à sequência dos séculos, como um rumo cronológico de nossas observações.

Cabe assim a primeira palavra à Jan van Eyck, pintor flamengo do século XV, com o seu célebre "Homem de turbante". É um quadro executado numa época atormentada e complexa, na qual, crassa a ignorância contrastada com grandes descobertas, a herezia choca-se com a fé mais ardente e pura, o estridor da guerra com o silêncio da paz. Na Bohemia, sopra o vendaval dos hussitas, na França Joana D'Arc arrebatada e eletriza as almas, na Hungria Matias Corvin lança os fundamentos da sua famosa biblioteca.

Nos Paizes Baixos, os irmãos Eyck criam a pintura flamenga. Eles, ou melhor: Jan van Eyck (porque ainda hoje é contestada a existência de Hubert van Eyck) introduz a representação do nú, da natureza e do retrato, com a minuciosidade realística, tipicamente septentrional, sem cair na fria secura, pelo colorido poético que os ameniza. O apego dos objetos, torna-o precursor longínquo de Cézanne.

O retrato "Homem de turbante", é interessante não pela indumentária exterior o turbante, característico, — que bem pode ser uma extravagância ou estudo do pintor, mas pelo notabilismo caráter do modelo apresentado. É sem dúvida um intelectual, ou melhor um homem dado aos livros. Olha-nos com um olhar frio e prescutor. Fleugmático, — não com a fleugma na qual se encorajam os seres sensíveis afeitos aos golpes do mundo, mas como um ente que sabe não ter poderes nem capacidade para alterar, melhorar, ou piorar as causas da vida. Ceptico, examina com olhar malicioso os acontecimentos que passam. Conhece bem a vida e os homens, porque pertence à casta dos que pouco falam, deixando que falem os outros e até os fazendo falar, de vez que somente assim pode aprender no mundo. E quando por vezes fala, sua voz é inhumanamente impessoal, seus pensamentos são laconicamente expressos e o pouco que diz, é filtrado através do saber profundo sendo dolorosamente lógico.

De van Eyck, passaremos ao pintor Antonello de Messina, o siciliano, o maior retratista peninsular no seu tempo e que pela primeira vez usou na Itália a técnica especializada pelos flamengos.

O retrato denomina-se "Condottiere" e traz não somente as marcas pessoais como também as ca-

racterísticas da época. Defende-se então a Itália da invasão externa, procurando a coesão nacional, apoiada na fortaleza dos homens que sustentam os governantes.

Macchiavel foi severamente criticado por ter se referido à "traição virtuosa". Esqueceram-se apenas os zóilos de que, naqueles tempos, a virtude era a energia e a força de vontade. O retrato apresenta o tipo de que Macchiavel necessitava. Mostra um homem duro, de vontade crua sem traços intelectuais e com evidentes reduzidos escrúpulos. Homem de músculos e de força, sabendo lutar e morrer, sensual e sem problemas. Nenhum alvo ideal, apenas o interesse, estimula-o e espicaça-o. Conduzido e dirigido por forte intelecto, torna-se capaz de acometer os maiores problemas, terminar os empreendimentos mais generosos. No fundo mercenário, pequeno burguez, mas formidável nos prélios de coragem, — tenaz, cru, áspero, teimoso e ríspido.

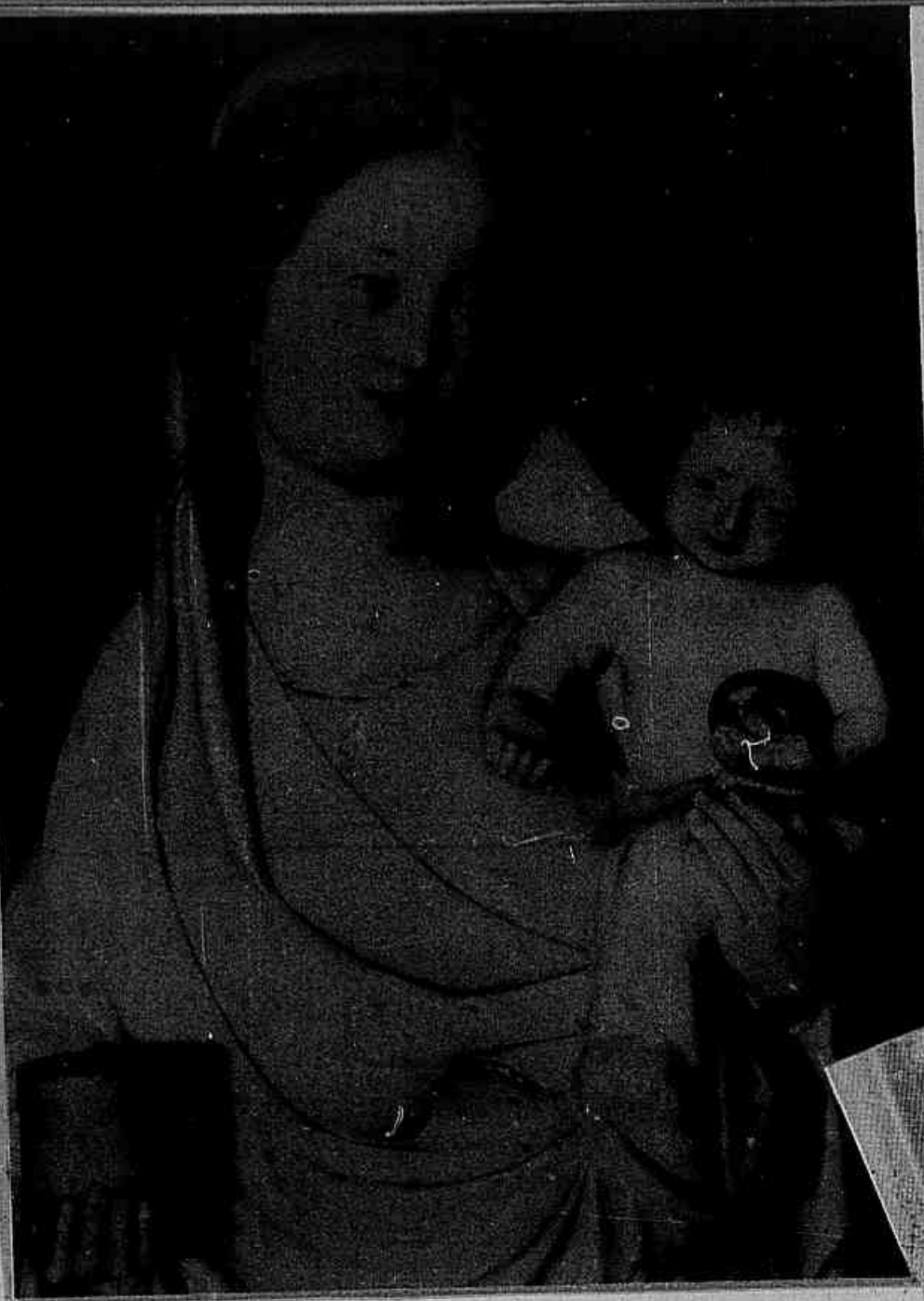
O retrato a "Bella" de Ticiano é de 1530, no mesmo ano em que na Inglaterra Henrique VIII funda o anglicanismo, depois do provocado schizma da Igreja. O artista foi testemunha, por quase um século, de todos os acontecimentos desenrolados no paiz. Desde o descobrimento da América, através do auto da fé de Savonarola, a primeira imprensa de Veneza com a primeira edição de Platão a fundação da universidade de Pisa, até a abertura ao público da biblioteca dos Medicis. Participou Ticiano com sua arte — como seu contemporâneo Palestrina com a sua celestial música — no coroamento do Humanismo, época plena de acontecimentos artisticamente grandiosos na Itália.

A "Bella", traz-nos à lembrança Aretino, com a literatura adúladora, irradiante, fortemente erótica e controlada. Falta ao modelo coração, como acontece ao poeta. A beleza carnal fascinante das venezianas encarna-se nela. Mas a sensualidade que deriva do retrato através do colorido inimitável da pintura veneziana, é meramente exterior. Não possui atração interna, mantendo-se hierática na mais completa frieza individual. A "Bella" sim, é bela, mas de simples beleza que encanta só, sem outro sentimento curadouro.

O destino colocou-a, pela beleza e possivelmente também pela hierarquia social, em posição de mando e domínio. Com o infalível instinto, sentindo e tendo o poder tão poucas vezes acessível à mulher, usa-o com absoluta desenvoltura. Usa-o é certo, não para mudar a face do mundo, tornando-se rainha incontestada, literária ou de fato, porque a isso impede-se os apoucados dotes mentais, mas para inconscientemente dominar impiedosa na vida privada. Exteriormente aristocrata, incapaz de um só gesto desnecessário na sociedade, mas grita com a maior naturalidade com as criadas.

Examinemos agora um retrato da península ibérica. Na época de Felipe II, funda-se a ordem dos jesuitas e desenvolve sua atividade S. Tereza de Ávila. A arte abandonada durante os anos gloriosos de Carlos V, renasce produzindo um dos maiores pintores religiosos de todos os tempos: El Greco, que é o criador da verdadeira pintura espanhola.

O retrato que tem por título "Nobre com a mão sobre o peito", — representa um contemporâneo de Cervantes, e como este, é também homem de coração e de fé. Os pormenores exteriores mostram um típico "fidalgó" espanhol. O aristocrata



A Virgem de graça. (Sec. XIV)

○ princípio básico de organização dos museus consiste em agrupar metódicamente obras de arte em boa ordem bem catalogadas, de acordo com as datas cronológicas, cuidadosamente estabelecidas. As exposições seguem geralmente o mesmo sistema.

Existem, entretanto, outros métodos mais modernos para a apresentação de obras de arte.

Escolher no amplo e maravilhoso livro de um tema importante, rico em ideias, rico em espiritualidade, um tema que apaixona as massas e os artistas algo que esteja tão intimamente ligado à história da humanidade ao ponto de parecer uma parcela integrante e inalienável da mesma, e apresentar numa monumental retrospectiva o reflexo deste tema na sensibilidade artística cristalizada em imperecíveis obras de arte durante os séculos — eis uma ideia generosa e bela, cheia de ensinamentos inesperados. E' difícil encontrar-se um tema mais rico, mais variado, mais universal, mais divino e mais humano ao mesmo tempo, que o tema da Virgem. E este magnífico assunto foi escolhido para comemorar o Ano Santo pelo incansável conservador do Petit Palais, o dinâmico André Chamson, para a extraordinária exposição que faz correr "tout Paris" e que

Anunciação de Aix em Provence (1443)



tem como título "La Vierge dans l'art français".

Esta exposição é o resultado de longo e penoso trabalho. De todos os recantos do mundo vieram obras primas de arte dispersas entre os colecionadores, ciumentos de seus tesouros, ou conservadas em museus para formar este conjunto absolutamente único e nunca visto. Faz parte dele até este célebre tríptico, dividido entre três amadores e hoje reunido pelo espaço de alguns meses. A entrada do Petit Palais foi transfor-



A mãe e o filho. (Sec. XV)

mada em um "nartex". Uma atmosfera de recolhimento e de silêncio separa o visitante do resto do mundo.

Numa penumbra cheia de misticismo onde somente brilham as obras expostas sob a luz dos refletores, penetra-se no domínio sagrado onde reina a imagem da Virgem.

Cada século deu a esta imagem a sua interpretação própria, fixou nela o seu pensamento, a sua sensibilidade. Parece mesmo que cada época encontrou neste tema universal o reflexo de si mesmo, das suas aspirações espirituais e de suas necessidades morais.

E' coisa apaixonante poder-se seguir através das épocas diversas as alterações da forma sob a qual a humanidade imagina a efígie da Virgem: majestosa e grave, sorridente ou trágica, voltada

para os sofrimentos dos homens ou ativamente seguindo nas esferas celestes o seu divino destino.

Uma obra de arte e não representa somente o "espírito da época". Ela é do mesmo modo o resultado do temperamento individual do artista. A classificação histórica não tem nada de absoluto. Dentro deste delineamento geral existe um mundo de variações e de matizes individuais.

Do século XII são as "Virgens de majestade": uma Virgem imponente, distante dos homens, consciente da sua alta missão, verdadeira mãe de Deus; assim aparece Ela, sentada num trono, com a coroa sobre a cabeça, apresentando à adoração do mundo o Menino-Jesus, de olhos sérios e profundos, segurados por anjos. As linhas são sóbrias e simples, os gestos concentrados e estilizados. Esta

concepção hierática, sobre-humana, vem-nos do Oriente; possui a imponente rigidez dos mosaicos bizantinos de Ravena. Quase sempre sentadas — a posição sentada parece corresponder melhor à impassível majestade desta concepção artísticas — as efígies desta época, sejam elas ricas ou simples, esculpidas em madeira ou em pedra, saídas das mãos hábeis de grandes artistas ou das

A VIRGEM NA ARTE FRANCESA

MICHEL B. KAMENKA

FOTOS DO SERVIÇO FRANCÊS DE TURISMO

mãos dum simples artesão, sejam elas grandes ou de tamanho reduzido, sempre têm um cunho de monumentalidade, parecem modeladas numa "escola cósmica", evocam sempre a ideia de majestade e de grandeza.

Pouco a pouco a concepção se torna diferente. A Virgem desce à terra, aproxima-se dos homens, torna-se mãe.

Não está mais obrigatoriamente sentada

a um trono, levanta-se para ir ao encontro dos homens, com um sorriso nos lábios, pronta a atender às suas preces. A imagem da Virgem perde a sua castidade. Ela torna-se mulher, com o olhar humano, o gesto gracioso. "Nossa Senhora da Boa Esperança torna-se soubrette", diria Ruskin, amador de expressões fortes às vezes exageradas.

Uma vez iniciada a evolução na direção do "humano", ela continua. As vezes, volta-se para formas mais ricas da Virgem da coroa, mas a pose do Menino Jesus não tem mais nada de divino: é uma simples criança brincando com sua mãe. Depois, com o advento da Renascença, aparecem a procura da riqueza das formas, a preocupação com o "drapé", um mundo de pesquisas plásticas e técnicas da arte imitativa que absorvem completamente o lado "divino". A Virgem nada mais é do que um simples pretexto. A sua efígie torna-se o retrato de uma bonita burguesa, a mulher dum importante comerciante ou funcionário público com uma criança ao colo.

Isto não impede que o mesmo século XV durante o qual se procede ao "aburguesamento" da santa imagem, nos tenha dados obras de um misticismo religioso tão profundo como a "Pietà" de Louis Bréa, o mestre da escola de Nice, no Sul da França, e a "Anunciação" em Aix en Provence, a obra prima da pintura provençal. Porque, como já observámos, o espírito do tempo e o temperamento pessoal agem simultaneamente e a sensibilidade humana oscila sempre entre polos opostos.

A evolução posterior é bem conhecida. A secularização crescente da imagem

santa, as "draperies", os anjos, o movimento grandiloquente, separam sempre mais a efígie da sua substancia espiritual. As raras exceções voltam-se para um realismo simples e direto como no exemplo de La Tour.

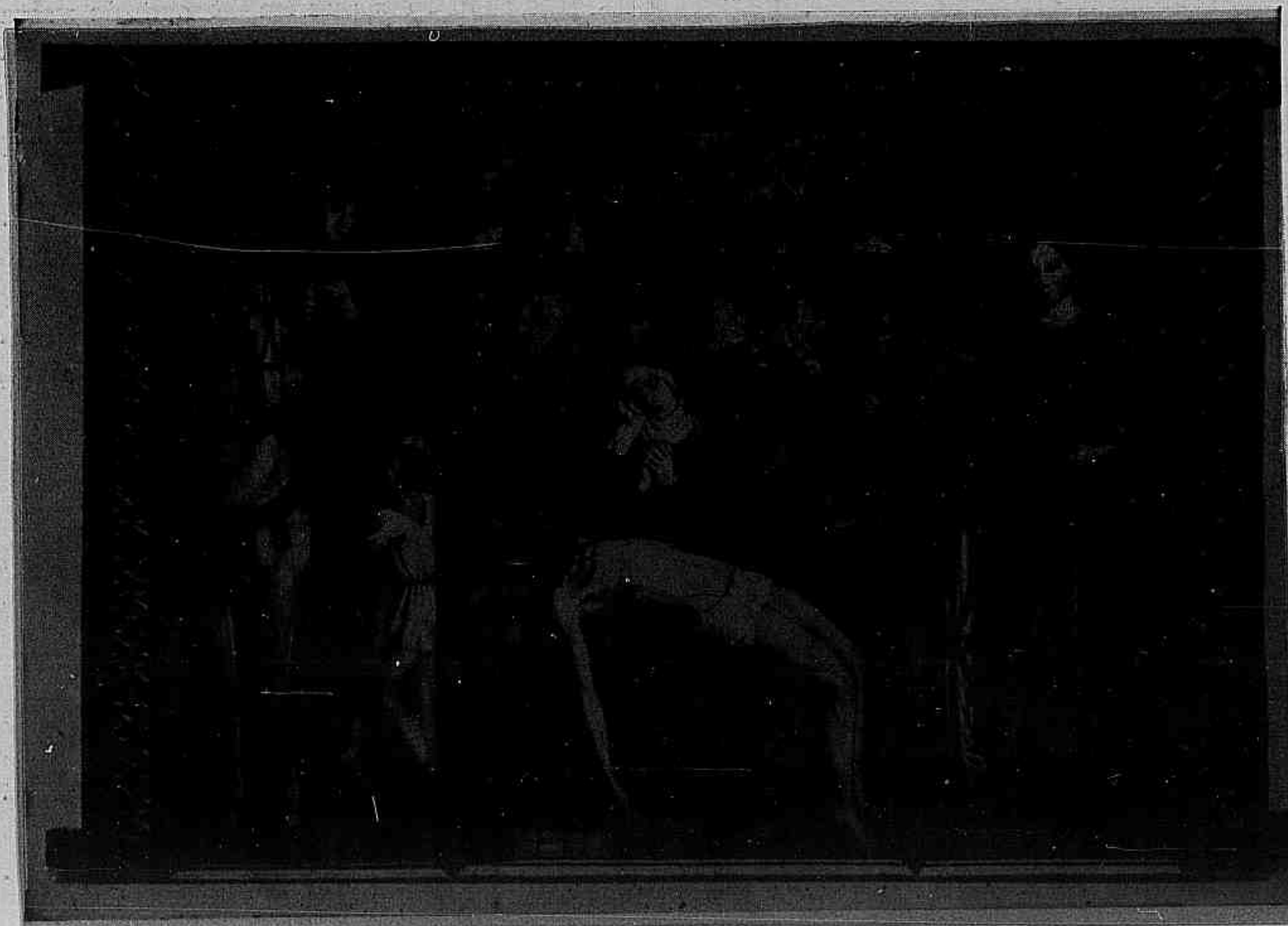
Para nossa sensibilidade moderna, que está à procura da maior simplicidade por meio de abstracionismo ou de primitivismo, estas interpretações tardias carecem de profundidade.



"Virgem de majestade" parece esculpida numa escala cósmica. (Sec. XII).

A Riqueza e o realismo da Renascença. (Sec. XV).

Pietà de Louis Bréa Nice, (Sec. XV)



A exposição "A Virgem na arte francesa", mostrou-nos muitas obras até agora quase desconhecidas, tiradas da província ou de coleções inacessíveis. Sob mil aspectos e em todas as técnicas: madeira e pedra, ouro e marfim, bronze e mármore, até em forma de magníficas tapeçarias, tiradas das igrejas e sacristias, aparece o maior símbolo da humanidade, que nos conduz à região mais sagrada da alma. "Porque talvez nenhum outro tema possua virtudes mais ridentes do que este tema da mulher e da mãe aberto sobre a eternidade".

AS ORIGENS OSCURAS DE MACHADO DE ASSIS



D epois que se comemorou o centenário do nascimento de Machado de Assis fervilham os pesquisadores que na falta de melhor assunto deram para descobrir na obra escrita do mestre de "Quincas Borba" traços de sua própria personalidade e complexos decorrentes da humildade das suas origens. Embora Machado de Assis nunca deixasse transparecer preocupações dessa natureza nas suas páginas, os psicólogos entendem que tal omissão importa no desejo de esconder o que o novelista consideraria a sua inferioridade num meio onde a maioria dos grandes não se alista entre os que abriram os olhos em berços de ouro. E na falta de subsídios pescados nas páginas da literatura machadeana argumentam com o que se lhes afigura um fato: a infância de Machado, passada na ladeira do Livramento, em companhia de moleques, empinando papagaios e molestado os transeuntes. Nascido de um casal pauperrimo e obscuro de trabalhadores, mãe branca e pai mulato, ele teria infalivelmente de sentir-se atormentado pela lembrança dessa procedência e forçaria a mãe para que não se falasse em semelhante cousa. Os que assim se manifestam esquecem que o garoto Machado de Assis não teria sido diferente dos meninos de todas as épocas e de quaisquer condições sociais na sua idade. Hoje como ontem, as crianças se misturam nas brincadeiras de rua. No caso em apreço, é conveniente, todavia, acentuar que no morro do Livramento residiam abastados e os casarões que ainda lá se vêem são os velhos solares de gente rica da época. O casal Machado de Assis era agregado a uma família de recursos e tratado como de casa e o pequeno cresceu num ambiente de bons costumes. Formou-se a sua moral numa atmosfera sadia e ele o revelou através a sua existencia nos hábitos recatados que manteve. Talvez fosse um orgulhoso na sua modestia de poucas palavras. Nunca, porém, um vaidoso estulto, e muito menos um ambicioso. Cercado de respeito de seus contemporâneos, prestigiado em toda a linha pelos representativos da cultura brasileira, rodeado de carinho numa sociedade que ele raramente frequentava, poderia aspirar, como outros, a posições destacadas e rendosas, que essas estavam ao seu alcance. No entanto, não quiz ser mais do que o romancista admirável e o funcionario exemplar de um ministério. Morreu glorioso e a posteridade lhe recompensou as fadigas intelectuais com o bronze das estatuas e as reedições de seus livros magníficos. Aliás, se ele houvesse sido um vendedor de balas ou apanhador de flexas de foguetes, que mal haveria nisso? Maior seria o contraste dessa sombra para realce de sua grandeza. E o não aludir à sua miséria inicial, ou dela esquecido ou guardando-lhe a recordação no misterio da alma, não equivale de modo nenhum a um gesto de vergonha. Simples questão de temperamento sem influencia na feitura de seus romances e de seus contos. Diante da maravilha de uma rosa não se procura a qualidade do chão em que a roseira mergulha as raízes...

CARLOS MAUL

AS MISTIFICAÇÕES LITERÁRIAS

Mistificações sempre existiram na literatura de todo o mundo. Agustin Thierry no seu famoso livro "Les grandes mistifications literaires" conta vários casos interessantes, entre eles o dos "Canticos de Ossian" que se supunha obra de determinado autor com o nome de Ossian e que não passava de trabalho bem arranjado por um certo Thomas Mac Pherson. No Brasil, surge agora uma duvida desse genero levantada pelo escritor Joaquim Ribeiro em torno das celebres "Cartas chilenas", atribuidas por uns a Claudio Manuel da Costa e por outros a Thomas Antonio Gonzaga. Na opinião de Joaquim Ribeiro em longo estudo recém-publicado, aquela satira é nem mais nem menos, produto de um espirito do século XIX, bem distanciado da época da Conjuração Mineira. É verdade que o critico se inspira em conjecturas, mas as suas conclusões não deixam de ser interessantes, tão interessantes quanto as dos que deram a paternidade do texto aos poetas árcades que quizeram libertar o Brasil no século XVIII. Pesquisa identica poderia ser tentada ainda em torno dos "Dialogos das grandezas do Brasil". Afirma-se que esse livro é de um cristão-novo imigrado em Pernambuco, homem de vasta cultura, aí pelas alturas de 1618. O manuscrito, porem, só foi conhecido ultimamente, depois de descoberto por Capistrano de Abreu. O estilo é mais do século XIX do que do século XVII. Quem sabe se nesse caso também não estamos diante de uma mistificação? Joaquim Ribeiro que se meteu na empreitada, bem poderia dar-nos algo de sugestivo nesse sentido.

REPETIÇÕES HISTÓRICAS

Saint-Beuve, nas "Causeries du lundi", assinala que Beaumarchais, na França, contra a vontade e as ordens do Rei fazia representar as suas peças de tremenda sátira apoiado pelos nobres que ele achicalhava e que lhe batiam palmas para fingir superioridade. Essas cousas, acentua ainda Saint Beuve, passavam-se em 1785-1786. Tres anos depois re-

bentava a Revolução Francesa, e Beaumarchais estava com a sua tranquilidade assegurada por seus serviços. Nos dias atuais assistimos por toda a parte a espetáculo identico. Os ricos que fomentam o modernismo nas artes e que não leram o grande critico do século XIX, que ao menos prestem atenção a estes conceitos do primeiro ministro da Educação da Russia sovietica, Lunatcharski: "Abolir, entre os homens, a noção do belo e do sentimento", para "em nome da nossa alvorada política, destruimos um dia todos os quadros de Rafael e todas as galerias de arte.

MORDER SEM DENTES

Ia o poeta Laurindo Rabelo em viagem da Bahia para o Rio de Janeiro. Era seu companheiro de viagem um sujeito que tinha só um dente, na frente; mas em compensação tinha tão má linguagem que se fartou de dizer mal de quantos conhecia. Ao despedir-se do poeta perguntou-lhe: "Então que diz a meu respeito, doutor!".

Ao que respondeu Laurindo:

Mete nojo, causa pena
Até mesmo causa dó,
Ver morder em tanta gente
Um homem de um dente só.

FIOR EM TINA

Em um sarau familiar, tão vulgare outrora, uma ingênua rapariga, adiantando-se para o poeta Laurindo Rabelo, interrogou-o curiosa:

— O sr. não é poeta "Lagartixa"?

Laurindo, desconcertado e como de costume afagando o bigode, com delicadeza, também interpretou:

— Como se chama V. Excia.?

— Florentina.

Pois, minha senhora, flores em vaso tenho eu visto muitíssimas; mas, flor em tina, é V. Excia. a primeira!

LIVRO DO DIA

"ALMA E CORPO DA BAHIA",

Eduardo Tourinho participou das comemorações do centenário da Bahia com um livro primoroso: "Alma e corpo da Bahia". São paginas de ternura e de estudo da vida e dos costumes do glorioso Estado, escritas por um filho cheio de amor pela sua terra natal. Aspetos históricos, hábitos do povo, tradições, tudo isso Eduardo Tourinho nos apresenta em forma leve e comunicativa, num volume de encantos.

"ULTIMA VIAGEM DO RIO DAS MORTES"

Este poema de Alice Linhares Uruguai é um canto votivo a um herói da aviação brasileira vítima de um desastre quando pilotava o seu aparelho. Nos versos que traduzem um profundo sentimento materno, a poetisa recorda a ultima viagem que o moço tenente aeronauta fizera à região bravia do Rio das Mortes, e da qual ele trouxera impressões comoventes. Cada canto encerra uma visão da paisagem agreste do sertão misterioso e vem acompanhado de esplendidas ilustrações do pintor Edi Carullo que interpretam a beleza das estrofes. É um livro que fixa para sempre os traços de uma nobre e energica mocidade. Na epigrafe Alice Linhares Uruguai diz todo o sentido do seu magnifico poema:

*"Nascido de mim, foste pele morte
[arrebataado!
Venço-a, dando-te vida eterna nos
[meus versos!"]*

"RECORDAÇÕES DO RIO ANTIGO"

A antiguidade da terra carioca revive nestas paginas de Luiz Edmundo. São episódios marcantes da metropole era forma de crônica em que o academico illustre nos apresenta a cidade nos seus dias primitivos, através da opinião de visitantes estrangeiros e de documentos de arquivo. Algumas biografias como a do padre José Mauricio nos mostram a fisionomia de brasileiros que concorreram para a grandeza da Pátria em vários setores. E um capítulo sobre a alvorada republicana é um quadro animado das concurrencias de 15 de Novembro de 89 pintado por quem assistiu aos acontecimentos com os olhos espantados do infante e mais tarde pode recompo-los de maneira suggestiva. Como nas obras anteriores do historiador de "No tempo dos Vice-Reis" nesta há muito o que aprender.

"NOÇÕES DE PSICOLOGIA"

O legitimo educador, nos dias de hoje, não pode prescindir do auxilio da psicologia para obter resultados inteligentes em seu alto sacerdócio. É um dos grandes elementos para tal mister acaba de fornecer-lho a sétima edição do afamado livro de Iago Pimentel, "Noções de Psicologia". desde a definição até a personalidade e o caráter. É um dos mais festejados trabalhos das Edições Melhoramentos em honra de nossa cultura.

CONCURSO DE SONETOS

A "Ilustração Brasileira" resolveu promover um grande concurso de sonetos, convocando para isso os poetas de todo o Brasil". Simultaneamente, as Academias de Letras dos Estados abrirão em Outubro próximo um concurso do qual participarão os poetas das respectivas jurisdições. Em Dezembro será procedido o julgamento, devendo ser classificados os dez melhores trabalhos apresentados. Aqui no Rio essa tarefa caberá à Academia Carioca. Até 31 de Janeiro de 1951 deverão ser esses sonetos remetidos a esta revista para o julgamento final. Serão conferidos aos tres melhores os seguintes premios: 1.º lugar, dois mil cruzeiros; 2.º, mil cruzeiros e 3.º, quinhentos cruzeiros. Haverá ainda sete menções honrosas para os restantes. Esses dez sonetos serão editados em luxuosa "plaque" que as Academias se incumbirão de distribuir nos Estados. A "Ilustração" publicará em seus numeros mensais os outros trabalhos classificados em pagina ilustrada. Os trabalhos remetidos às Academias devem ser assinados por pseudonimo, acompanhados do nome do autor em envelope fechado que deverá ser remetido a esta redação para ser aberto somente depois de feito o julgamento definitivo.

LIVROS A APARECER

A Biblioteca do Exército anuncia para este ano os seguintes livros: "Vida do grande cidadão brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva", de monsenhor Pinto de Campos, raridade Bibliografica; "A batalha do Passo do Rosario", do general Tasso Fragoso; "Os Franceses no Rio de Janeiro", obra postuma do general Tasso Fragoso; "O Exército e a nacionalidade". de Carlos Maul, e "Caminhos históricos de invasão" do tenente-coronel Antonio de Souza Junior.

PAGINAS ANTIGAS

Rio Azul

LUIZ GUIMARAES FILHO



Parece que as louçanias da Natureza vieram aglomerar-se aqui, no Rio, Azul que at' avessa pelo meio da China e lhe vai banhando as planícies, as montanhas, as ilhas e as cidades, durante um percurso de mais de mil léguas.

As águas do Yang-Tsé-Kiang (assim se chama, na linguagem dos Chins, o rio do qual eu quisera poder celebrar as maravilhas) são, desde o berço até à foz, de uma cor amarela que em certas regiões lhes prejudica a transparência; e como o amarelo foi sempre a cor significativa dos desesperos humanos, fica-se a pensar em alvoroços de coração quando se mergulha a vista no seio do Rio Azul...

Porque este lindo Rio Azul é caprichoso como uma mulher...

Já o defunto Rodenbach descobrira, apregoando as virtudes do mar:

Ce coeur de l'eau plus compliqué qu'un coeur de femme...

Caprichoso nas voltas que dá, no semblante com que nos sorri ou nos desdenha, no matiz das suas idéias, dos seus mistérios e das suas ameaças... Ei-lo, entre dois renques de vales carregados de arrozais, e prazenteiro como uma donzela que houvesse recebido pela primeira vez a sua carta de amor... Alegre e feliz, vai saltando pelas encostas, desenhando caracóis, contornando o sopé das ilhas esparsas, espreguiçando-se aos beijos do dia, numa sorte de voluptuosidade nupcial...

Em certas regiões adelaça-se tanto, o lindo Rio Azul, que do parapeito de bordo quasi se pode tocar nos chifres dos búfalos que pastam em manadas ao longo da costa.

No espelho das suas águas, onde não há rugas nem ondas, reminaram-se os pagodes que de espaço a espaço aparecem nos altos das colinas, e as espigas de milho e os tufos dos arbustos que brotam nas planícies... E de noite,

como o silêncio é quasi mortal, quando a proa do navio retalha as águas, eu ouço vagamente, pelo póstigo entre-aberto da cabine, um ruído de linfas maguadas que se assemelha ao pranto de quem padece penas de amor...

Súbito, o Rio Azul avoluma-se como um oceano! As verdes margens onde os búfalos pastam diréis arremessadas ao longe, a muitas milhas de distância; os campos de trigo, os arvoredos e as cercas perdem o relê e a nitidez; os bosques, bastos de pinheiros, somem-se nas várzeas; e do vapor apenas se vê uma nódoa escura sobre a lisa superfície do oceano...

Parece que o rio se abre à maneira de um leque chinês...

Os Pagodes ainda se avistam, mas reduzidos a tão minguadas proporções que são como charutos espetados nas montanhas!

Uma alfombra clara flutua nas águas: essa alfombra, porém, estremece, agita-se, rompe-se numa palpação de plumas, e um bando de patos selvagens alça-se para o céu de turquesa num vôo assustado e veloz...

Oh! Rio Azul! torrente fresca de água doce que os defuntos poetas do século VIII celebravam em poemas lúcidos como o jade! Oh! Rio Azul! Por que te escapas agora para a dextra e logo para a sinistra? Por que te despenhas por meandros e labirintos difíceis de navegar? Por que se desabotoam as tuas margens em sorrisos de donzela, e luzem as tuas searas, e ondulam à brisa os trigais dos teus vales, para acolá — numa súbita metamorfose — mostrares um semblante sulcado de saudades como o semblante de uma viúva?

Quais serão os segredos da tua alma budista, oh! sinuoso Rio Azul de margens de esmeralda, em cujas orlas eu diviso de quando em quando — debaixo de enormes guarda-sóis abertos — as mirradas silhuetas dos mandarins?



Por VIOLETA de ALCANTARA

Ainda com os olhos cheios das maravilhosas cores dessa prodigiosa série de quadros que compõem o "Henrique V" de "Sir" Laurence Olivier — os adjetivos têm, aqui, toda a sua força — lembrei-me da minha conversa com Lord Gifford e o Sr. West, delegado do British Council em casa do Sr. e da Sra. Wise, durante o "cock-tail" que ofereceram ao Sr. e a Sra. Geoffrey Stow. Foi uma conversa a respeito do teatro inglês e da falta que nos faz poder tê-lo, de vez em quando, nos nossos palcos. As dificuldades que existem para a vinda de uma companhia de Londres parecem insignificantes, são insignificantes, realmente, se as compararmos com o interesse dessa vinda. Trata-se de uma questão de fixar datas no Municipal com bastantes meses de antecedência, ao que me contaram amigos. Então? Será isso alguma coisa de inelutável, um obstáculo irremovível? Não merecemos nós, o público, uma boa vontade especial por parte do teatro — dos que dirigem o teatro nacional, dos empresários empreendedores, como Dante Viggiani — no sentido de conseguir que venham ao Brasil os grandes artistas da cena britânica? Os Garricks do nosso tempo?

Toda a sociedade do Rio, que aprendeu inglês — como jamais deve deixar de aprender o francês, que sempre foi tão grande amigo da sua cultura e das suas viagens, portanto, da sua expansão — se precipitaria para o Municipal, estou certa, ao ouvir anunciar uma temporada com "Hamlet", "Henrique V", peças de Bernard Shaw, peças de Noel Coward, por interpretes ingleses.

Tal como eu me precipito para ir ver, na tela, um Howard Trevor em "Brief encounter", um Michael Wilding em "An ideal husband", sem falar em Laurence Olivier, e a sua arte completa, ponto de partida destas reflexões.

lha de possuir, uma vez que não existe mais nos beleza na simplicidade do primeiro do que na extrema singeleza do segundo! Mas, se há dezenas de telas no porão — e desenhos que apeteceria levar imediatamente para casa — há uma, e enorme, ao ar livre — a extraordinária "Crucificação", que empresta ao jardim de Santa Teresa uma atmosfera de igreja. De costas para nós, Cristo na cruz parece ter chamado toda a clareza do mundo para o seu peito, onde imaginamos estar um coração de puro sol! É uma tela para uma catedral — mas, em qualquer lugar que esteja, esse quadro levanta igrejas e constrói altares. Mais ainda creio, é capaz de inspirar preces até a quem não saiba rezar!

* * *

Ah, se eu soubesse o nome exato daquelas plantas de folhas esguias, forradas de vermelho escuro, de largas folhas quase transparentes, com ligeiros laivos de sol, com aplicações de renda rubra e renda ruiva, daquelas outras, outras, denteladas, e aquelas outras da rijeza de um metal, e aquelas outras, delicadas como plumas! E aquelas verdes ventarolas, e aqueles brinços de esmeraldas verdadeiras! Se eu soubesse o nome exato daquelas flores de setim rosa, daqueles cachos de setim pérola, daqueles cabeças de flamingo compostas de pétalas, daqueles tipos de orquídea roxa, daquelas enormes corolas vermelhas, daqueles calices azues, daquelas campainhas doiradas, daqueles rosados leques daqueles candelabros de cristal... de jardim! Se eu soubesse, como poderia crer a decoração feliz de Gilberto Trompowsky no salão de recepções do Ministério da Aeronautica! Mas não sei porque não quero que os nomes certos desalojem os nomes que imagino, e que são lindos! Todas as vezes que começo a decorar um termo de botânica, embora muitos sejam agradáveis, o poeta e o pintor que nasceram comigo desatam a protestar, inventando — como o

povo — deliciosos nomes para as flores, para as plantas.

Mas, para encantar o leitor, basta dizer que, durante a visita feita juntamente com as alunas do Curso de Decoração — iniciativa da Sra. Yedda Fontes — e um pequeno grupo de amigos do pintor Trompowsky e do arquiteto Fernando Valentim — tive a impressão de estar saindo do salão precisamente ao entrar nele, pois a bordadura floral de todas as paredes, que são revestidas de um leve azul de céu, parece estar para além de altas janelas de vidro, convidando-nos para dar uma volta pelo terraço. Terraço e jardim, parque e floresta!

A pintura, em cuja execução colaborou Ismailovitch, foi admirada por todos. O plano de Gilberto foi, realmente magnífico, está magnificamente realizado.

Quanto aos engenhos da arquitetura, lidando com os "compromissos" já tomados, pois o salão teve de ser adaptado, foram apreciadas pelos conhecedores dessas dificuldades. Pela minha parte, admirei especialmente os moveis desenhados por Fernando Valentim. Mas esses moveis não são forrados — são fardados de gala, com os seus belos galões sobrem vermelho, as suas borlas, os seus lampejos de ouro — no gabinete de trabalho do ministro, Brigad. Armando Trompowsky, simplesmente fardados para o serviço, em tons neutros de uniforme pratico, porém não menos elegante.

O ministro, que teve a gentileza de nos receber e mostrar a sala onde trabalha, agora tão mais propícia ao bom humor indispensável ao exercício de funções de uma constante e grave responsabilidade, foi muito felicitado pela nova decoração do seu Ministério, que é do Ar e que o possui, material e espiritualmente falando. Com aquela decoração, e aqueles terraços, voltados para o Aeroporto, vigilantes dos aviões, grandes e pequenos, que não param de chegar ou de partir, o Ministério da Aeronautica do Brasil tornou-se bem o lugar ideal para se trabalhar pela conquista das nuvens, das alturas, que é, no nosso vastíssimo país, a melhor forma, de conquista do próprio só!

DO LADO DE SANTA TERESA, com o pintor Alvim Corrêa Eduardo Alvim Corrêa faz precisamente o contrario do que fazem numerosos pintores de hoje, em numerosos países — trabalha muito e expõe muito pouco! O seu "atelier" — curiosissimo "atelier" no porão de uma antiga casa de Santa Teresa, que me lembrou certas páginas de Machado de Assis — está positivamente cheio de maravilhas, contendo mais que o necessário para três ou quatro exposições!

Quadros de paisagem (quasi sempre com uma estrada, um caminho ascendente, uma subida para o céu e para o sonho), de flores, de animais (fascinantes, os gatos e os galos pintados por ele!) e alguns notáveis retratos. Aquele em que se vê sua família — Alvim Corrêa é casado com Sigrid Neponuceno — e ele não está presente senão nos traços dos filhos, embora muito parecidos com a esposa, deveria ser famoso, dentro e fora do Brasil.

Ou, então, deveria ser quasi ignorado o "Madame Cézanne", que hoje o Brasil se orgu-

Este retrato da Sra. Comte. Roberto Tostes, nascida Heloisa de Carvalho e Silva, é sem dúvida alguma encantador. Mas a Sra. Tostes — filha do Sr. e da Sra. Fausto de Carvalho e Silva — com os seus olhos fascinantes (verdes mas com um brilho, uma doçura de olhos negros) é muito mais bonita ainda que os retratos, como acontece com sua irmã, a Sra. Jaques Salles. E tem um dos mais lindos perfis que se possa imaginar, assim como facilmente imaginamos que seus filhos sejam crianças adoráveis.



De um "Carnê"

MUNDANO

O "COCK-TAIL" DO SR. E DA SENHORA GUEDES NOGUEIRA

Do lado do Cosme Velho", eis um bom título para um Marcel Proust carioca falar de belas casas antigas, jardins, aromas raros. Pois o Sr. e a Sra. A. Guedes Nogueira — como os casais Marcos Carneiro de Mendonça, Austregésilo de Atrayde e Roberto Ma-

rinho — vivem desse lado da cidade, e ofereceram um elegantíssimo "cock-tail" em julho.

A casa fica no alto de um jardim com vários andares de verdura, mirantes pitorescos, e uma imprevista "pelouse" à esquerda do largo terraço. Admiráveis arranjos de flores e folhagens preparam-nos a vista para encontrar, no salão de jantar, aquele notável quadro de antúrios, cultivados na realidade, pela Sra. Mariana Guedes Nogueira e fixados na tela, pela arte de Gilberto Trompowsky. Alguns têm o rosa e o brihlo exato do coral e outros são de um branco pérola. Uma beleza!

Recebendo dezenas e dezenas de convidados, a Sra. Guedes Nogueira — com aquela expressão que tentei descrever num dos "Croniques" de agosto, vestia um modelo preto e o seu cabelo curto fulvo era muito mais primaveril do que outonal!

Lembro-me de ter visto, entre os convidados, o Sr. e a Sra. Carlos Bandeira de Melo, a embaixatriz Cisneros, o Sr. e a Sra. Marcos Carneiro de Mendonça, o Sr. e a Sra. Baldomero Barbará Filho, o Sr. e a Sra. Hortêncio Lopes, o Sr. e a Sra. Chermont de Brito, a Sra. Nicolau de Moraes Barros, da sociedade paulista, a Sra. Zuleika Nobre Lage, a Sra. Maria de Sá Carvalho, o Sr. e a Sra. Hermes Lima, a Sra. Ernesto Paranhos, o Ministro e a Sra. Ranulfo Bocayuva Cunha, o Sr. e a Sra. Brito e Cunha, o Sr. e a Sra. Mario Colazzo Pittaluga, o Sr. e a Sra. Rodrigo Octavio Filho, o Sr. e a Sra. Castilhos Goycochea, o Sr. e a Sra. Waldemar Cardoso Martins e o Sr. Gilberto de Trompowsky Livramento.

A encantadora filha dos anfitriões — Sra. Loerys Dalallana — ajudava a receber, com a sua graça de "débutante", o cabelo curto emoldurando o rosto miudinho, a figura de flor muito novinha, o sorriso claro e simpático, decididamente atraente.

NO APARTAMENTO DOS SEGALL

O grande pintor Segall e sua esposa — nascida Jenny Klabin e autora de inúmeras traduções, difíceis traduções de teatro clássico para o português — moram em S. Paulo mas têm um belo apartamento no Rio. Embora fique na Av. Atlântica, esse apartamento possui a doce calma de lago que está na fisionomia da Sra. Jenny Klabin Segall, em contraste com a fisionomia "tumultuosa", cheia de vivas ondas de expressão, rápidos encrespamentos de vaga e súbitas calmarias de sorriso, que é a do seu célebre marido!

Grande pintor, grande escultor, Segall é uma das nossas glórias artísticas — já de museu, sim, mas sempre em movimento, em clima de criação.

Numa fria noite de julho, um grupo de amigos dos Segall dava a impressão de estar nadando nos amplos salões, por causa das suas superfícies calmas e da sua vastidão. No entanto, eram muitos amigos! Por exemplo, o escultor conde Zamoyski e a condessa, nascida Belá de Betim Paes Leme — o redator-chefe de "Rio", esse notável escritor de teatro, e a Sra. Henrique Pongetti, Michel B. Kamenka — "arquiteto de dia e crítico de arte de noite", como ele diz com espírito — e sua esposa, vestida com elegância tão pessoal, Roberto Burle Marx, cuja cabeleira indisciplinada jamais faria pensar em jardins de Le Nôtre, mas tem, pelo contrário, alma de brejo, o Sr. e a Sra. Dante Costa, o Prof. André Dreyfus, de S. Paulo. Vestida de preto, com uma larga "écharpe" de gaze debruada de pele de raposa — o que está em grande moda em Paris e é extremamente elegante pelo contraste dos materiais empregados — a Sra. Segall ofereceu aos convidados, além de requintados salgadinhos e bons "whiskies", o mais raro dos pratos e a mais preciosa das bebidas — serenidade temperada pelo espírito!

UMA VERDADEIRA LIVRARIA

Definição habitual de livreria entre nós — uma loja atravancada de volumes de todas as cores e formatos, onde alguns vendedores se querem ver livres dos clientes! Quanto aos livros, que fiquem nas estantes, dormindo o sono dos justos... e dos mal-amados.

Existem, é claro, as salvadoras exceções, mas são poucas! E existe agora, em Copacabana — e no "Copacabana" — uma livreria modelo. É ampla sem ser grande, é clara sem ser "glacial", é bonita sem ser enfeitada! Tem muitos livros, muitas revistas, sem o parecer! Vitrinas elegantes — junto ao Teatro e seus atraentes cartazes — mesas para exposição dos "vient de paraitre", dos magazines franceses, americanos, ingleses, italianos, espanhóis e... brasileiros, como a "Ilustração", "Moda e Bordado" e não sei quantas outras publicações de "O Malho". Revistas literárias de S. Paulo, publicações poéticas do Rio. Mesas... e cadeiras, imaginem! Para, confortavelmente, decidir, depois de uma tranquila consulta, sem vendedores apressados a olharem com desconfiança, quão os livros a comprar.

É verdade que essa verdadeira livreria — onde Maurois escreveu tantas dedicatórias nos exemplares de "A la recherche de Marcel Proust" e "Journal d'un tour en Amérique Latine" — pertence a um homem que ama os livros — o Sr. Goltzesco. E foi feita por um arquiteto que vive no meio deles — Michel B. Kamenka. Foi ele quem resol-



A Sra. Olavo de Siqueira Ferreira, nascida Lia de Souza Campos, é a poetisa "Théc Igoki". Com esse pseudônimo, publicou em S. Paulo o livro "A poesia bateu à minha porta", que obteve excelentes críticas. Interessante personalidade, espírito sério sob a aparência de uma "jeune fille", a Sra. Olavo de Siqueira Ferreira não só escreve poemas — alguns em espanhol, muito felizes — mas também contos e artigos.

veu o sério problema do espaço em pouco tempo. Foi ele, esse nosso excelente colaborador, que pôs o seu atilado espírito de crítico de arte a serviço do bem estar dos livros e dos leitores!

Clara e amável, com as suas madeiras discretamente lustradas — peroba lembrando “champagne” — a livreria de Copacabana é um modelo a seguir, como todos os modelos cuja imagem nos segue! Eu não disse, entretanto, copiar!

O ANIVERSARIO DA SRA. ZULEIKA NOBRE LAGE

No dia do seu aniversário, todas as mulheres elegantes recebem flores. Mas nem todas recebem flores tão elegantes como as que recebeu, no dia 2 de agosto, a Sra. Zuleika Nobre Lage! Conhecendo o seu gosto requintado e o ambiente em que vive, as pessoas de sua amizade enviaram, naquela tarde, verdadeiros quadros, “pintados” com o auxílio dos floristas. Por exemplo, algumas camélias dignas de ficar perto como ficaram — de uma tela de Guirand de Scevola, um ramo cujos tons se harmonisaram com os azues de um Marie Laurencin, maravilhosas rosas, que nos levavam a pensar nas que se encontram nos quadros de um Leopoldo Gotuzzo, anturios bem aparentados com os que tem pintado Giberto Trompowsky, aliás um dos convidados. E enfeitando a mesa vestida de branco, os mais lindos, mais escarlates, mais luminosos “pois de senteur” que já se viram no Rio, oferecidos por alguém que faz parte da casa há longos anos. Colocados no centro e espalhados sobre a nítida superfície, como se nascessem, aqui e sil, uns tufo no meio da neve, eram tão vermelhos, tão rubros que me recordaram... Cesario Verde. Cesario Verde, o poeta do colorido intenso, matinal e radioso! Completando a beleza floral, uns doces de porcelana — para a vista, mas não o paladar! — repetiam o recorte de uma flor de porcelana que era “um doce”!

E, como as flores, as amigas da “hostess” eram e estavam, particularmente elegantes — a Sra. Alfredo de Sequeira, sempre deliciosamente jovem e finamente amável, trazia, com um vestido preto e um chapéu preto de subtil guarnição, admiráveis joias — “la Marque de Marc!” — compostas de pérolas quasi cinzentas, azues, tocadas de reflexos de ouro, e um longo “sautoir” com um fecho originalíssimo — a Sra. Aprigio dos Anjos tinha, o “chic” de uma figura dos salões da duquesa de Guermantes — a Sra. Nicolau de Moraes Barros, uma das figuras mais queridas da sociedade paulista, trazia chapéu e luvas de um raro amarelo de crisantemo — a Sra. Octacilio Gualberto, beleza romantica, trazia um chapéu digno de ser pintado por Fujita, com o seu brilho de madrepérola — a Sra. Maria de Sá Carvalho estava com interessantes joias e aquele um delicioso, inimitável arzinho friorento — a vivaz e amável Sra. Alzira Costa Pinto trazia um chapéu requintado — a Sra. Hugo Adami, sempre esbelta, com os seus olhos marinhos, parisienseamente bem vestida, ao lado de seu marido, esse pintor de talento e homem de

espírito — a Sra. Maria Salles Pinto vestia uma blusa de tulle côr de café, moderníssima — a Sra. Nadyr Braga, que, nos tempos de S. Paulo, eu encontrei mil vezes nas festas do “Automovel Club”, da “Hípica”, do “Iacht Club”, no Municipal e em casa de amigas elegantíssimas, tinha, imprevisivelmente, reunido um chapéu com aba forrada de vermelho rubi e joias com belas turquêsas, conseguindo um conjunto notável — a Sra. Mariana Guedes Nogueira trazia, com a elegância do costume, um chapéu preto guarnecido de “couteaux” de linha ousada e, ao mesmo tempo, grande sobriedade — a Sra. Hortencio Lopes vestia um modelo de Lucile Manguin e conversava com a sua elegantíssima prima, nascida Barbará, que hoje pertence à sociedade de Santiago do Chile — a Sra. Prof. Rocha Vaz e sua irmã, paulistas e encantadoras de nascença, estavam ambas muito bem — a Sra. de Bivar Brandeiro, esposa do Consul Geral de Portugal, trazia, num conjunto sobrio, lindas flores de um lindo, branquíssimo branco, nota de alegria e bom gosto que vai com o seu indiscutível “charme” — a loira e fina Sra. Kalay estava muito bem — a morena e expressiva Sra. Chermont de Brito trazia um chapéu de estilo brilhante, como os livros de seu marido, e um vestido preto decotado na frente, especie de moldura de onyx para uma pele de marfim — a radiosa fisionomia da Sra. Suzie Penna Costa iluminava, positivamente, um chapéu preto de aba arredondada. E a encantadora filha do Sr. e da Sra. Horacio Lafer — citar o nome — era a mais graciosa das mensageiras de parabéns, naquela tarde de chuva que tanto agradou ao “Relógio de Sol”.

Quanto à Sra. Zuleika Lage, trazendo na mão, e agitando-o; por vezes, calmamente se é possível dizer assim, um lenço da côr e da transparencia dos “pois de senteur” da mesa, estava impecavelmente vestida e penteada, como se poderia calcular, conhecendo-a.

Com a chegada dos maridos das amigas — antes de sair, eu vi lá Eduardo Pederneras, Chermont de Brito, Hugo Adami e Penna Costa — o chá transformou-se em “cock-tail”, o “cock-tail” em jantar e, segundo me contaram, o jantar acabou à hora da ceia!

Foi uma reunião perfeita e eu compreendo bem que a Sra. Oswaldo de Souza e Silva, impedida de sair por causa do excesso de chuva e habitualíssima falta de taxis à tarde, tivesse lamentado não poder ir felicitar a sua amiga Zuleika.

CROQUIS

A Sra. Rocha Vaz, paulista de nascença casada com o ilustre médico do Rio, estava, há tempos, num concerto do Municipal com um chapéu verde musgo. Combinando com o seu rosto de traços e de expressão delicada, esse tom não poderia ter sido mais bem escolhido. O verde musgo é um tom de paz e de ternura, e o musgo é o veludo da natureza, não acham?

Sempre bonita e vivaz, a Sra. Ministro Bocayuva Cunha esteve no Municipal, durante a temporada francesa, com uns brincos... verdadeiros brincos de joalheria. Longos e dansantes, acompanhavam harmoniosamente todos os movimentos da sua cabeça expressiva. Eram uma especie de comentario cintilante da sua conversa, aliás já tão cheia de brilho, a julgar pelas expressões do grupo.

* * *

A escritora Niomar Moniz Sodré tem um encanto extremamente pessoal, um encanto raro. Parece, às vezes, pelo sorriso e o olhar, a miniatura de uma estrela de Hollywood — Alexis Smith. Parece, sempre, Niomar! Nesse nome, breve e ondulante, há uma grande poesia, um pouco de misterio e uma bela vitalidade.

* * *



A Sra. Dorothy Roosevelt Kidder, esposa do jovem diplomata norte-americano Randolph Kidder, vibrante personalidade que entre nós conta inúmeras amizades e que vemos aqui na expressiva interpretação de Lucette Laribe. Junto com algumas dezenas de outros quadros da mesma artista, representando motivos populares do Brasil, flôres, “still natures” e encantadores retratos de crianças — por exemplo o da filhinha do Cel. e da Sra. Albert Buchalet — o retrato da Sra. Kidder foi admirado, na sala do Ministério da Educação, durante a 1.ª quinzena de julho, pela crítica e o público do Rio.



Roberto e Othon, expressivas cabeças de criança que inspirariam um Reynolds, são os filhos do Sr. Roberto Bezerra de Mello — um nome de destaque no nosso meio social e industrial — e da Sra. Maria Lucia Saldanha Bezerra de Mello, sendo avós maternos o Sr. Horacio Saldanha e a Sra. Edméa Rego Saldanha. "Roberto Jr" e "Othon Neto" como se chamam a si mesmos na dedicatória da fotografia, prometem ser homens de espírito vivaz, mantendo as tradições da família.

(Foto Preuss)

Na sua frisa do Municipal, a Sra. Carlos Guinle, impecavelmente penteada, vestida com um gosto subtil, um precioso conhecimento do seu tipo, dá-me sempre a idéia de alguém que está em missão especial. Assim como um "Sir" Malcolm Sargent é o embaixador musical da Inglaterra, a Sra. Gilda Guinle, nascida Oliveira Rocha e de resto, muito musical, é como que a embaixatriz dos tons suaves e dos sons aveludados no Paiz da Moda, esse paiz variado e curioso que existe em cada capital do mundo. Esguia e simples num modelo escultural de Grés, com os seus grandes olhos que Henrique Medina fixou tão bem, a Sra. Carlos Guinle inspira facilmente simpatia em quem sabe observar, pois não é facil, como se pensa, ter uma grande fortuna, manter um lugar importante na sociedade, suportar mil invejas tolas, e conservar doçura de expressões, de sentimentos! Não é facil ser rei, já dizia Henrique V pela boca de Shakespeare, nem ser uma das figuras principais de qualquer meio mundano, em Paris, em Londres, no nosso Rio.

* * *

Num "cock-tail", a Sra. Maria de Souza Mendes trazia um modelo com uma jaqueta de veludo vermelho, que admiravelmente combinava com o tom marfim da sua pele, os seus olhos e o seu cabelo negro.

* * *

Tendo conhecido a Sra. Helio Aguinaga solteira, com o nome de Marilia Pedroza, parecia impossível que essa moça tão bela pudesse ficar ainda mais bela. Entretanto, ficou! Com um grande chapéu preto e um vestido preto, decotado na frente, algumas joias bem escolhidas e o liquido brilho dos seus olhos, a Sra. Helio Aguinaga, visão de cinema idealista, é, na realidade, uma perfeita expressão de modéstia e singela graça!

ARTE DE RECEBER

Sra. Maria de Souza Mendes vive com sua mãe, a Sra. Isaura Mendes — de alta figura e grande simpatia — num apartamento cheio de objetos preciosos e não distante do Flamengo. Sendo muito convidada — o que é natural, graças à sua presença decorativa é à sua agradável conversa — a Sra. Souza Mendes retribue os convites organizando sucessivos reuniões, inspiradas no gosto pela harmonia. Reune grupos de diplomatas estrangeiros e grupos da nossa sociedade, intelectuaes que frequentam um e outros, artistas amadores que poderiam ser profissionais, se quizessem. E dessa forma, durante os meses brilhantes da temporada, vai dando seguidos exemplos da arte de receber.

HORA DE ARTE E HORAS DE DANSA

Major e a Sra. Almir Lemos Furtado — nascida Lia da Silva Jardim — convidaram, a 10 de julho, para uma reunião no seu apartamento de Copacabana.

"Haverá uma hora de arte e, depois, vamos dansar um pouco", disse a Sra. Furtado, quando telefonou às pessoas amigas. Houve hora de arte e dansou-se... muito!

Uma poetiza — usaria o nome de Violeta de Alcantara Carreira e teria lido poemas com o nome de "O sorriso de D. Risa", "Barrauet dans Hamlet", "A moça rica", "Depois da chuva", "Petits poèmes" e "Jardins do Brasil"? — dois poetas, uma cantora, duas interpretes de musica francesa e brasileira em acordeon tomaram parte no programa. A cantora foi Carmen Pimentel, voz aplaudida no Municipal, excelente dicção em francês, os poetas, Murillo Fontes e o Sr. Luis Fernau Cisneros, embaixador do Perú, as acordeonistas, foram a própria "hostess" — que estava com um elegante, simples vestido preto, curto e sem alças, com um bordado

em volta do decote — e a encantadora Maria da Graça, nascida Carvalho e Silva e hoje Sra. Jacques Salles.

O embaixador Cisneros fechou o programa com um poema de abrir o apetite para a poesia até nos personagens mais prosaicos! Desafiado a dizer alguma coisa, o Sr. Aquino Furtado — esplendido cronista que tem o modesto pseudonimo de "Homem de barro" — contou uma anedota tão cheia de humorismo quanto os versos de Murillo Fontes de emoção.

Estavam presentes, entre outros, a embaixatriz Cisneros e sua filha, essa atraentissima Carola de refletido olhar, de incontestavel poesia no sorriso e no silencio, o Conselheiro da Embaixada da Argentina e a Sra. Haydée Brun de Meunier — poetisa de quem venho de ler uma série de versos ricos de beleza, por exemplo a "Canción" que diz "Nebolina cubre la noche — con su pañuelo embrujado — Silencio quema distancias: — siento que estás a mi lado" — o Sr. e a Sra. de Bonastre, recém-chegados ao Rio onde o Dr. Bonastre representa seu paiz junto à Comissão Jurídica Interamericana, o Dr. José Rubião, da sociedade paulista, o Sr. Meira Penna, o Sr. e a Sra. Fausto de Carvalho e Silva, o Comte. e a Sra. Mario Jardim, a Sra. Roberto Tostes, o Sr. e a Sra. Jacques Salles, o Sr. e a Sra. Léopold Stern — a Sra. Stern estava com um longo finissimo vestido de renda e veludo, pois ia a uma outra recepção, mais tarde — o notavel pintor Carlos Alisérís, que nos falou de dois retratos de meninas, que está pintando agora, e inumeras outras pessoas, embora fosse uma pequena reunião.

Entre as musicas mais notadas para governar a dança encontrava-se o delicioso "baião", mas, como de costume, o "Tico-tico" no fubá e "Aquarela do Brasil" deram a maior animação, enquanto que dois ou três tangos marcavam a nota romantica — longos laços de setim depois dos "cordões" trapidantes.

CONFERENCIAS DE ROBERT GARRIC

Prof. Robert Garric, notavel conferencista que deixou no Brasil excelentes lembranças de sua primeira visita — e também as guardou! — é um dos melhores exemplos do "homem cordial" de Ribeiro Couto. Expondo as suas idéias, sempre justas e profundas sobre literatura, o Prof. Garric mostra pelo que é humano aquela simpatia qualidade de que tanto falta a muitos intelectuaes. Por isso tem tido, na sala da Faculdade de Filosofia, um publico tão numeroso e tão atento. A sua palestra sobre o teatro de Gabriel Marcel foi a perfeição no genero. Esclareceu, emocionou, divertiu; por momentos, e, coisa essencial, não terminou; para nós, ouvintes, ao terminar!

O TYROL NA GAVEA

Tyrolêsa! Tyrolêsa!" — Parecia até o estrilho de uma canção popular, mas era, na realidade, a prova da popularidade e o prenúncio da vitória!

A "Tyrolêsa" venceu, os Seabra foram felicitados, eu ganhei nas apostas, já que meu marido ganhou, e as plumas dos chapéus muito "Sweepstake" agitaram-se ao vento do entusiasmo, como se teriam agitado ao vento das alturas do Tyrol!

Se a tarde estava cinzenta a "pelouse", em compensação, estava multicôr! Chapéus enormes, uns lindos e outros... menos, desabrochavam à chuva, que aliás não era mais do que um ensaio de aguaceiro de abril. Capas de peles ondulavam suntuosamente, "panneaux" plissados tentavam mostrar a sua elegância no meio da multidão, flores pregadas nos decotes rivalisavam, polidamente, com as joias femininas, luvas de renda pediam punhos... da mesma às elegâncias masculinas. Aliás, não falando dos membros da diretoria do "Jockey" do Rio — o Sr. João Borges e o ministro Candido Lobo, por exemplo, estão sempre impecáveis — e do "Jockey" de S. Paulo, a nota verdadeiramente Grande Prêmio da elegância masculina era dada por "Sir" Neville Butter, embaixador da Grã Bretanha, o que não é de admirar. O ano passado tivemos, de "frack" e chapéu cinzento, o embaixador de Portugal.

Ao acaso dos encontros, e dos olhares, fixei a presença do conde e da condessa Guilherme Prates — D. Candinha continuava bonita, com a sua grande e simples elegância de quem muito se vestiu de amazona — encantadora a Sra. Nicolau de Moraes Barros, a Sra. Zuleika Nobre Lage — com um finíssimo chapéu preto, plumas brancas a imitarem a frescura do organdi branco, uma nota de cor verde esmeralda, a enfeitar a singela copa — o Sr. e a Sra. Milton Maya, com quem estava a Sra. Maria de Souza Mendes, na tribuna oficial — a embaixatriz do Perú, Sra. de Cisneros, o Embaixador do Equador e a Sra. de Peñaherrera, com sua filha Argenta, o Sr. e a Sra. Antonio Augusto Xavier, a Sra. Turquesa Antunes Maciel, sempre bonita e bem vestida, a Sra.

Americo Silva Pinto, com o seu vivo sorriso, tão simpático, o Sr. e a Sra. Mario Colazzo Pittaluga — a Sra. de Pittaluga com um vestido de Jean Des-sès, magnificamente pregueado, no estilo subtil dos modelos de Vionnet, aqueles que ninguém sabia onde começavam, mas acabavam inevitavelmente bem, chapéu de veludo, preto, alinhado e grande, de Gilbert Orcel, joias unicamente de brilhantes, num contraste bem pensado — a esguia e atraente princesa de Brancovam — os seus cartões dizem — "Princesa Mihai Bassaraba Brâncoveanu" — o embaixador da Espanha, conde de Casa Rojas, o príncipe Olgierd Czartoryski, o Sr. Manuel Augusto Garcia Viñolas, a pintora Isabel Pons, a Sta. Déa Antunes Maciel, o Sr. e a Sra. Marcos Carneiro de Mendonça — a Sra. Ana Amelia com um sóbrio conjunto preto, chapéu e decote em linhas harmonizadas, capa de "vison", joia antiga com flôres movediças — a Sta. Laura Constança de Queiroz Athayde, vestindo um verde bonito, a Sta. ... de Queiroz Costa, o Sr. Meira Penna, sempre rodeado de amigos, Gilberto Trompowsky — que nos contou com que sincero entusiasmo estava sendo felicitada a Sra. Herminia Cailler Salmon, esposa do novo Ministro da Educação, Prof. Pedro Calmon ao chegar à tribuna oficial — o Ministro e a Sra. Brigadeiro Armando Tronpowsky — a Sra. Trompowsky muito bem, com um chapéu de "crosses" em preto e pérola, da mais invulgar distinção — a Sra. Comte. Sylvio Heck — sorridente, amável e esplendidamente vestida — o Sr. e a Sra. Fabio Carneiro de Mendonça — a Sra. Carneiro de Mendonça tem, como se sabe, joias antigas interessantíssimas — "Lady" Butler, o embaixador da França, Sr. Gilbert Arvengas, acompanhando com evidente interesse o desenrolar da principal corrida — o ministro e a Sra. d'Alamo Lousada — o ministro, chefe do Ceremonial do Palácio do Catete, estava representando o Presidente da República, e a Sra. d'Alamo Lousada, com habitual simplicidade, representando a "distinção clássica" o Sr. e a Sra. Collares Moreira, o dr. Elmano Cardim, — o Consul e a Sra. Jaime de Barros — que acabam de chegar de Paris, mas não acabam, nem aca-

barão tão cedo, de receber homenagens — o embaixador e a Sra. Pontes de Miranda — a Sra. Pontes de Miranda, toda em cinzento pérola e, portanto, muito bem — o Sr. e a Sra. Hortencio Lopes, a Sra. Glória Frontim de Muniz Freire, a Sra. Maria Salles Vallim, de S. Paulo mas vivendo há muito no Rio, o Sr. e a Sra. J. S. da Fonseca. Com um chapéu de gosto subtil, vi a Sra. Mena Fiala, em grande parte responsável pelas elegâncias "Canadenses" da tarde, que eram numerosíssimas e de primeira ordem!

Não vi, tal era a multidão, uma quantidade de pessoas elegantes e amigas, que sei terem estado presentes, como o Sr. e a Sra. Fabio da Silva Prado, a Sra. Senador Mello Viana — que deveria receber um alto prêmio de elegância — o alte. e a encantadora Sra. Jorge Dods-worth Martins, o Dep. e a Sra. Horacio Lafer.

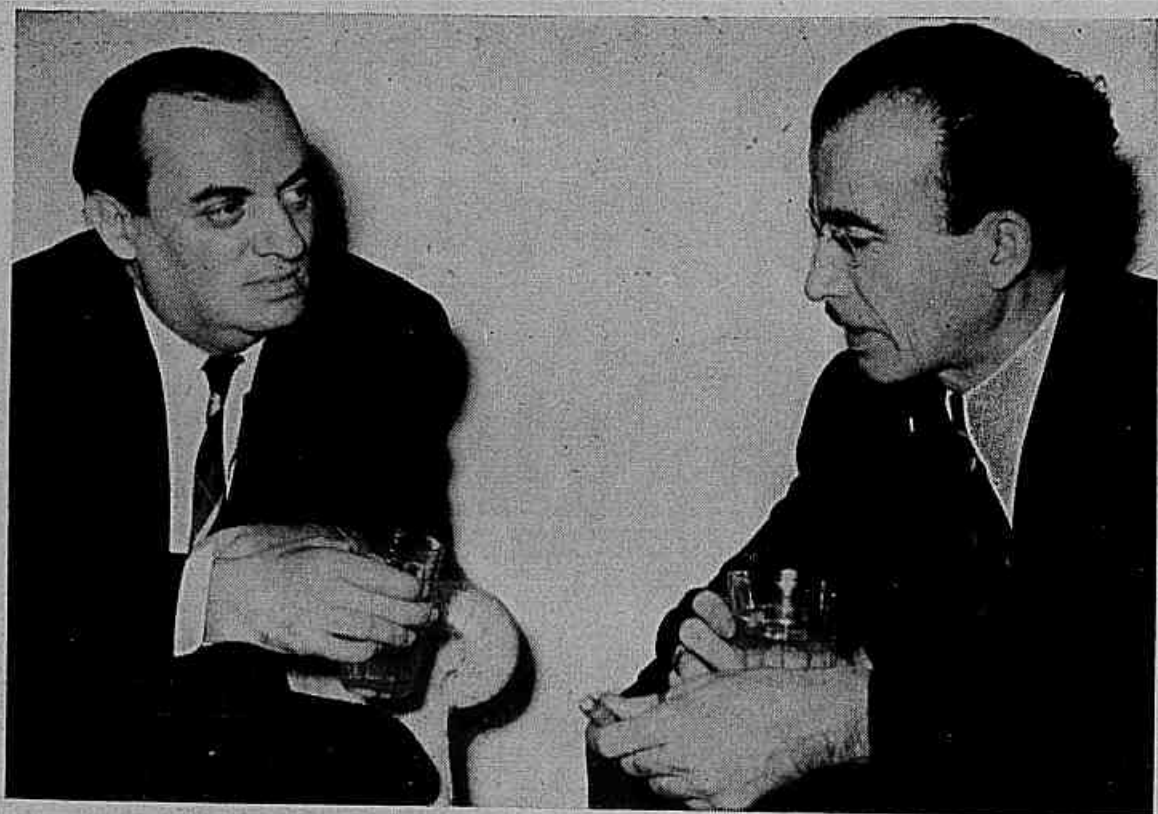


Alguns aspectos do interesse feminino e da moda de 1950 no famoso dia do "Sweepstake". Peles caras, "paradis", "aigrettes", joias lindas, sorrisos juvenis. Aspirações, e sonhos e certezas!



A Sra. Fausto de Carvalho e Silva, tendo à direita sua filha Maria da Graça (Sra. Jacques Salles) e à esquerda sua filha Heloisa (Sra. Comte. Roberto Tostes) recebe os convidados para um "cock-tail" e hora de arte nos salões decorados por esplêndidos ramos de flôres e folhagens tropicais. Três bonitas cabeças numa bonita moldura em que dominavam felizes tons de esmeraldas, combinando muito com os olhos negros da Sra. Fausto de Carvalho e Silva e os olhos verdes de suas filhas.

UMA ELEGANTE RECEPÇÃO



O representante da Síria no Brasil — que é um intelectual, autor de poemas em francês, e, a esquerda da foto, o Dr. Pedro Bloch, médico de nome entre nós e, a ora, famoso autor teatral, pois a sua peça "As mãos de Euridice", obteve um êxito invulgar e parece que não tardará a ser interpretada na Argentina e mesmo traduzida em línguas europeias.

Um expressivo instantâneo em que se vêem, da esquerda para a direita, a Sra. Alvaro Salles, a Sra. Comte. Roberto Tostes, a Sra. Jeanne d'Arc Sampaio — que cantou deliciosas canções ao violão, nessa noite de elegância, de música e poesia — e o Comte. Roberto Tostes.



De esquerda para a direita, a Sta. Ianki Wadwani, com os trajes típicos da Índia, o Sr. Meira Penna, a Sta. Maria Helena Salles, a Sra. Jacques Salles, o Encarregado de Negócios da Índia, Sra. Aftab Rai, e o Sr. Jacques Salles.



Da esquerda para a direita, o Sr. Fausto de Carvalho e Silva, a Sra. Major Almir Furtado — que encantou os outros convidados tocando acordeon — a Sra. Pedro Bloch, a esposa do representante da Síria no Brasil, a escritora Sra. Branca Martins Sampaio conversando com uma graciosa vizinha de sofá.



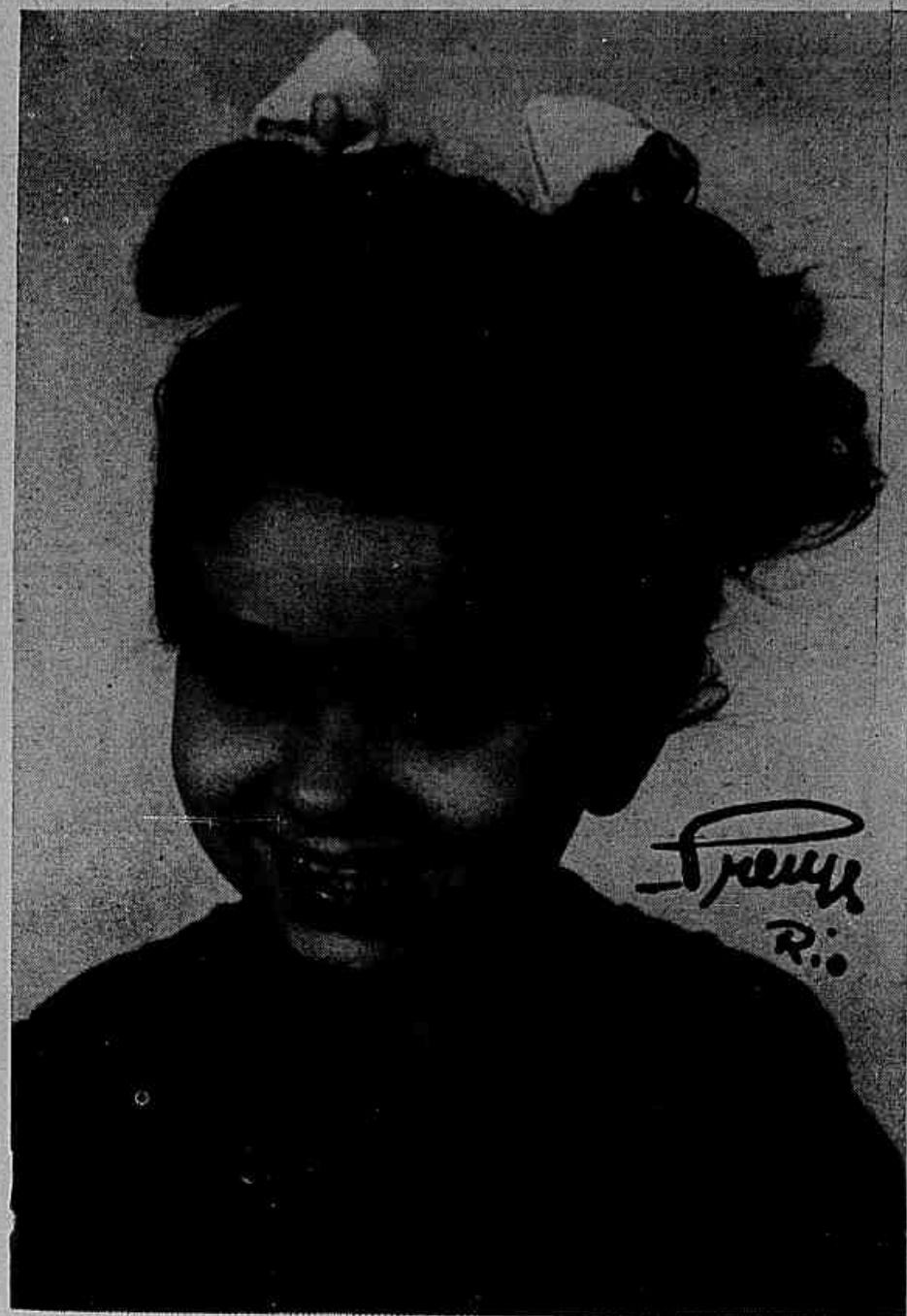
Da esquerda para a direita, o Sr. Juan Gilbert, da Embaixada da Argentina, a Sta. Shreela Rai, a Sra. Ladislau de Török, o secretário da Legação da Síria, Ihsan Marrache, diplomata e poeta que se fez aplaudir nessa noite, dizendo dois poemas em francês, a poetisa Sta. Penaranda, que também disse versos seus, como a escritora Violeta de Alcantara Carreira (Sra. Török), o Sr. Arthur Martins Sampaio e o Sr. Ladislau de Török.

À direita, a mãe da Sra. Fausto de Carvalho e Silva, Sra. Fabião, a Sra. Gilbert — de atraente personalidade, com o seu jovial sorriso e interesse pelas coisas do Brasil, onde se encontra há pouco, e o dr. José Rubião, da alta sociedade paulista.





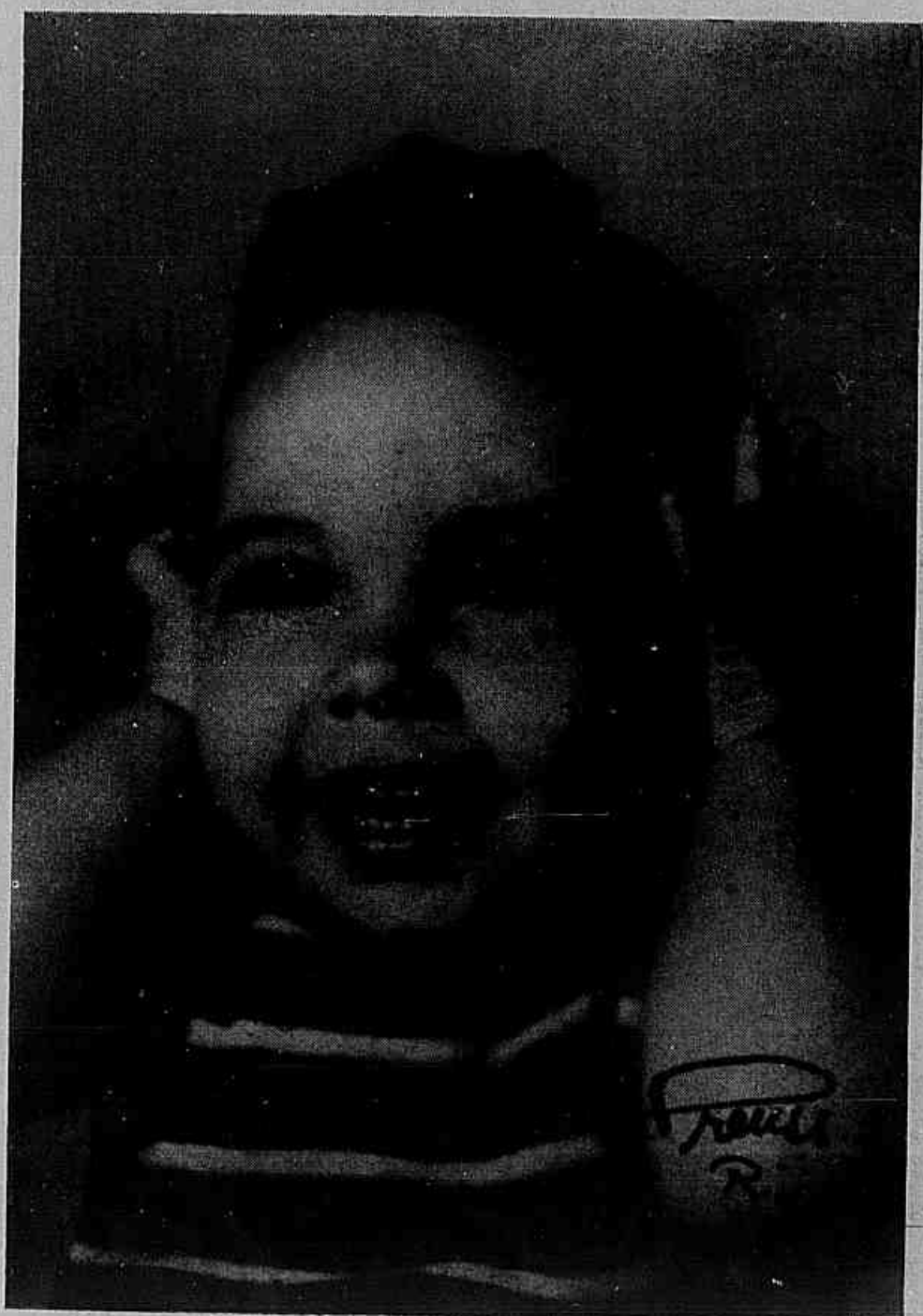
*Eneida, com 2 anos,
filha do casal Dr.
Humberto Queiros.*



*Vera Lucia, com 1
ano, filha do casal
Carlos Ferreira da
Rosa.*

IMAGENS DO FUTURO

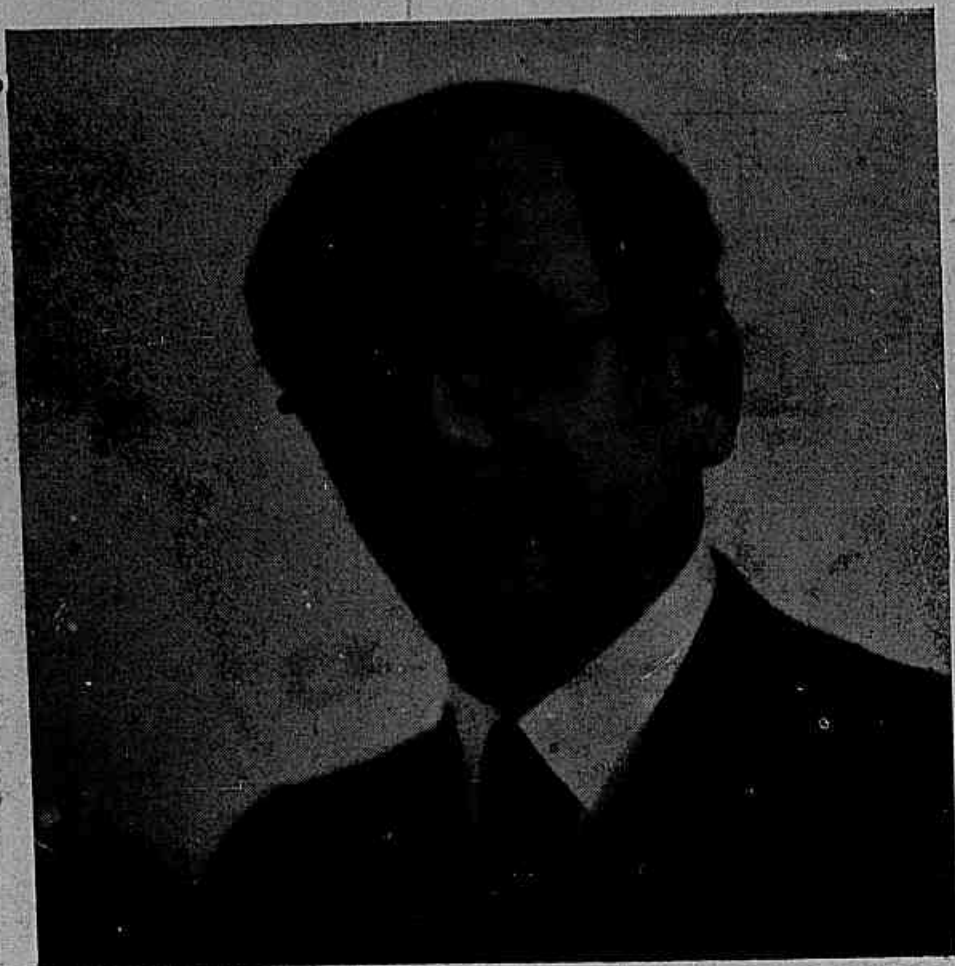
FOTOGRAFIAS TIRADAS NOS STUDIOS
DE FOTO PREUSS
(SÓ CRIANÇAS) — RIO — NITEROI



*Maria Alice, com
15 meses, filha do
casal Luciano Mar-
ques Ribeiro.*



*Ronaldo com 18 mê-
ses, filho do casal
Tte. Carlos Melo de
Almeida.*



Fléxa Ribeiro

A ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES EM MAIS DE CEM ANOS

No mês de Agosto a Escola Nacional de Belas Artes festejou os seus cento e trinta e quatro anos de existência. Fundada pelo conde da Barca, ainda no governo de D. João VI, foi esse conselheiro do então Regente do Brasil quem promoveu a vinda da missão de artistas franceses que marca o início do estudo das artes plásticas em nossa terra. O seu primeiro período decorreu cheio de percalços. Enquanto os seus trabalhos estiveram sob a orientação de Granjean de Montigny houve vários incidentes interessantes, entre eles um que mereceu ser recordado. Já independente o nosso país, e com Pedro I no trono, surgiu qualquer resinteligência na Escola entre Jean Batista Debret e o diretor. Daí o queixar-se ao monarca de que não lhe concediam espaço para fazer os seus quadros, o que mais tarde seria o autor da mais sugestiva obra de estrangeiro sobre o Brasil daqueles tempos remotos. Admirador do artista, Pedro I teve um de seus costumeiros arrebatamentos, montou a cavalo e foi até à sede da Escola, interpelou o diretor e concluiu:

— Não quero saber de nada. O que eu quero é um lugar para o senhor Debret pintar.

Com altos e baixos viveu a Escola até os meados do segundo reinado quando tomou conta da sua direção Manuel de Araújo Porto Alegre, poeta e pintor de renome e administrador de envergadura. A esse mestre sucedeu Rodolfo Bernardelli, outra figura notável que ali imprimiu ao ensino artístico uma orientação mais adiantada. Na República, sob a direção ainda de Bernardelli, obteve o primeiro prêmio de viagem ao estrangeiro Eliseu Visconti. Seguiram-no outros que seriam mestres e são Fiuza Guimarães, Corrêa Lima, Lucílio de Albuquerque, Carlos e Rodolpho Chambelland, Belmiro de Almeida, Marques Junior, Pedro Bruno e Henrique Cavalleiro. Foi essa uma das fases mais animadas da antiga Academia que passara a denominar-se Escola Nacional de Belas Artes. Hoje, ao completar a belíssima idade de quase século e meio, vem-la novamente atraindo as atenções pelos rumos que lhe traçou o diretor professor Fléxa Ribeiro, eminente crítico e escritor que de longa data lhe vem dando o melhor de seus esforços para o seu engrandecimento. Na administração atual se realizaram seis concursos para provimento de cadeiras vagas há muitos anos e providas por interinos. Em virtude dessas provas foram ocupadas as cadeiras de pintura, de desenho artístico, de modelagem e escultura e de composição decorativa, todas elas entregues a elementos de alto mérito que as conquistaram em brilhantes demonstrações de cultura. Recentemente venceu outro concurso, o de Perspectiva, sombras e estereotomia o professor Gerson Pompeu Pinheiro, imeditamente nomeado.

O ministro Pedro Cunha Calmon quando Reitor da Universidade conseguiu o restabelecimento de prêmio de viagem para os alunos e que estava suspenso inexplicavelmente há quase vinte anos com prejuízo para os estudantes e sem vantagem que se saiba para o país. Agora, na pasta da Educação outras iniciativas são esperadas da parte desse titular que é uma das expressões máximas do pensamento brasileiro e que possibilitam à Escola Nacional de Belas Artes realizar com segurança o seu programa. Quizeram os bons fados que na mesma ocasião se encontrassem em postos de tanto relevo como os que ocupam dois homens que sabem o valor das artes como elemento de civilização. E com Pedro Calmon na Educação e Fléxa Ribeiro na Escola é certo que novos caminhos se abrirão às artes plásticas no Brasil.

A CARREIRA TRIUNFAL DE ELEAZAR DE CARVALHO

Desde a sua primeira viagem aos Estados Unidos que o maestro regente Eleazar de Carvalho conquistou para o seu nome e para a música brasileira uma posição impar no mundo artístico estrangeiro. Com o apoio de Koussevitsky, pôde entrar em contacto com o público norte-americano que o aplaudiu sem reservas. Mas Eleazar de Carvalho não se deixou dominar pelos fulgores do êxito e nem se entregou ao gozo egoístico da sua glória. Sabendo, por experiência, das dificuldades que tem de enfrentar um músico que luta sosinho contra mil obstáculos, ele passou a olhar com simpatia os colegas menos afortunados e que começam a aparecer. Assim, ele tem ajudado a mais de um a conseguir bolsas de estudo, e não deixa nunca se incluir nos seus programas partituras de nossos patricios de mérito, tornando também conhecidos no Brasil os compositores estrangeiros dignos de uma apresentação às platéias cultas.

Agora anuncia-se que Eleazar de Carvalho tem contrato firmado para reger a Orquestra Sinfônica da Palestina. Em outubro ele seguirá para aquele destino e desde já organiza o programa em que figurarão expo-

entes da nossa música. Na sua caminhada vitoriosa ele cuida com carinho de revelar ao mundo a obra de beleza de seus compatriotas.



NOSSAS CANTORAS

Maria Henriques, o grande contralto patriótico, que vem de surpreender o público carioca com a sua brilhante atuação na temporada lírica oficial do Teatro Municipal.



A Música e o Virtuoso

A O acôrde de um instrumento, os sons de outros se uniram, e formou-se a música. E assim os sons musicais foram vindo, numa grandiosa "sinfonia histórica", executada em vários movimentos através dos tempos.

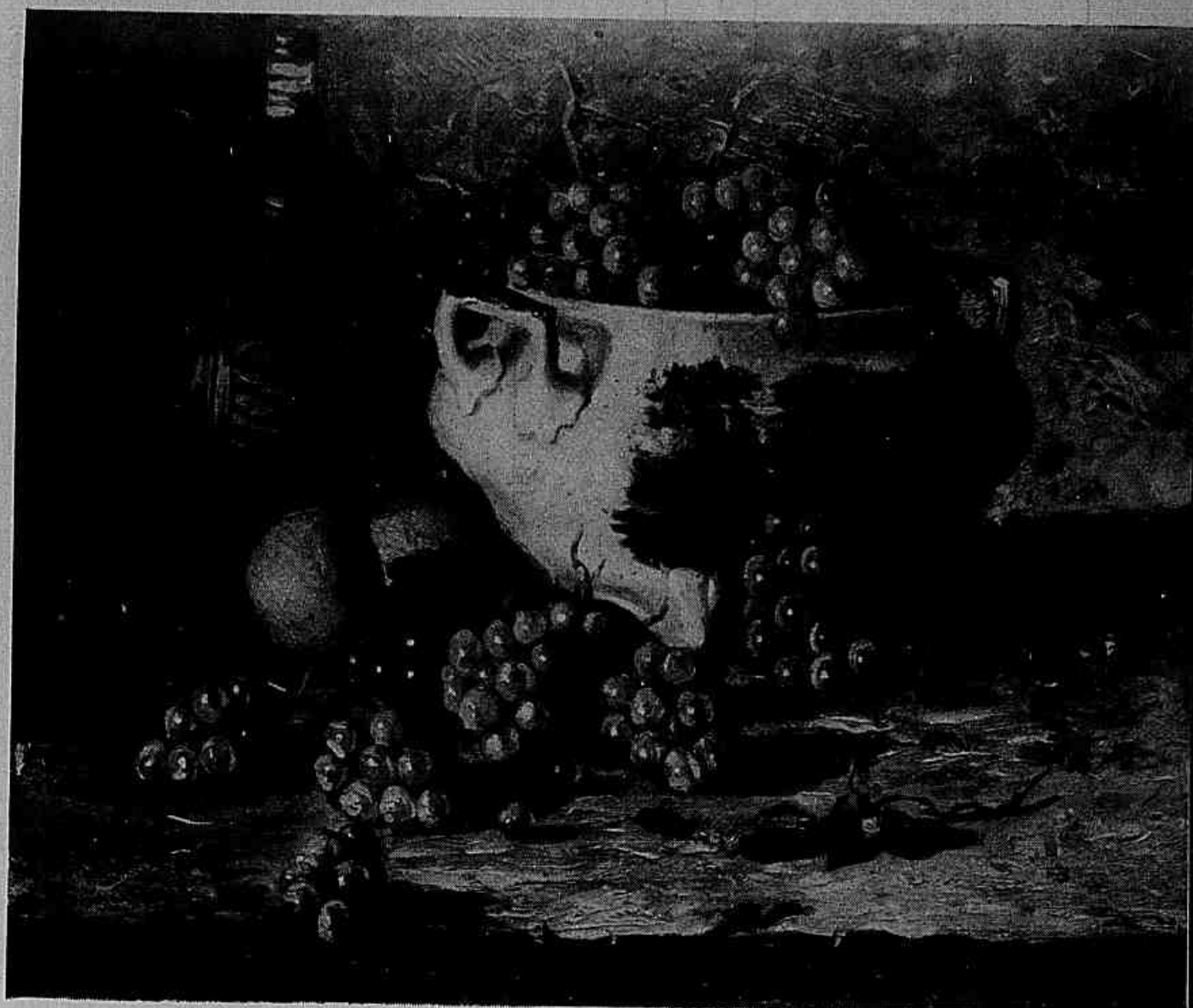
Como as demais artes, a música raramente encontrou compreensão e teve sucesso no seu ambiente ou mesmo na sua época. Estariam os mestres de então certos do êxito que suas obras haveriam de obter no nosso século?

A música não está mais dormindo nas prateleiras empoeiradas dos velhos armários. Evoluiu-se e, percorrendo os ares em todas as direções, chegou até nós nas asas do progresso. Graças a ciência, os sons encontraram no rádio mais ampla divulgação, e os músicos puderam ser ouvidos em todas as partes do mundo.

A música e o virtuoso encontram compreensão e público neste nosso turbulento século; mas que diriam, se vivos fossem, os mestres, de tudo que hoje proporciona ao artista, a interpretação da música? Que diria Bach, se ouvisse sua obra, depois de ter sido apresentada a nós por Mendelsohn e maravilhosamente orquestrada por Stokowsky? E Mozart, se ouvisse os precoces virtuosos, condicionados a várias atividades da música? E Bethovem, se pudesse ouvir uma gravação da Coral conduzida por Weingartner, irradiada diretamente de New York ou do Canadá? E Berlioz e Wagner? Não encontrariam eles, se estivessem vivos, maior facilidade em lidar com as modernas orquestras sinfônicas?

Agora, as ondas hertzianas trazem-nos os sons maravilhosos da música de antanho e do presente; qual será o "programa" do intérprete de amanhã, quando a música for trazida no cinema em símbolos coloridos?

DORIS POLITIS



EXPOSIÇÃO D. GEMELLI

D. Gemelli é um dos nossos melhores pintores contemporâneos. Formado na escola clássica que deu ao mundo os maiores pintores de todos os tempos, o vitorioso artista acaba de nos apresentar uma magnífica coleção dos seus trabalhos, no salão nobre do Palace Hotel. Entre as inúmeras telas expostas por Gamelli, destacamos a natureza morta que aqui reproduzimos.



O 134.º ANIVERSÁRIO DA ESCOLA DE BELAS ARTES

Inauguração da exposição dos alunos da Escola Nacional de Belas Artes, à comemoração do 134.º aniversário daquele instituto. Vê-se ao centro o professor Pedro Calmon, Ministro da Educação e Saúde tendo à direita o Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, professor Deolinda do Couto, o professor Paulo Pires, diretor da Faculdade Nacional de Arquitetura e Augusto Girardet, decano da Escola Nacional de Belas Artes; à esquerda, o professor Fléxa Ribeiro, diretor da Escola Nacional de Belas Artes, o professor Mauricio Jopper, da Escola Nacional de Engenharia, o Sr. Oswaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes e o professor Gerson Pinheiro da E. N. de Belas Artes.

LIVROS DE GUERRA JUNQUEIRO

em LIVROS DE PORTUGAL S. A.
Rua Gonçalves Dias, 62
Rio de Janeiro



Aspecto da mesa que presidiu a sessão solene

Sob a presidência do Sr. Antonio Leite Cruz, Encarregado dos Negocios de Portugal, realizou-se, solenemente, no Liceu Literario Português, a comemoração do 5.º aniversário da Casa do Porto. Nessa festa, que se revestiu de grande brilho, foi homenageada a memoria de Guerra Junqueiro, focalizado em notavel improviso pelo nosso confrade professor Asterio de Campos, que revelou aspectos ineditos e episodios curiosissimos da vida do grande vate, provando

sobejamente ter sido o mesmo um cren-te e um grande português.

Falaram ainda os Srs. Antonio Marques da Silva, presidente da Casa do Porto e o Sr. José Pereira Sobrinho.

A eximia "diseuse" Margarida Lopes de Almeida disse versos de Guerra Junqueiro e a Sta. Wanda Esposito, acompanhada ao piano pela professora Nely Adelina dos Santos, fez-se ouvir em belos numeros de canto.

São dessa solenidade os flagrantes que aqui reproduzimos.

GUERRA JUNQUEIRO

NAS COMEMORAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DA CASA DO PORTO



O professor Asterio de Campos, quando pronunciava a sua conferencia sobre Guerra Junqueiro, no Liceu Literario Português.



Flagrante da assistencia



UM PASTOR FALA NO RIO

ERNESTO FEDER

Nesses três dias que o pastor Martin Niemoeller passou no Rio de Janeiro, o Presidente e Bispo da Igreja Evangélica da Alemanha se tornou, nos meios cariocas, uma personalidade de grande atração.

Já durante a guerra tinha-se espalhado, na Terra de Santa Cruz, a alta reputação do seu nome, tanto pelo noticiário da imprensa como também pela sua biografia, publicada em tradução portuguesa por Julio Camargo Nogueira sob o título "Martininho Niemoeller, o homem que enfrentou Hitler". Durante a Primeira Guerra Mundial comandante do submarino U-C 67, resolveu ele, depois do Conflito, após ter renunciado a idéia de emigrar, como colono, para a Argentina, entrar no serviço da Igreja.

E lá serviu com a mesma coragem que servira na Marinha do Reich. Levantou contra a Cruz Gamada a Cruz do Cristo e nunca fez, no domínio religioso, as menores concessões às exigências da Swastika.

Quão bem se compreendia sua nobre luta, quão bem se apreciava esse intrépido lutador, quando ele surgiu pessoalmente, no púlpito de duas Igrejas cari-

ocas, para falar, na sua maneira simples, modesta e humilde, daquilo que tinha visto, vivido e realizado.

"Perguntaram-me donde tirei a minha coragem", observou ele. Não tinha coragem. Tinha muito medo. Porém temia mais a Deus do que a Hitler." Profundamente comoviam a todos os ouvintes os pequenos episódios que inseriu na sua alocução: A última visita, no campo de concentração de Sachsenhausen, do seu pai octogenário, pastor este também, e que disse ao filho que, no mundo inteiro, até na terra dos esquimos, os homens rezariam por ele e pela sua Igreja; ou aquele pedido do homem da SS que, condenado a morte, veio pedir a Niemoeller, no campo de Dachau, que lhe dispensasse a comunhão.

Narrou então, uma história que fez chorar muitos dos ouvintes. Foi a 15 de Janeiro de 1942, nesse mesmo famoso inferno de Dachau, onde se achava, como o seu co-internado, o coronel inglês Stevens, que conseguira constituir, na sua célula, um rádio clandestino, mediante o qual ouvia Londres.

Comunicou-lhe o oficial britânico naquele dia que, na véspera, ao ensejo do quinquagésimo aniversário de Niemoeller, o Bispo de Chichester e o Arcebispo de Canterbury haviam celebrado em Londres

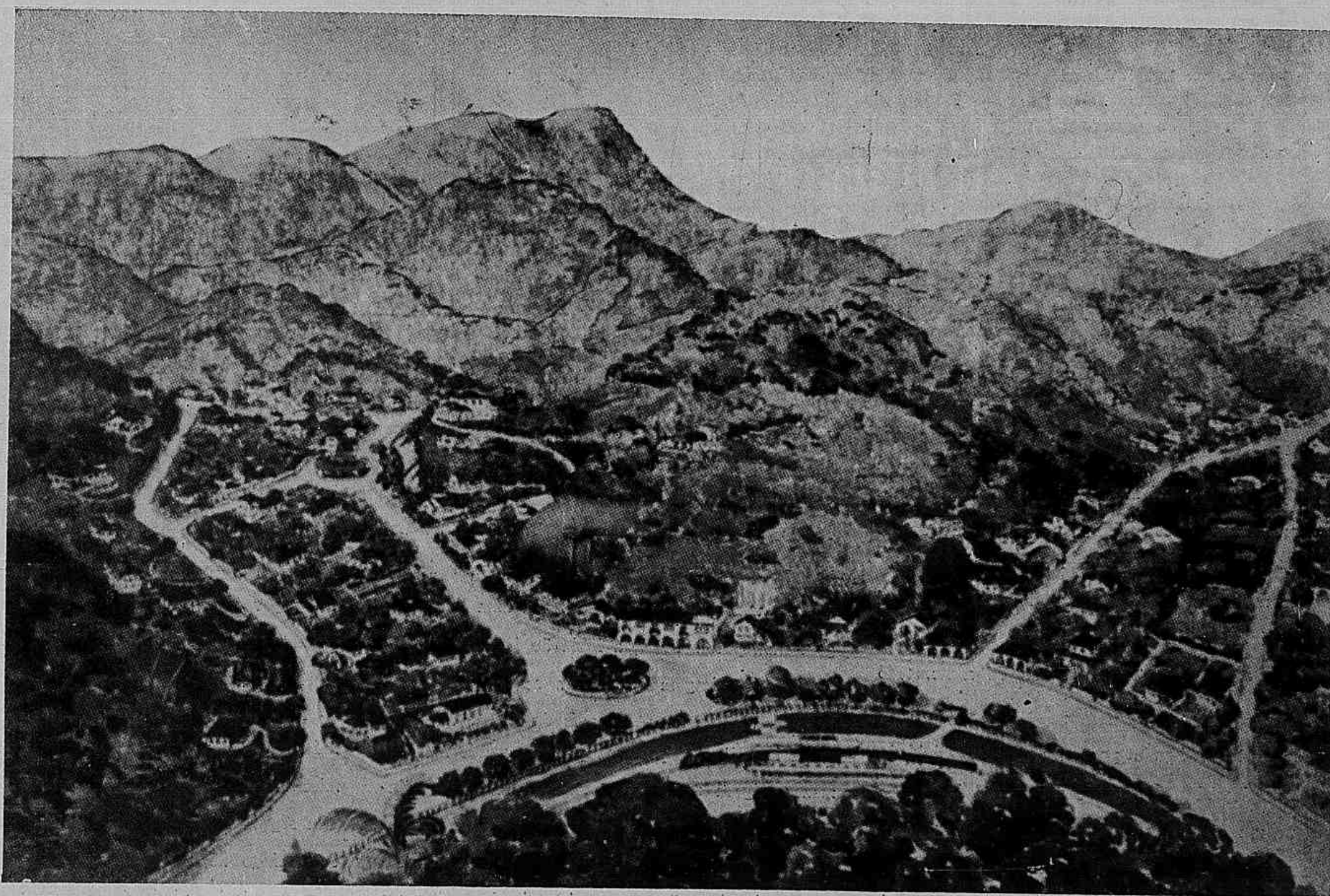
um Serviço Religioso. Em meio da furiosa guerra entre a Inglaterra e a Alemanha, os ingleses rezaram pelo alemão.

Niemoeller, nos seus sermões no Rio de Janeiro e em Petrópolis, nunca se referiu à política. Restringiu-se ao domínio religioso. Não deixou de descrever o milagre que, no Terceiro Reich, se realizou, ao desaparecerem as barreiras que haviam separado as diversas confissões e ao levantar-se a grande divisão entre os cristãos que confessaram a fé e se chamavam "Cristãos-Confessionistas" e os cristãos que a abnegaram e se chamavam "Cristãos alemães favorecidos e recompensados estes, perseguidos e torturados aqueles.

Enquanto isto, desapareceram os "Cristãos-Alemães" e ficaram os "Cristãos-Confessionistas", de modo que Martin Niemoeller se tornou Presidente da Igreja Evangélica da Alemanha.

"É a primeira vez, e, provavelmente, a última na minha vida, que me acho neste púlpito, assim começou ele o seu sermão na Igreja da Rua Carlos Sampaio. Mas os cariocas que tinham a oportunidade de ouvir a sua alocução ou de conservar particularmente com ele, nunca vão olvidar esse homem de fé inabalada, esse intransigente lutador pelos seus ideais, esse cristão que teme mais a Deus do que aos homens.

MORRO AZUL



Vista parcial do projeto de urbanização de Morro Azul, aprazível localidade do município de Vassouras, em franca e promissora realização.

Parte do grande plano a ser levado a efeito naquela florissante município fluminense será inaugurada em Outubro próximo, e merecem especial destaque o "Parque Hotel Morro Azul" do qual serão inaugurados 40 quartos, amplos salões, jardim de inverno, piscina, campo de basquete e todos

os requisitos modernos para pessoas de fino trato; a Igreja em linhas modernas, sob a invocação de N. S. de Lourdes; a "Padaria e Confeitaria Modelo" e outras casas de comércio, além de muitos outros melhoramentos. Lotes à venda, em frente à Estação e nas ruas adjacentes, com facilidades para quem desejar construir. Informações com o Sr. José Mendes em Morro Azul, ou com o Sr. Joaquim Mendes, à rua da Lavradio, 140 nesta Capital.



Que o seu "home sweet home" nunca se interrompa

Desde as épocas mais distantes, os filósofos consideram a afinidade o elemento absoluto para unir, profundamente, duas criaturas que se amam. Sem uma identidade de almas e de corpos nenhum amor poderá subsistir por longo tempo. Dessa maneira, na vida conjugal é imprescindível que os dois tenham sentimentos e pensamentos afins, pois, do contrário, extinta a flama da carne, todo interesse desaparecerá.

Se o casal for ligado por uma grande afinidade, não haverá problema que não se resolva docemente. Porque um e outro serão como dois sóis gravitando dentro de uma única órbita: a sua união verdadeira, baseada num mesmo destino, afastará qualquer obstáculo de natureza espiritual ou material. Evidentemente, esse fator de ordem psicológica é o mais importante na vida conjugal. Todavia, há outros elementos, de origem social, que intervêm na existência dos casados e que poderão matar a sua felicidade. Exemplo: a situação econômica.

Ninguém ignora que sem dinheiro não há grande amor que conserve a sua estabilidade: a fome persegue o sonho.

Alguns chegam a supor que o "home sweet home" não passa de uma expressão inglesa para definir, apenas, uma quimera. Semelhante a uma linda imagem num poema lírico, a idéia do lar ideal é uma espécie de miragem que nunca se apaga na alma de todo cidadão no velho país da Libra. O "home sweet home" só é possível, porém, quando há, pelo menos, algum recurso material, de forma a objetivar-se o que sonhamos. Uma pequena vivenda confortável, com roseiras no jardim e cortinas de rendas nas janelas, não se conquista simplesmente com a alma: o dinheiro é, sem dúvida, a áurea varinha de condão que produz o milagre.

E, se não possuímos fortuna, como devemos proceder para conseguir essa felicidade tão humana? O único meio para atingir esse fim é, certamente, o seguro de vida. Com o seguro de vida, os ca-

saís mais modestos se habilitarão ao conforto e à serenidade dos ricos.

O seguro de vida poderá ser considerado, antes de tudo, como o diploma da tranquilidade. Num lar onde existe uma apólice não há preocupação de futuro incerto; os dias vindouros são olhados com otimismo e jamais constituem, verdadeiramente, uma incógnita. O chefe de família não precisará levar uma vida fatigante, torturada por sacrifícios, com trabalhos superiores às suas forças, para deixar um pecúlio razoável para os seus. Não terá, ainda, necessidade de privar-se de certos prazeres sociais, no sentido de economizar o máximo. A importância que dispenderá, anualmente, para a manutenção da apólice, é tão pequena que não pesará, de modo algum, em seu orçamento.

Há um tipo de seguro verdadeiramente ideal para os casais. Trata-se do seguro de vida em conjunto. Seu preço é bastante convidativo, embora as vantagens que traz para os segurados sejam extraordinárias. Apresenta uma particularidade excepcional em relação aos outros tipos de seguro de vida, porque a mesma apólice beneficia igualmente ambas

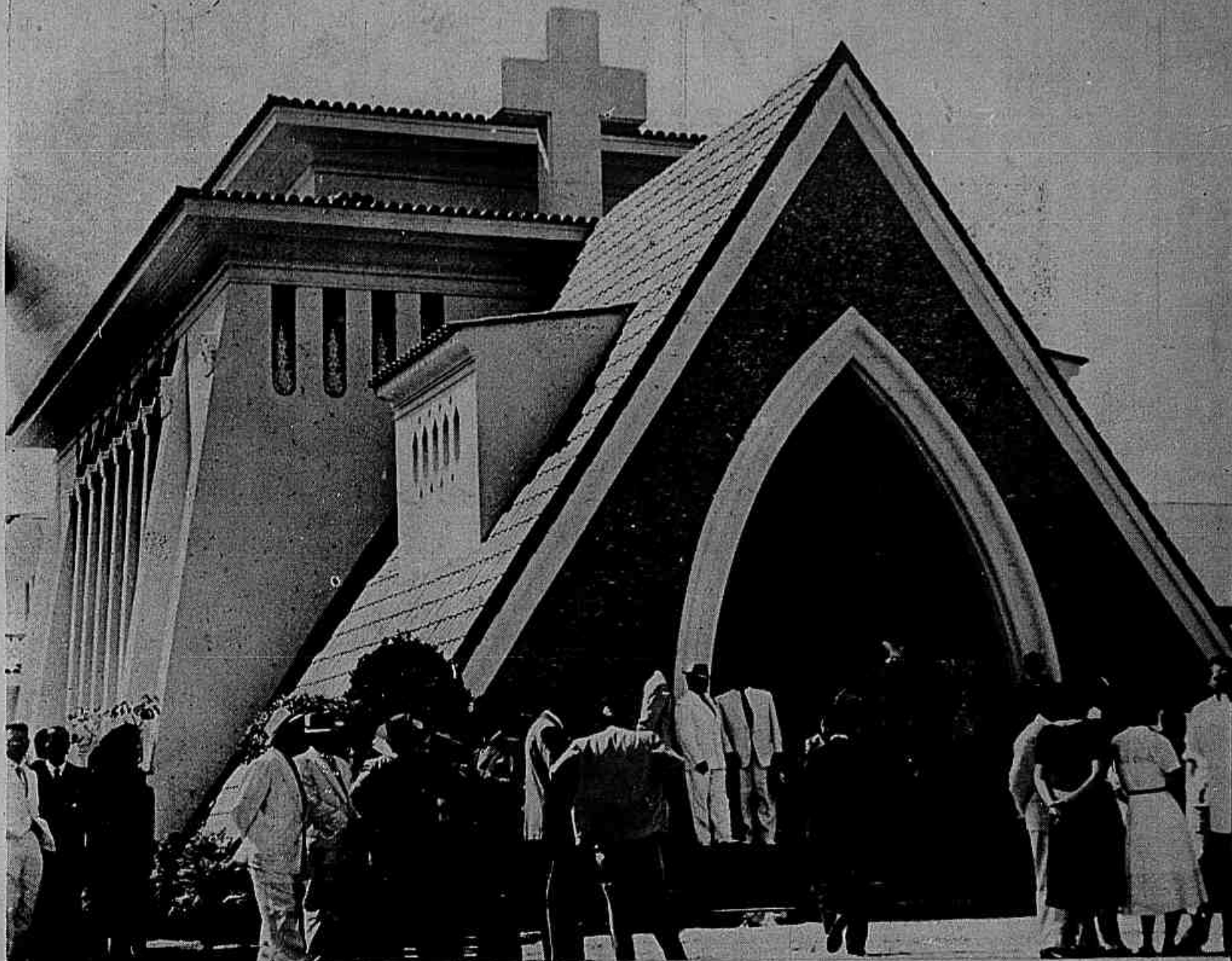
as pessoas. Por esse gênero de seguro a companhia obriga-se a pagar a qualquer dos conjugues a importância segurada após a morte do outro.

Quanto ao pagamento das prestações à empresa seguradora, tanto pode ser por determinado período como por toda a vida. Num e no outro caso, entretanto, tão logo ocorra a morte de um dos segurados, sustam-se, imediatamente, as obrigações da parte beneficiada relativamente à companhia. A indenização é paga sem qualquer dedução dos prêmios restantes.

Um seguro dessas condições traz, certamente, a paz de espírito ao casal, e, assim, a felicidade, como uma grande luz vinda do alto, entrará no lar cujo chefe soube, inteligentemente, ver além do futuro. O seguro de vida em conjunto, leitor, permitirá que o seu sonho do "home sweet home" jamais se interrompa e que as rosas do seu jardim e as cortinas de rendas das suas janelas nunca desapareçam em sua casa...

A igreja de N. S. da Glória logo após a inauguração.

INAUGUROU-SE NO HOSPITAL DE BONSUCESSO A IGREJA DE N. S. DAS GRAÇAS — A PRIMEIRA MISSA FOI CELEBRADA PELO CARDIAL-ARCEBISPO — AMPLIAÇÃO DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E MÉDICO. — HILTON SANTOS, O MAIS FIEL EXECUTOR DA POLÍTICA SOCIAL DO PRESIDENTE DUTRA.



NOVAS REALIZAÇÕES DO I. A. P. E. T. C.



O representante do Presidente da República, Dr. Helio Cabral, entre o Presidente Hilton Santos e a senhora Olga Santos, assistindo ao ato religioso.

quente dos testemunhos, essa obra grandiosa que é o Hospital do I. A. P. E. T. C. na Av. Londres, esquina da Av. Brasil, em Bomsucesso, nesta Capital; os conjuntos residenciais no Rio e nos Estados; grandes nosocômios e ambulatórios em todo o país.

Agora, ao completar-se mais um aniversário da fundação do Instituto, foram inaugurados novos órgãos dessa autarquia, que ampliam grandemente o seu já vasto serviço de assistência e amparo aos seus segurados; Agência e Ambulatório Médico e Dentário em Campo Grande, à rua Aracajú, 150, que atenderá aos segurados desse populoso subúrbio; Ambulatório em São Gonçalo, à rua Comandante Ari Parreiras, 2.085, vila Paraíso; no Hospital de Bomsucesso, o Centro Cirúrgico e Departamento de Radiologia, onde ficaram reunidos todos os aparelhos dessas especialidades; a igreja de N. S. das Graças.

O templo inaugurado é um dos mais originais e mais belos já construídos em nosso país. Os magníficos vitrais e a decoração interna o valorizam extraordinariamente como obra de arte arquitetônica. Celebrou a

Melhorar o nível de vida do trabalhador é a salutar tendência política da nossa época, é o imperativo da solidariedade humana tão bem compreendida e objetivada em nosso século. O General Eurico Gaspar Dutra, ao assumir o governo da República, fixou seu pensamento nos mais puros preceitos da política social, com o objetivo de por a salvo das mais duras necessidades dos mais atroz tormentos físicos e morais o proletariado brasileiro. Para isso colocou à frente das instituições de previdência e assistência homens com a compreensão dos problemas a elas afetos, com o dinamismo de um Hilton Santos, que se tem mostrado, no cargo de Presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas, o mais fiel executor da política social do General Gaspar Dutra. O seu trabalho em favor, dos ideais coletivos são, de fato, notáveis. Já os registramos, por mais de uma vez, com farta documentação fotográfica e estatística. Se não bastasse, aí estaria, como o mais elo-

O arcebispo D. Jaime de Barros Camara abençoa o templo.





O representante do chefe do governo em companhia do cardinal Camara entre os alunos da escola mantida pelo I. A. P. E. T. C. no nucleo residencial desta capital; vê-se o presidente Hilton Santos entre as crianças que muito têm recebido de sua administração.

primeira missa o cardinal D. Jaime de Barros Camara, com a presença do representante do Presidente da República, altas autoridades, presidente do I. A. P. E. T. C. e senhora, D. Olga Santos, funcionários do Instituto e inúmeros segurados.

Em seguida o arcebispo, dirigindo-se aos fieis, disse que aquela linda igreja fôra construída por iniciativa do homem compreensivo que se acha à frente de uma das mais importantes instituições de previdência social. Serviria no grande nosocômio de centro de assistência espiritual e cristã, especialmente destinada àqueles que se encontrarem em tratamento. Contrastando com a onda de materialismo



O Presidente do I. A. P. E. T. C. e autoridades inauguram o Centro Cirúrgico e Departamento de Radiologia do Hospital desta Capital.

A 24 de Julho último ocorreu o 29.º aniversário do fundação da Escola Portuguesa, estabelecimento que vem prestando utilíssimos serviços à causa do ensino na linda cidade de Braz Cubas. Milhares de alunos, de ambos os sexos, tem recebido as luzes da primeira instrução em suas bancas. Sua fundação, em 1921, deve-se ao saudoso professor Antonio M. Guerreiro, coadjuvado por vários espíritos entusiastas, cujos esforços conse-

Sr. Cordovil Fernandes Lopes, figura de singular destaque na vida social de Santos.

A ESCOLA PORTUGUÊSA DE SANTOS

REALIZA UMA BELA ÓBRA DE ENSINO E É UM BALUARTE DAS MELHORES TRADIÇÕES LUSÍADAS

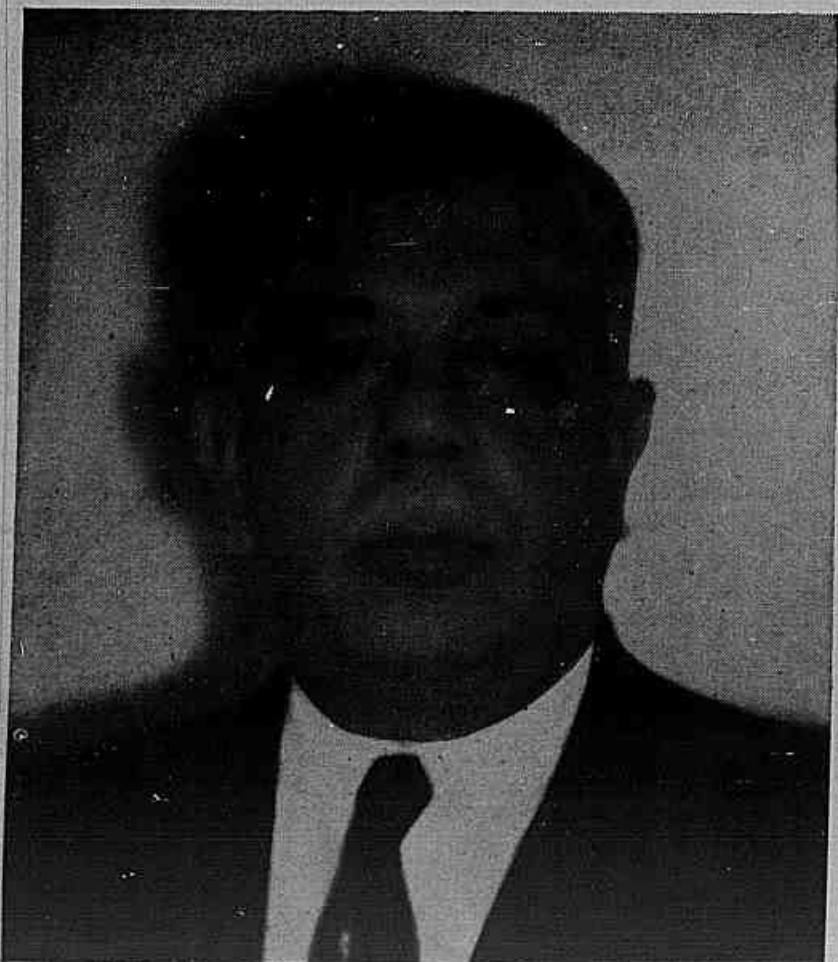
"Esta instituição está definitivamente integrada entre os mais uteis empreendimentos que se erguem em Santos, pelo bem do povo" — diz-nos o seu presidente Sr. Cordovil Fernandes Lopes.

guiram erguer essa magnífica obra de inconfundível beleza e solidariedade.

Enormes foram as dificuldades vencidas para que a Escola Portuguesa de Santos atingisse a projeção e as necessárias condições que hoje lhe permitem possuir um prédio próprio, mantendo dois períodos diurnos, com oito professores que atendem aos 260 alunos matriculados esse ano, entre os quais se veem elementos de todas as nacionalidades, inclusive japonezes, sendo o ensino inteiramente gratuito. A Escola é mantida com as mensalidades dos associados, devendo, no entanto, lembrar-se os nomes de alguns seus grandes benfeitores, como, por exemplo: Gaspar Lopes Martins, comerciante de largo prestígio, que durante alguns anos manteve todos os encargos da Escola, de que foi presidente; e Antonio Tavares da Silva, que desde a fundação vem trabalhando abnegadamente. A atual Diretoria está assim constituída: Presidente, Cordovil Fernandes Lopes; Amaro Lopes Martins Américo Marques e Gaspar Lopes Martins, vice-presidentes; Secretário Geral, Deolindo Dutra; Aguinaldo Alves da Costa Fonseca, José

Augusto de Oliveira e José Gaspar Filho, Secretário; Alberto Loureiro Valente, Vitorino de Almeida e João Coelho, Tesoureiros; Américo Ramos e Manoel Francisco Simões, diretores de sede; Edmundo Loureiro Valente, Manoel Duarte Brásio e Antonio Pereira, bibliotecários; Antonio Tavares da Silva e D. Mercedes Tavares da Silva, diretores escolares; Herminio Prandato, Sebastião Arantes Nogueira e José Barbosa Lobão, diretores vogais.

Incontestavelmente, a Escola Portuguesa de Santos tem na pessoa de seu digno Presidente uma força moral que muito contribue para a atmosfera de prestígio e de simpatia que todos lhe tributam. Trata-se de um brasileiro profundamente dedicado aos assuntos portugueses, defensor da compreensão e estima em que devem decorrer todas as causas luso-brasileiras, com princípio fundamental da boa tradição. O Sr. Cordovil Fernandes Lopes é, também, presidente do Conselho Deliberativo da Beneficência Portuguesa de Santos, de que foi presidente, tendo seu nome ligado a todas as instituições de caridade existentes na linda cidade praiana.



Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo expoente de cultura e de virtudes cívicas

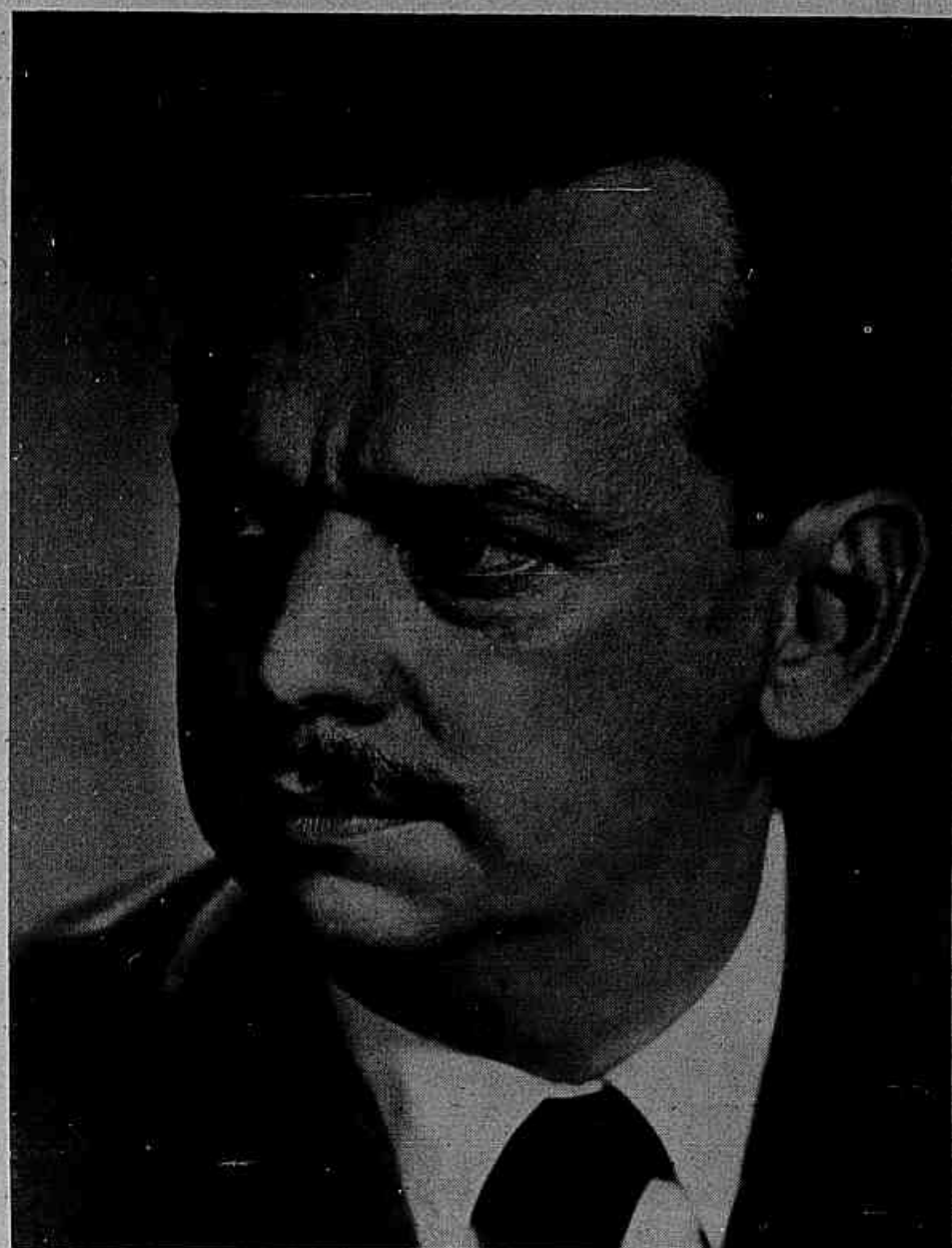
SINTESE DO NOTÁVEL TRABALHO REALIZADO NA ATUAL LEGISLATURA

- CONSTITUIÇÃO DO ESTADO;
- LEI ORGÂNICA DOS MUNICÍPIOS;
- LEIS ORÇAMENTÁRIAS;
- LEI CRIANDO OS INSTITUTOS UNIVERSITÁRIOS DO INTERIOR;
- CRIAÇÃO DE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO QUE VIERAM TRIPLICAR A REDE EXISTENTE;
- FUNDAÇÃO DE CENTROS DE SAÚDE E HOSPITAIS REGIONAIS, etc., etc.

○ Parlamento é o símbolo das Democracias; e estas em sua expressão filosófica, representam o governo do povo pelo povo. Todos aqueles que, dominados pela paixão partidária ou por convicções pessoais, procuraram atingir com insultuosas incompreensões as assembleias legislativas da nação, esquecem-se de que suas atitudes desrespeitosas, levianas e injustas, vão ferir o próprio regimen, impedindo a conquista de novas posições na luta que vem sendo sustentada pelos direitos do Homem pela prosperidade universal. Todos os conceitos emitidos em desfavor do Parlamento atingem a dignidade do próprio povo, cuja voz ali se ergue através de seus representantes, fazendo escutar os seus anseios, os seus protestos e os seus aplausos. Não importa que alguns elementos não correspondam à importante missão que lhes foi confiada. Interessa, sim, conhecer o conjunto das realizações e, sobretudo, compreender o alto significado da sua função, que faz de cada Assembleia a casa do próprio povo.

A Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo possui nobilíssimas tradições. Em sua história encontram-se páginas de grande fulgôr, revelando o intemerato valor de homens que souberam e sabem lutar pela grandeza da Pátria, assegurando as bases do progresso e da justiça.

Para descrever, em síntese, os trabalhos da atual e brilhante legislatura, comecemos por citar a figura do seu digno Presidente (reeleito) Dr. Brásilio Machado Neto, agora indicado para Senador, por coligação dos Partidos — P. S. D., U. D. N. e P. R. — numa singular afirmação do prestígio alcançado pela ponderada direção que sempre soube dar a todos os trabalhos. Descendente e continuador das virtudes políticas de uma nobilíssima estirpe — neto do grande jurista Brásilio Machado e filho de Alcantara Machado, que foi Senador da República e um dos mais eruditos e eloquentes oradores de todos os tempos, — o Dr. Brásilio Machado Neto



Dr. Brásilio Machado Neto, ilustre Presidente da Assembleia Legislativa de S. Paulo e atual candidato a Senador da República.

é uma figura marcante no cenário político da atualidade brasileira.

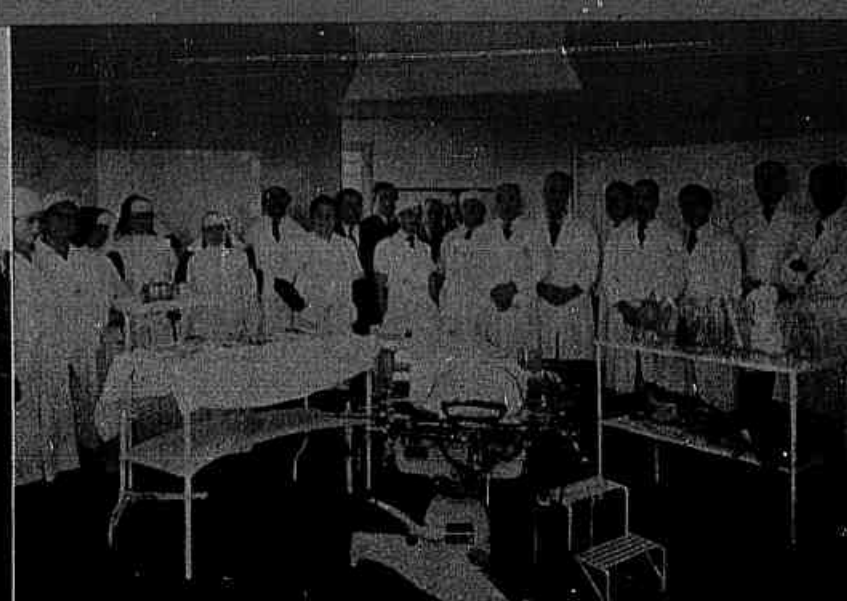
Muitos são os valores que constituem a presente Assembleia Legislativa de São Paulo. Do seu trabalho intenso, estudioso e patriótico, resultou um conjunto de magníficas e úteis conquistas que podem ser avaliadas nesta simples citação: Constituição do Estado, elaborada no primeiro ano de trabalho pelos constituintes; Lei Orgânica dos Municípios; Leis Orçamentárias; Lei criando os Institutos Universitários do Interior: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Faculdade de Direito de Campinas, Faculdade de Engenharia de São Carlos, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Limeira, Faculdade de Farmácia e Odontologia de Taubaté e de Baurú; Colégios Estaduais, Escolas Normais e Ginásio do Estado, Escolas Técnicas e Profissionais, Centros de Saúde, Hospitais Regionais, e muitos outros melhoramentos, sendo que a rede de ensino foi triplicada em todo o Estado, mercê de todos os projetos transformados em leis, para as quais o idealismo se manteve firme, numa notável coesão de esforços. Nestas linhas reflete-se a obra da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, que é, sem dúvida, um grande Parlamento, digno de respeito e dos aplausos da nação brasileira.



Flagrante alívio no admirável Berçário da Maternidade da S. P. B.



Aspecto parcial das instalações da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santo André.



Uma das salas de cirurgia do magnífico Hospital, vendo-se alguns diretores, médicos e auxiliares.

UM HOSPITAL MODELAR EM CLIMA PRIVILEGIADO A BRILHANTE TRAJETÓRIA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA DE SANTO ANDRÉ E ALGUNS DE SEUS GRANDES BEMFEITORES

Mal pensavam os idealistas que tão devotadamente trabalharam para fundar a Beneficência Portuguesa de Santo André (muitos dos quais se encontram já do outro lado da vida) que a semente dos seus esforços produziria tão belos frutos no reduzido espaço de vinte anos! Em 1930 foi fundada esta instituição, com o entusiasmo e as divergências que são comuns a estes empreendimentos, mas notando-se sempre e em todos o inabalável propósito de tornar vitoriosa essa obra de patriotismo e de útil alcance social. Conseguida a primeira sede, maior se tornou o interesse coletivo, realizando-se festas anuais com a participação e regosio de brasileiros e portugueses, não faltando as quermesses, música, barracas de petisqueiras à maneira lusa, etc. Também foram notáveis algumas das conferências efetuadas em datas festivas, fazendo escutar-se a palavra de grandes valores nas letras dos dois países irmãos. Finalmente, adquirido o vasto e admirável terreno em que se encontra a atual sede, adaptado o edifício ali existente no momento da compra, feitas importantes reformas e acréscimos, a Beneficência Portuguesa de Santo André possui hoje um Hospital digno de ser citado pelo seu esplêndido apa-

relhamento, com Raio X e mesas para a alta cirurgia, o que há de mais moderno. Maternidade, cozinha, lavanderia, pequena e linda capela, garagem, ambulância e todos os demais requisitos indispensáveis. A capacidade é de cerca de 100 leitos. Sem dúvida, tal obra só seria possível realizar-se com o muito amor de seus sócios. E justo é que sejam citados alguns nomes entre os que mais se destacaram nessa útil tarefa, à qual para todo o sempre estarão ligados. Dos que morreram, podem evocar-se os nomes de Nuno Henriques, Antonio Marques Pinheiro, Bernardino Queiroz, Camilo de Almeida e Manoel Serralha.

Dos que continuam prestando seus valiosos serviços, mantendo o mesmo idealismo dos primeiros instantes, contribuindo com trabalho ou com importantes somas para tornar em bela realidade aquilo que parecia um sonho, citemos a valorosa dedicação de Casimiro de Queiroz e esposa, Manoel Maria Coelho, Manoel José de Andrade, José Ferreira dos Santos, Manoel José Palhinha, Dr. Carlos Stamato, Coronel Saladino Cardoso Franco e esposa, Manoel dos Santos Simões, Fernando Gaspar, Antonio Inácio Silva, Manoel Gomes Santana, Antonio Bernardes, An-

tonio B. Remondas, Dr. Floriano Ferreira, além de outros.

A atual Diretoria da Beneficência Portuguesa de Santo André, está assim constituída: Joaquim Antunes dos Santos, presidente; Francisco Freitas Andrade Neto, secretário; João Roberto Insuela, 2.º secretário; João Batista Ramalho, 1.º tesoureiro; Manoel Pedro Junior, 2.º tesoureiro; Mario Santos Simões, bibliotecário; Washington Paula Machado, 2.º bibliotecário; Manoel Maria Coelho, 1.º benfeitor; Evaristo Carvalho, 2.º benfeitor.

Esta instituição possui um escolhido corpo de profissionais e auxiliares. Entre os que mais dedicadamente tem prestado o concurso de sua ciência ao prestígio da S. P. B. de Santo André, citam-se os nomes do Dr. Francisco Perrone, Dr. Gaspar Galvão (atual diretor da Clínica) e Dr. Kamal Yasbek.

A importância dos seus serviços podem avaliar-se nestes algarismos, referentes ao primeiro semestre de 1950: 411 entradas; 402 altas; 258 radiografias e 259 operações.

E a Beneficência Portuguesa de Santo André conta ainda realizar um vastíssimo plano de futuros trabalhos.

CONCEIÇÃO SANTAMARIA - UM NOME ESCRITO A LETRAS DE OURO NAS PÁGINAS DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO!

Uma das maiores revelações no campo político nacional, pelo sentido prático e útil do seu trabalho, pela sinceridade dos propósitos e incontestável eloquência de suas orações — foi a que nos trouxe essa singular figura de Mulher, cujo nome, por si mesmo, é uma maravilhosa expressão espiritual.

Conceição Santamaria, foi eleita deputado em condições extraordinárias, pois teve de lutar contra elementos do governo federal e estadual, alguns dos quais utilizavam a imprensa e o rádio, conseguindo, apesar disso, eleger-se por mais de treze mil votos, sendo sete mil da capital, na legenda do P. T. B. Desde a primeira participação nos trabalhos da Assembléia, conquistou a admiração incondicional e o respeito de todos os seus colegas. Impoz-se naturalmente, marcando pela constância do seu trabalho tenaz e bem intencionado, com uma clareza que reflete a perfeita comunhão de sua inteligência com o sentimento humaníssimo de sua alma propensa à compreensão da vida.

Se outros trabalhos não tivesse realizado pelo bem da coletividade, bastaria citar sua longa e brilhante campanha em favor dos leprosos, para merecer o aplauso de todos os corações bem formados.



Conceição Santamaria, cujas atividades parlamentares honram a inteligência da mulher brasileira.

Nessa luta, visando não só a proteção aos doentes, mas, principalmente, traçando um vasto plano em que procura garantir a reintegração na vida social aos que alcançaram a cura, Conceição Santamaria

tem sido de uma dedicação indescritível, empolgada pela nobreza dos seus ideais.

Seus trabalhos na Assembléia demonstram bom senso, perfeito equilíbrio de atitudes, assiduidade e estudo de todas as matérias, contribuindo com seu entusiasmo comunicativo para a união de todas as forças na solução dos mais importantes problemas. Sua franqueza reflete-se na resposta sumária e definitiva que dá a qualquer pedido inconstitucional ou impossível de atender: — "Só prometo aquilo que posso cumprir."

Inúmeros discursos, requerimentos, indicações e projetos de lei tem produzido esta digna representante do povo, destacando-se seu particular interesse em favor dos leprosários, das Cruzadas Pró-Infância, auxílios a instituições beneficentes de operários, melhoria de situação para professores, mais ampla proteção a Albergues, Maternidades, Casas de Misericórdia, Escolas, melhoramentos e transportes para diversos bairros e cidades do interior, além de sua desassombrada ação em discursos e requerimentos de caráter político, objetivando sempre o respeito ao regimen, a garantia das liberdades individuais e o amor ao Brasil.

O ESPLENDOROSO MUNICIPIO DE SANTO ANDRÉ

BOM SENSO E AMOR À TERRA, — EIS O SEGREDO DA BOA ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO ANTONIO FLAQUER.



Sr. Antonio Flaquer

O município de Santo André, a 22 quilômetros da capital bandeirante, é um centro industrial de primeira grandeza, muito embora tenha perdido dois dos seus mais importantes distritos — São Caetano e São Bernardo —, recentemente elevado à categoria de municípios.

Assim mesmo, Santo André mantém todo o seu esplendor e progresso, não só pelo magnífico conjunto fabril que possui, como pela admirável situação geográfica, com incontestáveis encantos, numa posição ampla e luminosa. Com um movimento incessante, os bairros crescem dia a dia, as fábricas melhoram suas instalações, garantindo trabalho a dezenas de milhar de operários. Para que se faça uma idéia da importância econômica de Santo André, basta citar os seguintes algarismos, referentes a 1949:

Arrecadação Federal — Cr\$ 126.128.565,30; Estadual — Cr\$ 106.334.219,70; Municipal — Cr\$ 28.912.441,50

O perímetro urbano possui 18.300 prédios, que se estendem por 600 quilômetros de ruas, numa área total de 347 quilômetros quadrados.

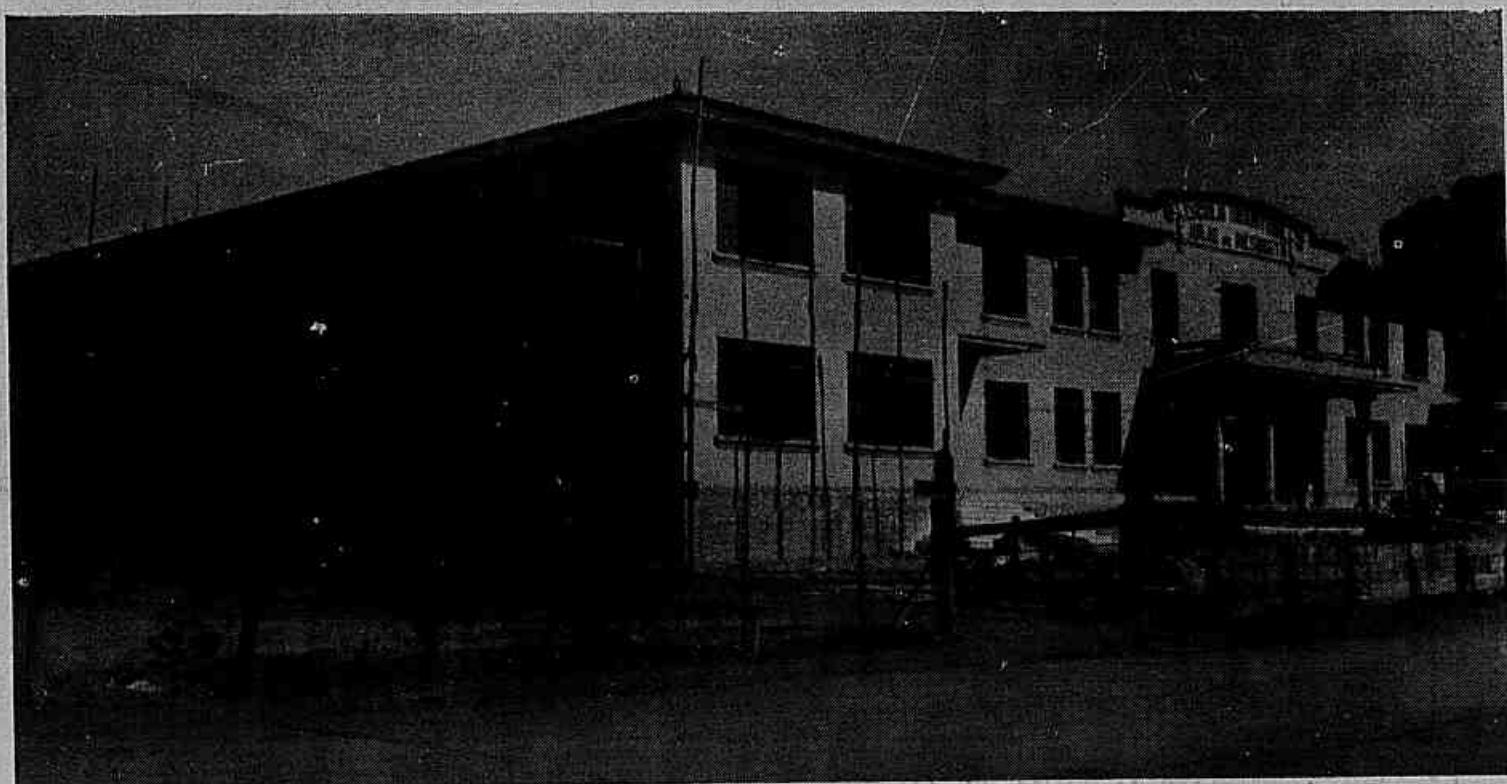
A administração pública exige, por motivos fáceis de aprender nesta simples descrição, uma cuidadosa e inteligente atividade, mormente na época que atravessamos. Portanto, não podia ser mais acertada a escolha do nome de Antonio Flaquer para o cargo de Prefeito. Embora indicado pelo Partido Democrático Cristão, foi o seu prestígio pessoal que obteve a merecida vitória, após o afastamento dos comunistas.

Trata-se de um nome tradicional, descendente do saudoso e ilustre Senador José Luiz Flaquer, família ligada à fundação daquela próspera e risonha localidade. Qualquer referência feita a Santo André ou a algum de seus velhos distritos, tem de envolver o nome Flaquer, como expressão indiscutível de sua história e de sua vida política.

Antonio Flaquer, atual e digno Prefeito de Santo André, vem há longos anos exercendo as funções de tabelião em São Caetano. Incontestavelmente bondoso, de uma serenidade impressionante e rigorosamente honesto, seu governo vem satisfazendo a todos, porque seus trabalhos assentam num elevado bom senso e no amor à terra em que nasceu. Grandes são as realizações ligadas ao seu governo, como, por exemplo: calçamento, galerias pluviais e colocação de tubos, conservação de estradas, melhoramentos em Ribeirão Pires, Paranapiacaba e Mauá, concessão de plantas gratuitas para casas populares (482 em 1949), pagamento de dez milhões de cruzeiros por desapropriações, e, como majestosa cúpula de sua administração, a fundação e montagem da "Escola Industrial Julio de Mesquita", obra monumental em via de conclusão e cuja localização, em cidade de tão grande importância fabril, não podia ser mais oportuna e apropriada. Deve acentuar-se que a instrução em Santo André está confiada a ótimos estabelecimentos de ensino e a excelentes professores, verificando-se uma frequência, no corrente ano, de 15.511 alunos de ambos os sexos. Além de Ginásio, grupos escolares estaduais e escolas de comércio, existem 36 escolas municipais e 14 particulares, num total de 108 unidades de ensino.

Em síntese, reflete-se nestas linhas o esplendor do Município de Santo André, a cuja frente se encontra um homem de grande quilate moral.

Aspecto da Escola Industrial Julio de Mesquita, que terá capacidade inicial para 1.000 alunos



Nas Lutas Pela Liberdade e Pela Democracia, Devemos Ressalvar os Direitos e o Bem do Brasil" - Diz-nos o Eng. Silvio Fernandes Lopes

O povo santista possui uma profunda concepção de patriotismo, fruto do caráter homogêneo de sua raça e do seu brilhante passado. Não admira, pois, que tão digna gente saiba escolher os homens que devem administrar os bens públicos, fomentando o progresso e tornando cada vez mais expressiva a sua posição econômica, moral, utilíssima ao conjunto da nação. A Câmara Municipal de Santos está constituída por grandes valores, que não tem poupado esforços no sentido de corresponder à confiança que neles foi depositada. Todavia, justo é que se destaque o nome do Engenheiro Silvio Fernandes Lopes, um dos mais jovens homens públicos do Brasil, e que, apesar de sua pouca idade, reúne inteligência, dinamismo e perfeito equilíbrio de ação. Tais predicados conquistaram a estima e o apreço de todos, como se deduz dos seguintes cargos para que foi escolhido: presidente da Comissão de Obras e serviços Públicos;

membro do Plano Remodelador da cidade de Santos; idem da Comissão Representativa de Santos nos Congressos Estaduais e Nacional; relator da Comissão de Estudos para a passagem da Repartição do Saneamento de Santos (atualmente do Estado) para o Município.

No Congresso Nacional apresentou a notável tese "Serviços Públicos" — Superposição Hierárquica ou paralelismo funcional" — princípio aprovado com gerais aplausos. Em rápida palestra, pudemos gravar as seguintes palavras, que bem definem a inteligência e o caráter do Engenheiro Silvio Fernandes Lopes: "Meu objetivo principal na vida política e profissional é trabalhar pelo engrandecimento de minha terra. Aliás, o amor a Santos vibra no sentimento de todos os seus filhos. Observando o conjunto universal, penso que, nas lutas pela Liberdade e pela Democracia, devemos ressaltar os direitos e o bem do Brasil".



O jovem e distinto Engenheiro Silvio Fernandes Lopes, destacado vereador na Câmara Municipal de Santos.

Banco de Crédito da Borracha S. A.

Balanço em 30 de Junho de 1950

(Compreendendo Matriz e Agencias)

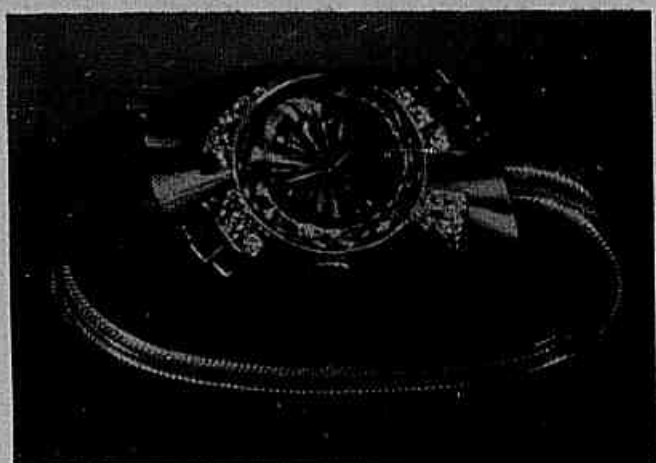
A T I V O			
A — DISPONÍVEL			
<i>Caixa</i>			
Em moeda corrente	5.046.691,70		
Em depósito no Banco do Brasil..	29.598.002,20		
Em depósito à ordem da Superintendência da Moeda e do Crédito	6.331.381,60	40.976.075,50	
B — REALIZÁVEL			
Empréstimos em C/Correntes	76.628.841,10		
Empréstimos Hipotecários	8.715.443,00		
Títulos-Descontados	61.513.114,20		
Letras a Receber de c/própria	1.548.744,30		
Agências no País	347.299.032,20		
Correspondentes no País	18.685,60		
Outros créditos	346.846.242,50	845.570.102,90	
		872.300,00	
Imóveis			
<i>Títulos e Valores Mobiliários:</i>			
Ações e Debentures	216.000,00	846.658.402,90	
C — IMOBILIZADO			
Edifícios de uso do Banco	11.152.309,10		
Móveis & Utensílios	4.583.091,70		
Material de Expediente	1.033.032,70	16.768.433,50	
E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO			
Valores em Garantia	83.780.398,30		
Valores em Custódia	51.836.802,70		
Títulos a receber de c/Alheia	35.402.000,70		
Outras contas	310.920.894,40	481.940.096,10	
NOTA: Na verba "Outros Créditos" está incluído o valor da borracha adquirida e em estoque: Cr\$			
284.129.243,20		1.386.343.008,00	

P A S S I V O			
F — NAO EXIGÍVEL			
Capital	150.000.000,00		
Fundo de Reserva Legal	9.040.515,80		
Fundo de Previsão	44.933.926,30		
Outras Reservas	59.823.097,40	263.797.539,50	
G — EXIGÍVEL			
<i>Depósitos</i>			
<i>à vista e a curto prazo:</i>			
de Poderes Públicos	190.837.269,90		
de Autarquias	29.219,50		
em c/c sem limite	5.879.990,30		
em c/c limitadas	923.613,10		
em c/c populares	3.401.830,10		
em c/sem juros	5.133.982,10		
em c/c de aviso	282.274,60	206.488.179,60	
<i>a prazo:</i>			
de Poderes Públicos	135.020,10		
<i>de diversos:</i>			
a prazo fixo	7.432.767,40	7.567.787,50	
		214.055.967,10	
<i>Outras responsabilidades</i>			
Obrigações diversas	28.148.386,80		
Agências no País	316.831.151,60		
Correspondentes no País	353.209,50		
Ordens de pagamento e outros créditos	44.395.227,80		
Dividendos a pagar	26.629.822,70	416.357.798,40	630.413.765,50
H — RESULTADOS PENDENTES			
Contas de resultados			10.191.606,90
I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO			
Depositantes de valores em garantia e em custódia		135.617.201,00	
Depositantes de títulos em cobrança no País	35.402.000,70		
Outras Contas		310.920.894,40	481.940.096,10
			1.386.343.008,00

D É B I T O

CRÉDITO

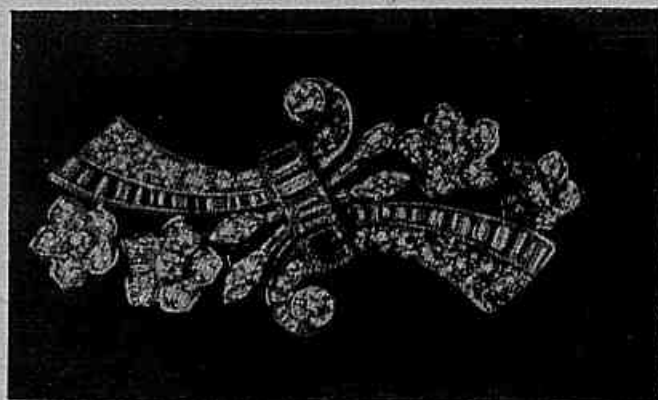
Setembro — 1950 69



JOIAS FINAS,
RELÓGIOS
e
ARTIGOS
para
PRESENTES



RUA URUGUAIANA, 47
Telefone: 43-6034



MODELOS
EXCLUSIVOS
SEMPRE
NOVIDADES

SERVIÇO DE SUPERVISÃO DE SEGUROS

Corretagem técnica para toda modalidade de seguros, no Brasil e no estrangeiro, junto a qualquer companhia.

Lisura — Pontualidade — Orientação e defesa dos segurados.

HEITOR BELTRÃO e AUGUSTO REIS, diretores
Travessa Ouvidor, 27 — 2.º andar
Telefone: 43-1392

A MODA

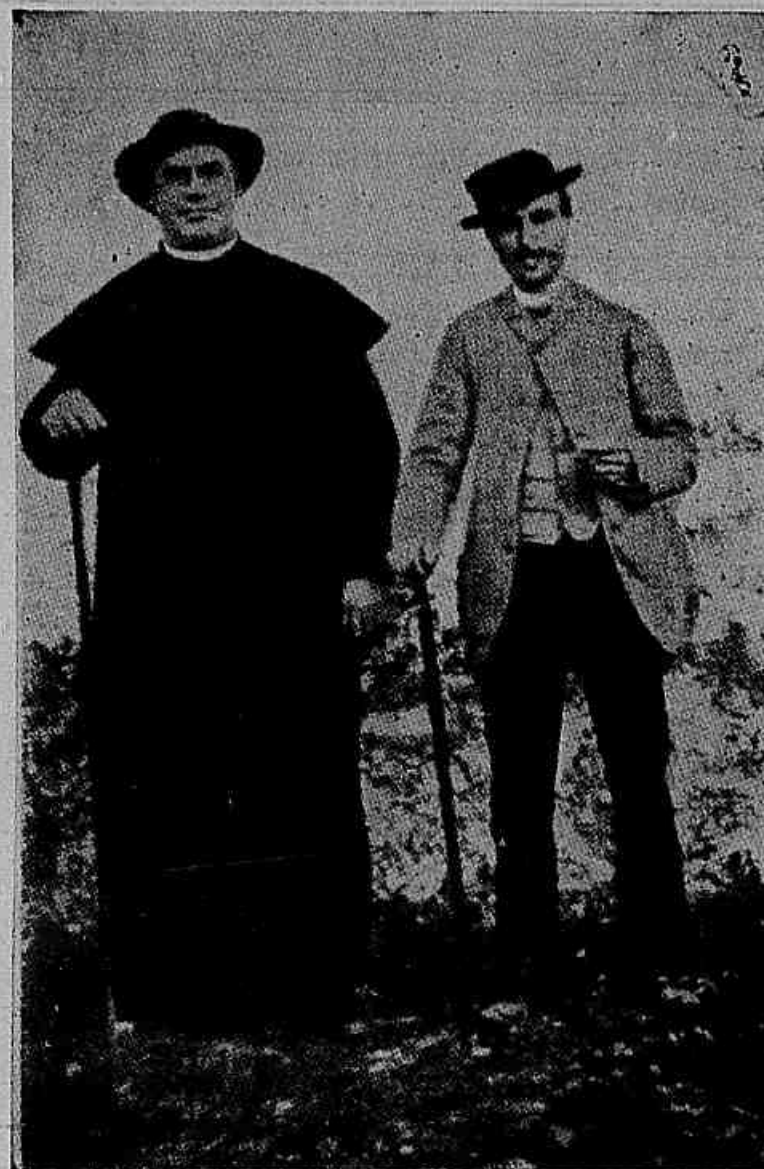
NOVIDADES PARA VERÃO

FERREIRA LOPES & CIA.

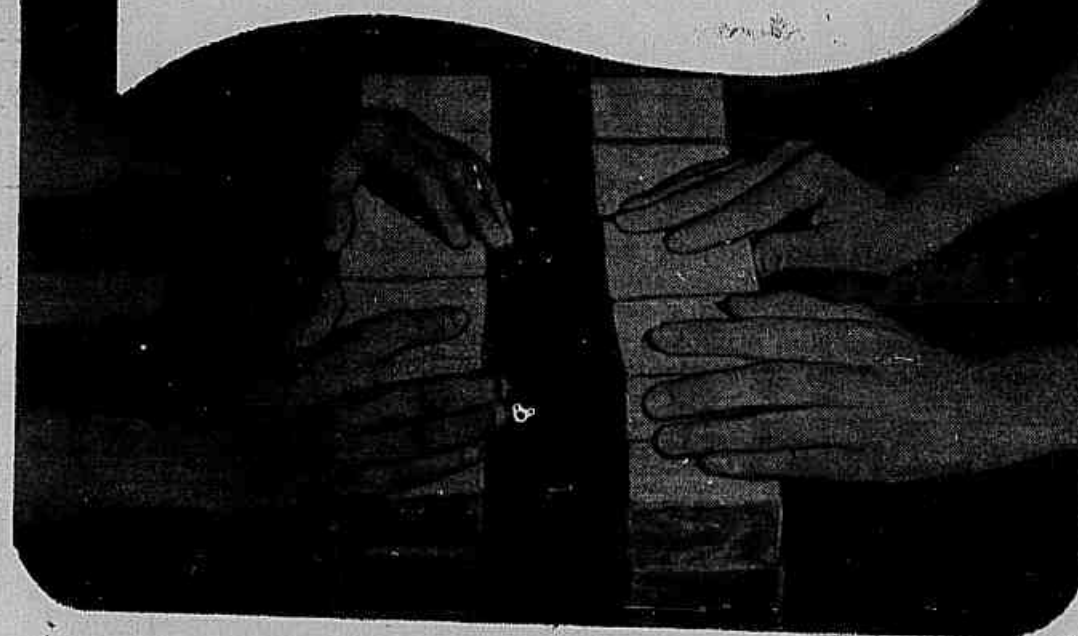
RUA GONÇALVES DIAS, 18-20 TEL. 42-3405
TEL. 22-1468 - RIO DE JANEIRO

GUERRA JUNQUEIRO E O ABADE

O poeta encontrara-se, certa vez, no comboio com um abade. A conversa levava-os a falar de Guerra Junqueiro em que ambos *como bons católicos* malharam como em centeio verde. Para darem uma prova do seu sentir unânime contra o malvado... tiraram o retrato juntos. Imagine-se, agora, a cara do abade ao saber que o seu companheiro, que compartilhara das suas ideias, era o poeta, autor daquele livro que ambos combateram...



Passe em nossa fábrica
das 7 às 16 horas e verifique
com seus próprios olhos



Estas mãos de pele perfeita, sem unheiros e rachaduras, encaixotam mensalmente 520 quilômetros de sabão Platino, ou seja, a distância entre Rio e S. Paulo, por estrada de rodagem. Com 30 quilômetros de outro sabão comum, essas mãos ficariam irreconhecíveis. Isto porque o sabão Platino é o único que possui o "SISTEMA DE ALCALINIDADE COMPENSADA"

Esta é mais uma razão entre muitas para que a senhora ao comprar **sabão PLATINO** verifique a marca PLATINO estampada assim no tablete



CARLOS PEREIRA INDÚSTRIAS QUÍMICAS S. A.
Rua Guarapuava, 31 — Rio de Janeiro

PENSAMENTOS DE FARIAS BRITO

Si o êxito é o único critério da verdade deve-se aceitar em lógica, como em moral, o princípio maquiavélico: — "O fim justifica os meios" —, bem como o princípio de Nietzsche: — "Tudo é permitido". Os pragmatistas não chegam, até aí, evitam estas consequências; ou antes esforçam-se por deixá-las na sombra. Assim, não acreditando, em face das divergências radicais dos sistemas, na possibilidade de um critério absoluto para distinguir entre a verdade e o erro, evitam as discussões intermináveis, e procuram resolver a questão, considerando-a sob o ponto de vista prático. É pois, nos seguintes termos que põem o problema: — "Sendo admitido que um idéia, que uma crença seja verdadeira, que consequência vai daí resultar na vida que vivemos? De que maneira vai esta verdade realizar-se? Que experiências vão produzir-se, em lugar das que se produziram si nossa crença fôsse falsa? Em uma palavra, que valor tem a verdade em moeda corrente, em termos que tenham curso an experiência".

☆

Na consciência ou no *eu* duração é organização, desenvolvimento, progresso. Mas nesta organização, neste desenvolvimento, neste progresso, tudo se explica por penetração, por fusão, por identificação. E cada concepção, cada idéia que a consciência adquire tem a sua vida própria. Cada uma de nossas idéias, diz Bergson, vive à maneira de uma célula num organismo e tudo o que modifica o estado geral do *eu*, igualmente a modifica. Mas enquanto a célula ocupa um ponto determinado do organismo, uma idéia verdadeiramente nossa enche nosso *eu* todo inteiro. Temos entretanto, frequentemente idéias que não são incorporadas à massa dos nossos estados de consciência. "Estas são como folhas mortas sobre a água de um tanque". Nosso *eu* é constituído somente pelo que ali fica vivo e ativo; logo somente pelo que perdura do passado.

☆

A metafísica, no sentido primitivo, tradicional da palavra, é a ciência do ser enquanto ser. Isto equivale a dizer que é a ciência da "coisa em si", pois uma coisa corresponde a outra. Tal ciência fica em absoluto excluída, uma vez que a "coisa em si" não pôde ser objeto do conhecimento. Nenhuma metafísica nenhum dogmatismo, é, por conseguinte, possível, depois da crítica, é a filosofia só se poderá compreender, como crítica da razão, como análise da experiência e determinação dos limites do conhecimento. É a que deverá ficar reduzida, segundo Kant, a metafísica do futuro.

**A opinião pública,
mais uma vez, consagra
o "CAFÉ PREDILETO"**

**como
"O PREDILETO DE TODOS"**

Mais uma vez, milhares de pessoas responderam — É o Café Predileto! — à pergunta "Qual a marca de café consagrada pela opinião pública?", no gigantesco Inquérito promovido, entre todas as classes sociais, pela Sociedade Informativa da Imprensa Inter-Americana Ltda., Folha de Rio, Rádio Mayrink Veiga, e difundido pelo Diário de Notícias. O resultado este ano foi o mesmo que apresentaram no ano passado as pesquisas de "Consagração Popular" do formidável inquérito: os consumidores continuam elegendo o CAFÉ PREDILETO como "o predileto de todos", pelas suas incomparáveis qualidades de seleção rigorosa, pureza absoluta, aroma delicado e sabor inesquecível!

**CAFÉ
PREDILETO**



Pela segunda vez consecutiva, a "Consagração Popular" entregou ao CAFÉ PREDILETO o diploma e a medalha de honra, além duma artística taça.

Ferragens São Pedro Ltda.
IMPORTADORES

FERRAGENS
FERRAMENTAS
TINTAS

VENDAS POR
ATAcado
E A VAREJO

AV. PRES VARGAS N.º 716 — DEP. RUA DOS ANDRADAS, 109.
TELEFONES 43-2630 — 43-5206 — 43-9834
— RIO DE JANEIRO —

Joalheria e Relojoaria MINHOTA

OFICINA PROPRIA

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO EM JOIAS
E RELOGIOS COM PERFEIÇÃO E GARANTIA.
OS NOSSOS PREÇOS SÃO OS MAIS BARATOS
DA CIDADE.

Augusto G. Faria

RUA VISCONDE DE INHAUMA, 53

Telefone: 43-2256

Rio de Janeiro

COLUMNO de MOLAS

Soutista



E' o melhor

A CONTECE QUE ISSO É VERDADE

NO PARQUE Nacional de Yellowstone, Nova Zelândia, há um geiser conhecido por "O velho fiel". Tem esse nome porque desde quando foi descoberto levanta uma coluna de água sempre à mesma altura, 36 metros, e sempre à mesma hora.

AFIRMAM os naturalistas que o escorpião que hoje mede 25 centímetros de comprimento, há milhares de anos media 3 metros.

Todo o sangue do corpo passa em dois ou três minutos pelo coração.

NA ILHA de Java, na meia obscuridade da mata, cresce exuberante um feto cujas folhas excedem tudo o que se possa imaginar: como dimensões de folhas de uma planta herbácea, pois alcançam até 12 metros de comprimento.

NA América do Sul existem 6.500 espécies de borboletas.

NA Inglaterra está sendo usada uma novidade em matéria de cinema. É a projeção de películas ao ar livre; não é preciso obscuridade para a sala de exibição.

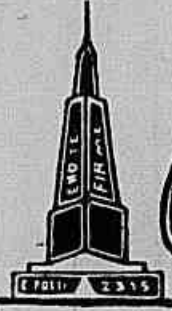
O ORIFÍCIO do ouvido da baleia é tão pequeno que mal se pode perceber.

QUARENTA e oito anos depois do descobrimento o Brasil já havia importado 30.000 escravos africanos.

A ESPOSA DO ESCRITOR

Em certa ocasião, fizeram a seguinte pergunta a Julio Camba:

— Como deve ser a esposa ideal do escritor?
E o novelista respondeu da seguinte maneira:
— Vocês imaginam a tragédia do escritor admirado em sua casa? Tolera-se que seja admirado na rua; tolera-se que, considerando-o mais ou menos um gênio, nenhum amigo nunca lhe trate como pessoa normal. Tolera-se que, para não embaraçar seus admiradores públicos, o escritor tenha que alterar sua natureza e seu caráter "posados" constantemente; mas nada mais. Ao voltar a seu lar, deixem que o pobre homem possa pôr-se em mangas de camisa e respirar com sossego, expressando seus verdadeiros sentimentos em linguagem simples e dizendo que a sopa está fria, que faz calor, em que os artigos necessários estão custando os olhos da cara. Nada de literatura. A mulher do escritor deve ser uma mulher perfeitamente anti-literata.



Alves da Cunha & Cia. Ltda.

LATICÍNIOS, ALGODÃO E CEREAL POR ATACADO
30, RUA DO OUVIDOR, 32
FONE: 232942-23-4685
RIO DE JANEIRO

Ilhas da Guanabara

A Ilha das Cobras é propriedade do Ministério da Marinha, que nela tem repartições importantes como a Intendencia, o quartel de Infantaria, o hospital, a Escola de Aprendizes de Marinheiros, dois diques, oficinas de construção naval e cabreas possantes. Mede oitocentos metros Leste — Oeste por trezentos metros Norte-Sul, oferecendo na extremidade ocidental uma frente de duzentos e cinquenta metros para o Arsenal, de que está separado apenas por um fundo canal de cem metros. Da Ilha das Cobras para dentro da Guanabara, encontram-se noventa e sete ilhas de todos os tamanhos e do mais variado contorno, umas habitáveis, outras não, todas mais ou menos cobertas de verdura. A mais próxima, a Ilha das Enxadas, era antigamente um rochedo. Tirada a pedra que serviu para a construção da Igreja do Carmo, na Rua Primeiro de Março, ficou plana. Já serviu de hospital de lazaretos, de depósito de carvão, e também de Escola Naval.

Mocanguê a Oeste, junto do litoral do Estado Fluminense, é ocupada por paiois de pólvora. A Ilha do Vianna é propriedade particular. Tem um dique de cento e vinte e três metros por cinquenta, e oficinas modernas de construção naval, dotadas de todas as perfeições para fabrico e reparo de máquinas e peças motoras. Dispõe de força e luz electricas; cerca de trezentos operarios aí têm trabalho e residencia. É uma cidade em miniatura, antigamente chamada de "Ilha do Moinho". A Ilha do Engenho, assim chamada porque já lá houve lavoura de cana e fabrico de açúcar e aguardente, tem uma superficie aproximada de 1.000.000 de metros quadrados. É bellissima, tem vales e montes e possui boa água. Na Ilha do Bom Jesus, com 2.500 metros de comprimento por seiscentos de largura, está o Asilo de Invalidos da Patria, estabelecimento fundado em 1858, para os militares que se inutilizam em serviço de guerra. É formosa e de grande salubridade. A Ilha das Flores é bonita, bem provida de água e com muitas edificações. Pertence ao Governo Federal, que aí mantém hospedaria para emigrantes. A Ilha d'Água coberta de espessas arvores é muito graciosa e atraente.

Existem ainda outras ilhas pitorescas na Guanabara.

SOTTO MAIOR & CIA.

CASA FUNDADA EM 1863



MARCA REGISTRADA

DISTRIBUIDORES DOS TECIDOS MARCA

ALVORADA

OS MELHORES QUE SE FABRICAM
NO BRASIL E DE GRANDE ACEITAÇÃO
NO MERCADO MUNDIAL

Rua Conselheiro Saraiva, 36 40
RIO DE JANEIRO

FRUTAS, CONSERVAS E MOLHADOS FINOS



REGISTRADO

"BRASIL STORE"

Molhados e Comestiveis Ltda.

SUCESORES DE ALVES & CIA.

RUA 1.º DE MARÇO, 23 — RIO DE JANEIRO

Especialidade em frigorificos da
Hollanda, Nova Zelandia, Londres;
— Lisboa e Rio da Prata.

TELEGRAMAS ALVESTORE

Telefone 23-5204

CASA HIRAM

J. Milagres



BICICLETAS,
ACESSÓRIOS



MATERIAL GRÁFICO

Fundição de rolos

RUA DO LAVRADIO, 139/141
RIO DE JANEIRO

TELEFONE:
22 - 4593

Novidade revolucionária em capitalização...

Conheça o **novo** e
exclusivo título de
INTERCAP

Vantagens do novo título INTERCAP:

- 1- CAPITAL DUPLO
na 1.^a combinação sorteada
- 2- SORTEIO PROGRESSIVO
a partir da compra do título
- 3- SORTEIO MENSAL DE OITO
combinações diferentes
- 4- CONVERSÃO EM TÍTULO SALDADO
a partir do 2.^o ano
- 5- DISTRIBUIÇÃO DE 60%
dos lucros da sociedade
- 6- PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS
a partir do 8.^o ano
- 7- MAIOR PRAZO DE PARTICIPAÇÃO
NOS LUCROS E SORTEIOS



Após 15 anos de trabalho construtivo e fecundo, Intercap lança um novo plano, exclusivo e de inéditas características, aclamado por todos como o mais perfeito e vantajoso. Procure conhecer as suas vantagens. São reais. São matemáticas. São suas... Estude-as com cuidado. E adquira um ou mais títulos. Com os mesmos prêmios mensais, no mesmo número de anos, você ganhará muito mais, você estará construindo um patrimônio valioso, seguro e perdurável!

A CIA. INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO

Av. Presidente Vargas, 509 - 6.^o e 7.^o andar - Caixa Postal 1533
Rio de Janeiro

Quer me enviar me detalhes sobre o NOVO TÍTULO INTERCAP.

Nome

Endereço

COMPANHIA INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO

Centenário da autonomia do Amazonas

(Conclusão)

Do próprio seio da Assembléa Legislativa do Pará surgem manifestações favoráveis à emancipação. Registre-se a seguinte indicação apresentada por Tenreiro Aranha, em 7-11-1844: "Indico que se apresente à Assembléa Geral uma representação para que a Comarca do Alto Amazonas seja elevada à categoria de Província".

Quem auscultasse as necessidades, sobretudo administrativas, do Amazonas, não poderia opor-se à medida de sua separação autonômica. Assim, Souza Franco, que fôra Presidente do Pará, profundo conhecedor da região amazônica, patrocinou a idéia. E, no Parlamento, houve um grupo que a apoiou decididamente, destacando-se o referido Tenreiro Aranha. Vibrantes os discursos que este e aquele proferiram, na Camara, nos dias 23 e 24 de junho de 1850.

Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquês de Abrantes, foi outro vanguardeiro da autonomia amazonense. Para justificar a carência desta medida, chamou a atenção dos seus pares para a prosperidade da Capitania do Rio Negro do tempo dos governadores e, depois, para a sua decadência, quando foram substituídos por autoridades subalternas enviadas de Belém.

O remédio da autonomia passou no Senado. Foi à sanção. Pedro II, espírito liberal, apos-lhe seu nome, sendo a Lei referendada pelo Ministro Visconde de Porto Alegre. Tem o número 528, de 5 de setembro de 1850. No dia seguinte, 6, é promulgada também a Lei n. 586, que autorizava o governo imperial a estabelecer a navegação a vapor no Rio Amazonas e seus afluentes.

Política e economicamente, uma era nova se abria para aquela imensa região, em face das providências há tanto tempo esperadas. Mas, somente a 1.º de janeiro de 1852, o Amazonas foi investido nas regalias de Província do Império e nomeado seu presidente, como todos esperavam e era justo, o incansável João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha.

Por que custara tanto a reparação reclamada desde 1823? As soluções dos grandes problemas ao ser organizando novo Império? Os atropelos da política e da administração durante o reinado de D. Pedro I e do governo da Regência? Os acontecimentos realmente extraordinários sobrevividos e contados até 1850, quando já empunhava o cetro D. Pedro II? Nada disso, considerando que a autonomia do Amazonas fôra outorgada exatamente quando se acumularam, na pauta dos cuidados do governo, graves questões, de política interna e externa, reclamando providências urgentes e de muita responsabilidade.

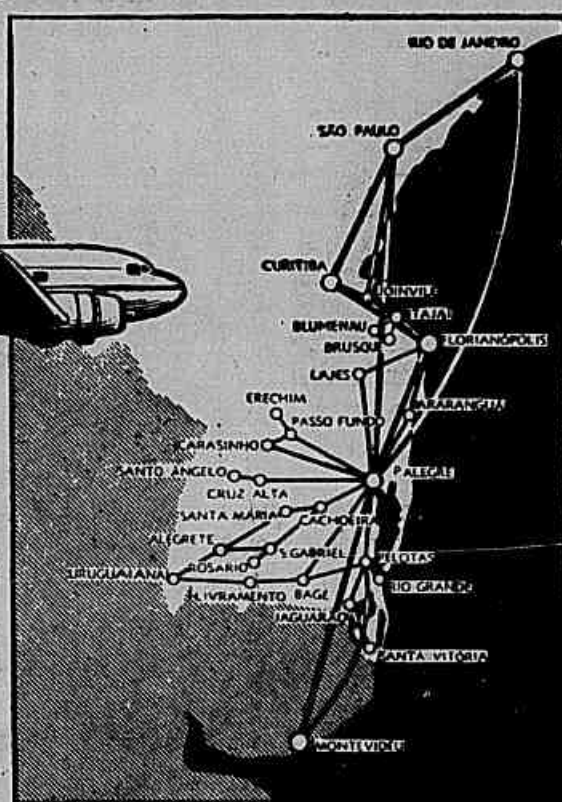
A verdade é que o caso do Amazonas surgiu em definitivo e foi solucionado.

A águia da liberdade precisou de muitos anos para roer e deparar os grilhões de Prometeu. E este, então, pôde levantar os braços, expandir seus pensamentos e caminhar...

Tradição e Confiança



A VERDADE DESSE LÉMA REPOUSA NA PREFERÊNCIA EXPONTÂNEA DO PÚBLICO POR QUASI UM QUARTO DE SÉCULO DE BONS SERVIÇOS E NO APRIMORAMENTO CONSTANTE DE NOSSA ORGANIZAÇÃO.



Serviços de Varig
A PIONEIRA NO BRASIL

Telefone: 52-3700 — Rêde interna

SE O RUMO É SUL, O TRANSPORTE É VARIG

BAR CARIOCA IMPORTADORA L^{TDA.}

GRANDES IMPORTADORES

DE
WHISKIES — GINS — CHAMPAGNES — LICORES — VINHOS — CONSERVAS — FRUTAS, ETC.
CONFEITARIA E BAR CARIOCA

Casa Fundada em 1870

Especialidades em artigos do Norte, grande sortimento de biscoitos nacionais e estrangeiros.

Queijos de tôdas as procedências.

ATACADO
RUA CAMERINO, 82
TELEFONE 23-5164
VAREJO

Especialidade em Vinho verde, Virgens, Collares, Borgonha e Bordeaux recebidos diretamente.

LARGO DA CARIOCA, 8

RIO DE JANEIRO

TELEFONES: Escritório 22-1755 — Loja 22-0872

Guerra Junqueiro como o li e conheci

(Conclusão)

no entanto, possui a eterna e maior sedução de ser a Pátria!

Mais formosa e linda
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda
Campos claros de milho moço e trigo louro,
Hortas a rir, vergéis noivando em frutos de ouro,
Trilões de rouxinóis, revoadas de andorinhas,
Nos vinhedos pombais, nos montes ermidinhas,
Gados nédios, colinas brancas olorosas,
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas
Selvas fundas, nevoados pincaros, outeiros
De oliveis, por nogais frautas de pegureiros,
Rios, noras gemendo, azenhas nas levadas
Eiras de sonho, grutas de gênios e de fadas,
Riso, abundância, amor, concórdia, juventude,
E entre a harmonia vergiliana um povo rude,
Um povo montanhês e heróico à beira-mar,
Sob a graça de Deus a cantar e a lavrar...
Pátria feita lavrando e batalhando: — aldeias
Conchegadinhas sempre ao torreão de ameias.
Cada vila um castelo. As cidades defesas
Por muralhas, bastiões, barbaças, fortalezas.
E a dar a fé, a dar vigor, a dar alento,
Grimpas de catedrais, zimbórios de convento,
Campanários de igreja humilde, erguendo à luz,
Num abraço infinito, os dois braços da cruz...

"Invisivelmente, saudando a luz, as cotovias gorgelam..." Assim acaba o poema. A cotovia, a ave que se perde na luz do sol matinal, como que embriagada e sedenta sempre de mais esplendor — a cotovia é a ave querida de Junqueiro. Em quasi todos os seus livros, em quasi todos os momentos mais altos da sua inspiração, ela aparece. E, sem dúvida, esse remígio de asas leves que se acreditariam imateriais e que não se cansam de subir, de ascender na alegria diáfana do céu, é bem o símbolo da aspiração do poeta, e nele se traduz o anelo de claridade guiadora, que nunca o abandonou.

Não surpreende, pois, que uma das melhores obras de Junqueiro — escrita quando o poeta entrava já nos primeiros anos da velhice e, portanto, quando os sonhos e as ambições profundas da sua existência íntima buscavam revelar-se em toda a deradeira e mais completa perfeição — não surpreende que essa obra seja a perturbante e mística "Oração à Luz". A obra do poeta, nesses versos de insofrida e adejante beleza, ascende em flecha, como a cotovia, ao azul trespassado de sol alvorecentes. Relembre-se o final dessa prece palpitante de amor:

"Candida luz da estrela matutina,
"Lágrima argentea na amplidão divina,
"Abre os meus olhos com o teu olhar..."

Viva luz das manhãs esplendorosas,
Doura-me a fronte, inunda-me de rosas,
Para cantar!

Luz abrasando, crepitando chama
Arde em meu sangue, meu vigor inflama,
Para lutar!

Luz das penumbras a tremer nas águas,
Vela as montanhas de um vapor de mágoas,
Para sonhar!

Luz dolorosa, branda luz da Lua,
Embala, embebe a minha dor na tua,
Para chorar!

Luz das estrêlas, vaga luz silente,
Cai dos abismos do mistério ardente,
Sangra calvários infinitamente,
Para eu rezar!

E cantando,
E lutando,
E sonhando,
E chorando,
E rezando,

Farei da cega luz que me alumia
A luz espiritual do grande dia,

A luz de Deus, a luz do Amor, a luz do Bem,
A luz da glória eterna, a luz da luz, Amém!

Ocorre perguntar de novo agora, depois das breves citações que me atrevi a fazer da obra de Junqueiro, se não será ela inteiramente original — brotando em beleza, em harmonia, em melodias de musical sedução do seu gênio múltiplo e sempre aceso na mais devoradora ansiedade de nobreza moral? Serão apenas, nossa obra, elementos novos e sarcasmo acutilante, que lembra Juvenal e d'Aubigné, a mobilidade fluída dos seus versos, a vcmência e a eloquência superior das suas evocações e apelos? Não! Junqueiro, a arte de Junqueiro, foi muito mais longe. Pelo seu impeto dinâmico e persuasivo libertou a poesia portuguesa da pálida mesquinhaz em que, exceção feita de puríssima cristalinidade dos versos de João de Deus, da complexa e incomparável grandeza dos sonetos de Autores, e do estranho e arejado lirismo do "natural" Cosário Verde, essa poesia tinha caído; ensinou-lhe, como aliás também o fez Gomes Leal, embora de maneira diversa e menos irradiante, temas generosos e vastos; rasgou perspectivas e sendas, onde ela encontrou mais força, mais saúde, e mananciais inexgotáveis de emoção. Quanto aquilo que é de uso chamar-se forma ou técnica — e que, vistas bem as coisas, nada tem de exterior, mas constitui a própria e direta emanção do instinto criador do artista — quanto à forma ou técnica, quem ousará negar que Junqueiro foi um audacioso inventor e inovador de ritmos, de cadências, de tonalidades, mestre dos "adágios" triunfais, dos "andantes" incitadores, dos "scherzos" iluminados de alegria, dos gorgeios candidos e de místicos oratórios? Meu Deus! Não quero exagerar, nem diminuir a importância e o valor da poesia de hoje e de ontem. Mas a verdade é que a moderna poesia da nossa terra não pode nem deve negar que Junqueiro é um dos grandes precursores dos rumos e das rotas que tomou e seguiu.

*
*
*

Num lúcido e belo livro "História da Literatura Portuguesa" recentemente publicado, o Dr. Antonio Saraiva escreveu: — "Com os seus poemas

panfletários Junqueiro conseguiu realizar a missão que Antero assinalava ao poeta; tornar-se o veículo das aspirações progressivas de uma época, a voz da revolução". Junqueiro foi uma força atuante na sociedade portuguesa... Atingiu uma popularidade que talvez só tenha igual na de João de Deus e realizou o ideal do poeta popular, de quem uma larga camada da população espera a expressão de suas aspirações". Encontramos aqui uma grande verdade. Junqueiro teve, exerceu, de fato, uma nobre missão de "Vate", de poeta, de apóstolo e de profeta. Correspondeu, em tudo e portudo, ao instinto, à emoção, ao imperativo anseio da alma lusiada. Foi, como o nosso povo, republicano, democrata, profundamente cristão, cristão mas anti-clerical, — e assim, um ano antes da sua morte mo declarou numa entrevista que me deu, e nunca me desmentiu depois de publicada no jornal "A Vitória". Obedeceu as tradições da grei, voz de guia, de condutor do povo, identificando como este, interprete genial do que este sentia, desejava e queria. Voz que vibra ainda — por isso ainda querem emudecer os seus longos ecos na consciência portuguesa. Voz imortal que não consegue calar... Junqueiro em suma o que pregou? A justiça, a beleza, o amor, a fraternidade, a liberdade, a vitória sobre a covardia moral de cada um e sobre a opressão alheia. Nêsse grande diálogo com o público — ambição máxima de quantos escrevem, embora não o confessem — nêsse diálogo, que é a obra de arte, encantou, convenceu, persuadiu, as almas, ergueu os espíritos, e, iluminou, enobreceu, despertou multidões. Poeta para a solidão e para o tumulto, para a meditação e para a luta. Cantou, protestou, gemeu, chorou, blasfemou e rezou. Todos os momentos, todos os ritmos, todos os acordes, todas as distâncias e todos os impetus da vida. Podia dizer sempre, como disse uma vez a João do Rio, a propósito do Brasil: "Vivo na eternidade e vejo" ou como Napoleão, no silêncio de Sta. Helena: — "Vivo já no futuro, a posteridade é o meu ambiente" — Um dos maiores poetas gregos da atualidade, Costas Ouranis, que desejou conhecer pessoalmente Junqueiro e que eu acompanhei ao Porto só para esse fim, deslumbrou pelo Poeta, num irrepriável gesto de admiração, beijou-lhe reverentemente as mãos à despedida. Antes, já eu vira Bilac e João do Rio abraçá-lo com a mesma reverência. Sei o que Junqueiro escreveu e escreve a crítica espanhola, francesa, inglesa, argentina, chilena, brasileira, que sei eu! E registro: a atitude e a opinião de estrangeiros é já uma espécie de julgamento da posteridade. A distância no espaço é, neste caso, de qualquer modo, uma indicação do que será a distância no tempo. Saibamos, pois, compreender o valor do respeito, da reverência assim manifestados pelos estrangeiros. E, se queremos prestar a Junqueiro — vate e poeta dum povo, do povo — a homenagem que lhe é devida — caminhe o Povo, no dia do aniversário do seu nascimento, caminhe o povo português até ao túmulo dos Jeronimos, o povo das cidades e o povo das aldeias, o povo dos "Simples" e o povo da "Pátria", em romagem saudosa e apoteótica — e em silêncio votivo juro cumprir a herança de beleza, de justiça, de liberdade, de civismo e de fraterno amor da Humanidade que o Poeta prodigamente nos legou. Lisboa, Maio 1950.



PRODUTOS:

Cervejas.

Refrigerantes,

Xaropes,

Licores e aperitivos

CIA. CERVEJARIA LUSITANIA S. A.

FONES:

38 - 5004 — 38 1441

RUA TEODORO DA SILVA, 749 a 753

VILA ISABEL
RIO DE JANEIRO

O BOM HUMOR BRASILEIRO

QUEM ESCREVE BRASIL COM Z ?

Quando se levantou, entre nós, a questão da grafia da palavra Brasil, o velho historiador Capistrano de Abreu sentenciou:

— Quem escreve Brasil com Z é zebra.

QUEM SERIA ?

Referindo-se a um jornalista de seu tempo, Ubaldino do Amaral disse que o tal era uma "finíssima pintura sobre porcelana de Sévres... num vaso noturno".

OVO DE ELEFANTE

Certa vez, presentearam o cônego Felipe, figura destacada de nosso clero, no século passado, com um ovo de ema.

— Mas que ovo enorme ! — exclamou o Reverendo.

— E' de ema, Sr Cônego.

— Não pode ser. Deve ser de elefante !

O ESPIRITO DE DEODORO

O proclamador da República recebera em palácio a visita de um velho amigo, desses boêmios incorrigíveis cuja presença nos regosija. Após o jantar saíram para passear no jardim.

— Vamos lá fora — disse Deodoro, tomando o braço do amigo — ver as cotias, pois que *Paca* já levo comigo.

UMA BOA DO CONSELHEIRO LAFAYETTE

Um importuno molestava, havia muito tempo, com tolas perguntas, o ilustre jurisconsulto.

A esta pergunta:

— Senhor Conselheiro, este seu estrabismo é convergente ou divergente ?

Replicou o Conselheiro:

— Não, senhor. E' de *ver burro*.

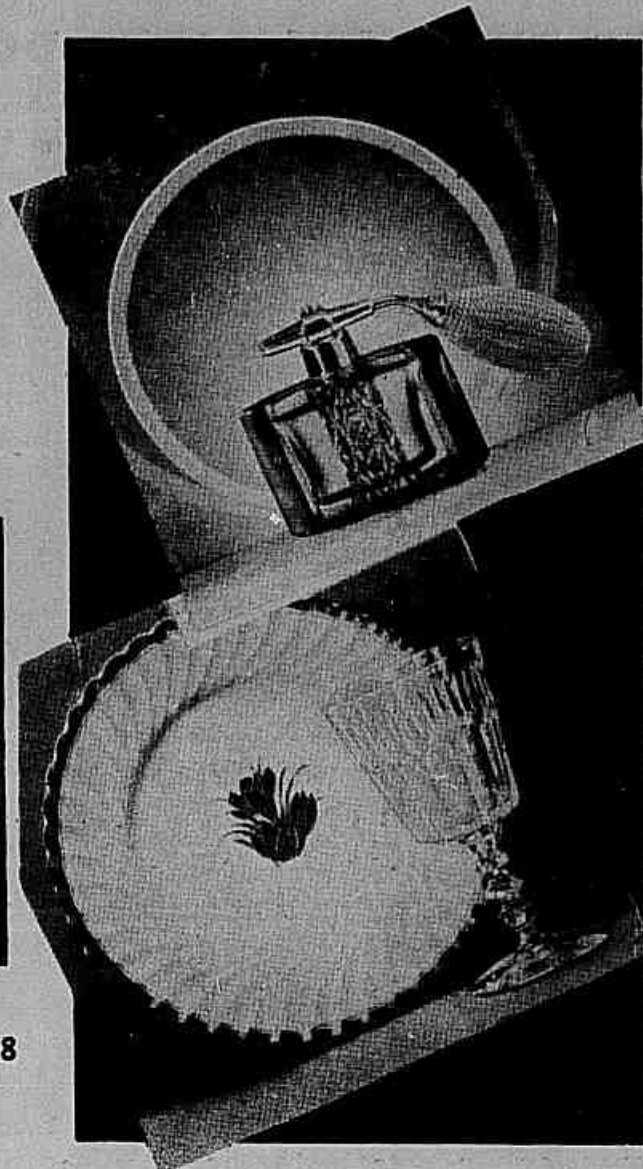
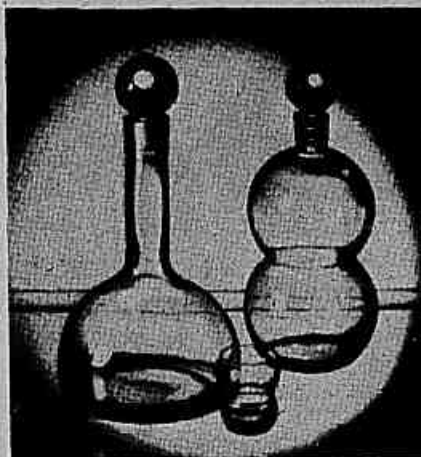
Casa Gomes

CASA GOMES FERRAGENS LTDA.

FERRAGENS, TINTAS,
MATERIAIS DE
CONSTRUÇÃO E
ELETRICIDADE—
LOUCAS, ARTIGOS
DE USO DOMÉSTICO

E

ARTIGOS FINOS
PARA PRESENTES



Av. 28 de Setembro, 308

Fone 38-3771

RIO DE JANEIRO

DE CABEÇA EM CABEÇA
CORRE A FAMA DOS PRODUTOS
Pindorama

PETRÓLEO QUINADO
PINDORAMA

LOÇÃO
PINDORAMA

LOÇÃO PINDORAMA, suavemente perfumada, devolve aos cabelos brancos a cor natural.

PETRÓLEO QUINADO, evita a queda e embranquecimento precoce dos cabelos.

PRODUTOS DA MAIS ALTA CONFIANÇA

PRODUTOS PINDORAMA PERFUMARIAS S.A. Ed. Propria RUA ANNA NERY 1944 RIO

PADARIA E CONFEITARIA REAL GRANDEZA

MAXIMINO
RODRIGUES
DOS REIS



RUA REAL
GRANDEZA, 326

TELEFONES: 26-2358 e 26-3043



Economia e Finanças

AS DISPONIBILIDADES DO CAFÉ EM 1951

O "Journal of Commerce" avalia as disponibilidades de café brasileiro para exportação, em 1951, em 16 milhões de sacas ao passo que o Departamento da Agricultura dos EE. UU. havia previsto apenas 14 milhões diz o referido órgão: "As presentes estimativas do volume dessa colheita, para exportação, situam-se agora em 16 milhões de sacas. A falta de chuvas nas ultimas semanas prejudicou a colheita que ficará ainda mais prejudicada se não vierem chuvas, dentro de pouco tempo". O Departamento da Agricultura, citando Robert B. Riwood, da Embaixada Norte-Americana no Rio, havia dito que a colheita exportável de 1951 deveria situar-se em torno de 14 milhões de sacas — 3 milhões menos que há um ano. Acrescenta que o Brasil, no primeiro ano agrícola, conta com um transporte do ano anterior de 2.800.000 sacas, livres para exportação, o que representa um total de 16,8 milhões de sacas para serem despachadas para os mercados externos, até 30 de Junho do próximo ano. No ano anterior, o Brasil embarcou 17 milhões de sacas.

Diz Elwood que as disponibilidades exportáveis de café brasileiro, no ano agrícola de 1950-51, serão menores, em perto de 3 milhões de sacas, que as do ano anterior. As estimativas das existências totais de café brasileiro, durante 1950-51, são de 19,8 milhões de sacas, inclusive 5,8 milhões de sacas de mercadoria em trânsito ou em estoques visíveis transportados do ano anterior, e uma previsão de 14 milhões de sacas para exportação, em 1950-51. Desse total, menos de 17 milhões de sacas poderão estar livres para exportação, durante 1950-1951, se forem mantidos os estoques portuários de rolamento de 3 milhões de sacas. A partir da ultima guerra, o consumo de café tem sido superior à produção, e a diferença vinha sendo coberta, em grande parte, por conta dos estoques brasileiros. Os estoques vizíveis de café brasileiro de-

clinaram de cerca de 15,8 milhões, em 1 de julho de 1945, para cerca de 5,8 milhões de sacas, a 1 de julho de 1950.

REFERÊNCIA PELO PRODUTO NACIONAL

Entre as recentes medidas do Governo, tendentes a incrementar a indústria nacional, cabe destacar, especialmente, a constante da Lei n.º 1.102, de 18 de maio de 1950, que aprovou o Plano Salte.

"Na execução do Plano Salte, o Poder Executivo, a fim de estimular a indústria nacional, dará preferência, em igualdade de condições técnicas, aos equipamentos produzidos no país, facilitando e fomentando, sempre que técnica e economicamente indicada, a criação de novos setores industriais para a fabricação deles" (art. 14).

Tais disposições, se bem regulamentadas e aplicadas, muito contribuirão para rápida e progressiva expansão do nosso parque industrial, a exemplo do que ocorreu com o Buy American Act (1933) do Congresso americano. Já nos contratos de refinarias assinados pelo Conselho Nacional do Petróleo se estipula a utilização e emprêgo, na montagem dos conjuntos, de materiais de construção — ferro estrutural, chapas de cobertura de revestimento, etc — de produção corrente no Brasil. A preferência pelo artigo nacional, em igualdade de condições com o artigo estrangeiro, já constitui um refrão nos movimentos nacionais de reabilitação econômica de vários países. Não tem, por exemplo, outra intenção o Movimento Econômico Nacional mexicano, a que nos referimos em número anterior.

Só podemos louvar uma atitude que tão de perto se relaciona com o futuro da nossa indústria e, portanto, com o progresso do país. E' de esperar que o Governo continue a tomar medidas patrióticas do mesmo tipo, com o objetivo de garantir a nossa maior prosperidade econômica.

JUTA DO AMAZONAS

O Ministério da Agricultura solicitou os bons officios dos Ministérios da Fazenda e da Viação, da Carteira de Exportação e Importação

Fonseca Almeida - P.A.
Comércio & Indústria
IMPORTADORES - EXPORTADORES

FERRO — AÇO — METAIS — FERRAGENS — VERNIZES,
TINTAS — LUBRIFICANTES — CABOS MAÇAMES,
ÓLEOS — TUBOS — CAXETAS — CORREIAS,
EXTINTORES DE INCÊNDIO.

Material para Estradas de Ferro,
Officinas e Construção Naval
DISTRIBUIDORES DA

COMP. SIDERURGICA NACIONAL
TELEFONE: Rêde Particular: 23-1760
CAIXA DO CORREIO, 422 — END. TELEG. "CALDERON"

ARMAZEM E ESCRITÓRIO
112 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 112
DEPÓSITO: RUA PROF. PEREIRA REIS, 47
(Esq. da Rua Equador)
RIO DE JANEIRO

LUXUOSO
SALÃO
CONDICIONADO

Frequencia selêta
DEVE SER O SEU
RESTAURANTE

Minhota
RUA SÃO JOSÉ, 72
Fone 22-3856

ABERTO AOS DOMINGOS E FERIADOS

do Banco do Brasil, dos Governos do Pará e do Amazonas e do Banco de Crédito da Borracha, a fim de poder tomar providências tendentes a beneficiar a produção da juta no Amazonas e, por esse modo, a a indústria de aniagem.

Pretende o Ministério da Agricultura fixar preços mínimos (Lei n.º 615) para a juta amazônica; ampara-la através da Comissão de Financiamento da Produção; defendê-la contra a concorrência do produto importado; proporcionar-lhe melhor assistência técnica nas fases do plantio, da colheita e da maceração, melhor prensagem e classificação, e financiamento especial, em caso de excedentes.

Quanto aos impostos e taxas que pesam sobre a juta, reconheceu o Ministério que são pouco favoráveis às suas condições de transporte.

MINÉRIO DE FERRO

De acordo com o Departamento Nacional da Produção Mineral, do Ministério da Agricultura, calcula-se em 15 bilhões de toneladas as reservas brasileiras de minério de ferro — ou seja, mais de 34% das reservas mundiais.

Localizadas no centro de Minas Gerais, essas reservas, além de serem as maiores do mundo, são também as mais importantes em teor metálico, já que as de outros países não vão além de 30 a 60% de ferro, enquanto as nacionais se elevam de 66 a 72%. O Brasil dispõe de três tipos de minério de ferro — limonita, magnetita e hematita. Este último é de pureza excepcional, dando mais de 68% de ferro com menos de 0,002% de fósforo e menos ainda de outros elementos.

O Departamento Nacional da Produção Mineral, que recentemente realizou trabalhos de sondagem em Itabira e Congonha do Campo, continuará as suas pesquisas nesses dois Municípios e mais em Itabirito e Belo Horizonte.

VAGÕES FERROVIÁRIOS

Apresentaram-se à concorrência pública aberta pelo Departamento Nacional de Estradas de Ferro três empresas produtoras de material ferroviário — a Companhia Brasileira de Material Ferroviário, a Companhia Industrial Santa Matilde e a Fábrica Nacional de Vagões S. A.

A concorrência tem por objetivo adquirir mil vagões, com estrutura metálica, lotação de 30 toneladas, bitola de um metro, em cinco lotes, a) 300 vagões fechados, b) 200 vagões gondolas de descarga lateral, bordas móveis, c) 300 vagões-plataforma, d) 100 vagões de bordas fixas e fundo móvel para descarga de carvão e) 100 vagões-gaiolas.

Os preços apresentados não diferem muito, de um para outro concorrente, — Cia. Brasileira de Material Ferroviário, 134,2 milhões de cruzeiros; Cia. Industrial Santa Matilde, 135,2 milhões; Fábrica Nacional de Vagões, 131,1 milhões. A despeito de importante volume da concorrência, as três empresas se disseram capazes de satisfazer a encomenda num prazo que varia, para cada lote, de 3 a 5 até 8 a 12 meses, o que constitui um bom indicio da condição dessas indústrias.

TINTAS 77

Esmaltes, Óleos, Vernizes, Ferramentas para pintura, não comprem sem consultar a

CASA DAS TINTAS FINAS

Distribuidores da tinta KEMTONE, tinta lavável preparada a água para pintura de casas

— RESTAURADORA —

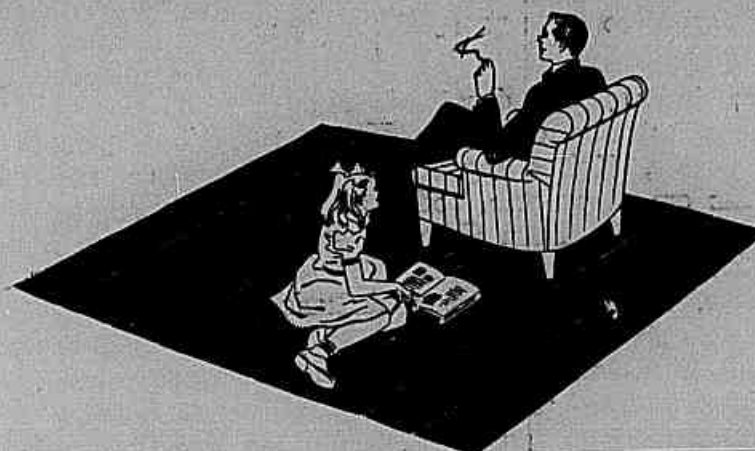
tinta a óleo para pintura de casas e uso em geral

R. BUENOS AIRES, 77 — Fones 23-3132 e 23-3890

— TINTAS FINAS LIMITADA —



Como será o seu lar em 1960?



NÃO CONSTRUA CASTELOS NO AR... Olhe com espírito prático o futuro. Como estará seu lar, daqui a 10 anos? Sua atividade e dedicação continuarão assegurando o sustento dos seus? Seus filhos estarão crescidos, já formados, talvez? Oxalá seja assim... E assim será, principalmente se você souber prover o futuro... através de uma apólice de seguro de vida. Porque o seguro de vi-

da garantirá, em qualquer hipótese, a formatura de seus filhos e a estabilidade econômica de seu lar. Hoje é o dia de fazer o seu seguro de vida. Hoje é mais fácil, porque você tem mais saúde, é mais barato, porque o prêmio do seguro aumenta com a idade. Um Agente da Sul America lhe mostrará, sem compromisso, o plano de seguro de vida mais adequado a seu caso.

OUÇA COMO A VOZ DE UM AMIGO A PALAVRA DO AGENTE DA SUL AMERICA

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895



A SUL AMERICA — CAIXA POSTAL 971 — RIO DE JANEIRO
Queiram enviar-me um folheto com informações sobre o seguro de vida.

NOME			
DATA DO NASC.	DIA	MÊS	ANO
PROFISSÃO	CASADO?	TEM FILHO?	
RUA	N.º	BAIRRO	
CIDADE	ESTADO		11-5555-139

FELICIDADE DOS FILHOS

Para a formação da personalidade, os primeiros anos de vida são os mais importantes. Então é que os pais, consciente ou inconscientemente, contribuem para que a criança se transforme num adulto mentalmente sadio ou num infeliz e mal humorado. Só praticando as regras da higiene mental poderão os pais ter filhos felizes e contentes com a vida.

Contribua para a felicidade de seus filhos, pondo em prática os ensinamentos da higiene mental. — SNES



O LIDADOR

Especialidade em Vinhos,
Whiskies, Licores e Conservas
finas de todas as procedencias.

Marca Registrada

End. Telegr.

CABRALSTOR

Pereira Cabral & Cia.

63, R. DA ASSEMBLEIA, 65

Tel. 22-4158 — RIO DE JANEIRO

Anônimos imortalizados

(Conclusão)

vez da literatura representar o espírito da época é a pintura que melhor o exprime. Esse fenómeno ocorreu também na Itália do século XV. Mas a curiosidade provém do fato de em toda a Europa do século XVII, caber em definitivo à literatura a expressão soberana da maneira de pensar, sentir e dizer.

Na Holanda daquele século, todas as manifestações eram descritas e expressas pelos pintores, que revelavam ao mundo as formas de vida e as maneiras de sentir de sua época e de seu povo. O retrato torna-se específico e assume enorme importância.

Frans Hals é um dos maiores depois de Rembrandt, sobretudo nos retratos coletivos. Usa um "toque" largo de pintar, fácil e seguro. O quadro "Bohemia", traz em si próprio, todas as características da denominação. Essa filha do povo é interiormente méra filha da natureza. Simples, natural e espontânea, sem pretensões espirituais, traz no peito um coração ao mesmo tempo largo e acolhedor. Fundamentalmente boa, o ar trocista e ingenuamente impertinente torna-a agradável, como o de um ser criado para amar. Na própria bohemia aceita muito, mas também sabe dar na medida. Não espera recompensar pelo que generosamente distribue, faltando-lhe no rosto infantil a velha tendência hipócrita e interesseira das mulheres levianas. A leviandade que a estigmatiza é suavemente colorida, feminina, com um longínquo travo amargo e trágico, dos seres inconsequentes. Examinemos agora um retrato do maior pintor espanhol do século XVII; Velasquez, que foi o único pintor profano do período barroco ibérico e um verdadeiro retratista no sentido absoluto do termo. Psicólogo e sábio, nada escapa a seus olhos argutos e sagazes, ajudado pela virtuosidade de colorista emérito. Reproduzir indistintamente reis e cortejões, homens e mulheres do povo, inclusive figuras teratológicas de anões e idiotas.

Viveu o artista no século que marca o início do crepúsculo da grandeza política da Espanha. A destruição da Invencível Armada no fim do século XVI coincide quase com o evento da restauração de Portugal que assim liberta-se do jogo espanhol. A Inglaterra arrebatou-lhe a Jamaica e no início do século XVIII apossa-se de Gibraltar. Os casamentos dos reis Luiz XIII e Luiz XIV, com infantas espanholas são os acontecimentos retardadores do colapso político que ameaça o país. O "Homem com o mapamundo", do mestre, é um magnífico exemplar humano. É do tipo colérico, cheio de dinamismo moral, profundamente otimista, patriota orgulhoso e convito da grandeza imperecível do seu país. O otimismo não lhe permite ver a decadência política de seu ideal: a Espanha. Participa dos acontecimentos sem preocupações e a fortaleza oral interna incute-lhe novas esperanças cerrando-lhe os olhos para a realidade. Não vê e não quer ver o perigo e sonha com Sebastianismo tocante, na volta dos aureos tempos de Fernando e Isabel. Imagina e prevê outras Antilhas, Trinidades e Venezuelas e espera confiante um novo Carlos V, conquistando mais uma vez um México, um Chile e um Perú. Com o dedo imperativo, mostra o que lhe vai na mente e conta que o milagre surge ainda nos seus dias, condescendendo até em admitir que o acontecimento retarde-se. Mas está absolutamente certo — como alguns, em nossos dias — de que o renascimento europeu surgirá obrigatoriamente de um único país: a Espanha.

Exteriormente mostra-nos o retrato de um homem feio nos traços, mas belamente masculino do qual irradia um ar tanto provinciano, fazendo-nos lembrar os varões da burguezia superior holandesa, mas não isento de galanteria.

Outro exemplo do mesmo século é o chamado "Homem com barrete de pele" de Rembrandt. O gênio de um dos maiores pintores da pintura europeia permitiu-lhe todavia sondar o interior dos modelos, que auxiliados pela técnica do claro-escuro típico, não posam: vivem. Alguns críticos procuram reconhecer no modelo os traços do próprio artista, posando em autorretrato. Embora a extrema pobreza da velhice do gênio não lhe desse o frequente luxo de pagar modelos, usando sua própria figura e seu rosto nas composições livres, um exame atento e minucioso do rosto e os sinais interiores mostram um caráter diametralmente oposto ao do artista.

O retrato apresenta um homem de meia idade, com o aspecto conhecido do "parvenu", bem instalado no mundo, ou por posição de mando ou pela força do dinheiro. Tipo sanguíneo de traços ao extremo honestos que nos levam a supor quase o contrário. Sabe mandar, e sendo apenas simples sem vulgaridade, não torturará os subordinados com seu poder. Inteligência abaixo da média, em luta contínua entre a desvalia interior que conhece e o fundo simplório de burguez que é, e o alto cargo onde a sorte o colocou. Quer se tornar a todo custo aristocrata, (coisa em que se nasce e é impossível aprender) e essa ardente e insopitada ambição torna-o levemente ridículo, dando a impressão que lhe custou aprender as boas maneiras de côr. Sentimos que é o seu grande esforço e o ideal maior de toda vida. Conta adquirir com o uso da importância dentro do tempo o ar superior que lhe falta.

Admirando a tela, uma pergunta nos vem aos lábios: si não o tivesse tocado o pincel eterno de Rembrandt, em que setor da vida seria este nome imortalizado?

A Espanha ainda fornecer-nos-á um novo tema, através de um dos seus últimos gênios pictoriais: Goya. Época movimentada e conturbada por guerras e conquistas armadas. No trono espanhol senta-se José Bonaparte. Venderam os iberos a Florida aos Estados Unidos e em 1820 irrompe a revolução nativista, interna.

Precursor da pintura moderna e o primeiro realista em pintura, o gênio espanhol deixou na sua arte essencialmente espanhola, os traços divergentes de duas correntes espirituais diversas: a do Rococó já então decadente e a do espírito moderno. É o derradeiro representante da graciosidade típica do século XVIII nos retratos, e apesar deste não ser o tema predileto, torna-se o retratista da corte. É influenciado pelos retratistas ingleses contemporâneos. Antecipa-se aos franceses, — aos impressionistas na técnica e a Daumier na reprodução de cenas e seres, com amargo realismo. Mesmo quando pinta reis, sente-se a influência latente do filho do povo. Apresenta os sofrimentos da plebe e dos compatriotas nas lutas pela independência, com precisão nos acontecimentos e fantasia tenebrosa.

A "Dama com echarpe amarela" representa a beleza encantadora das espanholas com os grandes, escuros e característicos olhos das andaluzas, de nariz reto, bem talhado. O interior é quase insondável. Tipo feminino que se define, como expressão matemática superior, operando sempre com desconhecidos, acessível sómente a cérebros especiais, deixando os homens honestos e verdadeiros, conhecedores apenas das quatro operações essenciais boquiabertos e atônitos. A aparência exterior é finamente aristocrática, com estudada negligência e um ar ingênuo demais, que mostra no fundo ser perigosa arma de sedução. A expressão ao mesmo tempo distante, melancólica, ardente e misteriosa, deixa entrever que a mulher para se poupar ao sofrimento, deve evitar a franqueza exagerada. Assim ela que nos observa, com o olhar aparentemente tranquilo, consciente do poder de seu encanto e de sua habilidade, faz e fará sofrer a quem dela incautamente aproximar-se.

O penúltimo exemplo, do século XIX, vem do Brasil, de um dos maiores, sinal do maior pintor da época. Pedro Americo. Busto de mulher", pertence à rica coleção Cardoso de Oliveira. Embora tenha o artista vivido por longos anos na Europa, o retrato a que nos referimos é isento de quaisquer influências, saído inteiro do cérebro precoce e genial do mestre. Foi executado aos 13 anos e o espantoso fato é o amadurecimento artístico e psicológico do menino-artista.

O desenho apresenta o exemplo de beleza tipicamente nordestina, modelo anônimo, observado pelos olhos sagazes da criança nas feiras da Paraíba. Com virtuosidade, neste esboço o artista modelou a mulher eterna. Um rosto sereno e puro,



com olhos tranquilos, e cheio de humana compreensão. É jovem, mas nota-se a maturidade espiritual, de alma higienicamente arejada. Não tem pretensões à sapiência. Antes é a futura esposa, a mãe em potencial, a mulher para a vida inteira, que todos os homens procuram e anseiam e para a qual voltam os olhos, tangidos pelo rebanho de corrompidas que viram ou conheceram.

No fim do século XIX e começo do século XX, novos impulsos surgem nas letras e nas artes. Na França surgem, Verlaine à frente dos simbolistas, Maupassant renovando a novela, Anatole France reinando no estilo, enquanto que Bergson e Pasteur asseguram a continuidade no terreno da filosofia e ciência, do espírito gaulez.

Na pintura depois dos impressionistas aparece Cezanne. É inicialmente o teórico desses últimos criando mais tarde, teoria oposta, e nova visão de pintar, reduzindo todas as formas ao cubo, relegando a plano secundário as cores e sobretudo os temas. Pintor de objetos e da natureza, dedicou-se pouco ao retrato e os que executou, quase sempre traziam os nomes dos modelos. Mas no "jovem de colete vermelho", logo à praxe. Pinta um moço de nossa era triste, preocupado com pressentimentos bélicos como se fosse uma típica criança de após guerra, abandonada à própria iniciativa, precocemente atormentada pelos problemas de alimento, agasalho e abrigo. Amadurecido antes do tempo, conhece a verdade das cousas, a insegurança das necessidades essenciais, mas traz na alma a força para conquistar seu lugar ao sol, lutar e vencer pela vontade.

O exame que fizemos da série de retratos de mestres tão variados procurando devassar-lhes as intensões ocultas e atribuindo-lhes descobertas psicológicas, talvez não merecesse a aprovação dos autores, pela unilateralidade do julgamento.

Mas isso nos propuzemos na certeza de que o artista não cria apenas para seu próprio deleite, sino para o livre exame dos pósteros e o destino da obra pictorial é o mesmo que Maurus Terencianos endereçou ao dos livros: "Por capitulum lectoris habent sua fata libelli".

Sim, o destino das obras é esconder-se no juízo insondável do público, e só é verdadeiramente grande e imortal o artista que puder transmitir a cada pessoa que contemplar a criação de seu gênio, um tumulto de pensamentos e sensações, como fizeram os autores dos retratos acima examinados.

Copacabana
LIBRAIRIE FRANÇAISE
NOVA GALERIA DE ARTE

Avenida Copacabana 291 - D

(edifício da Copacabana Palace Hotel)

BELLES RELIURES, EDITIONS RARES ET COURRANTES, AUTOGRAPHES, LITTÉRATURE, PHILOSOPHIE, ARTS, TABLEAUX ET GRAVURES ORIGINALES

★ ouvert le Soir ★



MÉTODOS DE CORTE E ALTA COSTURA "TOUTEMODE" DE ENSINO SEM MESTRE

AUTORIA DO PROFESSOR J. DIAS PORTUGAL

O Método "Toutemode", organizado e impresso em bellissimo livro, magnificamente encadernado, contem cerca de 400 figuras, que esclarecem com facilidade a execução de qualquer modelo de figurino, por mais difícil que pareça, acompanhando o texto com claras e simples explicações.

Lições completas sobre vestidos, golas, mangas, pijamas, casacos simples e de "tailleurs", "manteaux", roupas de crianças, roupa branca de senhoras, pontos de adorno e roupa branca para homem.

O preço de cada exemplar do livro, com excelente encadernação, é de Cr\$ 120,00.

A venda em todas as Livrarias do Brasil.

PEDIDOS AOS EDITORES: — "S/A. O MALHO" Rua Senador Dantas, 15, 5.º andar Caixa Postal, 880 — RIO
Enviamos pelo Reembolso Postal.

O Prof. J. Dias Portugal, autor desta importante obra, mantém Cursos por Correspondência e nas Academias "Toutemode", com diplomas para Modistas e Professoras. R. Ramalho Ortigão, 6, 1.º andar. Telefone 22-8635 — RIO DE JANEIRO

MODAS DIDI

TEM SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES
VINDAS DE PARIS

- ✦ VESTIDOS,
- ✦ LINGERIE FINA,
- ✦ BOLSAS,
- ✦ E ARTIGOS DE SPORT

RUA SENADOR DANTAS, 23-loja

Telefone 22-2460

Rio de Janeiro

UMA REVISTA PARA O LARI

Os modelos parisienses, americanos e nacionais, as "Páginas das Noivas" cheias de motivos encantadores, as indicações úteis nas páginas "De Coser e Outras Coisas", os riscos para bordar, arranjos da casa, contos, conselhos de beleza, notinhas úteis, receitas culinárias e muitas coisas mais, fazem de "Moda e Bordado" uma revista que agrada ao bom gosto da elegância feminina! Em todos os jornaleiros e livrarias.



A 1.ª EXPOSIÇÃO DE FOLK-LORE CARIJOCA

Em agosto de 1941, a Sociedade dos Amigos do Rio de Janeiro reunia-se em sessão especial, a fim de deliberar sobre a organização da Exposição de Folk-lore Carioca e assentar as bases do 1.º Congresso de Folk-lore Brasileiro, que se realizou nesta capital no ano imediato.

A Comissão incumbida da organização da Exposição era composta de eminentes conhecedores de nossas tradições, tais o Dr. Joaquim Ribeiro, filho do pranteado filólogo João Ribeiro; Prof. Leonor Posada, nosso (ilustre colaboradora; Dr. Sylvio Julio, lente na Faculdade de Filosofia e Sra. Marisa Lira, conhecida jornalista e literata.

A 1.ª Exposição inaugurou-se em 8 de setembro de 1941 no "foyer" da A. B. L., tendo sido realizadas várias conferências que versaram sobre as manifestações espirituais do povo carioca. Uma das mais aplaudidas foi a do Cel. Paula Cidade, referente a vida do soldado dos tempos passados.

LIVROS RAROS

Os livros raros continuam a ter grandes admiradores entre os franceses. Recentemente, o exemplar do "Faust", de Goethe, publicado em 1828 e ilustrado por Delacroix, foi adquirido em Paris por 105.000 francos, apesar de estar o volume bastante gasto; a "Odisseia", de Homero, exemplar pertencente a uma edição de apenas 145 volumes em pergaminho, ilustrados por Schmied, foi vendida por 82.000 francos; "Mme. Bovary", com ilustrações de Huard e mais de vinte desenhos originais, um volume encadernado em marroquim dourado, atingiu o preço de 37.000 francos. Outras edições menos raras atraíram também a atenção dos colecionadores. As obras de Anatole France — 25 volumes impressos em papel especial, edição de 1925 — foram adquiridas por 30 mil francos.

Galeria Santo Antonio

Rua da Assembléa, 51 — 2.ª and.
Tel. 22-2605

ESPECIALISTA EM RESTAURAÇÕES DE QUADROS A ÓLEO



AGUA PURA
SAUDE SEGURA

SO' COM VELAS
ESTERILISANTES

SENUN

**Caspa ?
Petroleo
Soberana**

BRONZISOL ANTISOLAR

De Mme. Campos

FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL

À VENDA EM TODA A PARTE

DR. UBALDO VEIGA

ESPECIALISTA EM

DOENÇAS DA PELE E SIFILIS

Chefe desta clínica na Beneficência Portuguesa
Consultas: Rua do Ouvidor, 183, 5.º andar — sala 504 — nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras, das 16 às 17.30 horas.

DR. OSVALDO SERRA

DA

FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA

Doenças da Pele e Sifilis

Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da pele, verrugas, sinais congênitos (nevus), extração de pelos da face. Tratamento de varizes, úlceras, eczemas crônicas e alergias, urticárias, doenças dos cabelos e unhas. Tratamento dos angiomas e cânceres da pele pelo RADIUM (Radioterapia).

Ondas curtas, Ultra-violeta, Infra-vermelho, Neve-carbonica, Diatermia, Radium.

Consultório: Rua 13 de Maio, 23 — Edifício Darke-7.º and. — salas 723/. Consultas diárias das 16 às 19 horas exceto aos sábados.

Lençóis artísticos

ALBUM N.º 3

Verdadeira maravilha em desenhos magníficos! Os trabalhos que as 44 páginas deste álbum apresentam, satisfazem ao mais apurado gosto em beleza e distinção!

Os desenhos dos riscos, de grande originalidade, são apresentados em grande formato, com minuciosas explicações, tornando a execução do trabalho muito fácil.

Este álbum é o mais perfeito que existe no gênero!

PREÇO: Cr\$ 25,00

COPA E COSINHA

Album N.º 3

○ nome revela bem o valor deste álbum: muitos e muitos desenhos, modernos e originais, para o bom aspecto das copas e cozinhas. Com capa a cores, dois esplêndidos suplementos em grande formato.

PREÇO: CR\$ 25,00

Novo ponto de cruz



ALBUM N.º 5

Em fascinante e colorido, este álbum oferece, em desenhos singulares, com as cores próprias, uma variedade imensa de trabalhos — tapetes, aplicações, "paneaux", guarnições, etc. — na medida da execução. Um verdadeiro encanto!

Para os que apreciam bonitos trabalhos em ponto de cruz, este álbum é indispensável!

PREÇO: Cr\$ 20,00



Figurino Infantil

ALBUM N.º 7

Este álbum foi preparado exclusivamente para resolver o problema da indumentária das crianças! Em suas 40 páginas as costureiras encontrarão grande variedade de modelos de vestidos e roupinhas.

As donas de casa que costuram para os seus filhinhos, mesmo sem grandes conhecimentos do assunto, poderão executar os modelos, todos graciosos e práticos, em virtude das explicações claras que o álbum oferece.

Um álbum-figurino de grande utilidade nos Lares!

PREÇO: Cr\$ 25,00



O Lar A mulher e a criança

ALBUM N.º 6

Éis um álbum de real utilidade no Lar!

Verdadeira coleção de trabalhos originais. Motivos para toalhas, fronhas, lençóis, panos de mesa. As senhoras encontram nas 44 páginas deste álbum desenhos maravilhosos, com as mais amplas explicações, para fácil execução dos trabalhos!

Assuntos de "lingerie", assim como modelos de roupinhas para crianças. Este álbum é um manual de lindas sugestões às donas de casa. Utilíssima obra.

PREÇO: Cr\$ 25,00

Roupinhas do Nenê



ALBUM N.º 6

As mães dedicam, com razão, uma especial atenção à confecção do enxoval do recém-nascido! O álbum "Roupinhas do Nenê" resolve perfeitamente o problema!

Quantas sugestões se encontram neste delicado álbum! Belos desenhos, tendo em vista o conforto, senso prático e graciosidade na confecção das peças do enxoval do bebê.

Os desenhos são acompanhados de amplas explicações para fácil execução dos trabalhos!

Álbum de indispensável utilidade!

PREÇO: Cr\$ 25,00



Cama e mesa

ALBUM N.º 7

○ encanto e o conforto do Lar dependem muito do bom-gosto feminino. Este álbum coloca à disposição das mãos femininas, modelos insuperáveis em aplicações de ponto cheio, ponto sombra e crivo. Guarnições de impecável beleza, em desenhos de riscos originais, na medida da execução.

Este álbum é de real utilidade ao Lar!

PREÇO: Cr\$ 25,00

Album para noivas

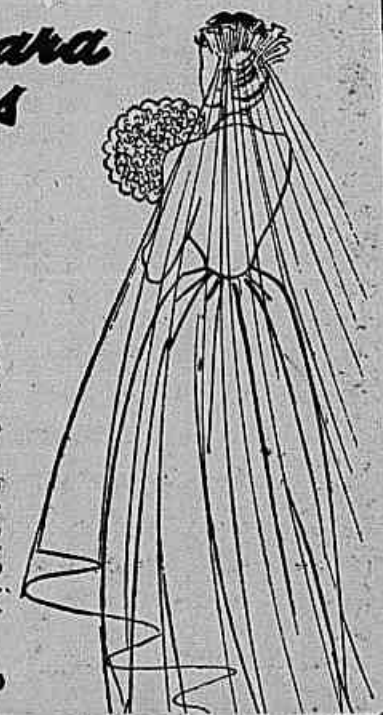
ALBUM N.º 5

Éis o álbum feito exclusivamente para orientar e dar sugestões às noivas, na tarefa de confeccionar as peças de um enxoval moderno, prático e muito gracioso!

Os desenhos, baseados em motivos modernos — todos na medida da execução — são acompanhados de explicações detalhadas, tornando o trabalho fácil.

São 44 páginas contendo peças de cama e mesa, "lingerie", enfeites encantadores, inúmeras sugestões e conselhos para adorno e conforto do futuro Lar, que fazem deste álbum um indispensável colaborador das noivas.

PREÇO: Cr\$ 20,00



A lingerie

ALBUM N.º 7

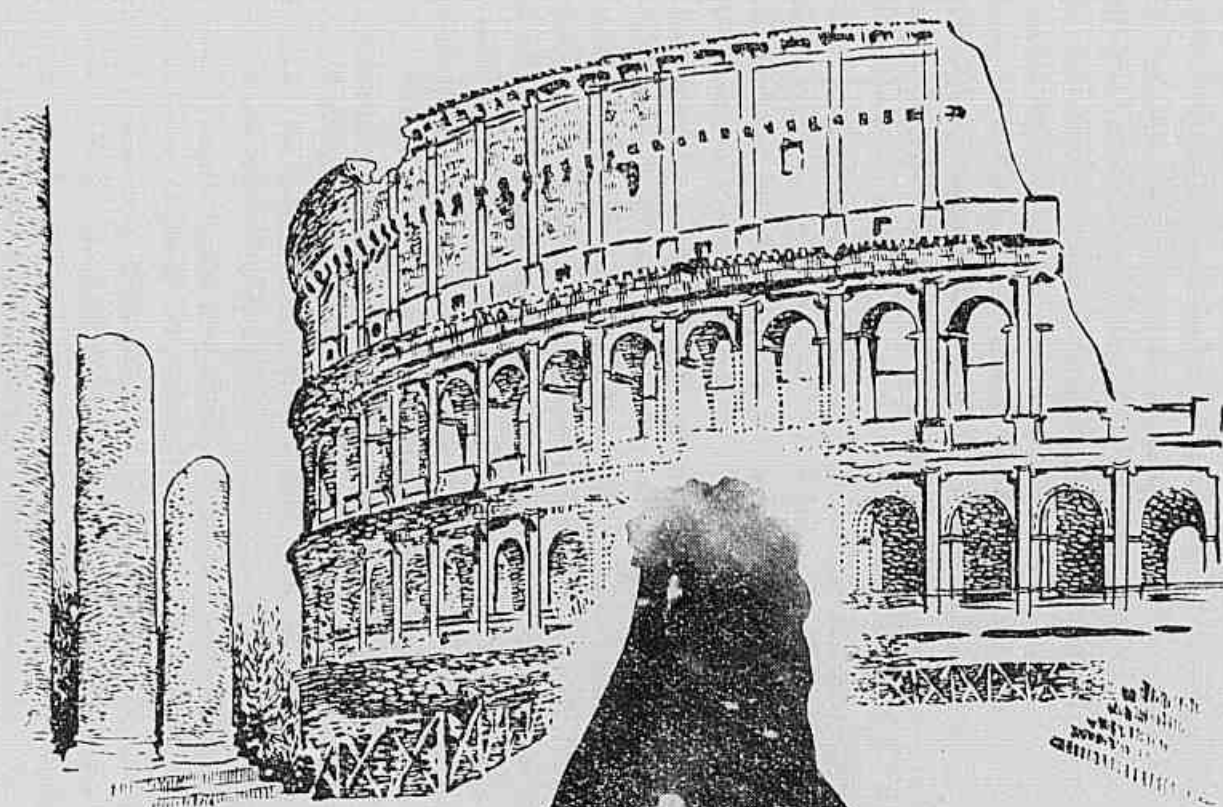
A mulher elegante encontra neste álbum, primorosamente organizado, inúmeros desenhos de modelos de "peignoirs", "soutiens", blusas, combinações, camisolas, aplicações todos na medida da execução, e muitos outros trabalhos que compõem a graça e a distinção da mulher moderna!

As páginas deste álbum, de grande formato, foram enriquecidas com os mais belos riscos, desenhados para o encanto do belo sexo!

PREÇO Cr\$ 25,00

TODOS estes albums são editados pela biblioteca de "Arte de Bordar" Procure nas livrarias e jornaleiros. Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância, ou pelo serviço de reembolso postal. Pedidos à S. A. O MALHO — Rua Senador Dantas, 15 - 5º and. Caixa Postal, 880 Rio.

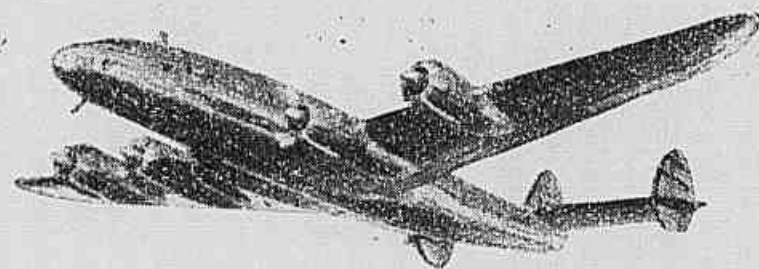
*Uma viagem magnífica...
e um magnífico cenário...*



Itália



A Roma dos Césares revive seus dias de glória com as imponentes cerimônias do Ano Santo. E além da Cidade Eterna, as gôndolas venezianas, a arte florentina, a Torre de Pisa, Nápoles, o Vesúvio, as ruínas de Pompeia estão apenas a um dia de agradável viagem pelos ares, num quadrimotor Constellation da Panair. E sua viagem pode ser interrompida nas escalas, sem aumento no custo da passagem. Se pretende visitar a Europa, faça dos vinte anos da Panair, a garantia de sua viagem.



PANAIR DO BRASIL

XX ANOS A SERVIÇO DO SÉCULO XX